SHARON JAYNES
Jesus
E AS MULHERES
O QUE ELE PENSA DE NÓS
MC

SHARON JAYNES

JESUS E AS MULHERES

O QUE ELE PENSA DE NÓS

Traduzido por MARIA EMÍLIA DE OLIVEIRA

Mídias Sociais

 curta

 siga

 confira

 assista

 acesse

J33j

Janes, Sharon

Jesus e as mulheres [recurso eletrônico] : o que ele

pensa de nós / Sharon Janes ; tradução Maria Emília de

Oliveira. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2016.

recurso digital

Tradução de: What god really thinks about women Formato: epub Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web ISBN 978-85-433-0135-8 (recurso eletrônico)

1. Vida cristã. 2. Conduta. 3. Direitos das mulheres.

4. Livros eletrônicos. I. Oliveira, Maria Emília de.

II. Título.

Este livro é dedicado aos homens e mulheres da Campus Crusade for Christ que trabalharam diligentemente para transformar o Projeto Magdalena em realidade. Oro para que todos os que assistiram ao filme Madalena: Pelos olhos dela *saibam quanto Deus ama e valoriza as mulheres.*

Sumário

Agradecimentos

Muitos homens e mulheres influenciaram minha vida e desafiaram-me a andar com muito cuidado e a ler os evangelhos com novos olhos:

Naomi Gingerich, que há alguns anos me desafiou a repensar meus conceitos sobre as mulheres no ministério.

Carolyn Custis James, que me abriu os olhos para o projeto único de Deus para que as mulheres feitas à sua imagem fossem *ezers* e ampliou meu entendimento sobre o significado dessa palavra, que quer dizer *auxiliadora*.

Campus Crusade for Christ, cuja missão de alcançar mulheres do mundo inteiro por intermédio do Projeto Magdalena e do filme *Madalena: Pelos olhos dela*. Especificamente, Jenny Steinbach, Gail Ratzlaff e Bill Sims, que assimilaram a ideia de como o filme *Madalena* e o manuscrito de *Jesus e as mulheres* agiram em sinergia para ajudar mulheres de todo o mundo a entenderem quanto Deus ama e valoriza as portadoras de sua imagem.

Minha equipe de oração, que me apresenta continuamente diante do Pai.

Minhas amigas em Deus: Mary Southerland e Gwen Smith, que sempre me animam com palavras encorajadoras e oram por mim de maneira poderosa.

Equipe da Harvest House Publishers: Bob Hawkins Jr., La-Rae Weikert, Terry Glaspey, John Constance e Barb Sherrill, que tornaram este livro possível; Shane White, Christianne Debysingh e Abby Van Wormer, que deram visibilidade a este livro; Katie Lane, que embelezou este livro; Betty Fletcher, que nos manteve dentro da programação (uma grande proeza). E minha editora, Kim Moore, cujo olhar incisivo e coração bondoso

garantiram que cada palavra se mantivesse dentro da missão de ajudar as mulheres a se verem através dos olhos de Jesus.

Meu Pai celestial, que com carinho e ternura, e às vezes com severidade, me fez voltar a atenção a seu Filho, Jesus Cristo, quando lhe fiz perguntas complexas a respeito de como ele realmente se sentia em relação às mulheres.

Jesus Cristo, que me convida constantemente a ver mais de perto como ele tratou as mulheres perante os preconceitos da sociedade, da política e da religião de sua época.

O Espírito Santo, que me confrontou, apontou meus erros e me convenceu de meus pecados.

Meu marido, Steve, que todos os dias segura o espelho da Palavra de Deus diante de mim para que eu me veja como uma filha muito amada e valorizada pelo Pai e me encoraja a ajudar outras mulheres a fazerem o mesmo.

Parte 1

O pano de fundo

1

O mundo no qual Jesus pôs os pés Ela era bonita.

Era inteligente.

E era apaixonada por Deus.

Sentei-me do outro lado da mesa de refeições, pegando a salada e tentando digerir as palavras de Jan. Seus olhos surpreendentemente verde-azulados deixavam transparecer uma sombra de frustração com Deus, sobretudo por causa da maneira como, segundo ela, Deus se sentia a respeito das mulheres.

"Não entendo Deus. Parece que ele é contra as mulheres. Parece que nos destinou ao fracasso. Até nosso corpo é mais fraco, e isso convida os homens a abusarem de nós. Vejo em toda a Bíblia como Deus usou os homens de maneira poderosa. Abraão, Moisés, Davi — e outros tantos; sempre os homens. E a poligamia: como Deus pôde permitir uma coisa dessa? Hoje há muita violência contra as mulheres. Onde está Deus em tudo isso? Há muita desigualdade e injustiça entre o tratamento dado aos homens e o tratamento dado às mulheres. Que tipo de Deus faz isso? Penso que, no fundo, Deus não gosta das mulheres."

Jan conhecia a Bíblia. Cresceu na igreja, foi criada e amada por pais cristãos e aceitou Cristo aos 8 anos de idade. "Aceitei Jesus porque tinha medo do inferno", confessou. "Não porque descobri um Deus amoroso que cuidava de mim. Fiz aquilo por medo."

O motivo pelo qual Jan se tornou cristã não vem ao caso; sua decisão foi real. Desde menina, continuou a crescer na fé e chegou a sentir um

chamado para o ministério quando cursava a oitava série. Jan tinha realmente um coração voltado para as coisas de Deus.

No entanto, durante a infância e a adolescência, Jan não se sentia bem consigo mesma. Considerava-se inferior ao irmão mais novo e achava que seus pais o favoreciam. “Eles davam mais atenção ao meu irmão”, ela explicou. “E, quando brigávamos, meus pais davam razão a ele. ‘Deixe seu irmão em paz’, diziam. Mas nunca os ouvi dizer: ‘Deixe sua irmã em paz’.”

Como costuma acontecer com as crianças, a percepção de Jan acerca de seu pai terreno falseou sua percepção do Pai celestial, e a ideia de predileção pelo filho do sexo masculino passou a ser a peneira pela qual suas interpretações espirituais eram filtradas.

Jan formou-se no ensino médio com louvor; na faculdade, graduou-se em Estudos de Comunicação; então, seguiu para o seminário. “Quando cheguei ao seminário, comecei a ler algumas opiniões dos filósofos antigos sobre as mulheres, bem como as dos primeiros pais da Igreja e até dos teólogos modernos. Fiquei furiosa. Quanto mais lia, mais furiosa ficava. Isso é verdade? As mulheres têm menos valor que os homens? Deus deu preferência a um gênero em detrimento de outro? Enquanto pensava em meu papel como mulher no ministério, não conseguia encontrar um exemplo a ser seguido.”

Agora, enquanto escrevo este livro, Jan tem 26 anos, é formada no seminário e trabalha como secretária numa igreja em expansão. É uma mulher frustrada, confusa e, conforme mencionei antes, visivelmente furiosa.

Naquele dia, conversamos durante horas, e temos conversado por muitas outras desde então. Jan levantou algumas perguntas interessantes. Foi corajosa o suficiente para verbalizar o que muitas mulheres sentem, e debatemos juntas as suas perguntas. Porém, tenho feito mais que simplesmente lutar com as perguntas complexas a respeito de Deus e de como ele vê as mulheres. Percorri uma jornada de doze anos para encontrar

respostas a essas perguntas. Deus e eu passamos muito tempo juntos enquanto ele me abria os olhos para descobrir o que realmente pensa sobre as mulheres. E não vejo a hora de contar a você o que descobri.

Na maior parte do tempo, eu era muito feliz em minha ignorância e conhecimento limitado acerca das funções e responsabilidades da mulher no Corpo de Cristo, mas Deus não permitiu que eu permanecesse confortável em meu raso conhecimento sobre seu grande amor e seu inventivo plano para as mulheres. Durante muito tempo, eu olhava para as mulheres da Bíblia pela outra extremidade do telescópio, fazendo-as parecer muito pequenas em comparação com seus semelhantes do sexo masculino. Deus, porém, estava me alfinetando para que eu fosse uma boa aluna e fizesse uma análise mais profunda. Sou muito grata pelos homens e mulheres que me ajudaram a ter uma perspectiva mais clara de como Deus se sente em relação às mulheres.

Por mais de uma década, estudei sobre as mulheres e as funções que elas desempenham na Bíblia e orei por elas. Examinei o plano original de Deus na criação, a consequência da queda e o objetivo de Jesus de manter a humanidade livre da ruína do pecado e da escravidão imposta pelo inimigo. Perguntei a Deus como ele realmente se sente a respeito das mulheres, e ele me respondeu por intermédio da vida de seu Filho.

Quando Filipe pediu a Jesus que lhe mostrasse o Pai, Jesus respondeu: "Quem me vê, vê o Pai" (Jo 14.9). O autor de Hebreus descreve Jesus como "a expressão exata do ser [de Deus]" (1.3). E, embora eu não me atreva a dizer que conheço a mente de Deus, posso entender seu caráter por intermédio do ministério de Jesus, seu Filho.

No decorrer dessa peregrinação, fiquei impressionada com o relacionamento radical de Jesus com as mulheres que cruzaram seu caminho durante os 33 anos que viveu aqui na terra. Jesus passou por cima das tradições sociais, políticas e de gênero e dirigiu-se às mulheres com o respeito devido àquelas que foram criadas à imagem de Deus. Antes, porém,

de iniciarmos nossa jornada lado a lado com essas mulheres, precisamos entender o mundo obscuro em que Jesus pisou — o desenrolar do pano de fundo para o plano redentor para as mulheres.

No princípio...

Quando Jesus chegou a este mundo naquela noite estrelada em Belém, seu primeiro choro ecoou o grito das mulheres que haviam sido maltratadas e violentadas durante séculos. Na época em que Jesus pôs os pés no solo empoeirado da Galileia pela primeira vez, as mulheres não podiam conversar com os homens em público, ser testemunhas em tribunais nem misturar-se com os homens em reuniões sociais. Eram consideradas sedutoras sensuais e a principal causa do pecado sexual. Eram tidas como uma "espécie de animal inferior".[1] Os homens divorciavam-se das esposas por simples capricho e as jogavam fora como uma torrada queimada. As mulheres viviam nas sombras da sociedade; raramente eram vistas ou ouvidas. Semelhante a uma escrava, a menina era propriedade do pai e, posteriormente, do marido. As mulheres eram analfabetas, desvalorizadas e ignoradas.

Como isso aconteceu? Quando e onde começou essa pouca consideração às mulheres? Por certo isso não estava nos planos de Deus.

Tudo começou no jardim do Éden.

Se você já leu meus outros livros, sabe que sempre gosto de começar bem do começo, do princípio. Portanto, é por onde começaremos hoje: do princípio.

"No princípio Deus criou os céus e a terra" (Gn 1.1). Antes da criação do mundo não havia nada. Então Deus falou e o mundo passou a existir. Ele disse: "Haja..." e assim foi (Gn 1.3,6,14). Deus enfeitou o firmamento com o sol, a lua e as estrelas. Ajuntou num só lugar as águas e cobriu a parte seca com vegetação e vida em abundância. No sexto dia, Deus decidiu fazer algo especial.

> Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão.
>
> Gênesis 1.26

> Então o SENHOR Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente.
>
> Gênesis 2.7

Nos cinco primeiros dias da criação, quando o sol se punha no horizonte, Deus dizia: "Ficou bom". Seis vezes, no final de cada fase de sua obra-prima, ele reiterou sua aprovação. Acompanhamos o ritmo da repetição até uma interrupção repentina das palavras do Criador quando ele viu o homem sozinho, sem uma companhia adequada. "Não é bom que o homem esteja só" (v. 18).

Embora soubesse que não era bom que o homem estivesse só, Deus esperou que Adão chegasse à mesma conclusão.

> Depois que formou da terra todos os animais do campo e todas as aves do céu, o SENHOR Deus os trouxe ao homem para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a cada ser vivo, esse seria o seu nome. Assim o homem deu nomes a todos os rebanhos domésticos, às aves do céu e a todos os animais selvagens. Todavia não se encontrou para o homem alguém que o auxiliasse e lhe correspondesse.
>
> Gênesis 2.19-20

Você consegue ver Adão observando os passos saltitantes e os movimentos rápidos dos animais, de dois em dois, macho e fêmea? O vermelho vivo do cardeal macho e sua fêmea de cor cinza discreta. O leão com pelos grossos na cara e sua leoa esguia e adorável. A vaca com o úbere dependurado e o touro, seu parceiro, de olhar faiscante. Solitário, Adão observa os pares da criação de Deus aninhando-se, acariciando-se e brincando. E, ao ver-se cercado por aquelas criaturas barulhentas e um Deus amoroso, Adão percebeu, de repente, que estava sozinho.

A solidão de Adão deve ter aumentado quando ele viu cada par de animais na fila para receber um crachá com seu nome. “E quanto a mim”, ele deve ter pensado quando as duas últimas criaturas alçaram voo. Ah, minha amiga, o melhor ainda estava por vir!

> Então o Senhor Deus fez o homem cair em profundo sono e, enquanto este dormia, tirou-lhe uma das costelas, fechando o lugar com carne. Com a costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a levou até ele.
>
> Gênesis 2.21-22

Bruce Marchiano desenha um lindo quadro para nós. “Ele [Deus] molda a estrutura dela e dá uma leve tonalidade à sua pele. Modela sua mente e determina sua forma. Esculpe o contorno do rosto, o desenho amendoado dos olhos e o comprimento gracioso dos braços e das pernas. Muito antes de ela dizer uma palavra, ele firma-lhe a voz no coração para que seu timbre seja harmonioso. Célula e mais célula, carinho e mais carinho; com cuidado extremo, na criação ele a ama totalmente”.[2]

Quando despertou da anestesia aplicada por Deus, Adão deu uma olhada na linda Eva. Ele deve ter dito: “*Isto*, sim, é que é bom!”. Não sabemos ao certo se Adão falou mesmo isso quando pôs os olhos em Eva pela primeira vez, mas sabemos que as primeiras palavras registradas como suas foram proferidas no momento em que Eva se apresentou diante dele.

> Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada.
>
> Gênesis 2.23

Que linda reprodução das palavras de Jesus: “O seu Pai sabe do que vocês precisam, antes mesmo de o pedirem” (Mt 6.8). Sim, Deus conhece nossas necessidades e, em geral, antes mesmo de nos concedê-las, espera que as entendamos. Se ele tivesse criado Adão e Eva ao mesmo tempo, Adão jamais saberia quanto necessitava dela.

Eva foi “o toque final da obra-prima de Deus e a inspiração para a primeira poesia do homem”.[3] Não foi um pensamento tardio, mas o *grand finale* divino. A mulher foi criada para completar o retrato de alguém feito à imagem de Deus. O homem não poderia fazer isso sozinho. A mulher não poderia fazer isso sozinha. Ambos foram necessários — trabalhando, servindo e vivendo em harmonia para completar o quadro que Deus sempre teve em mente.

Deus concluiu a primeira semana da existência do mundo e desceu a cortina com estas palavras: “E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom” (Gn 1.31). Com a primeira aparição da mulher, o que era “bom” ficou “muito bom”.

Deus criou uma *ezer*

Quem é essa mulher e por que foi criada? A Bíblia diz que ela foi criada para ser a *auxiliadora* de Adão.

Do mesmo modo que as peças de um quebra-cabeça, Eva foi criada para completar o homem. “Completar” significa “encher totalmente; aquilo que é necessário para suprir uma deficiência; uma ou duas partes que se completam mutuamente”.

C. S. Lewis desenha um lindo quadro: A ideia cristã de casamento se baseia nas palavras de Cristo de que o homem e a mulher devem ser considerados um único organismo — tal é o sentido que as palavras “uma só carne” teriam numa língua moderna. Os cristãos acreditam que, quando disse isso, ele não estava expressando um sentimento, mas afirmando um fato — da mesma forma que expressa um fato quem diz que o trinco e a chave são um único mecanismo, ou que o violino e o arco formam um único instrumento musical. O inventor da máquina humana queria nos dizer que as duas metades desta, o macho e a fêmea, foram feitas para combinar-se aos pares, não simplesmente na esfera sexual, mas em todas as esferas.[4]

Como um violino sem o arco ou um trinco sem a chave, o homem estava incompleto sem a mulher. Juntos, eles formaram um todo.

Vamos conhecer as várias traduções de Gênesis 2.18: Depois disse o SENHOR Deus: "Não é bom que o homem fique sozinho. Vou fazer para ele uma companheira, uma auxiliadora que lhe corresponda".

> Nova Bíblia Viva Depois o SENHOR disse: Não é bom que o homem viva sozinho. Vou fazer para ele alguém que o ajude como se fosse a sua outra metade.
> Nova Tradução na Linguagem de Hoje Então o SENHOR Deus declarou: "Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda".
> Nova Versão Internacional Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea.
> Almeida Revista e Atualizada Embora cada tradução da Bíblia use uma combinação diferente de palavras, todas mencionam o verbo "auxiliar/ajudar" ou o substantivo "auxiliadora". É o termo "auxiliadora" que tem causado tanta discussão e mal-entendidos ao longo dos anos; portanto, vamos tratar desse assunto desde o começo. A palavra hebraica para "auxiliadora" também pode ser traduzida por "parceira". Umberto Cassuto disse: "Assim como a costela é encontrada no lado do homem e unida a ele, também a boa esposa, a costela de seu marido, permanece ao seu lado para ser sua companheira auxiliadora, e sua alma está ligada à dele".[5]

Apesar de algumas mulheres se indignarem só em pensar que são chamadas de simples "auxiliadoras", basta ler atentamente as páginas da Bíblia para ver que a "auxiliadora" ocupa um lugar de grande honra. A palavra hebraica "auxiliadora" usada para designar mulher é *ezer*,[6] derivada do termo hebraico usado para definir Deus e o Espírito Santo, *azar*. Ambas significam "auxiliador" — o que vem para ajudar ou auxiliar. O rei Davi escreveu: "SENHOR, sê tu o meu auxílio" (Sl 30.10). "O SENHOR está comigo; ele é o meu ajudador" (118.7). Moisés disse a respeito de Deus: "O Deus de meu pai foi o meu ajudador; livrou-me da espada do faraó" (Êx 18.4).

Originariamente, *ezer* aparece 21 vezes no Antigo Testamento. É usada duas vezes para falar da mulher (cf. Gn 2.18,20) e 16 vezes para Deus ou Javé como auxiliador de seu povo (cf. Êx 18.4; Dt 33.7,26,29; Sl 20.2;

33.20; 70.5; 89.19; 115.9-11; 121.1-2; 124.8; 146.5; Os 13.9). As outras três ocorrências estão nos livros dos profetas, que as usam para referir-se a ajuda militar (cf. Is 30.5; Ez 12.14; Dn 11.34).

O teólogo William Mounce explica: Com tantas referências a Deus como nosso auxiliador, é evidente que uma *ezer* não é de maneira alguma inferior àquele que recebe a ajuda. Isso é importante porque essa é a palavra que Deus usa em Gênesis 2.18 quando diz a respeito de Adão: "Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o *auxilie* e lhe corresponda". Deus forma, então, Eva como *ezer* de Adão. Portanto, de acordo com o plano de Deus, o homem e a mulher, o marido e a esposa, foram criados por Deus para permanecer juntos e ajudar um ao outro nas batalhas da vida. E Deus está presente como *ezer* divino para lutar com eles.[7]

Carolyn Custis James observa: "Se a linguagem significa alguma coisa, a *ezer*, em todos os casos, não é uma assistente leiga ou iniciante, mas uma auxiliadora muito forte".[8] O estudioso bíblico dr. Victor P. Hamilton esclarece: A nova criação (a mulher) não é superior nem inferior, mas igual. A criação dessa auxiliadora forma a metade de uma polaridade, e está para o homem da mesma forma que o Polo Norte está para o Polo Sul. [...] Qualquer indicação de que essa palavra em particular signifique uma pessoa que ocupa uma simples posição de assistente ou de subordinado a alguém de posto superior é rechaçada pelo fato de que muito frequentemente essa mesma palavra descreve o relacionamento de Javé com Israel. Ele é o auxiliador de Israel.[9]

Seja qual for o papel que atribuímos à mulher na sociedade e na igreja, é evidente que a solidão daquele homem era um dilema que necessitava de atenção imediata. A mulher é apresentada como parceira no trabalho, na procriação e vida conjunta. Juntos, eles deveriam encher, subjugar e dominar

a terra. Juntos, tinham um chamado em comum. Sim, suas funções e responsabilidades eram diferentes. Nosso corpo físico impõe isso. Porém, no que se refere a ter sido feitos à imagem de Deus para encher, subjugar e dominar a terra, não houve nenhuma distinção na criação.

> Por mais estranho que possa parecer, Adão não necessitava de alguém para realizar a maioria das tarefas que costumamos associar à função de auxiliador. Suas necessidades físicas eram supridas em abundância no abrigo e na fartura do Éden. Havia uma enorme variedade de alimentos prontamente acessíveis no Éden, a despensa bem abastecida de Adão. Não havia cardápios para planejar, compras para fazer ou refeições para preparar. Não havia casa para decorar nem chão para limpar, mesa para servir refeições nem crianças para alimentar. Não havia meias para recolher do chão nem roupas para lavar. E mais, o primeiro projeto de costurar foi feito em conjunto. Adão não aguardou atrás de um arbusto até que Eva juntasse as folhas de figueira para cobrir-se. Ele próprio juntou as folhas. É difícil imaginar que Deus tenha anunciado com alarde a criação de uma auxiliadora que faria coisas que o homem podia fazer facilmente sozinho.[10]

Não me entenda mal. Gosto muito de servir a meu marido e tomar conta de suas necessidades. Pode parecer estranho, mas gosto de limpar a casa! Mas esses deveres não definem a palavra *ezer*.

A beleza da palavra *ezer* ou "auxiliadora" é que Deus não definiu seu significado. Não discriminou deveres para o homem e para a mulher, nem deu a Adão e a Eva uma lista determinando suas responsabilidades. Deus disse a ambos: "Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra" (Gn 1.28). Adão não disse a Eva: "Você vai tomar conta das aves e eu, dos peixes". Eles dominaram e subjugaram juntos.

Não há nada mais belo que um marido e uma esposa que verdadeiramente "se tornaram uma só carne" e deram início à dança simbiótica do casamento, movimentando-se com uniformidade ao som do amor de Deus e ao ritmo

da vontade divina — trabalhando juntos para serem os portadores da imagem de Deus no mundo.

E quanto à mulher solteira? Ela também é uma *ezer*? Claro. A mulher foi criada para ser auxiliadora e resgatadora, seja qual for seu estado civil. Antes de me casar, eu era uma guerreira de Deus no reino espiritual tanto quanto sou agora.

Conforme já mencionei, a palavra *ezer* é usada 2 vezes no Antigo Testamento para referir-se à mulher como auxiliadora do homem, 16 vezes para referir-se a Deus como nosso Auxiliador e 3 vezes pelos profetas para referir-se a ajuda militar. No entanto, nas 16 vezes em que a palavra é usada para referir-se a Deus, tem também conotações militares.

Surpreendi-me ao descobrir que há conotações militares até na descrição da mulher de Provérbios 31, aquela que durante séculos tem sido apresentada como exemplo de piedade. A passagem começa com: "Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede o de finas joias" (v. 10, RA). A Nova Versão Internacional chama-a de "esposa exemplar". A palavra hebraica traduzida por "virtuosa" ou "exemplar" pode também significar "rica, próspera, destemida, audaciosamente corajosa, poderosa, valente guerreira".

Você entendeu o sentido? "Valente guerreira". Antes, porém, que você sugira que troquemos nossas roupas esportivas por uniformes militares, vassouras por rifles e sapatos de salto alto por coturnos, reflita nas palavras de Paulo às igrejas em Éfeso e Corinto que nos incentivam a permanecer na batalha espiritual como mulheres de oração usando a Palavra de Deus como arma: Finalmente, fortaleçam-se no Senhor e no seu forte poder. Vistam toda a armadura de Deus, para poderem ficar firmes contra as ciladas do Diabo, pois a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais.

Efésios 6.10-12

> Pois, embora vivamos como homens, não lutamos segundo os padrões humanos. As armas com as quais lutamos não são humanas; ao contrário, são poderosas em Deus para destruir fortalezas. Destruímos argumentos e toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levamos cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo.
>
> 2Coríntios 10.3-5

Deus não criou a mulher simplesmente porque o homem estava sozinho, embora isso fosse evidente. Deus criou a mulher para completar o homem — amar com ele, trabalhar com ele, dominar com ele, viver com ele, procriar com ele e lutar ao lado dele. Ela era uma portadora feminina da imagem de Deus nessa união misteriosa do casamento. A mulher era e é uma guerreira chamada para lutar ao lado do homem no maior confronto que ainda está por chegar — uma guerra que não será travada em campo de batalha com armas, mas de joelhos em oração.

Por que estou me alongando tanto na palavra *ezer*? Porque, querida amiga, quero que você compreenda por completo o impacto do motivo pelo qual Deus a criou. Você é uma obra-prima majestosa do gênio criativo do Todo-poderoso. Você é uma mulher.

Após a queda

Então, o que aconteceu? Como foi que a mulher deixou o lugar de honra de que compartilhava como portadora de uma imagem no jardim do Éden para viver oprimida, conforme temos visto ao longo dos séculos? Bom, por enquanto vamos continuar no jardim.

O capítulo 3 de Gênesis começa com estas palavras amedrontadoras: "Ora, a serpente...". Satanás não estava feliz com aquelas criaturas que Deus criara à própria imagem. Embora tivesse sido um anjo de luz, Satanás foi lançado na terra com um terço dos anjos por causa de sua rebelião contra Deus (cf. Ap 12.4). Ele sabia que estava condenado e queria apropriar-se do maior número possível dos seres criados à imagem de Deus, portanto começou com os dois primeiros.

Não temos informações claras para saber por que Satanás iniciou uma conversa com Eva a respeito do fruto proibido, mas sabemos que Adão assistiu passivamente ao drama que se desenrolava. Embora Gênesis 3 declare que Satanás se dirigiu "à mulher", ele usou o plural hebraico de "você" quando falou. Ele não estava falando apenas com ela.

Alguns dizem que o pecado começou quando Eva tentou ser a dominadora no relacionamento, mas essa possibilidade não existia. Adão e Eva viviam em harmonia um com o outro. Movimentavam-se como se fossem um. Se ela tivesse tentado ser a dominadora, teria comido o fruto sozinha, sem oferecê-lo ao marido.

Outros dizem que Adão pecou por ter dado ouvidos à mulher. Mas Eva não foi criada para ser uma companheira silenciosa. Não foi porque ele deu ouvidos a ela como mulher, mas porque ouviu o que ela disse e comeu do fruto.[11]

No final, tanto Adão quanto Eva desobedeceram ao Senhor, acreditaram na mentira de Satanás e sofreram as consequências de um relacionamento rompido com Deus e também a morte espiritual. Nós, querida amiga, sofremos as consequências até hoje. Naquele momento de desobediência, o medo e a vergonha entraram no mundo, e o primeiro homem e a primeira mulher tentaram esconder-se de Deus.

"Onde está você?", Deus chamou quando proferiu a primeira pergunta divina registrada na Bíblia (Gn 3.9). Essa é a pergunta que Deus nos faz até hoje, porque ele anseia restaurar seu relacionamento com os portadores de sua imagem. "Onde está você?" Deus fez Adão e Eva saírem do esconderijo, confrontou o pecado deles e explicou as consequências daquele ato.

A serpente, a mulher e o homem foram julgados, mas apenas a serpente e a terra foram amaldiçoadas. O julgamento de Deus sobre a serpente prenunciou os eventos que estavam por vir — o dia em que Jesus Cristo esmagaria com seu calcanhar a cabeça de Satanás. Satanás entendeu claramente que a destruição de seu domínio viria do ventre de uma mulher.

E, a partir daquele mesmo dia, tem-se vestido com roupagem completa de guerra para destruí-la.

Outra consequência da queda foi que o homem passaria a dominar a mulher. Quando Adão falou com Deus a respeito do pecado de ambos, ele disse: “Foi a mulher *que me deste por companheira* que me deu do fruto da árvore, e eu comi” (Gn 3.12). Anteriormente, eles dominavam juntos, mas tudo aquilo estava prestes a mudar. “Seu desejo será para o seu marido”, Deus disse a Eva, “e ele a dominará” (v. 16). Desde então, a tensão no relacionamento entre o homem e a mulher passou a ser a norma.

No entanto, a boa notícia para nós é que Deus gosta de mudar as coisas. Embora a árvore no jardim tenha trazido morte e maldição, o madeiro do Calvário trouxe vida e bênção. Jesus veio para libertar os cativos. Veio “para destruir as obras do Diabo” (1Jo 3.8). Mas há milhares de anos entre as palavras de Deus acerca de Jesus: “Ele terá” e as palavras de nosso Salvador: “Eu tenho”. E, infelizmente, as mulheres têm sido desvalorizadas, desonradas e aviltadas de todas as maneiras imagináveis.

Entre o jardim do Éden e o jardim do Getsêmani

Muitos anos se passaram antes que o calendário do reino de Deus sinalizasse que o plano redentor de Jesus devia iniciar-se. Para entender até que ponto as ações e os ensinamentos de Jesus foram radicalmente libertadores para as mulheres, precisamos compreender o mundo no qual Jesus pôs os pés.

Grande parte do mundo antigo era influenciada pelos filósofos e seus ensinamentos. Para a maioria de nós, a filosofia antiga está muito distante e provoca pouco interesse. Porém, no século 5 a.C., ela influenciava toda a cultura. Os ensinamentos e a influência dos filósofos algemaram as mulheres e as mantiveram em cativeiro numa sociedade patriarcal.

Por exemplo, na antiga Atenas, cidade que tem o nome da linda deusa da sabedoria, os filósofos acreditavam que as mulheres eram inferiores aos homens em todos os aspectos. Esses filósofos criaram a lente através da qual

grande parte do mundo civilizado enxergava a vida. Sócrates (470-399 a.C.) afirmava que ser nascido de mulher era um castigo divino, uma vez que a mulher encontra-se na metade do caminho entre o homem e o animal.[12] As esposas gregas respeitáveis viviam reclusas e raramente apareciam em eventos da sociedade. Elas não participavam de negócios públicos e pouco eram vistas em meio a homens em refeições ou em reuniões sociais.[13]

Sócrates ensinou a Platão, que passou a Aristóteles aquilo que aprendeu. Platão acreditava que as mulheres eram uma "forma degenerada da perfeição masculina" e que os homens que não viviam de maneira correta seriam reencarnados como mulheres.[14] Ele acreditava ter sido esse o motivo do surgimento do gênero feminino.[15]

Aristóteles declarou: "A coragem do homem está em dar ordens, e a da mulher em obedecer".[16] Ele ensinou que as mulheres eram inferiores e precisavam receber ordens dos homens e ser usadas para lhes proporcionar prazer. Os homens que levavam seus estudos a sério eram encorajados a evitar completamente as mulheres, porque elas significavam problemas e tentação.

Demóstenes, orador famoso na época de Aristóteles, declarou que a função das mulheres atenienses eram as seguintes: "Temos cortesãs para nossos prazeres, prostitutas [isto é, escravas jovens] para uso físico diário, esposas para nos dar filhos legítimos e cuidar fielmente dos assuntos do lar".[17]

Aristóteles deixou ao mundo uma coleção de estudos fascinantes sobre uma variedade de assuntos. Observou a natureza das abelhas e notou que o enxame tinha um líder aparente, que, segundo ele, era a "abelha rei". Somente séculos depois foi que os naturalistas descobriram que o líder era, na verdade, uma "abelha rainha".[18] (É isso aí, meninas!) As moças casavam com pouca idade e não recebiam instrução escolar. Aprendiam apenas a cuidar da casa. Nunca saíam sozinhas, não faziam refeições em público com homens nem participavam da vida da comunidade. As mulheres não só

eram consideradas inferiores, mas também uma perturbação e um perigo aos homens que desejavam ser sábios.

Os antigos acreditavam que a vida se originava do sêmen do homem, onde minúsculos seres humanos eram armazenados. As mulheres serviam simplesmente de solo no qual a semente era plantada e crescia até o parto. Eles não sabiam nada a respeito de óvulos e, portanto, tiravam conclusões apenas do que seus olhos nus conseguiam ver (trocadilhos à parte). Foi somente no século 19 que os cientistas descobriram que a mulher tem óvulos. Antes disso, ela era considerada apenas um recipiente. Faz sentido dizer que, se as mulheres forem consideradas "sujas", serão tratadas como sujeira.

Os romanos não viam as mulheres com olhos tão sombrios quanto os gregos, mas acreditavam que elas precisavam ser mantidas sob o controle de um homem.[19] Os romanos tinham ideias mais avançadas quanto às atividades das mulheres fora do lar, desde que não se afastassem da porta de entrada. Se a mulher fosse surpreendida em adultério, a lei romana dava ao marido o direito de matá-la porque ela era sua propriedade. O homem, contudo, podia ter relações sexuais fora do casamento à vontade.[20] Os homens romanos tinham a tendência de copiar o conceito dos gregos a respeito das mulheres como objetos de prazer ou fontes de tentação.[21]

Por serem muito inteligentes, os filósofos eram obviamente enganados pelo próprio inimigo. "Não existe nada tão tolo quanto um homem inteligente usar seus dons mentais para invalidar a simplicidade da verdade."[22] Seria muito fácil manifestar nossa ira contra os filósofos do passado, ou até contra os homens dos países do Oriente Médio, que continuam a tratar as mulheres com o mesmo desprezo, mas eu sempre recorro à fonte. É o próprio Diabo que tem nas mãos o plano para destruir as mulheres.

Na cultura judaica, as mulheres não eram tratadas muito melhor que suas irmãs romanas ou gregas. Embora o Antigo Testamento esteja recheado de

mulheres de grande influência — como Débora, a profetisa, que aconselhou líderes militares; Ester, a rainha, que impediu o extermínio dos judeus; Raabe, a prostituta, que salvou os espiões israelitas dos soldados de Jericó; Abigail, a esposa do fazendeiro, que deteve o plano desnecessário de assassinato idealizado pelo rei Davi, apenas para citar algumas —, as mulheres continuam a ser consideradas simples mercadoria.

O povo judeu passou a integrar-se mais com as culturas estrangeiras que oprimiam as mulheres e a receber influência dessas culturas. Na época em que Jesus nasceu, as mulheres não tinham permissão para falar com um homem em público... nem mesmo com o marido. Se a mulher se dirigisse a um homem em público que não fosse seu marido, entendia-se que ela estava tendo um relacionamento com ele, e isso era motivo para divórcio. As mulheres eram proibidas de comer no mesmo recinto em que os homens estivessem reunidos, de receber instruções da Torá (as Escrituras) com homens ou de entrar no pátio interno do templo para prestar culto na companhia de homens. Dois mil anos atrás, o rabino Eliézer afirmou: "Seria preferível que as palavras da Torá fossem queimadas a ser entregues aos cuidados de uma mulher!".[23]

O rabino não podia sequer dirigir a palavra à sua filha ou irmã em público. Alguns fariseus eram chamados de "os feridos e ensanguentados" porque fechavam os olhos sempre que viam uma mulher na rua, e, por causa disso, trombavam com muros e casas enquanto andavam.[24] Todas as manhãs o fariseu começava o dia dando graças a Deus por não tê-lo feito "um gentio, uma mulher ou um escravo".[25]

A mulher era considerada propriedade de seu pai. Esse direito de propriedade era transferido ao marido quando ela se casava e para o filho quando ela enviuvava. Havia pouca esperança para uma mulher que não tinha nenhum dos três. Não lhe permitiam sair em público sem um acompanhante apropriado do sexo masculino. Essa proibição "não era tanto para protegê-la, mas para proteger o nome do marido de alguns deslizes que

ela pudesse cometer [...] por conduta imprópria. Qualquer homem que desejasse dirigir-se a ela teria de fazê-lo por meio de seu acompanhante, não diretamente".[26]

A mulher não era considerada testemunha confiável e não tinha permissão para testemunhar em tribunais. As vozes femininas e os cabelos esvoaçantes eram considerados sensuais e vistos como tentação para os homens. As mulheres eram tidas como escória da sociedade e responsáveis por grande parte da maldade no mundo. Viviam afastadas da vida social e religiosa da comunidade e eram julgadas inferiores, criaturas sem capacidade para aprender e cujo único propósito era o de cuidar de assuntos domésticos e proporcionar prazer sexual.[27]

Eu poderia alongar-me no assunto, mas penso que o que vimos seja suficiente para permitir um vislumbre de como as mulheres eram vistas e por quê. Feio. Tenebroso. Opressivo. Assim era o mundo no qual Jesus pôs os pés. Esse era o pano de fundo para que o mais belo enredo divino, o da redenção, se desenrolasse.

Por que Jesus veio ao mundo? João explica em poucas palavras. "Para isso o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo" (1Jo 3.8). Jesus veio para restaurar o plano original de Deus e o propósito para os homens e mulheres, que foi distorcido e prejudicado no jardim. Ele veio para restaurar, em todos os aspectos, a humanidade caída. Parte da restauração incluiu restituir a Eva a posição que ela desfrutava antes da queda. Jesus entrou em cena e viu as portadoras da imagem de Deus escondidas nas sombras e trancadas à chave. Ele escancarou as portas.

É fácil para nós que vivemos no século 21 ver a interação de Jesus com as mulheres como um fato comum, mas na época isso era radical em todos os sentidos da palavra. Jesus chegou a um ponto tão vulnerável que foi bom Deus ter preparado o madeiro. Quando entendemos um pouco da filosofia romana e grega e o tratamento dado às mulheres na época em que Jesus veio ao mundo, podemos entender melhor como foi radical o tratamento que

Jesus deu às mulheres. Ele pegou aquelas portadoras degradadas da imagem de Deus e colocou-as no centro do palco para representar o papel principal no plano redentor divino.

Em palavras bem simples: Jesus sacudiu a casa.

Um novo dia para as mulheres Quando viramos a página de Malaquias 4.6 para Mateus 1.1, um período de quatrocentos anos de silêncio de Deus, temos a sensação de que um novo dia está nascendo no horizonte. Nas genealogias do Antigo Testamento, as famílias eram rastreadas apenas pelos homens. No entanto, na genealogia de Jesus Cristo, quatro mulheres são relacionadas além de Maria: Tamar, Raabe, Rute e Bate-Seba. A própria menção dos nomes das mulheres é motivo para uma pausa.

O ritmo de "fulano gerou beltrano, beltrano gerou sicrano" para abruptamente quando aparece o nome de uma mulher. "... Zerá, cuja mãe foi Tamar" (Mt 1.3). Então, a cadência normal é retomada com "fulano gerou beltrano, beltrano gerou sicrano". Mais uma vez, a sequência harmoniosa é repentinamente interrompida com "Boaz gerou Obede, cuja mãe foi Rute" (v. 5).

Amiga, o fato de o nome de uma mulher ser mencionado na genealogia dá-nos uma enorme sensação de que há algo diferente. Deus está prestes a fazer algo novo. É hora de as portadoras da imagem de Deus saírem das sombras para a luz. É emocionante saber que essa luz é a luz de Cristo. Jesus aceitou as mulheres em seu grupo, incluiu-as nas parábolas e convidou-as a fazer parte de sua equipe ministerial.

O foco deste livro é descobrir o que Deus pensa realmente acerca das mulheres. Isso parece um pouco presunçoso, não? O profeta Isaías escreveu: "Quem definiu limites para o Espírito do Senhor, ou o instruiu como seu conselheiro?" (40.13). O mesmo versículo é repetido por Paulo em Romanos 11.34 e 1Coríntios 2.16. Ao mesmo tempo, nossa maior alegria na vida está em conhecer Deus.

J. I. Packer, em seu clássico moderno *Conhecimento de Deus* ressalta: Para quem não conhece Deus, o mundo se torna um lugar estranho, louco, penoso, e viver nele pode ser decepcionante e desagradável. Despreze o estudo de Deus e você estará sentenciando a si mesmo a passar a vida aos tropeções, como um cego, como se não tivesse nenhum senso de direção e não entendesse aquilo que o rodeia.[28]

E então, como conhecemos Deus? Podemos entender realmente o que ele pensa acerca de qualquer assunto? Por certo, a mente de Deus é um mar incompreensível de sabedoria que nossa mente finita jamais compreenderá no todo, mas ao mesmo tempo ele deseja muito que o conheçamos. Deus criou-nos para nos relacionarmos com ele e, como ocorre em todos os relacionamentos íntimos, há um profundo entendimento entre as duas partes. Deus, claro, conhece-nos de maneira total e completa. E, por mais incrível que pareça, convida-nos a nos relacionarmos com ele e também a conhecê-lo. Seja qual for o assunto que queiramos entender — o que Deus pensa a respeito do casamento ou do dinheiro, do pecado ou da salvação, da ansiedade ou da adoração —, as respostas estão na Bíblia para que as descubramos.

Paulo escreveu aos coríntios: "Quem pensa conhecer alguma coisa, ainda não conhece como deveria" (1Co 8.2). Em outras palavras, por mais que conheçamos Deus, a mulher sábia entende que sabe muito pouco a respeito dele. Mas, com essa realidade em mente, lutamos para desenterrar os tesouros escondidos que nos levam a conhecê-lo.

Em sua infinita sabedoria, Deus nos proporciona muitas maneiras de aprender sobre seu caráter e seus caminhos. Aprendemos a conhecê-lo por intermédio de sua Palavra, da criação e, acima de tudo, por intermédio de seu Filho. Jesus, numa de suas últimas conversas com os discípulos, explicou: "Se vocês realmente me conhecessem, conheceriam também o meu Pai. [...] Quem me vê, vê o Pai" (Jo 14.7,9).

Eugene Peterson, em sua paráfrase A Mensagem (AM), explica desta forma: "Ver a mim é ver o Pai. [...] As palavras que eu digo não são simples palavras. Não as digo por conta própria. O Pai, que vive em mim, transforma cada palavra num ato divino" (v. 9).

Jesus falou exatamente o que o Pai lhe pediu que dissesse (cf. Jo 7.16; 8.28; 12.49) e exatamente o que seu Pai lhe pediu que fizesse (cf. Jo 5.19,30; 6.28,38). Ele era a "imagem do Deus invisível" (Cl 1.15) e "a expressão exata do seu ser" (Hb 1.3).

Podemos saber realmente o que Deus pensa? Até certo ponto, a resposta é sim. Precisamos apenas olhar para a vida e o ministério de seu Filho.

O foco deste livro é JESUS e como ele chamou as mulheres para tirá-las das sombras da sociedade e colocá-las no centro do palco. Este livro explica por que ele veio para libertar as mulheres — uma liberdade que não foi reproduzida por nenhuma outra religião do mundo. O que eu quero dizer com "libertar as mulheres"? Há dois aspectos dessa liberdade que investigaremos:

- Jesus veio para libertar as mulheres de...
- Jesus veio para libertar as mulheres para...

Ele não libertou as mulheres apenas para isolá-las na nova ordem chamada Igreja. Ele libertou as mulheres para que proclamassem as boas-novas do evangelho ao mundo e trabalhassem entre os cristãos para edificar o Corpo de Cristo. Numa cultura que mantinha as mulheres escondidas no recesso do lar para não serem vistas nem ouvidas, Jesus as puxa dos bastidores para posicioná-las na frente e no centro do palco, iluminando-as com o holofote de seu amor e chamado divinos. À medida que a cortina do Novo Testamento sobe, as mulheres enchem o palco e assumem o papel de estrelas na encenação do grande enredo da redenção divina.

Jesus fez escolhas deliberadas acerca do *quem, que, quando* e *onde* de seus ensinamentos e milagres. Não foi por acaso que muitas de suas curas

ocorreram no sábado. Não foi por acaso que muitas de suas conversas foram com mulheres. Não foi por acaso que muitas pessoas curadas por ele foram mulheres.

Jesus tomou as chaves da verdade e abriu as algemas a fim de libertar as mulheres da opressão que as mantinha cativas nas frestas da sociedade. Que orgulho sinto por aquelas mulheres que aceitaram o convite de Cristo para deixar o cativeiro. Elas foram agentes que ouviram o chamado divino ecoar para além das vozes opressoras da cultura em que viviam.

Neste tempo que passaremos juntas, vamos conhecer as mulheres presentes na vida e no ministério de Jesus. Quando lemos os evangelhos com os quais estamos tão familiarizados, às vezes deixamos de ver a maravilha e o esplendor das palavras radicais de Jesus que transformaram vidas. Temos a tendência de passar suas palavras na peneira das normas culturais e dos ensinamentos recebidos na infância, em vez de expô-las sobre uma tela nova. As palavras tornam-se enlameadas e silenciosas quando espirradas numa paisagem antiga de tonalidades imperfeitas.

Vamos examinar um novo cavalete, um cavalete no qual há uma tela em branco. As palavras de Jesus encontram-se na paleta — novas, diferentes, vibrantes e vivas. Não vamos pintá-las na tela antiga de nossa mente, na esperança de cobrir as palavras outrora mal interpretadas. Devemos examiná-las com novos olhos.

Vamos conhecer algumas mulheres que tiveram um encontro com o Libertador e começaram uma vida nova, em liberdade. Venha comigo e sente-se à beira do poço com a mulher samaritana que esperava ser insultada e rejeitada, mas recebeu aceitação e amor. Permaneça ao lado da mulher surpreendida em adultério que esperava condenação e morte, mas encontrou o perdão e a chance de ter uma nova vida. Acompanhe o gesto da mulher que sofria de hemorragia e estique o braço para tocar no manto dele em segredo, só para ser curada e receber palavras de afirmação em público. Levante-se das ruínas da vida com Maria Madalena e corra com

determinação para anunciar o milagre da ressurreição de Jesus. Oro para que, à medida que conhecermos o impacto que Jesus causou na vida de cada mulher, você escreva seu nome no roteiro e sinta a presença de Cristo como jamais sentiu.

Vamos observar como Jesus tratou as portadoras de sua imagem para descobrir o que Deus realmente pensa das mulheres.

PARTE 2

As protagonistas

2

Uma moça comum (Maria de Nazaré)

Libertada de uma vida comum
Libertada para cumprir um propósito extraordinário

Viajar a Belém numa estrada empoeirada e no lombo ossudo de um jumento era muito difícil, mas ser sacudida de um lado para o outro durante o percurso no nono mês de gravidez era uma tarefa árdua acompanhada de dores fortes e maçantes. Os dois cobertores que José colocara sobre os pelos do animal mal serviam para amortecer os solavancos da viagem turbulenta experimentada por sua jovem noiva e futura mãe.

— Como você está? — José perguntou, preocupado.

— Espero que o bebê esteja mais confortável que eu — Maria respondeu com um suspiro. — Acho que não vai demorar muito tempo para ele fazer sua grande aparição em cena.

Maria sorriu ao pensar na criança aninhada em seu ventre. “Quem poderia imaginar que, em seus últimos momentos antes de nascer, o Salvador do mundo estaria no lombo de um jumento? Quem poderia imaginar que o Messias nasceria de alguém como eu?”

Os pensamentos de Maria retrocederam ao dia em que o anjo Gabriel lhe apareceu e anunciou o plano redentor de Deus.

— Maria — sua mãe chamou. — Você já terminou de sovar a massa? Não se esqueça de ordenhar a cabra. E o manto ainda não está terminado. Falta metade. Parece que o nosso trabalho não acaba nunca!

Aos 15 anos, Maria tinha o dia tomado por atividades corriqueiras, como manter a casa funcionando corretamente. Porém, em breve ela não mais trabalharia na casa de seu pai, mas na do marido. O casamento de Maria e

José havia sido arranjado desde que ela era criança, mas isso não diminuiu a ideia romântica de ser tirada de casa no meio da noite por um belo noivo. O noivado deles foi realizado por meio de um contrato legal, e o resto não passava de formalidades — a verdadeira celebração do casamento.

"Se tudo correr bem, estarei casada com José daqui a um ano. O que mais pode dar errado? O contrato foi assinado, o dote da noiva foi pago e o cômodo anexo à casa do pai dele está quase pronto."

Enquanto a jovem noiva continuava a sonhar acordada com a vida no futuro, uma presença dourada encheu o ambiente. Os cabelos em sua nuca arrepiaram quando uma brisa leve lhe passou pelo rosto. A janela continuava fechada, mas um redemoinho indescritível correu em volta dela. Erguendo os olhos do trabalho a que se dedicava, ela assustou-se com a figura brilhante em pé ao seu lado.

Uma respiração entrecortada encheu-lhe os pulmões enquanto ela levava a mão à boca. Os olhos arregalados tentavam entender o que avistavam. Era um homem? Um fantasma? Um anjo? Um sonho?

— Salve, agraciada! O Senhor está com você.

Ao ver aquele rosto pálido, o anjo Gabriel prosseguiu: — Não tenha medo, Maria. Você foi agraciada por Deus. Ele planejou que você ficará grávida e dará à luz um filho, e o nome dele será Jesus. Ele será chamado Filho do Altíssimo. Deus dará a ele o trono de seu ancestral Davi, e ele reinará sobre a descendência de Jacó para sempre. O reino dele jamais terminará.

O medo de Maria não diminuiu com essa proclamação confusa, apesar de haver algo reconfortante no tom da voz daquele ser. Enquanto a alma de Maria começava a se tranquilizar, seus pensamentos voavam rapidamente. Um filho? Grávida? Filho do Altíssimo? Uma mistura de ideias explodiu de uma só vez enquanto ela tentava processar as informações como se fossem peças de um quebra-cabeça.

— Como pode ser? Eu ainda sou virgem.

Gabriel inclinou o corpo para a frente e fitou Maria: — O poder do Altíssimo, mediante o Espírito Santo, fará isso acontecer. O Santo que você gerará será chamado Filho de Deus.

Ao perceber que o coração de Maria estava aturdido e confuso, o mensageiro viu que ela precisava de um pouco mais de segurança. Talvez necessitasse de uma amiga. Ele endireitou o corpo e fez esta observação: — Isabel, sua parenta, também terá um filho, apesar de ser idosa. Ela, que diziam ser estéril, já está no sexto mês de gestação. Nada é impossível para Deus.

Ao lembrar-se de que Deus era onipotente, Maria aceitou seu chamado: — Que aconteça comigo conforme você disse.

Então, tão rapidamente quanto chegou, o anjo desapareceu.

Maria continuou sozinha no quarto tentando assimilar tudo o que acontecera. Perguntas zumbiam em sua mente como um enxame.

— Preciso ver Isabel — ela sussurrou.

Maria pegou imediatamente suas coisas e começou uma viagem de quase cem quilômetros de Nazaré à Judeia. Chegou depois de vários dias.

Assim que Maria entrou na sala, Isabel ficou cheia do Espírito Santo e começou a profetizar, exclamando em alta voz: — Bendita é você entre as mulheres, e bendito é o filho que você dará à luz! Mas por que sou tão agraciada, a ponto de me visitar a mãe do meu Senhor? Logo que a sua saudação chegou aos meus ouvidos, o bebê que está em meu ventre agitou-se de alegria. Feliz é aquela que creu que se cumprirá aquilo que o Senhor lhe disse! (Lc 1.42-45) Uma análise mais cuidadosa Que encontro maravilhoso para alguém tão jovem! O plano redentor de Deus estava preso pelo fio de uma adolescente de Nazaré. Quem previa que seria tão forte?

Não sabemos exatamente qual era a idade de Maria quando Gabriel fez aquela proclamação. Os comentaristas sugerem entre 13 e 16 anos — naquela época ela já estava na idade de casar.

Nazaré era considerada uma cidade irrelevante, mas Deus usou-a de maneira significativa. Da mesma forma, Maria era uma moça aparentemente insignificante, mas Deus a escolheu para que tivesse um papel significativo na história mais importante de todos os tempos. Sua submissão altruísta serve como exemplo do impacto que a obediência ao chamado de Deus pode ter em nossa vida e na vida dos outros.

Muitas perguntas nos vêm à mente. Vamos começar do princípio e fazer uma análise mais cuidadosa.

> Alegre-se, agraciada! O Senhor está com você!
>
> Lucas 1.28

Assim que Adão e Eva pecaram e comeram do fruto proibido, Deus anunciou que o descendente de uma mulher esmagaria a cabeça da serpente (Satanás) (cf. Gn 3.15). O plano redentor para que o Salvador do mundo nascesse de uma mulher sempre esteve na mente divina. Deus certamente não precisava fazê-lo daquela maneira, mas quis usar uma mulher no desenrolar do plano da salvação.

Mas por que Maria? Por que aquela moça em particular? O que havia nela que levou Deus a escolhê-la? Jamais saberemos as respostas a essas perguntas, mas podemos ter um vislumbre do que se passa no coração de Deus ao analisar com mais cuidado a palavra "favorecida".

Gabriel saudou Maria dizendo que ela era "muito favorecida" (Lc 1.28, RA). Quando analisamos a palavra "favorecida", percebemos que a escolha tinha pouco a ver com Maria e tudo a ver com Deus. "Favor" origina-se da palavra grega *charis*, de onde vem a palavra "graça". Graça é um favor de Deus — imerecido, indevido, inconquistável. É uma dádiva que não conquistamos nem merecemos, mas nos foi dada simplesmente porque Deus assim o quis.

A Bíblia diz que fomos escolhidos pela graça (cf. Rm 11.5-6) e salvos pela graça (cf. 3.24), e que recebemos dons espirituais pela graça (cf. 12.6). Paulo

diz que Deus derrama sua graça sobre nós (cf. Ef 1.7-8). Você não gosta de saber disso? Ele não distribui um pouquinho aqui, um pouquinho ali, mas derrama seu favor sobre nós — banha-nos com sua graça.

Por que Maria foi escolhida? Pelo mesmo motivo que você e eu fomos escolhidas para ser suas filhas. Por causa da graça de Deus. Não somos salvas porque merecemos. Maria não foi escolhida porque mereceu. Foi escolhida porque a graça de Deus estava com ela.

> O Senhor está com você!
>
> Lucas 1.28

Durante muitos anos eu começava o dia orando por meu filho: "Deus, peço, por favor, que estejas com Steven hoje". Certa vez, Deus interrompeu-me no meio da oração: "Sharon, eu estou com Steven todos os dias". Ele parecia dizer: "Por que você continua a pedir algo que Steven já tem?".

Deus estava certo! (Veja bem.) Deus estava com Steven o tempo todo, da mesma forma que está com você e comigo. Ele prometeu a cada um de seus filhos: "Nunca o deixarei, nunca o abandonarei" (Hb 13.5). Depois desse cutucão carinhoso de Deus, mudei minha oração por Steven: "Deus, oro para que Steven sinta tua presença na vida dele hoje. Obrigada por estares com ele".

Maria precisava da mesma garantia. O lembrete da presença de Deus em sua vida era muito importante para a notícia que Gabriel estava prestes a lhe dar.

> Maria ficou perturbada com essas palavras, pensando no que poderia significar essa saudação. Mas o anjo lhe disse: "Não tenha medo, Maria; você foi agraciada por Deus! Você ficará grávida e dará à luz um filho, e lhe porá o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi, e ele reinará para sempre sobre o povo de Jacó; seu Reino jamais terá fim".
>
> Lucas 1.29-33

Se Gabriel aparecesse à minha porta, acho que "não tenha medo" seria uma saudação apropriada. A bem da verdade, essas palavras são as mesmas que Deus e seus mensageiros disseram no momento em que chamaram as pessoas para uma missão especial. "Não tenha medo", Deus disse a Abrão (Gn 15.1). "Não tenha medo", Deus disse a Josué (Js 8.1). "Não tenha medo", Deus disse a Zacarias (Lc 1.13). "Não tenham medo", o anjo disse aos pastores (2.10).

Agora, quando chama uma moça comum, tirando-a das sombras e colocando-a no centro do palco, Deus a tranquiliza com as mesmas palavras de alento e coragem que ressoaram através dos séculos. "Não tenha medo... Deus está com você." E se havia alguém que precisaria da presença tranquilizadora de Deus em sua vida, esse alguém era Maria.

Gabriel então diz a ela qual era a missão que Deus lhe atribuíra. Ela conceberia um Filho pelo poder do Espírito Santo e lhe poria o nome de Jesus. "Jesus" é a forma grega de Josué, que significa "o Senhor salva". Maria fazia parte deste mundo pecaminoso e, igual a toda a humanidade, necessitava de um Salvador. Quando Paulo escreveu: "pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus" (Rm 3.23), Maria estava incluída no texto.

Em seu cântico de louvor, Maria exclamou: "Minha alma engrandece ao Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador" (Lc 1.46-47). Apesar dos retratos que os artistas têm feito de Maria ao longo dos séculos, ela não tinha um halo acima da cabeça. Maria era pecadora, exatamente como você e eu. Foi escolhida por causa da graça de Deus, exatamente como você e eu. Ela foi apenas uma moça comum que recebeu um chamado extraordinário.

Deus montou o palco e chamou sua primeira protagonista para ocupar a posição mais à frente e ao centro. Quem teria imaginado que ela ocuparia esse lugar com tanta coragem?

> Perguntou Maria ao anjo: "Como acontecerá isso, se sou virgem?".

Lucas 1.34

A pergunta de Maria não significa que ela tenha duvidado da veracidade das palavras do anjo. Ela simplesmente fez uma pergunta lógica e buscou clareza e orientação. Seu espanto não significou relutância. Ela estava apenas confusa em relação à fisiologia do processo. Nunca se deitara com um homem, então como aquilo seria possível?

> O anjo respondeu: "O Espírito Santo virá sobre você, e o poder do Altíssimo a cobrirá com a sua sombra. Assim, aquele que há de nascer será chamado Santo, Filho de Deus. Também Isabel, sua parenta, terá um filho na velhice; aquela que diziam ser estéril já está em seu sexto mês de gestação. Pois nada é impossível para Deus".
>
> Lucas 1.35-37

O anjo viu a pureza do coração de Maria e continuou a explicar exatamente como aquilo ocorreria. Numa época em que as mulheres não recebiam instruções formais sobre as Escrituras, Maria teve a oportunidade de sentar-se na primeira fila com um dos mensageiros pessoais de Deus para receber uma aula particular.

O fato de Maria ter sido uma das primeiras discípulas de Jesus nos dá grande alegria. Ela aprendeu teologia. Acreditou pela fé. Obedeceu por escolha.

Essa decisão celestial provocou um dilema terreno. A gravidez de uma moça solteira poderia levar os pais a deserdá-la, o noivo a divorciar-se dela, e seus acusadores apedrejá-la até a morte. Ela precisava saber que havia sido chamada. Deus enviou um anjo para explicar esse chamado e enviou-a à casa de Isabel para uma confirmação.

> Respondeu Maria: "Sou serva do Senhor; que aconteça comigo conforme a tua palavra".
>
> Lucas 1.38

Quando Deus chamou Moisés para libertar os israelitas do cativeiro egípcio, Moisés tentou convencê-lo a enviar outra pessoa (cf. Êx 4.13). Quando foi chamado por Deus para conduzir os israelitas à batalha, Gideão disse que não estava à altura da missão e pediu um sinal (cf. Jz 6.17). Quando foi escolhido por Deus para ser o próximo grande profeta, Jeremias argumentou que era jovem demais para a tarefa (cf. Jr 1.6). Quando foi indicado por Deus para pregar arrependimento ao povo de Nínive, Jonas entrou no primeiro navio disponível a fim de ir para longe daquela cidade (cf. Jn 1.3). Mas, quando Deus chamou Maria para gerar seu único Filho, ela aceitou a missão com graça e beleza. "Sou serva do Senhor", Maria respondeu, "que aconteça comigo conforme a tua palavra".

Na paráfrase de Eugene Peterson A Mensagem, Maria disse: "Agora tudo está claro: sou serva do Senhor, quero fazer a sua vontade. Que aconteça comigo conforme todas estas palavras". Outra versão diz o seguinte: "Eu sou uma serva de Deus; que aconteça comigo o que o senhor acabou de me dizer!" (NTLH).

A palavra grega para "servo" é *doulos* ou *doule* (forma feminina) e significa "aquele que se entrega para cumprir a vontade do outro, sem nenhuma ideia de escravidão".[1] No Antigo Testamento, a palavra "servo" referia-se ao escravo que foi libertado e *optou* por continuar com seu dono pelo resto da vida. No Novo Testamento, o vocábulo foi usado de maneira figurada para o cristão liberto da escravidão do pecado que *optou* por servir a seu Mestre, Jesus, por toda a vida.

> Naqueles dias, Maria preparou-se e foi depressa para uma cidade da região montanhosa da Judeia, onde entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o bebê agitou-se em seu ventre, e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. Em voz alta exclamou: "Bendita é você entre as mulheres, e bendito é o filho que você dará à luz! Mas por que sou tão agraciada a ponto de me visitar a mãe do meu Senhor? Logo que a sua saudação chegou aos meus ouvidos, o bebê que está em meu ventre agitou-se de alegria".
>
> Lucas 1.39-44

Isabel não é uma das mulheres que estamos destacando nas páginas deste livro, mas não posso deixar este capítulo sem focar o holofote por uns momentos nessa estupenda profetisa. Ao receber um sinal de Deus, Isabel foi ao encontro de Maria no palco, segurou-lhe a mão e acompanhou-a na jornada para cumprir um propósito extraordinário. Mas aquele não foi um simples papel de coadjuvante. Ela foi protagonista por legítimo direito.

Isabel foi mais que uma incubadora de João Batista, o precursor de Jesus. Foi uma profetisa escolhida por Deus para aconselhar a mãe de seu Filho. O domínio que ela teve da situação foi extraordinário! Ela entendeu que o bebê que Maria carregava no ventre era o Messias quando nem mesmo as pessoas mais próximas de Jesus no futuro entenderiam. E por quê? Porque o poder esclarecedor do Espírito Santo lhe revelou isso. E o mesmo ocorre com você e comigo. Só entendemos a verdade espiritual quando o Espírito Santo abre nossos olhos para enxergarmos.

Não é maravilhoso saber que Deus criou as mulheres para se relacionarem umas com as outras? Ele sabia que Maria iria precisar de uma amiga — uma amiga íntima. Deus está sempre conosco, mas às vezes ele nos dá amigas que pensam como nós para caminharmos juntas. Aquele foi um novo dia para as mulheres, e tudo começou com duas primas.

> Feliz é aquela que creu que se cumprirá aquilo que o Senhor lhe disse!
>
> Lucas 1.45

Após a profecia de Isabel, os pensamentos de Maria irromperam numa cascata de louvor. As palavras das Escrituras misturaram-se com as palavras de seu coração e transbordaram num lindo cântico. E, ainda que ela cantasse com alegria, aquele propósito celestial lhe causaria sofrimento terreno, conforme foi previsto por Simeão.

Maria acreditou. Isabel disse com sabedoria: “Feliz é aquela que creu que se cumprirá aquilo que o Senhor lhe disse!”. Alguém poderia dizer isso de você? De mim? Você acredita em Deus? Acredita que o que ele disse se

cumprirá? Se acredita, então você, minha amiga, experimentará a vida plena que Deus planejou desde o princípio. Deus está procurando uma mulher como você! Uma mulher que acredita que ele é quem diz ser e que acredita que ele fará o que prometeu. Paulo diz que há uma “incomparável grandeza do seu poder para conosco, os que cremos” (Ef 1.19).

Conforme mencionei antes, o plano redentor de Deus estava preso pelo fio de uma adolescente judia. Maria arriscou tudo: sua reputação, sua família, seu ganho, seus sonhos e sua vida. Ela foi uma *ezer* que entrou no campo de batalha com a arma da fé naquele que a chamou. Ao fazer isso, teve um privilégio magnífico acompanhado de um sofrimento indescritível.

Você quer ser uma mulher a quem Deus confiou uma missão de tamanho inimaginável? Memorize então as palavras de Maria. Que estas palavras sejam nossa reação diante de Deus em todos os dias de nossa vida: “Sou serva do Senhor; que aconteça comigo conforme a tua palavra”. Não é de admirar que Deus tenha permitido que Maria participasse do ministério terreno de Jesus e acendesse a chama que mudaria o mundo. Vamos acompanhá-la cerca de trinta anos depois para descobrir o que aconteceu.

Comemoração do casamento em Caná O dia estava lindo para um casamento. Maria só esperava que as condições meteorológicas durassem os sete dias de comemoração que se seguiriam. Ela estava feliz por poder afastar-se das atividades rotineiras de cuidar da casa e aguardava com grande expectativa o tempo extra que passaria com seu filho.

— Espero que a senhora não se importe se eu levar alguns amigos — Jesus pediu ao deixar seu trabalho na carpintaria.

— Claro que não, desde que eles se comportem bem e não criem constrangimento à família — ela disse em tom de brincadeira.

Jesus virou-se para Maria com um olhar que penetrou na alma de sua mãe:

— Aqueles homens também foram escolhidos.

Escolhidos. Aquela palavra novamente. E a sensação de normalidade começou a escorrer pelos dedos dela como areia.

Jesus era um homem forte e alto, com mais de 30 anos. Apesar de ter tido vislumbres da natureza divina do filho, Maria continuava a prender a respiração ao lembrar-se da profecia do anjo. As palavras “Filho do Altíssimo” e “seu Reino jamais terá fim” nunca lhe saíram da memória. Ela lembrou-se das histórias do batismo de Jesus. Deus disse: “Este é o meu Filho amado, em quem me agrado” (Mt 3.17). Maria apegou-se aos dias de normalidade o mais que podia; porém, sentia que em breve terminariam.

A noiva estava radiante e o noivo mostrava-se orgulhoso como um pavão que exibe suas penas coloridas. Os convidados apreciavam o bufê farto, a dança agradável e o vinho delicioso proporcionados pela festa de casamento. A alegria e o divertimento enchiam as salas de risos e bate-papos festivos. Não havia nada como um casamento para afastar o tédio do dia a dia.

O terceiro dia das festividades continuava em plena celebração quando Maria notou que o vinho estava acabando. A falta de vinho era uma enorme vergonha para o noivo. Maria tocou na manga de Jesus e, com um piscar de olhos, sussurrou: — O vinho acabou.

Jesus respondeu: — Mulher, o que nós temos em comum? Minha hora ainda não chegou.

Assim que as palavras saíram da boca de Jesus, ele sentiu um cutucão do Pai celestial — a deixa que ele aguardara a vida inteira. Numa fração de segundo, Deus permitiu que Maria fizesse um movimento com a mão, derrubasse a primeira peça de dominó e acendesse a chama. *Era chegada a hora*.

Maria virou-se para os serviçais nervosos ao lado dos potes de pedra com água, usados para a cerimônia da purificação. Com autoridade discreta, ela movimentou a cabeça em direção a seu filho.

— Façam tudo o que ele disser.

Jesus apontou para os seis jarros de água, cada um com capacidade para conter entre 80 e 120 litros.

— Encham os potes com água — ele instruiu.

Rapidamente, os serviçais arrastaram os pesados jarros de água até o poço atrás da casa e os encheram até a boca.

Assim que os trouxeram de volta a Jesus, ele prosseguiu.

— Agora tirem um pouco do conteúdo e levem-no ao encarregado da festa.

Continuando a seguir as instruções de Jesus, um dos serviçais enfiou uma concha no jarro e derramou um vinho tinto encorpado e aromático num cálice de prata. O homem não conseguia tirar os olhos do milagre que segurava nas mãos. Com um gesto de reverência, o serviçal entregou o cálice ao mestre de cerimônia.

— Samuel — o mestre de cerimônia gritou para o pátio inteiro ouvir — seu espertinho! Todo mundo oferece primeiro o vinho melhor, e o mais barato depois que todos os convidados já beberam bastante, mas você guardou o melhor até agora.

Os serviçais estavam boquiabertos.

Os amigos de Jesus estavam confusos.

Jesus estava pronto.

Maria estava paralisada diante do que acabara de acontecer. Seu tempo de tranquila normalidade terminara. O que viria a seguir, só Deus sabia.

Uma análise mais cuidadosa Esse foi o início do ministério de milagres de Jesus. Após trinta anos de espera, Deus sinalizou a Jesus que o tempo dos milagres começara. Bem no meio de um grupo de homens — Jesus, Pedro, André, Tiago, João, Filipe, Natanael e os serviçais que serviram o vinho — Deus deu um tapinha no ombro de Maria e escolheu-a para acender a chama. Vamos fazer uma análise mais cuidadosa.

> No terceiro dia houve um casamento em Caná da Galileia. A mãe de Jesus estava ali; Jesus e seus discípulos também haviam sido convidados para o casamento. Tendo acabado o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: “Eles não têm mais vinho”.
>
> João 2.1-3

Na Palestina do primeiro século, a comemoração dos casamentos durava cerca de sete dias. Esperava-se que os anfitriões recebessem os convidados com hospitalidade apropriada, e isso incluía vinho à vontade. A falta de vinho no meio da festa era uma grave ofensa e um enorme constrangimento social. E no terceiro dia da festa Maria notou que o vinho estava acabando.

Maria viu o problema e sabia onde buscar a solução.

> Respondeu Jesus: “Que temos nós em comum, mulher? A minha hora ainda não chegou”.
>
> João 2.4

Se meu filho me chamasse de “mulher”, eu tomaria isso como ofensa, mas esse não era o caso na época de Jesus. “Mulher” era uma forma educada de tratamento, e Jesus usou-a como palavra carinhosa.

Jesus respondeu que sua hora ainda hão havia chegado. No entanto, atendeu ao pedido de Maria. Será que Deus deu um tapinha no ombro de Jesus para assegurar-lhe que a hora *havia* realmente chegado? Parece que sim.

> Sua mãe disse aos serviçais: “Façam tudo o que ele lhes mandar”.
>
> João 2.5

Essas palavras passaram a ser o versículo de minha vida. Espero que também tenham sido entrelaçadas no tecido de sua vida. Elas foram o mote de Maria. O “aconteça comigo conforme a tua palavra” transformou-se em “façam tudo o que ele lhes mandar”. Maria não está falando apenas aos servos. Está falando a nós também. Você quer ser uma mulher libertada *de uma vida comum* e libertada *para cumprir um propósito extraordinário*? Então o caminho está claro: “Faça tudo o que ele lhe mandar”.

A obediência a Deus é a chave para abrir as portas da vida mais empolgante que podemos imaginar, mas isso não garante que viveremos sem sofrimento e luta.

Vamos avançar três anos no tempo e acompanhar Maria na última cena.

Ao pé da cruz Maria, provavelmente com mais de 40 anos de idade, assustou-se e deixou de lado a costura ao ouvir uma batida na porta. "Quem viria aqui a esta hora da noite?"

— João! — ela gritou ao entreabrir a porta. — O que você está fazendo aqui? Aconteceu alguma coisa com Jesus?

— Ah, Maria, não sei por onde começar — ele sussurrou enquanto lágrimas corriam por seu rosto angustiado.

— Entre, entre — Maria disse, passando o braço ao redor do amigo mais íntimo de Jesus. — Comece do começo.

— Bom, tivemos uma ótima ceia da Páscoa na quinta-feira, mas percebi que Jesus estava muito perturbado. Havia um ar diferente nele. Ele lavou nossos pés e disse que em breve nos deixaria. Alguma coisa que não sabíamos estava para acontecer. Pedro, claro, disse que o seguiria até a morte. Você sabe como Pedro gosta de se gabar.

— Sei, prossiga.

— Depois da ceia fomos ao jardim do Getsêmani. No caminho, Jesus conversou conosco, como se fosse um pai contando aos filhos um segredo de família antes de partir para a guerra. Ele estava muito inquieto e aborrecido com alguma coisa. Quando chegamos ao jardim, pediu que orássemos por ele enquanto se afastava para orar por si mesmo. Infelizmente, nós adormecemos mais de uma vez. Em determinado momento, ouvi de longe Jesus pedir a Deus que *afastasse dele aquele cálice*. Quando olhei, vi gotas de sangue escorrendo da testa de Jesus onde deveria haver suor. Eu ia perguntar a ele o que era aquilo, mas, de repente, um grupo de romanos irados chegou e o prendeu!

— Prenderam Jesus! Por quê?

— Não sei. Por alguma coisa parecida com blasfêmia. E adivinhe quem estava na frente do grupo. Judas. Nunca confiei naquele homem.

João prosseguiu contando a Maria sobre o julgamento, os açoites e a pena máxima de morte por crucificação.

Com firme determinação, ela olhou João nos olhos e disse: — Leve-me até ele.

Parece que Maria tentou salvar Jesus durante a vida inteira. Lembrou-se de quando ela e José fugiram para o Egito para livrar-se do decreto de Herodes de matar todos os meninos de Belém com menos de 2 anos. Lembrou-se do dia em que ela e seus outros filhos tentaram convencer Jesus a ir para casa quando ouviu boatos de que os fariseus estavam planejando matá-lo. E mais esta agora.

Maria lembrou-se das palavras de Simeão, o profeta no templo quando ela e José levaram o filho bebê para ser consagrado ao Senhor: "Este menino está destinado a causar a queda e o soerguimento de muitos em Israel, e a ser um sinal de contradição, de modo que o pensamento de muitos corações será revelado. Quanto a você, uma espada atravessará a sua alma" (Lc 2.34-35). Esta era a espada da qual Simeão falara, atravessando-lhe o coração com tal sofrimento que só uma mãe poderia entender.

Ao chegar à Via Dolorosa, Maria viu, horrorizada, seu filho primogênito sendo arrastado por uma multidão que zombava dele. Sua carne estava lanhada pelos açoites do chicote romano com ponta de metal, o corpo coberto de sangue seco e lama por ter caído sob o peso da cruz amarrada em suas costas. Sulcos vermelhos cobriam-lhe o rosto por causa da coroa de espinhos presa em sua testa.

Quando chegou ao lugar onde sua mãe se encontrava no meio da multidão, Jesus levantou a cabeça e seus olhares se cruzaram. Mil pensamentos passaram entre eles sem uma só palavra. Ela estava presente, como sempre esteve.

Mais tarde, enquanto estava pendurado na cruz, Jesus proferiu suas palavras de despedida.

— Mulher, aí está o seu filho — Jesus disse gemendo e fazendo um sinal afirmativo com a cabeça em direção a João.

E a João ele disse: — Aí está a sua mãe.

Mesmo em seus últimos suspiros, Jesus preocupou-se com aquela moça escolhida de Nazaré — sua mãe — Maria.

Uma análise mais cuidadosa Maria esteve presente o tempo todo. Esteve presente para ouvir o primeiro choro do bebê em Belém e para ouvir o último suspiro do Salvador no Calvário. Num ato de coragem, vamos acompanhá-la ao pé da cruz e fazer uma análise mais cuidadosa.

> Perto da cruz de Jesus estavam sua mãe, a irmã dela, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena.
>
> João 19.25

Não temos muitas informações a respeito de Maria ao pé da cruz, a não ser que ela estava lá — em pé abaixo de seu precioso filho, cuja carne fora rasgada, ensanguentado, fisicamente destruído. Ela ouviu o som das marteladas, viu o romano perfurar o lado de Jesus com uma lança, sentiu o esforço que o filho fazia para respirar. Enquanto o coração dele explodia, o coração dela doía. Durante seis horas ela o viu agonizar. Perfurado. Essa palavra descreve com perfeição aquele momento. A espada que permaneceu pendurada acima de sua cabeça durante 33 anos agora lhe perfurava o coração.

Deve ter parecido uma eternidade desde a sinfonia de anjos que anunciou seu nascimento. Agora, em brados horrendos, os acusadores lançavam insultos e acusações. “Crucifica-o!”, a turba selvagem exigia. “Ele salvou os outros, mas não pode salvar a si mesmo”, os anciãos e os líderes religiosos diziam com sarcasmo.

“Onde estão aqueles anjos agora?”, Maria deve ter pensado. Se pudesse penetrar na esfera espiritual, ela os teria encontrado pairando baixo, silenciosos em sua indumentária completa.

Às vezes é difícil imaginar a presença de Deus cercando-nos quando experimentamos tragédias em nossa vida. De uma forma ou outra, em nossa mente, essas duas coisas não parecem coexistir. É quase incompreensível a visão dos anjos apenas olhando enquanto meros seres humanos ridicularizavam e torturavam o Filho de Deus. Como agimos quando a vida não faz sentido? Nós lembramos.

Maria lembrou-se do anúncio de Gabriel.

Maria lembrou-se da saudação de Isabel.

Maria lembrou-se dos sonhos de José.

Maria lembrou-se da chegada dos pastores.

Maria lembrou-se dos presentes dos magos.

Maria lembrou-se da profecia de Simeão Maria lembrou-se das palavras de Ana.

Maria lembrou-se do menino de 12 anos na casa do Pai.

Maria lembrou-se da água transformada em vinho.

Maria lembrou-se dos milagres.

Maria lembrou-se dos ensinamentos.

Maria lembrou-se das curas.

Maria lembrou.

Após a visita dos pastores no estábulo naquela primeira noite de Natal, Lucas relata: “Maria, porém, guardava todas essas coisas e sobre elas refletia em seu coração” (Lc 2.19). Sem dúvida, os pensamentos dela voltaram àquele baú de memórias precioso para dar-lhe a tranquilidade de que tanto necessitava. Os eventos da vida de Jesus passaram-lhe pela mente como contas de um colar presas firmemente pelo nó da fé.

Amiga, é isso que precisamos fazer. A Bíblia diz que em Cristo “estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Cl 2.3).

Quando guardamos a Palavra de Deus como um tesouro no coração, da mesma forma que Maria fez, ela acalma as ondas de dúvida durante as tempestades da vida. A tempestade talvez não seja retirada, mas a Palavra de Deus nos ajudará a permanecer firmes quando as dificuldades nos jogarem de um lado para o outro.

> Quando Jesus viu sua mãe ali, e, perto dela, o discípulo a quem ele amava, disse à sua mãe: "Aí está o seu filho", e ao discípulo: "Aí está a sua mãe". Daquela hora em diante, o discípulo a recebeu em sua família.
>
> João 19.26-27

Jesus pensou em Maria até o fim. Algumas de suas últimas palavras na cruz foram dirigidas a ela. Mais uma vez Jesus tira Maria da multidão e a coloca no centro do palco. O holofote de Deus brilhou sobre aquela moça comum de Nazaré, e conhecemos sua fidelidade, sua determinação de obedecer pela última vez.

Maria não foi poupada do sofrimento e da vergonha por ter um filho executado como um criminoso comum, mas sua identidade não se assentou em sua função como mãe de um filho torturado. Jesus, seu Salvador, libertou-a da insignificância e colocou-a firmemente entre os discípulos que foram escolhidos para mudar o mundo.

Libertada de uma vida comum Maria. Quem ela era? Aparentemente uma adolescente insignificante de Nazaré que abriu a porta para todas as mulheres obedecerem a Deus com submissão total — a qualquer preço. "Que aconteça comigo conforme a tua palavra" passou a ser nosso grito de guerra.

Temos a tendência de pensar em Maria no Natal e na Páscoa, mas há um período inteiro de vida entre um e outro. Desde o berço até a cruz, Deus usou essa mulher para cuidar de seu Filho, encorajar seu Filho e sustentar seu Filho diante da morte. Ela começou conduzindo o filhinho pela mão e terminou sua jornada com ele conduzindo-a pelo coração.

A autora Carolyn Custis James descreveu Maria muito bem: Ela foi a primeira discípula de Jesus. Foi sua discípula desde o princípio — desde a adolescência. Foi ouvinte e praticante da Palavra de Deus. Diante de uma escolha difícil e onerosa, ela abriu o caminho de fé e coragem para todas as mulheres — jovens ou idosas — e demonstrou o poder de uma mulher que corre todos os riscos para promover o reino de Deus. [...] Ela é um exemplo para as adolescentes de hoje, um exemplo muito mais forte que muitas alternativas diante delas. Maria é um modelo para mulheres adultas como nós. Foi a primeira a crer no evangelho e a viver para ele. Foi a primeira a deixar tudo para seguir Jesus, a primeira a amá-lo e a cuidar dele, a primeira a ouvir suas palavras e guardá-las como um tesouro, a primeira a sofrer com ele. Por incrível que pareça, por um breve período Maria teve Jesus por inteiro para si. Foi sua primeira discípula.[2]

Deus não *precisou* de Maria para que Jesus viesse ao mundo. Ele criou Adão do pó da terra. Deus *escolheu* que seu Filho entraria neste mundo por meio do útero de uma mulher. Maria, porém, foi mais que uma incubadora do Filho de Deus. Dar à luz não foi seu único papel. Ela foi a primeira a crer. A primeira seguidora. A primeira discípula. A primeira a carregá-lo no colo. A primeira a chorar por ele. Maria foi o instrumento escolhido de Deus para estabelecer o ministério de Jesus quando disse: “Façam tudo o que ele lhes mandar”.

Maria era viúva e mãe de um filho assassinado. Teria sido fácil para ela voltar à insignificância diante de um destino cheio de sonhos desfeitos. Mas não é nessa posição que a vemos pela última vez. Na cena de despedida do grande drama de sua vida, vemos Maria com os discípulos aguardando o Espírito Santo prometido e sua próxima missão na vida. Maria sabia quem ela era. Era a filha escolhida de Deus, libertada para servir a um exército poderoso de cristãos e causar impacto no mundo com o evangelho.

Libertada para cumprir um propósito extraordinário

Encontramos Maria pela última vez em Atos dos Apóstolos. Após a ressurreição, Jesus dirigiu-se aos discípulos antes de subir ao céu para ocupar seu lugar à direita do Pai. Instruiu-os a aguardar o Espírito Santo prometido, assegurou-lhes que voltaria e encarregou-os de proclamar o evangelho até os confins da terra. A seguir, Jesus foi elevado às alturas diante dos olhos deles, e o grupo dirigiu-se a Jerusalém para aguardar (cf. At 1.1-14).

Quem, então, fazia parte desse grupo de discípulos comissionados que se reuniu no aposento alto para aguardar o Espírito Santo prometido? Pedro, João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago [filho de Alfeu], Simão, Judas [filho de Tiago], as mulheres, Maria, mãe de Jesus, e seus irmãos. Ei, espere um pouco! As mulheres? Sim, as mulheres. Saberemos mais sobre essas mulheres um pouco adiante. Maria? Sim, Maria. Os líderes religiosos formaram o "clube do Bolinha" durante muitos séculos. Agora, porém, um vento fresco soprou para mudar o cenário da nova ordem chamada Igreja. As últimas palavras de Jesus comissionaram tanto homens como mulheres para proclamar o evangelho até os confins da terra.

Maria, a mãe de Jesus, estava entre os discípulos. Ela foi uma discípula, uma aluna, uma seguidora. Foi comissionada com os outros para proclamar o evangelho em "Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra" (At 1.8). E mesmo que não mais encontremos essa mulher incrível nos escritos seguintes, podemos estar certas de que foi exatamente isso o que ela fez.

Maria fez parte das profecias coletivas de Joel: Nos últimos dias, diz Deus, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os jovens terão visões, os velhos terão sonhos. Sobre os *meus servos e as minhas* servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e eles profetizarão.

Atos 2.17-18 (cf. Jl 2.28-29) É preciso ter cuidado para não louvar e exaltar Maria. Jesus não o fez. Quando alguém numa multidão gritou: "Feliz é a mulher que te deu à luz e te amamentou", ele respondeu: "Felizes são aqueles que ouvem a palavra de Deus e lhe obedecem" (Lc 11.27-28).

Talvez o traço de caráter mais notável de Maria, aquele que podemos agarrar com as duas mãos e, então, voar com ele nas alturas, seja sua obediência radical. Desde o início, a resposta ao chamado de Deus para sua vida ressoa ao longo das eras: "Sou serva do Senhor; que aconteça comigo conforme a tua palavra" (Lc 1.38). Quando essa for a nossa resposta ao chamado de Deus, certamente conduziremos vidas extraordinárias e cheias de grandes proezas ao reino.

Sim, Deus escolheu Maria. Sim, Deus escolheu você. Ele nos libertou da insignificância, e o segredo para ter acesso a essa liberdade encontra-se nas palavras de Jesus: "Felizes são aqueles que ouvem a palavra de Deus e lhe obedecem" (Lc 11.28). É aí que está nossa importância.

Esse tipo de obediência parte de um relacionamento de confiança. Não é um fardo nem um "dever", mas uma alegria e um "querer". Não é obedecer simplesmente porque a Bíblia ordena, mas uma aventura, porque andamos de braços dados com Jesus e o seguimos para realizar um grande propósito. Esse é o lugar onde nossa água simples se transforma no encorpado vinho da vida.

Deus tem planos grandiosos para nós. "Olho nenhum viu, ouvido nenhum ouviu, mente nenhuma imaginou o que Deus preparou para aqueles que o amam" (1Co 2.9). Conforme Maria nos mostrou, Deus coloca a oferta diante de nós, mas não impinge seu plano a ninguém. Temos de optar e dizer "sim" a ele. Esse, minha amiga, é o segredo para ter vida plena.

Deus libertou Maria de uma vida comum e libertou-a para cumprir um propósito extraordinário. Chamou uma moça comum ao centro do palco, e ela se dispôs a dar um passo para ocupar seu lugar. Fico feliz por ela ter feito isso.

Feliz é aquela que creu que se cumprirá
aquilo que o Senhor lhe disse!
LUCAS 1.45

3

A seguidora destemida (Maria Madalena)

Libertada das trevas espirituais
Libertada para compartilhar a luz de Deus com o mundo

Ela era uma menina normal: corria alegremente pela casa, brincava com as cabras e enfiava o dedo na massa que a mãe colocava para crescer. Depois que o pai de Maria Madalena morreu, a mãe tentou fazer o melhor para criar a filha com os poucos recursos que o marido deixara. Mas quando a puberdade começou a vicejar, uma erva daninha venenosa começou a criar raízes na mente de Maria Madalena. A cada ano que passava, seu comportamento piorava.

Quase sempre ela era vista batendo a cabeça na parede de sua casa modesta, dirigindo maldições aos gritos a sombras invisíveis, arrastando-se como um animal no quintal da casa e cortando os braços com pedras afiadas. A mãe de Maria sentiu-se quase aliviada quando a jovem perturbada fugiu de casa para morar entre túmulos. "Agora não vou ter de lidar com a loucura dela", a mãe disse com um suspiro.

Maria Madalena era uma lunática possuída pelo demônio — indesejada, impura, intocável e inacessível. Mas tudo aquilo estava prestes a mudar.

— Pedro — Jesus disse enquanto conduzia o grupo de homens ao cemitério na periferia de Magdala — preciso parar aqui por um momento.

— Mas por quê? — João indagou. — Existe um túmulo de seus parentes que você gostaria de visitar?

— Não estou falando de um parente fisicamente morto, mas de uma irmã espiritualmente morta que necessita de mim.

Com expressão de perplexidade no rosto, os seguidores de Jesus sabiam que não deveriam questionar os planos de viagem dele. Parecia que ele tinha sempre uma prioridade que eles desconheciam.

Tão logo o grupo de discípulos se aproximou dos túmulos, uma mulher com roupas esfarrapadas e semidespida saiu repentinamente de trás de um arbusto.

— Nós sabemos quem você é — a mulher disse com voz sibilante. — É o Filho de Deus. O que quer conosco?

Os discípulos recuaram ao ver aquela louca malcheirosa, mas Jesus aproximou-se dela. Com certeza aquela não era a mulher que ele mencionara. Com um grito, Jesus dirigiu suas palavras à mulher, mas repreendeu os demônios dentro dela: "Venham para fora!".

A mulher caiu ao chão como se tivesse sofrido um ataque violento. Depois de alguns instantes de gritos pavorosos e palavras obscenas, ela ficou totalmente imóvel.

— Ela está morta? — Tiago perguntou.

— Não, meu amigo — Jesus respondeu. — Está mais viva que nunca.

Jesus ajoelhou-se ao lado dela, afastou-lhe os cabelos dos olhos e estendeu a mão.

— Maria, filha de Abraão, levante-se para uma nova vida.

Os discípulos arregalaram os olhos quando Maria se levantou mentalmente sã. A aparência de louca foi substituída por uma paz perfeita.

— Obrigada, obrigada — ela gritou, enquanto lágrimas de liberdade e alegria desciam por seu rosto outrora exposto às intempéries.

Jesus virou-se para cumprir sua próxima missão, mas em vez de permanecer parada em temor reverencial, Maria correu para segui-lo. Os discípulos esperavam que Jesus a mandasse embora e ficaram bastante surpresos quando ele fez exatamente o oposto e acenou para que ela o acompanhasse. Daquele dia em diante, ela permaneceu entre os discípulos para fazer o que fosse necessário para colaborar com o ministério de Jesus.

Uma análise mais cuidadosa Não sabemos muito a respeito do encontro de Maria Madalena com Jesus e sua libertação dos demônios. Uma análise mais cuidadosa de sua libertação permite-nos apenas examinar uma única frase. "Os Doze estavam com ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, de quem haviam saído sete demônios" (Lc 8.1-2).

A Bíblia nos oferece muitos exemplos de homens e mulheres possuídos por demônios. Eles caíam no fogo (cf. Mt 17.15), atiravam-se ao chão (Lc 4.35), tinham ataques (Mt 17.15), gritavam (Mc 5.5; Lc 4.33-34; 8.28), exibiam força descomunal (Lc 8.29; Mc 5.4) e espumavam pela boca (Lc 9.39). Alguns se cortavam com objetos afiados (Mc 5.5), andavam nus e viviam em sepulcros (Lc 8.27). Alguns eram cegos (Mt 12.22) e outros, mudos (Mt 12.22; Lc 11.14). Embora não saibamos as exatas manifestações que Maria Madalena exibia, imaginamos que ela tinha uma vida tenebrosa e confusa, controlada por demônios que a perseguiam dia e noite. Vamos examinar Maria mais de perto para conhecer sua vida em alguns poucos versículos de que dispomos.

> Depois disso Jesus ia passando pelas cidades e povoados proclamando as boas novas do Reino de Deus.
>
> Lucas 8.1

Depois do quê? Boa pergunta. Depois que iniciou seu ministério, Jesus foi batizado por seu primo João no rio Jordão, tentado por seu inimigo Satanás no deserto e capacitado pelo Espírito Santo para realizar milagres em centros urbanos e vilarejos. Jesus escolheu os doze discípulos, ressuscitou o filho de uma viúva e ensinou às multidões.

Jesus continuou suas viagens proclamando o evangelho, que de fato significa boas-novas. Falou às multidões das boas-novas de graça, arrependimento, perdão de pecados e da promessa da vida eterna. Explicou

as novas verdades espirituais com histórias do cotidiano, para que o povo entendesse.

> Os Doze estavam com ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, de quem haviam saído sete demônios; Joana, mulher de Cuza, administrador da casa de Herodes; Susana e muitas outras.
>
> Lucas 8.1-3

Em grande parte de minha vida visualizei Jesus viajando com seus doze discípulos. Afinal, não é essa a descrição nos livros da escola bíblica dominical? Foi apenas há pouco tempo que a paisagem em minha mente mudou drasticamente. Tive de montar um cavalete na mente e pintar um novo quadro numa nova tela. Jesus não viajou apenas com os doze homens. Lucas informa-nos que havia mulheres que também viajavam com ele: Maria Madalena, Joana, Susana e muitas outras.

"... e muitas outras." Eu me alegro com isso. Eram mulheres que haviam sido curadas, libertadas, salvas e a quem Jesus concedeu poder. Onde elas estiveram durante toda a minha vida? Estiveram presentes o tempo todo, mas, não sei por que, não tomei conhecimento da influência e do impacto que exerceram no ministério terreno de Jesus. Permiti que artistas do passado pintassem Jesus e sua comitiva em minha mente em vez de recorrer à Bíblia. Mas isso acabou.

Então, quem era Maria Madalena? De todas as mulheres da Bíblia, talvez ela esteja cercada de mais mistério, mais conjecturas e mais suposições que as outras. Não temos muitas informações, a não ser de onde ela era e como era antes de conhecer Jesus.

Oito em nove vezes na Bíblia, quando Maria Madalena é mencionada no grupo de outras mulheres, seu nome aparece em primeiro lugar. Naquela cultura, "a ordem dos nomes indicava a ordem de importância".[1] Mais de 50% das mulheres da Palestina na época de Jesus chamavam-se Maria ou

Salomé.[2] Existem muitas Marias, e é compreensível que tenham sido confundidas. Mas Maria Madalena "era claramente uma mulher de destaque, e não poderia ser confundida com qualquer outra Maria no Novo Testamento. Todos sabiam de que mulher alguém estava falando quando dizia 'Maria Madalena'".[3] Sabemos também que Maria era de Magdala, uma das nove cidades na costa oeste do mar da Galileia.[4] Localizava-se ao longo da antiga estrada de Nazaré a Damasco, não muito ao sul de Cafarnaum.[5] Embora seu nome não apareça nos mapas atuais, Magdala localizava-se no centro do ministério de Jesus.

Ao longo da História, a identidade de Maria Madalena confundiu-se com a de outras mulheres no Novo Testamento. Alguns sugerem que ela foi a pecadora que ungiu os pés de Jesus no jantar na casa do fariseu (cf. Lc 7.37). Lucas, porém, relata a história da mulher que ungiu os pés de Jesus no capítulo 7 e depois menciona Maria Madalena pela primeira vez no capítulo 8. Em nenhum lugar Maria Madalena é mencionada como "mulher pecadora". Ela era simplesmente uma mulher de quem Jesus havia expulsado sete demônios. Essas duas mulheres são totalmente diferentes, não importa o que os pintores renascentistas tenham retratado.

Alguns chegaram a sugerir que Maria Madalena foi a mulher surpreendida em adultério, mas não sei quantos homens sentiriam atração por uma mulher possuída por sete demônios, principalmente depois do que soubemos das manifestações típicas de outras entidades demoníacas. Não lemos em nenhum lugar do Novo Testamento que Jesus libertou alguém de demônios e depois disse: "Os seus pecados estão perdoados". Em nenhum lugar Jesus usa a palavra "pecador" para descrever alguém possuído por demônios. Outra pista de que essas duas mulheres não são as mesmas encontra-se nas palavras finais de Jesus à mulher surpreendida em adultério. Sua última ordem foi "vá em paz" (Lc 7.50), não "venha e siga-me".

Em *O Código Da Vinci*, o romancista Dan Brown sugere que Maria Madalena era casada com Jesus e que eles tiveram um filho juntos. O fio da

história de Brown alega que o "apóstolo amado" na obra-prima de Leonardo da Vinci, *A última ceia*, era Maria Madalena, não o apóstolo João. Amiga, Jesus não se casou nem teve filhos. Uma informação importante como essa não teria sido omitida das Escrituras.

Lamentavelmente, durante muitos anos a arte foi "a Bíblia dos analfabetos"[6] e por causa dela muitos mitos acerca de Maria Madalena transcorreram os séculos. Você não se sente feliz por viver numa época em que podemos segurar a Bíblia nas mãos e aprender a verdade de Deus diretamente dele?

O que sabemos é isto: Maria Madalena foi uma mulher possuída e controlada por sete demônios, mas, a certa altura da vida, ela teve um encontro com Jesus, que a libertou das garras de Satanás e a colocou nas mãos de Deus. Daquele ponto em diante, creio que a missão de Maria foi fazer o possível para servir a seu Salvador, Senhor, Médico, Redentor e Mestre. E como ela fez isso?

> Essas mulheres ajudavam a sustentá-los com os seus bens.
>
> Lucas 8.3

Assim como a maioria de nós, tenho a sensação de que Maria e as outras mulheres fizeram o que precisavam fazer. Viram a necessidade e a supriram. Apoiaram Jesus e seu ministério em termos financeiros, pessoais e espirituais. A palavra "ajudar" origina-se do grego *diaokinos*, às vezes traduzida por "ministrar". É daí que vem a palavra "diácono" ou "diaconisa".

A expressão "com seus bens" também é traduzida por "seus recursos" (NBV) e "suas fazendas" (RC). Não sabemos de onde aquelas mulheres obtinham seus ganhos, apenas que eram mulheres de recursos e generosas.

Elas também se sentavam aos pés de Jesus quando ele ensinava; não se importavam com os limites culturais e religiosos criados pelos homens, que proibiam as mulheres de ser doutrinadas por um rabino. Quando se encontrou com o Jesus ressurreto ao lado do sepulcro vazio, Maria

Madalena dirigiu-se a ele como Mestre. Ela não o chamou de Médico, Provedor ou Governador. Jesus era tudo isso e muito mais; porém, a primeira reação dela foi dirigir-s a ele da maneira como o conhecia melhor — ele era seu mestre.

Parece que aquelas mulheres estavam dispostas a contrariar as normas sociais para servir a Jesus da mesma forma que Jesus estava disposto a ultrapassar os limites de gênero para convidá-las. Fico feliz por elas terem dito "sim". E quanto a Maria Madalena, sua missão mais importante ainda estava por vir.

No terceiro dia Em questão de três anos, Jesus virou o mundo de cabeça para baixo. Seus seguidores tinham grandes expectativas em relação ao estabelecimento de seu reino na terra. E apesar de Jesus ter tentado prepará-los, eles foram pegos completamente desprevenidos quanto à sua prisão e crucificação. Quando o corpo de Jesus foi colocado no sepulcro cuja entrada era fechada com uma pedra enorme, os discípulos viram suas esperanças e sonhos desaparecerem. Maria estava entre aqueles cujos sonhos foram dispersos ao pé da cruz. Mal sabia ela que o melhor ainda estava por vir. Vamos acompanhá-la na madrugada daquele domingo de tantos anos atrás.

Ainda estava escuro quando Maria se levantou após outra noite sem dormir, agitada e virando na cama de um lado para o outro. Os eventos terríveis da crucificação na sexta-feira não lhe saíam da mente. Em questão de horas, sua vida havia virado de ponta-cabeça. Suas esperanças e sonhos escorreram com cada gota do sangue precioso de Jesus. Quando ele disse as palavras: "Está consumado!", ela sentiu o mesmo em relação à sua vida.

Maria havia posto todas as suas esperanças e sonhos em Jesus. Ele lhe dera uma mente nova, um propósito novo e uma vida nova. Mas depois que ele morreu, as correntes do passado tilintavam nos bastidores. O medo batia à

sua porta. Ela voltaria à condição anterior? Os demônios retornariam? O que ela faria?

"Não acredito que isso tenha acontecido", ela disse em voz alta a si mesma, andando de um lado para o outro no piso duro. "O que vou fazer sem ele?" Então, como o sol nascente, um pensamento surgiu em sua mente triste. De repente, Maria sabia o que tinha de fazer. Um impulso inexplicável levou-a a pegar a caixa de especiarias na prateleira da cozinha e sair de casa. "Preciso ir até onde ele está", ela murmurou. Maria uniu-se a outra Maria, mãe de Tiago, a Joana e a Salomé, e as quatro seguiram para o sepulcro antes que o primeiro raio de sol riscasse o céu.

A névoa da madrugada pairava no jardim que cercava o sepulcro onde o corpo de Jesus havia sido sepultado dias antes.

— Maria — Salomé perguntou — quem vai rolar a pedra da entrada para termos acesso ao corpo de Jesus?

— Não sei, Salomé. Vamos nos preocupar com isso quando chegarmos lá.

Abatidas e arrasadas, as mulheres caminharam com grande tristeza, chorando a morte de seu amado Salvador e Senhor. "Por quê?", Maria gritou por dentro. "Por que Deus permitiu que aquilo acontecesse?"

Ao aproximar-se do sepulcro, as mulheres perceberam que havia algo errado. Nenhum guarda e, mais importante, nenhuma pedra. Maria correu até a entrada do sepulcro aberto e olhou lá dentro. Vazio. Ela caiu ao chão, quase desfalecida. "Quem teria feito tal coisa? Não bastaram as torturas, os açoites e a crucificação impostos a um inocente? Por que roubaram o corpo dele?" As outras mulheres se abraçaram, chorando de desespero.

— Preciso contar aos outros — Maria disse, enxugando as lágrimas e partindo em disparada para relatar o acontecimento aos discípulos.

— Levaram o corpo dele! — Maria gritou, sem fôlego, ao irromper na sala onde alguns discípulos estavam escondidos. — O corpo dele sumiu!

Sem fazer nenhuma pergunta, Pedro levantou-se num salto e saiu da sala. João, muito mais jovem e mais ágil que ele, acompanhou-o a curta distância

até ultrapassar o amigo mais velho.

— Ele não está aqui — João sussurrou ao olhar pela abertura da caverna. — O corpo dele desapareceu.

Instantes depois, Pedro chegou, sem fôlego. Em vez de parar na entrada, correu para dentro.

— Veja — João disse ao amigo esbaforido. — Ali no canto.

Um raio de sol atravessou a escuridão, chamando-lhes a atenção para as roupas com as quais Jesus havia sido sepultado. As faixas de linho que cobriram a cabeça de Jesus estavam agora bem dobradas num canto.

— O que aconteceu aqui? O que isto significa? — os dois se perguntaram.

Pedro e João voltaram para contar o acontecido aos outros discípulos. Maria Madalena ficou para trás. Soluços profundos e guturais de lamento atravessaram o lugar silencioso quando ela se ajoelhou ao lado do sepulcro vazio. De repente, um raio de luz chamou-lhe a atenção. Ali, no lugar onde o corpo de Jesus fora colocado, havia dois anjos vestidos de branco.

— Mulher, por que você está chorando? — um dos anjos perguntou.

— Levaram meu mestre embora — Maria respondeu entre lágrimas. — Não sei para onde o levaram.

Ao ouvir um farfalhar no arbusto de murta atrás de si, Maria virou a cabeça. Havia alguém no jardim com ela.

— Mulher, por que você está chorando? — o homem perguntou.

Pensando que fosse o jardineiro, ela prosseguiu, com voz de choro: — Se o senhor sabe para onde levaram Jesus, poderia me dizer, para que eu cuide dele?

Então, Jesus disse uma só palavra: — Maria.

Ao ouvir seu nome, Maria reconheceu o Senhor ressurreto e deu um salto.

— Rabôni! — ela gritou. Aquele que a doutrinara, que a instruíra, que a amara estava vivo!

Maria ajoelhou-se para agarrar os pés de Jesus com uma mistura de lágrimas e riso. Havia tanta coisa que ela queria dizer, perguntar. Mas as

palavras se perderam na emoção.

— Você não pode me segurar — Jesus disse mansamente — porque eu ainda não voltei para o Pai. Por favor, vá a meus irmãos e diga-lhes: “Estou voltando em breve para o nosso Pai e Deus”.

Com um sorriso de fazer inveja ao sol nascente, Maria virou-se e correu para contar a boa notícia aos outros. Jesus ressuscitara, conforme havia dito.

— Eu o vi! Eu vi o Senhor!

Uma análise mais cuidadosa Jesus sabia o que aconteceria. Tentou avisar os discípulos. A morte agigantava-se no ar com ondas sanguinárias em torno do Filho de Deus. Os discípulos, porém, não entenderam a iminência da crucificação de Jesus e, certamente, não compreenderam a promessa da ressurreição. Maria Madalena também não compreendeu. No entanto, ela esteve presente até o fim... e no novo começo para todas nós.

Após a prisão de Jesus, os onze espalharam-se como camundongos quando alguém acende a luz. Mas Maria Madalena não. Ela viu, horrorizada, o corpo de Jesus surrado e depois despido, pregado na impiedosa cruz romana e exibido diante da multidão aparvalhada. Permaneceu perto quando o precioso sangue de Jesus pingou de sua testa, onde foi colocada uma coroa de espinhos, e caiu no solo maldito. Maria viu de perto o corpo sem vida ser baixado da cruz e acompanhou em silêncio quando o colocaram no túmulo emprestado. Não temos histórias de Maria Madalena fugindo das autoridades, escondendo-se atrás de portas trancadas ou negando sua ligação com Jesus aos espectadores curiosos. Não é maravilhoso saber que Jesus escolheu essa discípula leal para ser a primeira a vê-lo em sua forma ressurreta?

A ressurreição de Jesus foi o eixo central de toda a História, e, mesmo assim, ele esperou até que Pedro e João saíssem do sepulcro vazio para tornar presença conhecida a uma mulher sozinha. Jesus estava no centro do

palco e estendeu a mão a Maria Madalena para que ela visse de perto o evento mais importante da História.

> Perto da cruz de Jesus estavam sua mãe, a irmã dela, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena.
>
> João 19.25

Embora a maioria dos discípulos tenha se dispersado de medo durante a prisão e crucificação de Jesus, Maria Madalena, com as outras mulheres líderes, permaneceu perto da cruz até o fim. Elas ouviram os gemidos baixos de Jesus em sofrimento, viram o sangue escorrer no chão e ouviram a última batida de seu coração partido.

> Então José comprou um lençol de linho, baixou o corpo da cruz, envolveu-o no lençol e o colocou num sepulcro cavado na rocha. Depois, fez rolar uma pedra sobre a entrada do sepulcro. Maria Madalena e Maria, mãe de José, viram onde ele fora colocado.
>
> Marcos 15.46-47

Enquanto a multidão de observadores e pranteadores abandonava a cena, duas pessoas permaneceram: Maria, mãe de José, e Maria Madalena.

Elas estavam presentes quando dois homens, José de Arimateia e Nicodemos, baixaram o corpo da cruz, prepararam-no para o sepultamento e o colocaram no sepulcro do jardim.

> Quando terminou o sábado, Maria Madalena, Salomé e Maria, mãe de Tiago, compraram especiarias aromáticas para ungir o corpo de Jesus. No primeiro dia da semana, bem cedo, ao nascer do sol, elas se dirigiram ao sepulcro, perguntando umas às outras: “Quem removerá para nós a pedra da entrada do sepulcro?”.
>
> Marcos 16.1-3

As mulheres “estavam preocupadas” (AM), querendo saber como iam remover a pedra da entrada do sepulcro. Não era tarefa fácil. A câmara

mortuária estava “selada com uma pedra, cortada em formato de disco, que foi rolada até uma abertura cavada na rocha. A abertura estava em plano inclinado descendente, facilitando a selagem do sepulcro, mas dificultando a movimentação da pedra: seriam necessários vários homens para rolá-la”.[7]

> Mas, quando foram verificar, viram que a pedra, que era muito grande, havia sido removida. Entrando no sepulcro, viram um homem vestido de roupas brancas assentado à direita, e ficaram amedrontadas. “Não tenham medo”, disse ele. “Vocês estão procurando Jesus, o Nazareno, que foi crucificado. Ele ressuscitou! Não está aqui. Vejam o lugar onde o haviam posto. Vão e digam aos discípulos dele e a Pedro: Ele está indo adiante de vocês para a Galileia. Lá vocês o verão, como ele lhes disse.”
>
> Marcos 16.4-7

João fornece mais detalhes acerca do que aconteceu em seguida. As mulheres realmente contaram aos discípulos o que viram. Mateus relata que elas “saíram depressa do sepulcro, amedrontadas e cheias de alegria” (28.8). Outra versão diz: “tomadas de medo e grande alegria” (RA). Posso visualizar nossas irmãs — rindo e chorando, aliviadas e apreensivas, correndo e saltitando. Finalmente, chegaram ao local onde os homens se encontravam e deram a notícia em alta voz!

Pedro e João correram ao sepulcro e constataram o que as mulheres haviam dito — vazio. João diz que “viu e creu” (20.8). No entanto, falta à frase o complemento, por isso não sabemos *em que* ele creu. A frase seguinte nos dá uma pista: “eles ainda não haviam compreendido que, conforme a Escritura, era necessário que Jesus ressuscitasse dos mortos” (v. 9). Então, em que João creu? Ele creu que o sepulcro estava vazio. O teólogo Matthew Henry escreveu: “Podemos apenas nos surpreender com a imbecilidade daqueles discípulos”.[8] Não fui eu que disse isso. Foi o sr. Henry.

Bem, Pedro e João “voltaram para casa” (v. 10), outra prova de que os discípulos não acreditaram nas palavras de Maria de que Jesus havia

ressuscitado. Se tivessem acreditado nela, estariam comemorando e procurando-o em vez de voltar para casa, derrotados.

> Maria, porém, ficou à entrada do sepulcro, chorando.
>
> João 20.11

Embora os homens tivessem voltado para casa, Maria Madalena continuou à beira do sepulcro vazio, chorando. A autora Liz Higgs descreve a angústia de Maria: Todas as viúvas entre nós entendem o sentido dessa perda total. As horas vazias intermináveis, a sensação de falta de propósito, as perguntas não respondidas, o trabalho inacabado, os anseios que ameaçam nos reduzir a pó. O coração de Maria Madalena com certeza sentiu-se tão vazio e escancarado como o túmulo vazio diante dela. Seu sofrimento banhado por lágrimas era como a fragrância fraca da murta, recendendo no ar com tristeza.[9]

> Enquanto chorava, [Maria] curvou-se para olhar dentro do sepulcro e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira e o outro aos pés.
>
> João 20.11-12

Maria viu os dois anjos na mesma posição que os anjos na arca da aliança — um à cabeceira, e o outro aos pés. Gostaria de saber se ela traçou um paralelo com a arca, que era uma sombra da realidade que estava vendo naquele dia. E, apesar de ter ouvido a voz dos anjos diante dela, havia outra voz vinda de trás que agita nosso coração: Disse ele: "Mulher, por que está chorando? Quem você está procurando?" Pensando que fosse o jardineiro, ela disse: "Se o senhor o levou embora, diga-me onde o colocou, e eu o levarei". Jesus lhe disse: "Maria!".

João 20.15-16

Meu coração palpita todas as vezes que leio essas palavras. Vejo-me chorando com Maria quando ela se ajoelha derramando de sua alma uma

tristeza angustiante. Todos os seus sonhos — despedaçados. Morreram com Jesus na cruz e foram selados no sepulcro frio e escuro. Da mesma forma que uma onda arrebatadora, o sepulcro vazio apagou os três anos mais importantes da vida dela. E, de repente, tudo mudou com uma palavra: “Maria”.

Assim que ele proferiu seu nome, Maria viu que era Jesus.

Jesus havia ensinado antes: “Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem [...]. As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem” (Jo 10.14,27). Quando o Pastor disse seu nome, aquela cordeira preciosa reconheceu-o imediatamente.

E qual foi a primeira palavra que o Salvador ressurreto disse? “Mulher.” Você não acha isso maravilhoso? Jesus veio para libertar as mulheres da opressão religiosa e social da época. Ele honrou as mulheres. Respeitou as mulheres. Estabeleceu as mulheres. Suas primeiras palavras após a ressurreição foram dirigidas a uma de nós —, e em certo sentido, a *todas* nós.

> Então, voltando-se para ele, Maria exclamou em aramaico: “Rabôni!” (que significa “Mestre!”). Jesus disse: “Não me segure, pois ainda não voltei para o Pai. Vá, porém, a meus irmãos e diga-lhes: Estou voltando para meu Pai e Pai de vocês, para meu Deus e Deus de vocês”.
>
> João 20.16-17

O que Maria fez ao ver que Jesus estava vivo? A mesma coisa que eu faria se visse uma pessoa querida, considerada morta, aparecer de repente. Eu a seguraria com força e me penduraria nela desesperadamente! A palavra grega para “segurar” significa, de fato, “apertar ou agarrar”.[10] Uma versão diz: “Não me detenhas” (RA). “Além de precisar soltar a mão das roupas dele, ela precisava deixar para trás sua antiga definição de quem Jesus era. Seu amigo e mestre se transformara repentinamente em algo muito maior que um homem justo vinculado ao lugar e ao tempo em que ela vivia.

Agora, ele era o Salvador ressurreto para toda a humanidade, para sempre".[11]

Maria precisava soltar a mão das roupas de Jesus porque ele a estava enviando a uma missão especial. Havia lugares para ela ir e pessoas para ver! "Da mesma forma que escolheu Maria de Belém para trazer ao mundo o bebê Jesus, Deus também escolheu Maria Madalena para trazer ao mundo a notícia do Cristo ressurreto."[12]

> Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos: "Eu vi o Senhor!" E contou o que ele lhe dissera.
>
> João 20.18

Os quatro evangelhos concordam que Maria foi a primeira a testemunhar a ressurreição e a primeira a dar a notícia. Pedro e João eram os dois amigos mais chegados de Jesus. Em seu evangelho, João refere-se a ele próprio como "aquele a quem Jesus amava" (20.2). Apesar disso, quando Pedro e João chegaram ao sepulcro vazio, Jesus manteve-se em silêncio. Aguardou até que eles partissem e Maria Madalena estivesse sozinha.

Por quê? Desconheço todos os motivos pelos quais ele fez aquilo. Só sei que ele fez. Durante uma época na História em que as mulheres não tinham permissão para testemunhar num tribunal, em que eram consideradas testemunhas não confiáveis, Jesus designou Maria Madalena para ser a primeira testemunha ocular do evento mais importante de toda a História. Uma mulher!

Maria é quase sempre referida como a "discípula para os discípulos" ou, como Agostinho a descreveu, a "apóstola dos apóstolos". Além de ser a primeira a testemunhar a ressurreição de Jesus, ela foi a primeira a anunciá-la. O fato em si é prova da autenticidade da ressurreição de Jesus. Nenhum líder religioso da época de Jesus ousaria apresentar uma história em que Jesus aparece primeiro a uma mulher. Se fosse inventada, os autores certamente teriam escolhido um homem.

Libertada das trevas espirituais Embora a maioria de nós provavelmente não tenha vivido uma treva espiritual tão grande quanto a de nossa irmã Maria Madalena, todas nós passamos por essa experiência até certo ponto. A Bíblia diz que, antes de aceitarmos Cristo, vivíamos nas trevas (cf. 1Pe 2.9). Além de viver nas trevas, *éramos* trevas. Paulo escreveu: "Porque outrora vocês eram trevas, mas agora são luz no Senhor" (Ef 5.8).

À semelhança de Maria Madalena, nós fomos libertadas das trevas espirituais. "Pois ele nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado" (Cl 1.13). Temos muito mais pontos em comum com nossa irmã Maria Madalena do que pensávamos.

Na maioria dos casos, homens e mulheres com doenças físicas recorriam a Jesus. Eles viajaram quilômetros, fizeram aberturas em telhados, agarraram suas roupas e caíram a seus pés implorando por cura. Porém, quando se tratava de pessoas possuídas por demônios, Jesus ia até elas ou até um parente que vinha lhe implorar ajuda. Podemos assegurar que Jesus foi até Maria Madalena. Um dia, ela fez parte da missão de Jesus. Deus havia escrito o nome dela na agenda celestial de Jesus. "Muito antes de ouvirmos falar de Cristo [...], ele já pensava em nos dar uma vida gloriosa, que é parte do que está por vir, que é parte do propósito geral que ele está executando em tudo e em todos" (Ef 1.11-12, AM).

Deus tinha um plano para Maria Madalena, e o inimigo não conseguiu detê-lo por mais que tivesse tentado. Ela não estava à procura de Jesus, mas "o braço forte de Jesus alcançou a escuridão ao redor de Maria e puxou-a para um lugar seguro".[13] Ele libertou-a das trevas espirituais, restaurou-lhe a dignidade e deu-lhe um lugar em seu grupo pessoal de ministério.

Libertada para compartilhar a luz de Deus com o mundo Sejam quais forem as suposições em torno do nome de Maria Madalena, os fatos mostram que ela foi uma das mulheres mais importantes do Novo Testamento. Desfrutou um relacionamento pessoal e

contínuo com Jesus. Enquanto a maioria das mulheres teve um encontro com Jesus que lhes mudou a vida, Maria teve um encontro e também um relacionamento face a face que continuou até depois da morte de Jesus e de sua ressurreição ao Pai. Ela exerceu um papel significativo na vida e no ministério de Jesus e, mesmo assim, temos apenas alguns vislumbres do ministério e da liderança dela entre os discípulos. Essa mulher, que foi possuída por demônios, tornou-se uma discípula de Jesus que viajou com ele e com os doze escolhidos.

Por quê? Não sei ao certo. Se tivesse de fazer uma lista de possibilidades, eu faria o que os escritores têm feito há séculos e enlamearia um pouco mais a água. O que sabemos com certeza é que Jesus permitiu (seria melhor dizer convidou) que Maria Madalena o acompanhasse com seus discípulos. Os relatos dos quatro evangelhos incluem Maria Madalena com os seguidores mais fiéis de Jesus, e ela está presente em alguns pontos mais cruciais da História.

Naquela época, um rabino judeu jamais teria concordado com a presença de uma mulher viajando com um grupo de homens. No entanto, vemos Jesus, o Libertador, incluindo Maria Madalena em seu grupo ministerial.

Quando Deus disse em Gênesis 2.18: "Não é bom que o homem esteja só", ele quis dizer: "Não é bom que o homem esteja só". Será que Jesus estava ensinando aos discípulos o valor da colaboração das mulheres numa época em que elas eram separadas e excluídas de qualquer mérito religioso? A Igreja não foi criada para ser uma instituição só de homens, mas uma mistura dos portadores da imagem de Deus, homens e mulheres, trabalhando juntos para proclamar o evangelho e edificar o Corpo de Cristo. Jesus, nosso maior exemplo, estava lhes mostrando como fazer isso.

Jesus desprezou as normas culturais que tratavam as mulheres como criaturas de segunda classe, inferiores. As mulheres que antes viviam

mantidas presas dentro de casa agora se encontravam do lado de fora, numa missão radical para mudar o mundo.

Jesus veio para libertar as mulheres. Libertar de e libertar para. Libertou Maria Madalena de sete demônios e libertou-a para ser parte essencial de seu grupo ministerial. Ela é um exemplo extraordinário de que nosso passado não determina nosso futuro.

Espero que você esteja se vendo pelos olhos de Jesus. Espero que esteja vendo seu potencial para impactar com o evangelho a região em que você vive. Espero que esteja saboreando o significado incrível que você tem como filha de Deus e embaixadora de Cristo.

As mulheres na Igreja têm sido muito tímidas na visão que têm do ministério. Sentem-se inseguras, sem saber o lugar delas. Embora a maioria concorde que Deus concede dons espirituais a todas as pessoas consagradas a ele, as mulheres quase sempre não têm certeza de como esses dons devem ser usados. Será que Deus concedeu às mulheres o dom de ensinar? Claro. Mesmo assim, algumas acham que só podem ensinar a um grupo específico, de 1 metro de altura para baixo.

Sei que estou causando um pouco de rebuliço. Jesus também fez isso. Sou muito grata pelas poucas mulheres corajosas que se aventuraram a sair de sua zona de conforto para aceitar o chamado de Deus para a vida delas.

Amy Carmichael deixou o refúgio seguro da Europa e viajou à Índia para abrir orfanatos para garotas violentadas sexualmente.[14] No início do século 20, havia quarenta organizações missionárias dirigidas por mulheres.[15] Maria, mulher de Hudson Taylor, dirigiu grupos de missionárias no interior da China em longas jornadas de pregação, aonde nenhum ocidental havia chegado.[16] Lottie Moon, talvez uma das missionárias batistas mais famosas, treinou pastores nativos no norte da China no final do século 19 e foi extremamente bem-sucedida na evangelização e na implantação de igrejas.[17] E essas são apenas algumas. Que orgulho eu sinto de minhas irmãs que responderam ao chamado de Jesus para participar de seu grupo ministerial!

Jesus quebrou os grilhões que mantinham as mulheres presas. O carpinteiro de Nazaré demoliu os muros culturalmente construídos e abriu portas para as mulheres atravessarem. Deu-lhes missões mais amplas no ministério e confirmou-as como líderes. Tirou-as da função de ajudantes de teatro e colocou-as no centro do palco para assumirem papéis de liderança.

Maria Madalena vivia isolada das pessoas normais, mas agora estava novamente integrada à sociedade. Vivia como pária, condenada ao ostracismo, mas agora era a testemunha principal do evento mais importante da História. Vivia rejeitada pela sociedade, mas agora era reconhecida por Deus. Vivia desprezada por seus conterrâneos, mas agora estava incorporada à própria essência do ministério de Jesus no mundo. Era um conduíte espiritual para o mal, mas agora se tornara uma fonte de influência espiritual para o bem. Era considerada perdedora, mas agora se transformara numa líder extraordinária.

Curiosamente, "Magdala" deriva da palavra hebraica *migdol*, que significa "torre ou torre de vigia".[18] Que lindas palavras para descrever nossa amada irmã, porque ela foi realmente a torre de vigia que localizou em primeiro lugar o Jesus ressurreto e proclamou a notícia a todos os que quisessem ouvir.

Naquela primeira manhã da Páscoa, quando Deus rolou a pedra, ele não fez aquilo apenas para permitir que Jesus saísse, mas para permitir que as mulheres entrassem. Ele continua a rolar as pedras para permitir que entremos em lugares que jamais imaginamos ser possível, ver milagres que jamais imaginamos ser realizados e ministrar a pessoas que jamais imaginamos ser alcançadas.

E, amiga, esta é a boa notícia: Jesus aproxima-se de cada uma de nós em nossa treva particular e nos leva para sua luz. No jardim, Jesus concedeu a Maria a autoridade e a ordem para ir e contar a boa notícia de sua ressurreição. Ele nos dá a mesma autoridade para ir e falar sobre o evento mais importante de toda a História. "Eu vi o Senhor!".

Assim diz o SENHOR*: "No tempo favorável*
eu lhe responderei, e no dia da salvação
eu o ajudarei [...] *para dizer aos cativos: Saiam,*
e àqueles que estão nas trevas: Apareçam!".
Isaías 49.8-9

4

A crente e corajosa mulher com doença crônica
Libertada da desesperança
Libertada para compartilhar a esperança que surgiu dentro dela

“Acabado. Tudo acabado.”

Durante doze longos anos, ela conviveu com uma hemorragia. Mais de 4.380 dias. Lídia consultou médicos e mais médicos para estancar o sangramento, mas, à medida que os anos se passavam, sua condição só piorava. Cada dia era um lembrete do vazio que ela sentia enquanto a própria vida abandonava seu corpo.

“Perdi minha família, meus amigos, minha energia, e agora todo o meu dinheiro. Minha condição de mulher, a capacidade de gerar e amamentar uma criança no peito, abandona meu corpo e me transforma num deserto árido. E a dor? As cólicas constantes dão a sensação de que meu útero está sendo pressionado por mãos invisíveis.

“Impura” é o que os sacerdotes dizem que sou. Ninguém deve tocar em mim, a não ser que esteja disposto a passar por um processo de purificação. A casa onde moro, a cadeira onde sento, os utensílios que uso para cozinhar — tudo formalmente impuro. Ah, como anseio por um toque humano. Um abraço. Um beijo. Um tapinha nas costas. O rosto de um bebê junto ao meu.

“Oh, Deus”, Lídia orou. “Não há nada mais para eu fazer. Tentei tudo. Só um milagre me libertará desta vida de isolamento.”

Do alto, Deus sorriu para aquela filha de Abraão e notou que o nome dela constava da agenda celestial de Jesus. Hoje era o dia.

Sentada completamente sozinha no quarto escuro, ela ouviu um tumulto do lado de fora da janela.

— É Jesus —, alguém gritou. — Jesus está chegando!

"Jesus. Talvez ele possa me curar. Sei que não devo sair em público. E com certeza não posso conversar com esse homem nem com qualquer outro na rua. O que posso fazer?"

Rapidamente, ela imaginou um plano. Enrolou um véu em torno do rosto, com abertura suficiente para poder enxergar o que se passava. Saiu sorrateiramente de casa e misturou-se à multidão tentando ter um vislumbre do mestre aclamado que tinha o poder de curar. Reunindo toda a coragem possível, ela abriu caminho no meio do povo, na esperança de chegar perto o suficiente para tocar na barra de seu manto.

— Jesus! — um homem gritou no meio da multidão. Como se o mar estivesse sendo dividido ao meio, o povo abriu caminho para um dos dirigentes da sinagoga passar. Todos conheciam Jairo. Ele era importante.

Jesus virou-se no momento em que Jairo se ajoelhou aos seus pés, implorando: — Minha filhinha está morrendo — ele começou a dizer. — Vem, por favor, e impõe as mãos sobre ela, para que seja curada e viva.

A mulher viu quando Jesus estendeu a mão àquele pai aflito. Cheio de misericórdia, Jesus ajudou-o a levantar-se e, aparentemente, desviou-se do caminho para acompanhá-lo. Foi então que ela fez uma tentativa.

Com toda a coragem que conseguiu reunir, Lídia começou a dizer a si mesma. "Se eu conseguir tocar nas roupas dele, serei curada. Sei disso. Só sei que sei. Não posso perder esta oportunidade." Apesar de sua insegurança, ela estava confiante nele. A fé sobrepujou o medo, e ela foi em frente.

Da mesma forma que um corredor tenta alcançar a linha de chegada, a mulher atravessou a multidão e esbarrou os dedos na barra do manto de

Jesus. No mesmo instante em que, pela fé, ela esticou o braço para tocar em Jesus, o poder terapêutico de Deus veio do alto para tocar nela. Imediatamente, a mulher sentiu uma onda de poder inundar-lhe o corpo, e a hemorragia cessou.

Ela sabia. Ela sentiu. A hemorragia cessou... e Jesus parou.

— Quem tocou em meu manto? — ele perguntou.

A mulher manteve o olhar fixo no chão enquanto um turbilhão de pensamentos lhe passava pela mente. "Sou impura e não devo aparecer em público. Não devo tocar em ninguém. O que devo fazer? Se retirar o véu, as pessoas me reconhecerão." Ela queria correr, mas era como se seus pés estivessem pregados no chão.

— Há muita gente esbarrando em ti — os discípulos responderam. — Por que perguntas: "Quem me tocou?"

Jesus não deu atenção aos discípulos e continuou a vasculhar a multidão à procura da pessoa que havia tocado de propósito em seu manto. Ele sentiu que de seu corpo saíra poder como uma corrente elétrica. Sabia o que acontecera. Jesus sempre sabe a diferença entre a pressão dos curiosos e o toque de uma pessoa fiel.

O silêncio pairou sobre a multidão humilde. Ninguém disse nada.

Finalmente, ela não conseguiu conter-se. Virou-se para Jesus e ajoelhou-se aos seus pés. Com voz trêmula, um jato de gratidão veio à tona.

— Mestre, sofri de hemorragia por mais de doze anos. Passei de médico em médico, mas nenhum foi capaz de me ajudar. Perdi família, amigos e dinheiro. Mas quando ouvi dizer que estavas passando por aqui, sabia que tu, Senhor, poderias me curar. Sei que não devo tocar em ninguém. Sei que sou impura em todos os sentidos. Por favor, perdoa-me pela intromissão. Mas, Jesus, eu tinha de te contar isto! Estou curada! Assim que toquei na barra de teu manto, a hemorragia cessou! Obrigada, Jesus. Obrigada, Jesus.

Enquanto os outros começavam a afastar-se da "impureza" da mulher, Jesus estendeu-lhe a mão para confirmar a cura.

— Filha, a sua fé a curou. Vá em paz e fique livre do seu sofrimento.

Uma análise mais cuidadosa Ah, como amo essa história! Que mulher entre nós não sentiu a infelicidade da rejeição, a vergonha do sofrimento e a humilhação da desesperança? Que mulher já não se perguntou: “Deus se importa com mulheres semelhantes a mim?” E aqui temos uma história de como Deus valoriza e preza as portadoras de sua imagem. Ele escolhe uma mulher solitária na multidão de seguidores curiosos, cura-a de sua aflição com um toque e dirige o foco do holofote celestial ao centro do palco para ela testificar a transformação milagrosa. Vamos observar mais de perto.

> Tendo Jesus voltado de barco para a outra margem, uma grande multidão se reuniu ao seu redor, enquanto ele estava à beira do mar. Então chegou ali um dos dirigentes da sinagoga, chamado Jairo. Vendo Jesus, prostrou-se aos seus pés e lhe implorou insistentemente: “Minha filhinha está morrendo! Vem, por favor, e impõe as mãos sobre ela, para que seja curada e que viva”. Jesus foi com ele. Uma grande multidão o seguia e o comprimia. E estava ali certa mulher que havia doze anos vinha sofrendo de hemorragia. Ela padecera muito sob o cuidado de vários médicos e gastara tudo o que tinha, mas, em vez de melhorar, piorava.
>
> Marcos 5.21-26

A mulher que conhecemos em Marcos 5 era chamada “mulher com hemorragia”, definida pelo que havia de errado com ela. Dei-lhe o nome de Lídia para ajudar-nos a lembrar que ela era uma pessoa real, não uma personagem insignificante de uma história.

Aquela mulher sangrava havia doze anos; entendemos que se tratava de sangramento vaginal. Quando a conhecemos, ela está exaurida em termos físicos, financeiros, sociais e espirituais — arruinada em todos os sentidos.

Nos tempos bíblicos, determinadas situações e condições tornavam a pessoa formalmente impura. Os leprosos eram isolados da sociedade e obrigados a gritar: “Impuro! Impuro!” quando andavam entre cidadãos

comuns. Qualquer um que tocasse num corpo morto era considerado impuro. E as mulheres eram consideradas impuras durante a menstruação.

Por sete dias, considerados o período normal da menstruação, as mulheres permaneciam isoladas. Uma mulher que sofresse de hemorragia durante doze anos era considerada permanentemente impura. Se fosse casada, essa condição era motivo para divórcio. Ela era expulsa de casa, afastada da família e condenada ao ostracismo pela comunidade.

Cada visita ao médico trazia uma onda de esperança e expectativa, logo dissipada quando o fluxo vermelho do desespero reaparecia. A alegria da delicada juventude era agora uma vaga memória, esmagada pela dureza da vida e pelo peso da decepção. O martelo da rejeição batia sobre os pregos do isolamento no esquife trancado de seu coração.

Ao contrário do paralítico coxo que foi baixado através do telhado por quatro amigos e colocado aos pés de Jesus, aparentemente aquela mulher não tinha ninguém para interceder por ela. Não havia nenhum pai para suplicar pela filha, nenhum marido para orar pela esposa, nenhum senhor para implorar a ajuda de Jesus para o servo. Quando conhecemos essa mulher, ela é uma pessoa temerosa e esquecida. Está totalmente sozinha — ou assim lhe parecia.

Às vezes temos essa mesma sensação. Deixadas para trás pelas amigas. Abandonadas pelo marido. Esquecidas pela família. Invisíveis na sociedade. Ela, porém, não havia sido esquecida. Não estava sozinha. Aquela filha de Abraão estava perto do coração de Deus e, acima de tudo, da mente dele. Por isso, Deus, o Pai, planejou que seu Filho lhe atravessasse o caminho.

> Quando ouviu falar de Jesus, chegou por trás dele, no meio da multidão, e tocou em seu manto, porque pensava: "Se eu tão somente tocar em seu manto, ficarei curada".
>
> Marcos 5.27-28

Ela entendeu que Jesus via e valorizava as mulheres de modo totalmente diferente. “Pelo jeito, aquele homem estava disposto a romper o *status quo*, libertando o povo de doenças terríveis e opressão maligna. Estava disposto a correr o risco de criar inimigos ao libertar as mulheres de séculos de repressão e tradição religiosa. Ela se beneficiaria de sua bondade.”[1]

Ela sabia muito bem que estava ultrapassando os limites culturais e religiosos estabelecidos pelos homens piedosos de sua época, mas aquele era um risco que estava disposta a correr.

> Imediatamente cessou sua hemorragia e ela sentiu em seu corpo que estava livre do seu sofrimento. No mesmo instante, Jesus percebeu que dele havia saído poder, virou-se para a multidão e perguntou: “Quem tocou em meu manto?”.
>
> Marcos 5.29-30

Aconteceram duas coisas quando a mulher tocou em Jesus. Primeiro, ela foi curada. O fato foi real. Ela sentiu a hemorragia cessar. Jesus sentiu que dele saíra poder.

Segundo, ela foi descoberta. Sua coragem, oculta no anonimato, tremia de medo de ser descoberta, mas Jesus não permitiria que ela escondesse a cura. Ele queria fazer mais que cessar o fluxo de sangue. Queria iniciar o fluxo do ministério. Jesus chamou-a para que ela testemunhasse, contasse o que acabara de acontecer, a fim de que as outras pessoas acreditassem.

> Responderam os seus discípulos: “Vês a multidão aglomerada ao teu redor e ainda perguntas: ‘Quem tocou em mim?’” Mas Jesus continuou olhando ao seu redor para ver quem tinha feito aquilo. Então a mulher, sabendo o que lhe tinha acontecido, aproximou-se, prostrou-se aos seus pés e, tremendo de medo, contou-lhe toda a verdade. Então ele lhe disse: “Filha, a sua fé a curou! Vá em paz e fique livre do seu sofrimento”.
>
> Marcos 5.31-34

Um rabino não dirigia a palavra a uma mulher em público; porém, mais uma vez, Jesus, o Libertador, quebrou as regras feitas pelo homem em favor

de uma mulher feita por Deus. Ele não a chamou para constrangê-la ou envergonhá-la, de maneira alguma. Queria honrar sua sinceridade, elogiar sua coragem e legitimar seu valor. Não a repreendeu por ter infringido as regras religiosas, mas elogiou sua grande fé.

Mais uma vez Jesus tirou uma mulher das sombras e colocou-a no centro do palco. Ela não era mais uma mulher que necessitava de um toque de cura, mas uma mulher fervorosa que havia sido curada e chamada para testemunhar esse fato. Jesus colocou uma mulher em pé de igualdade com os homens e dirigiu-se a ela em público, chamou-a para testemunhar e enviou-a de volta para casa curada física e espiritualmente. Confirmou-a como mulher e ratificou-a como filha de Deus.

"*Filha*, a sua fé a curou." Vamos parar aqui por um instante? Às vezes uma única palavra nas Escrituras fala mais que mil. Por que Jesus a chamou de "filha"? Parece-me que, enquanto Jairo estava preocupado com sua filha, Deus também estava preocupado com a dele. Ela era e sempre seria filha de Deus. E apesar de toda a sua família tê-la abandonado em sua aflição, Deus, seu Pai celestial, a puxara para perto dele. "Filha" era uma expressão de carinho que ela não esqueceria facilmente.

A palavra "curou" usada por Jesus é o vocábulo grego *sesoken*, que significa "salvou". Jesus fez mais que curar o corpo dela. Salvou sua alma, eliminou sua vergonha e restabeleceu seu lugar na comunidade. Conforme ocorreu com essa mulher em particular e com as outras que conheceremos, Jesus viu as necessidades delas como portais que se abriam para demandas espirituais mais profundas a serem atendidas. Suas curas milagrosas quebraram as correntes aprisionadoras de mulheres que padeciam de doença física, emocional e espiritual, para conceder-lhes saúde física, emocional e espiritual. Ele cuidou de suas necessidades imediatas e deu-lhes uma perspectiva eterna e grande importância.

Não podemos sair ainda desta cena. Se você se lembra, Jesus estava indo a outro lugar quando a mulher o interrompeu para ser curada.

> Então chegou ali um dos dirigentes da sinagoga, chamado Jairo. Vendo Jesus, prostrou-se aos seus pés e lhe implorou insistentemente: "Minha filhinha está morrendo! Vem, por favor, e impõe as mãos sobre ela, para que seja curada e que viva". Jesus foi com ele.
>
> Marcos 5.22-24

Misturadas como dois fios de lã entrelaçados, a história da mulher está sendo tricotada junto com a história da filha agonizante de Jairo, de 12 anos. Não podemos deixar escapar esse intervalo de tempo. A mulher sofreu durante doze anos. A menina tinha 12 anos. A mulher padecia de doença crônica. A menina padecia de doença aguda.

Jairo era um homem importante naquela comunidade judaica, mas a ideia de perder uma filha o fez enxergar a verdade de que ele era muito insignificante. Jairo tinha poder na sinagoga, mas não tinha poder para salvar sua princesinha.

Poucos religiosos na época de Jesus professavam em público que ele era o Messias. Sempre ouço o ditado: "Não há ateus nas trincheiras". Quando estamos sob fogo pesado e ataque do inimigo, quando as armas da adversidade estão disparando acima de nossa cabeça, até o coração mais empedernido grita: "Socorro, Deus! Salva-me, Deus!".

Talvez tenha sido essa a reação de Jairo. "Minha filhinha está morrendo", ele gritou. "Vem, por favor, e impõe as mãos sobre ela, para que fique curada e que viva." Jesus não o condenou por aquela fé repentina. "Ah, tudo bem. *Agora* você acredita em mim. Quando precisa de alguma coisa, vem correndo." Nunca vimos essa atitude em Jesus. Ele simplesmente mudou o rumo e acompanhou Jairo para realizar um milagre em sua vida. Você não aprecia essa atitude dele?

Já parou para pensar no que passou pela mente de Jairo quando Jesus parou para dar atenção à mulher que tocara em seu manto? "Opa, eu cheguei aqui primeiro", ele deve ter pensado. "Minha filha é mais importante. Vamos acabar com esse *show*."

Você não fica feliz em saber que Jesus tem graça suficiente para todos? Suas bênçãos não acabam nunca. Ele tinha poder suficiente para atender a mulher desesperada e a menina agonizante e tem todo o tempo do mundo.

> Enquanto Jesus ainda estava falando, chegaram algumas pessoas da casa de Jairo, o dirigente da sinagoga. "Sua filha morreu", disseram eles. "Não precisa mais incomodar o mestre!" Não fazendo caso do que eles disseram, Jesus disse ao dirigente da sinagoga: "Não tenha medo; tão somente creia". E não deixou ninguém segui-lo, senão Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago. Quando chegaram à casa do dirigente da sinagoga, Jesus viu um alvoroço, com gente chorando e se lamentando em alta voz. Então entrou e lhes disse: "Por que todo este alvoroço e lamento? A criança não está morta, mas dorme". Mas todos começaram a rir de Jesus.
>
> Marcos 5.35-40

"Todos começaram a rir de Jesus." Qual foi a última vez que você riu por dentro quando alguém lhe disse que não abrisse mão da esperança? Qual foi a última vez que você riu silenciosamente quando alguém lhe disse: "Tão somente creia"? Qual foi a última vez que você suspirou fundo quando alguém a lembrou de que Deus é um Deus de milagres?

Bem, eles foram motivo de riso.

> Ele, porém, ordenou que eles saíssem, tomou consigo o pai e a mãe da criança e os discípulos que estavam com ele, e entrou onde se encontrava a criança. Tomou-a pela mão e lhe disse: "Talita cumi!", que significa "menina, eu lhe ordeno, levante-se!". Imediatamente a menina, que tinha doze anos de idade, levantou-se e começou a andar. Isso os deixou atônitos.
>
> Marcos 5.40-42

Há um pormenor aqui que eu gostaria que você notasse: Jesus foi totalmente intencional, Deus foi totalmente preciso. Aquela era uma cultura que dava pouca importância às mulheres, e muito menos a uma menina. Mas, vemos novamente Jesus quebrando as regras culturais e as normas da sociedade, para curar, abraçar e libertar as portadoras da imagem de Deus.

Ele interrompe o trajeto do dia para dar atenção a uma menina de 12 anos. Interrompe o cortejo para ministrar a uma mulher solitária. Ambas eram importantes para Jesus. Ambas eram importantes para Deus.

Qual o Deus que seria capaz de fazer aquilo? Um Deus que ama, que respeita, que preza muito seu *grand finale* da criação — a mulher. Isso, minha amiga, foi radical. Um jato de água fria no rosto do preconceito, da discriminação, da segregação implacável da sociedade.

Agostinho escreveu: “Deus ama cada um de nós como se fôssemos os únicos para ele amar”.[2] Ele é loucamente apaixonado por você.

Libertada da desesperança Nós, que vivemos no século 21, temos dificuldade para imaginar um sangramento vaginal que dura doze anos. A ciência médica progrediu muito além do conhecimento rudimentar da época de Jesus.

Vamos, porém, imaginar que ainda haja mulheres com uma hemorragia crônica de outro tipo. Com sangramento vindo do coração.

Na época em que Sarah tinha 6 anos de idade, seu pai entrou sorrateiramente no quarto dela, na escuridão da noite, e a violentou. Hoje, adulta, o coração dela sangra.

Quando Beth estava se dirigindo ao seu quarto no alojamento, vindo da biblioteca da faculdade, um homem que a espreitava pulou de trás dos arbustos, arrastou-a para um barracão nas proximidades e estuprou-a apontando-lhe uma faca. Hoje, dez anos depois, o coração dela sangra.

Depois de vinte anos de vida conjugal, Lucy encontrou, por acaso, uma nota fiscal de hotel na maleta do marido. Desconfiando do pior, ela descobriu *e-mails* anteriores, reuniões que nunca ocorreram e um rastro de traição. Quando apresentou as provas ao marido, este admitiu estar tendo um caso extraconjugal havia três anos. E o coração dela sangra.

Os exames físicos de rotina de Margaret revelam que ela é portadora do vírus HIV. Ela nunca teve relacionamento sexual com outro homem, a não ser... seu marido. E o coração dela sangra.

Laura foi demitida do emprego, e as palavras de sua mãe refluem como o vazamento de uma fossa séptica. “Você é imprestável. Nunca vai ser nada na vida. É uma fracassada igual ao seu pai.” E, por causa dessas mentiras, o coração de Laura sangra.

Melissa segura nos braços a filhinha recém-nascida e canta baixinho para fazê-la dormir. Interrompendo a doçura das horas da madrugada, ela ouve seu filho abortado chorando na sepultura. A culpa se abate sobre ela, e um peso sempre presente esmaga sua alegria. E o coração dela sangra.

Mulheres — esperando que o sofrimento vá embora. Despertando a cada dia com uma lembrança que machuca uma ferida recente. Mulheres — desejando ardentemente ouvir as palavras: “Vá em paz e fique livre do seu sofrimento”.

A mulher com hemorragia não era diferente de você nem de mim. Embora sua doença aparente fosse física, o sofrimento interior dominava sua vida. Mas, num momento radical, numa decisão solene, ela aproximou-se de Jesus e foi curada.

Marcos usou palavras específicas para descrever nossa amiga que sofria de hemorragia. Ela “padecera muito”. Jesus usou o verbo “sofrer” (Mc 8.31; 9.12) quando se referiu aos seus últimos dias na terra. Jesus entendeu o sofrimento daquela mulher mais que ela. Enquanto o sangue fluía do corpo dela, deixando-a impura, Jesus sabia que o sangue que em breve fluiria de seu corpo purificaria todos nós.

Jesus quer livrar-nos do sofrimento, mas não nos força a sair da prisão. Ele destranca a cela, mas precisamos atravessar a porta. Podemos decidir que queremos continuar sangrando. Podemos decidir que queremos permanecer no sofrimento, cutucando as cascas das feridas do passado. Mas ouça-me, minha amiga. Trata-se de uma escolha. Jesus disse: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente” (Jo 10.10). É isso o que ele deseja para cada uma de nós. Mas temos de aceitar a verdade e partir em busca da cura.

Em João 5, Jesus depara com um paralítico sentado à beira de um tanque onde as pessoas inválidas, cegas e aflitas se reuniam. Elas acreditavam que, quando as águas se agitavam, supostamente por anjos, quem primeiro entrasse no tanque seria curado. Fazia 38 anos que aquele homem aguardava ser curado.

Então, Jesus passou por ele e fez uma pergunta estranha. “Você quer ser curado?” (v. 6).

Talvez a pergunta não tenha sido tão estranha. Muitas vezes nos acostumamos com a doença e usamos nosso sofrimento como uma cortina. Andamos machucadas emocionalmente — vítimas que cutucam as feridas, para não permitir que sejam curadas.

Jesus disse à mulher: “Vá em paz e fique livre do seu sofrimento” (Mc 5.34). É a mesma cura que ele oferece a você e a mim.

Libertada para compartilhar a esperança que surgiu dentro dela

Jesus poderia facilmente ter deixado a mulher ir embora curada, mas não fez nada disso. Ele queria que ela contasse à multidão o que acontecera. Portanto, chamou-a para o centro do palco e aguardou que ela ocupasse o lugar que lhe pertencia.

“Fui eu”, ela finalmente disse em voz alta. E, então, quebrou as regras. Diante da multidão ansiosa, testemunhou acerca do que lhe acontecera. Lucas acrescenta uma frase interessante ao relatar a mesma história. “Então a mulher, vendo que não conseguiria passar despercebida, veio tremendo e prostrou-se aos seus pés. *Na presença de todo o povo* contou por que tinha tocado nele e como fora instantaneamente curada” (8.47).

Na presença de todo o povo. Lembre-se, naquela época as mulheres eram consideradas pessoas em quem não se podia confiar, e o testemunho de uma mulher era inadmissível e inaceitável como prova num tribunal.

Jesus, porém, desmascarou o modo de pensar daquela gente. Ela foi testemunha ocular do poder de Deus operando por intermédio de seu Filho. Ele não permitiria, de jeito nenhum, que ela saísse dali sem testemunhar a

cura. Ele se esforçara para que ela fizesse aquilo. Agora, aquela mulher tinha uma história para contar. E tinha o dever de contá-la!

Mais uma vez Jesus escolheu uma mulher que andava nas sombras da sociedade e chamou-a para o centro do palco. Ela aproximou-se de Jesus em segredo, mas saiu contando a todos o que ele fizera.

Ela estava livre *do* sofrimento.

Ela agora estava livre *para* compartilhar sua história.

O Senhor deu uma ordem,
e muitas mulheres levaram esta notícia.
Salmos 68.11, NTLH

5

A adúltera envergonhada *Libertada da condenação Libertada para começar de novo*

— O que vamos fazer com este Jesus? — o chefe dos sacerdotes perguntou ao grupo. — Ele vai começar a curar pessoas a torto e a direito. A todo lugar que vou, ouço um burburinho a respeito dele. É Jesus daqui, Jesus dali. E as multidões estão dizendo que ele é o Messias! Todos sabem que o Messias não virá da Galileia. Se não nos livrarmos dele, vamos ter uma rebelião nas mãos.

— E desde que começou a circular o burburinho de que ele multiplicou alguns pães e peixes para alimentar cinco mil pessoas, seus seguidores também vêm se multiplicando — outro sacerdote complementou. — Precisamos fazê-lo parar com isso.

— Tenho uma ideia — Lucius disse com um brilho no olhar. — Conheço um homem casado que está dormindo com a amante neste exato momento. Eu vi quando entrou de mansinho na casa dela ontem à noite.

E enquanto os fariseus de coração duro se reuniam, uma trama malévola para pegar Jesus começou a se desenrolar.

O sol espreitava pelas venezianas totalmente fechadas da janela do quarto de Morah. O silêncio da madrugada foi quebrado pelo cântico dos pássaros que voavam na brisa do amanhecer. Morah encontrava-se num emaranhado de lençóis, braços e pernas enquanto o homem que ela amava dormia a seu lado.

— Ah, Zacarias — ela sussurrou, afastando uma mecha de cabelos de cima dos olhos fechados dele. — Se ao menos você não fosse casado. Sei

que isto é errado, mas eu amo muito você. E preciso acreditar quando você diz que também me ama. Estamos arriscando a vida nesses encontros frequentes.

Os pensamentos de Morah foram subitamente interrompidos por uma batida na porta.

— Abra! — uma voz grosseira exigiu.

— Quem está aí? — Morah gritou.

— Abra a porta senão vamos arrombá-la.

— Qual o motivo desse rebuliço? — Zacarias resmungou, sentando-se zonzo na cama. — O que está havendo?

Antes que Morah pudesse pensar numa resposta, um grupo de religiosos irados estourou a fechadura simples e entrou no esconderijo dos amantes.

— O que significa tudo isso? — Zacarias esbravejou. — O que vocês pensam que estão fazendo?

— O que *você* pensa que está fazendo, meu amigo? — o fariseu contra-argumentou. — Essa é a pergunta verdadeira.

— Morah, filha de Omar, você está presa por adultério, de acordo com a lei de Moisés! — o policial da moral disse com violência. — Vista-se e venha comigo.

O fariseu jogou o penhoar em direção a Morah, mas não virou a cabeça enquanto ela saía tremendo de baixo dos lençóis para vestir a roupa quase transparente. Ele agarrou-a pelo braço e começou a arrastá-la em direção à porta.

— Para onde você está me levando? — ela indagou, gritando.

— Logo você descobrirá — o fariseu resmungou.

— O que vamos fazer com Zacarias? — o mais moço do grupo perguntou.

— Ele vai ficar aqui. Não precisamos dele.

— Espere! — Zacarias gritou, percebendo logo que de nada valeria protestar.

— Volte para a mulher a quem você pertence — o fariseu gritou por cima do ombro enquanto o grupo saía do quarto. Assim, a turba conspiradora continuou o caminho até o templo, com a mulher seminua e trêmula atrás deles. Com dois homens, um de cada lado, ela foi arrastada de manhãzinha, causando comoção na cidade. A isca estava no anzol, e era hora de enrolar a carretilha para pegar o peixe.

Como camundongos que acompanham o flautista mágico num dos contos dos irmãos Grimm, uma multidão de cidadãos curiosos reuniu-se ao cortejo. Jesus já estava ensinando no átrio, tendo um grupo ao redor dele. Como sempre, a mensagem e os milagres de Jesus atraíam grandes multidões. Um vozerio distante interrompeu suas palavras enquanto uma turba irada e uma multidão de curiosos se aproximavam. Eles marcharam direto para o círculo interior do grupo ao qual Jesus ensinava e jogaram a mulher aos pés do Mestre.

Os cabelos soltos de Morah caíam sobre seus ombros nus e esvoaçavam na brisa da manhã. Seus olhos envergonhados continuaram cravados no chão de terra, recusando-se a encarar Jesus. Então, um dos homens a fez endireitar o corpo e exibiu-a para que todos vissem.

— Mestre — o fariseu piedoso começou a dizer — pegamos esta mulher em ato de adultério. A lei de Moisés diz que ela deve ser apedrejada. O que tens a dizer?

Jesus não olhou para o corpo seminu da mulher enquanto os outros observavam aparvalhados. Ele olhou dentro da alma dela.

Morah ergueu os olhos e viu amor no rosto de Jesus. "O que detectei em seu olhar?", ela se perguntou. Não foi desprezo, repulsa nem condenação, mas compaixão, solicitude e pura afeição. De uma forma ou de outra, ela sabia que aquele era o olhar que procurara a vida inteira.

Enquanto ouvia a pergunta do fariseu, ela entendeu o dilema de Jesus. Se a libertasse, os fariseus o acusariam de desprezar a lei de Moisés e o

julgariam herético. Se a condenasse à morte por apedrejamento, seus ensinamentos de graça e perdão seriam invalidados.

Os líderes religiosos já seguravam pedras com as mãos fechadas, prevendo a resposta de Jesus. O coração deles era duro como as pedras que seguravam. Mas, em vez de dar uma resposta imediata, Jesus desviou o olhar da mulher trêmula e abaixou-se até o chão. Com o dedo, a própria mão do Deus feito homem, ele começou a escrever na terra. Um ar gelado atravessou o manto dos fariseus piedosos. De repente, eles sentiram a dureza de uma exposição nua e crua quando Jesus olhou para cada um deles e, sem dizer nenhuma palavra, os despiu apontando seus pensamentos e desejos pecaminosos. Com um olhar de Jesus, os fariseus tiveram a alma desnudada e ficaram mais expostos que a mulher seminua diante deles.

Todos prenderam a respiração. O silêncio era ensurdecedor. A tensão, palpável. Finalmente, Jesus levantou-se e deu o veredito.

— Quem estiver sem pecado seja o primeiro a atirar pedra nela.

Em seguida, voltou a ficar de cócoras e continuou a escrever.

Um a um, os fariseus abriram a mão, soltaram as pedras e misturaram-se à multidão. O homem mais velho, que acumulara uma lista mais extensa de pecados, foi o primeiro a sair, com os mais moços ao seu encalço.

A multidão presente ouviu com atenção enquanto o drama continuava a se desenrolar. Depois que o último fariseu saiu de cena, Jesus levantou-se e perguntou a ela: — Mulher, o que aconteceu com os seus acusadores? Não restou nenhum para condená-la?

— Ninguém, senhor — ela respondeu.

— Eu também não a condeno — Jesus declarou. — Vá e não peque mais.

A mulher virou-se para ir embora, mas antes pegou uma pedra do chão para levar consigo.

— Para eu lembrar — ela sussurrou.

Uma análise mais cuidadosa O ministério e os milagres de Jesus causavam agitação por onde quer que ele andasse. Seus

ENSINAMENTOS COM AUTORIDADE ÀS MASSAS (CF. MT 7.28-29), A PURIFICAÇÃO VIOLENTA DOS ÁTRIOS DO TEMPLO (JO 2.13-17) E A PROFECIA CONFUSA A RESPEITO DA DESTRUIÇÃO E RECONSTRUÇÃO DO TEMPLO (V. 19) FIZERAM AS PESSOAS PARAR E PRESTAR ATENÇÃO. JESUS EXPANDIU SEU MINISTÉRIO PARA INCLUIR OS SAMARITANOS — CONDUZIDOS PELA PRIMEIRA MULHER EVANGELISTA (JO 4.4-42) — E DEPOIS VOLTOU PARA A GALILEIA, ONDE CUROU O FILHO DE UM OFICIAL DO REI (V. 43-54), ORDENOU A UM PARALÍTICO QUE PEGASSE SUA MACA E ANDASSE (5.1-9) E ALIMENTOU CINCO MIL HOMENS MAIS MULHERES E CRIANÇAS COM CINCO PÃES E DOIS PEIXINHOS (6.1-13). AS MULTIDÕES QUERIAM TRANSFORMAR JESUS EM REI. OS ESCRIBAS E FARISEUS QUERIAM FAZER JESUS DESAPARECER.

Jesus sabia que os líderes religiosos judeus queriam matá-lo. Mesmo assim, continuou seu ministério público e profético. Os líderes religiosos procuravam motivos para difamá-lo e acusá-lo. Por isso, elaboraram um plano para fazê-lo cair na armadilha e humilhá-lo publicamente diante de seus seguidores. Vamos fazer uma análise mais atenta do modo como eles fizeram a mulher de isca, mas caíram na própria armadilha.

> Jesus, porém, foi para o monte das Oliveiras.
>
> João 8.1

Na noite anterior àquele incidente, Jesus havia estado no monte das Oliveiras, orando. O monte localiza-se diretamente a leste de Jerusalém e tem 820 metros de altura. O pico do monte oferecia uma vista magnífica da cidade e do templo abaixo. Foi muito apropriado Jesus ter passado um tempo a sós com Deus enquanto contemplava a menina de seus olhos.

> Ao amanhecer ele apareceu novamente no templo, onde todo o povo se reuniu ao seu redor, e ele se assentou para ensiná-lo.
>
> João 8.2

De manhãzinha, ele foi ao templo para ensinar. João relata que "todo o povo" se reuniu ao redor dele. Quando leio "todo", penso no todo. O rabino radical ensinando tanto a homens como a mulheres.

> Os mestres da lei e os fariseus trouxeram-lhe uma mulher surpreendida em adultério.
>
> João 8.3

O Sinédrio, ou grupo de líderes religiosos, forçou o caminho até o meio do povo ao redor de Jesus e interrompeu seus ensinamentos. Desconfio que Jesus não se sentiu de fato interrompido. Desconfio que ele já soubesse disso tudo.

Eles poderiam ter mantido a mulher em custódia e levado a acusação diante de Jesus em vez de trazer a acusada, mas os homens não estavam preocupados com a humilhação dela em público. Era o que queriam.

O fato de ela ter sido "surpreendida no ato" cheira a armação. Eles poderiam ter planejado o encontro escolhendo um colega charmoso para seduzi-la. Ou poderia ser que o relacionamento fosse do conhecimento geral e todos fizessem vista grossa. Não havia câmaras de vídeo nem detetives particulares com fotos reveladoras, portanto quando disseram "surpreendida no ato", significa que entraram na cena. Seja qual for o caso, os homens desfilaram sua presa do dia pela cidade para que todos vissem.

"Nathaniel Hawthorne escreveu o seguinte sobre Hester Prynne quando esta sai de manhã de sua cela na prisão para a luz perdoadora do dia: 'A iniquidade é arrastada para fora, para a luz do sol. Venha, madame Hester, e mostre sua letra escarlate ao povo da cidade'."[1] E, da mesma forma que o companheiro de Hester Prynne permaneceu bem longe dos olhos do público, a mulher surpreendida em adultério permaneceu visivelmente sozinha.

Duvido que os homens tenham dado à acusada tempo para vestir-se completamente ou prender o cabelo com uma presilha. Era um escândalo a

ideia de uma mulher andando pelas ruas com os cabelos soltos e, pior ainda, seminua e sendo arrastada por sacerdotes piedosos cheios de ira.

> Fizeram-na ficar em pé diante de todos e disseram a Jesus: "Mestre, esta mulher foi surpreendida em ato de adultério".
>
> João 8.3-4

Os fariseus eram considerados "guardiões da moralidade pública".[2] Tinham a obrigação de ser boas pessoas, mas na realidade eram exatamente o oposto. Como isso acontece? Acontece quando a religião e a lei ocupam o lugar do relacionamento e do amor: tudo fica feio.

Não havia como negar a acusação. Aparentemente eles foram direto ao lugar onde ela e o amante se encontravam. Aparentemente sabiam aonde ir para pegar no ato um incidente como aquele. A mulher não passava de um joguete nos planos deles e um instrumento naquele ato de perfídia. Portanto, lançaram a isca...

> "Na Lei, Moisés nos ordena apedrejar tais mulheres."
>
> João 8.5

Ah, peço desculpas, rapazes, mas falta alguém aqui. Sempre soube que são necessárias duas pessoas para cometer adultério. E quanto à lei, vamos dar uma olhada no que ela diz realmente: Se um homem cometer adultério com a mulher de outro homem, com a mulher do seu próximo, tanto o adúltero quanto a adúltera terão que ser executados.

Levítico 20.10

> Se um homem for surpreendido deitado com a mulher de outro, os dois terão que morrer, o homem e a mulher com quem se deitou. Eliminem o mal do meio de Israel.
>
> Deuteronômio 22.22

Apesar de não sabermos se aquela mulher era mais uma na vida daquele homem, não foi a primeira vez, nem será a última, que uma mulher foi responsabilizada sozinha pelas consequências do pecado sexual. Jesus não mencionou esse detalhe, muito provavelmente por saber que o real propósito dos judeus não era o de buscar justiça. Eles não poderiam estar menos preocupados com a questão da imoralidade ali presente. Se estivessem realmente interessados em guardar a lei moral de Moisés, tanto a mulher quanto o homem deveriam estar diante deles. A única preocupação dos fariseus era montar uma armadilha para Jesus.

> "E o senhor, que diz?" Eles estavam usando essa pergunta como armadilha, a fim de terem uma base para acusá-lo.
>
> João 8.5

Os espectadores podem ter achado que Jesus estava preso entre a cruz e a espada. Mas eles não se deram conta de que Jesus *é* o Deus crucificado; não há espada que ele não seja capaz de vencer.

> Mas Jesus inclinou-se e começou a escrever no chão com o dedo.
>
> João 8.6

Tenho certeza de que eles ficaram um pouco perturbados quando Jesus se abaixou e começou a escrever no chão. É a única vez que a Bíblia registra Jesus escrevendo alguma coisa. Estaria ele tentando desviar a atenção da mulher seminua para ele próprio? Parece algo que meu Jesus faria.

O que Jesus escreveu? Ninguém sabe ao certo. Alguns comentários sugerem que ele escreveu os pecados dos fariseus. Outros sugerem que ele estava rabiscando para fazer uma pausa, dar um tempo para os acusadores pensarem. "Quase sempre há no silêncio santo um poder que nenhuma palavra, por mais eloquente que seja, pode transmitir."[3] O que ele escreveu não é importante, mas o que ele disse foi poderoso.

> Visto que continuavam a interrogá-lo, ele se levantou e lhes disse: "Se algum de vocês estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar pedra nela".
>
> João 8.7

Que resposta! Jesus expôs o coração de cada um deles, deixando-os espiritualmente nus diante da multidão. E agora, quem estava entre a cruz e a espada? Cada homem ali sabia que tinha a própria vida cheia de pecados. O profeta Isaías, cujos textos eles conheciam muito bem, escreveu: "Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho" (53.6). Atirar uma pedra para dar a entender que a pessoa não tinha nenhum pecado teria sido a maior heresia da cena inteira.

Não é interessante saber que a única pessoa qualificada para atirar uma pedra na mulher era aquele que a libertou?

> Inclinou-se novamente e continuou escrevendo no chão.
>
> João 8.8

Às vezes as perguntas mais curtas são as mais poderosas. Jesus deu sua resposta e deu tempo para que eles refletissem nela. Sem pressa nenhuma. Apenas para ruminarem as palavras por alguns instantes. Penso que seria bom se nós também ruminássemos essas palavras. Se eu estivesse sentada em sua companhia, gostaria de trocar ideias sobre o significado de "Se algum de vocês estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar pedra nela" em nossa vida. É fácil dar um sorriso maroto àqueles fariseus hipócritas e piedosos e dizer: "Viram? Bem feito!". Mas e quanto a você e a mim? Qual foi a última vez que você atirou uma pedra em alguém? Talvez não uma pedra de verdade, mas uma atitude julgadora, dura como pedra, atirada em alguém por um ato que essa pessoa cometeu?

> Os que o ouviram foram saindo, um de cada vez, começando pelos mais velhos.
>
> João 8.9

Jesus pegou o espelho da condenação e o pôs diante do rosto de cada homem para que dessem uma boa olhada na própria vida. O que eles viram não foi nada bonito. Um a um, começaram a sair dali.

A mulher foi levada a Jesus cheia de vergonha, mas recebeu graça e perdão. Os acusadores foram a Jesus cheios de falsa piedade, mas saíram do local condenados. Os mais velhos, com uma lista muito mais longa de pecados, foram os primeiros a sair sorrateiramente. Quero lhe dizer uma coisa: quanto mais envelheço, mais misericordiosa me sinto em relação aos outros. Logo que cheguei à fase adulta, eu era muito mais rápida em julgar os outros. Porém, quanto mais eu vivo, mais erros cometo, e mais claramente Deus revela minhas imperfeições e fraquezas. Ao ver um bêbado sendo arrastado pela cidade para ser colocado no patíbulo, John Bradford disse: "Se não fosse a graça de Deus, eu estaria ali".

> Jesus ficou só, com a mulher em pé diante dele.
>
> João 8.9

Muitos comentaristas observaram que Jesus e a mulher foram deixados sozinhos. Contudo, antes do início da confrontação, Jesus estava ensinando a "todos" os que haviam ido ao templo para ouvi-lo. Não há indicação de que aquelas pessoas tenham abandonado o local. Pode ser que somente os acusadores foram embora. Imagino os espectadores com os pés grudados no chão, vendo a cena desenrolar-se diante deles. Eu sei que eu não teria saído do lugar.

No entanto, conforme Jesus costuma fazer, ele vê através da multidão e foca uma ovelha em particular que necessita de sua atenção exclusiva. No final das contas, é isso o que importa para todos nós. Não importa o que os outros pensem a nosso respeito. Importa apenas a opinião de Jesus.

> Então Jesus pôs-se em pé e perguntou-lhe: "Mulher, onde estão eles? Ninguém a condenou?".

João 8.10

Embora os fariseus tivessem falado *dela* com desprezo, Jesus dirigiu-se *a ela* com respeito. Nunca vimos Jesus falando de maneira desrespeitosa ou dando as costas a uma portadora da imagem de Deus que lhe cruzou o caminho. Foi assim que ele se dirigiu à sua mãe na festa de casamento em Caná e novamente ao pé da cruz. A palavra "mulher" poderia ser traduzida por "prezada mulher".

A mulher surpreendida em adultério permaneceu diante do Filho de Deus — e a desgraça foi recebida com a graça divina; o constrangimento, com uma capa de amor; a crueldade, com carinho; a desconsideração, com consideração. Esse é o meu Jesus.

Como de costume, Jesus fez a ela uma pergunta para ajudá-la a chegar a uma conclusão. Trata-se de uma pergunta recorrente que vemos ao longo do Novo Testamento. "Que é mais fácil dizer ao paralítico: Os seus pecados estão perdoados, ou: Levante-se, pegue a sua maca e ande?" (Mc 2.9). "Você quer ser curado?" (Jo 5.6). "O que é permitido fazer no sábado: o bem ou o mal, salvar a vida ou matar?" (Mc 3.4). "Quem traz uma candeia para ser colocada debaixo de uma vasilha ou de uma cama?" (4.21). "Quem o povo diz que eu sou? [...] Quem vocês dizem que eu sou?" (8.27,29).

Jesus é onisciente; ele sabe as respostas. Não fazia perguntas para receber informações. Ao contrário, usava as perguntas para fazer o povo pensar e muitas vezes para ajudar o povo a chegar a conclusões corretas.

"Mulher, onde estão eles? Ninguém a condenou?" Outra versão diz: "Mulher, onde estão aqueles teus acusadores?" (Jo 8.10, RA). Jesus transformou os acusadores em acusados. Esse é o risco que sempre corremos quando apontamos o dedo — há um apontado para a pessoa diante de nós e três apontados para o nosso coração.

> "Ninguém, Senhor", disse ela.
>
> João 8.11

Imagine-se em pé diante de Deus no dia de seu julgamento. Você sabe tudo o que fez. Satanás está andando de um lado para o outro, lendo sua longa lista de pecados. Mas Jesus dá um passo à frente e toma a lista do acusador. Ao examinar a lista, ele começa a dizer: "Eu paguei por este, por este, por este e por este...".

Finalmente, ao chegar ao fim da lista de suas falhas que Satanás preparou com muito esmero e surpreendente precisão, Jesus começa a rasgar o papel. Depois, com as mãos marcadas pelos pregos, pega os pedacinhos da lista e, com um sopro de graça, os faz voar para muito longe, tanto quanto dista o Oriente do Ocidente. Esfregando as mãos como se houvesse terminado um trabalho, ele olha para o Juiz. "Foram todos embora", ele diz com um sorriso.

Satanás resmunga, deixando no ar um bafo cheirando a enxofre e volta de fininho para sua caverna escura — derrotado mais uma vez.

Deus olha para você e pergunta: — Ninguém a condenou?

— Ninguém, Senhor — você responde.

— Entre, então, em meu reino eterno e você encontrará descanso.

Amiga, se você já aceitou Jesus como seu Senhor e Salvador e ainda se sente *condenada*, saiba que essa condenação não procede de Deus. Nosso inimigo, o Diabo, ou Satanás, é chamado de "acusador dos nossos irmãos" e também de nossas irmãs. A Bíblia diz que ele "os acusa diante do nosso Deus, dia e noite" (Ap 12.10). Ele marcha de um lado para o outro, dia e noite, acusando as pessoas tementes a Deus. "Ela fez isto, aquilo e mais aquilo". E Deus replica: "Verdade? Eu não lembro".

Se, contudo, você estiver se sentindo *convencida* hoje, essa é outra história. O Espírito Santo nos convence de que somos pecadores para nos afastar do pecado e seguir na direção oposta. Veja, foi isso que Jesus fez com aquela mulher. Não a condenou. Mostrou-lhe o pecado e disse-lhe que seguisse na direção oposta.

A condenação diz: "Você é má".

A convicção do pecado diz: “O que você fez foi mau”.

Jesus chamou o pecado de pecado, mas depois disse a ela que abandonasse aquela vida de destruição e começasse uma nova.

> Declarou Jesus: “Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado”.
>
> João 8.11

Libertada da condenação Jesus veio ao mundo para libertar os prisioneiros. E embora a mulher surpreendida em adultério não estivesse atrás das grades, ela estava presa a uma vida pecaminosa. O pecado sexual é um vício, e a procura por amor em todos os lugares errados é quase sempre insaciável. É uma bebida que nunca satisfaz a alma e deixa a pessoa cada vez mais sedenta.

O que se passava na cabeça da adúltera? Aquela não era uma época em que a mulher surpreendida em adultério poderia ser apedrejada até a morte? Valeria a pena? Não. A resposta é sempre “não”.

O sexo fora do casamento pode trazer muitas consequências: gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis, divórcio, desconfiança, remorso, vergonha, perda da família e uma lista enorme de peças de dominó que caem sucessivamente. Mas, na época de Jesus, a mulher surpreendida no ato de adultério poderia ser executada. (Até hoje, em algumas partes do mundo, o adultério é punido com a morte.) Então, por que ela se arriscou? O desejo de amar e ser amada pode, às vezes, passar por cima da sabedoria da razão.

Não há anseio maior no coração de uma mulher que ser amada, respeitada e acarinhada. E até as mais fortes deixam de lado a determinação e sucumbem à sedução do tentador. O adultério tem feito líderes religiosos sucumbirem, ministérios se desmancharem e famílias se desmantelarem. O pecado sexual tem feito a pessoa sensível agir como tola, a pessoa de moral ilibada marchar rumo à loucura, e a pessoa devota ser devorada pelo desejo.

O anseio por amor distorce o que se passa no coração. E depois vem o toque de mão, a troca de olhares, a empolgação motivada por um comentário. A solidão ecoa na alma oca assim que a paixão começa a arranhar a porta.

Deus criou nosso coração para desejar o amor porque anseia que esse nosso desejo seja saciado por um relacionamento com ele. Infelizmente, muitas pessoas contentam-se com um gole d'água tomado numa xícara de metal enferrujado enquanto Deus oferece uma fonte inesgotável.

A mulher pode arriscar tudo para ter alguns momentos de prazer. Pode mentir a si mesma dizendo que é amor. Então, depois que o rápido prazer é exposto ao sol da manhã, ela percebe que aquilo que imaginou ser amor foi manchado pelo veneno da vergonha. Pode acontecer. Acontece. Aconteceu com essa nossa amiga diante de Jesus, cercada de um grupo de fariseus irados, com pedras nas mãos.

E agora? O que fazer?

Jesus.

Jesus não se surpreendeu com a interrupção dos fariseus. Afinal, ele passara a noite em oração com seu Pai celestial. Os fariseus podem ter pensado que estavam interrompendo os ensinamentos de Jesus e pegando-o desprevenido, mas na realidade estavam trazendo à luz uma lição objetiva de graça.

Veja o que João escreveu sobre a graça de Deus demonstrada por Jesus Cristo: Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que este fosse salvo por meio dele. Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado, por não crer no nome do Filho Unigênito de Deus.

João 3.16-18

Mais tarde, Paulo escreveu sobre a obra de Jesus consumada na cruz: Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus.

Romanos 8.1

Nenhuma?

Nenhuma.

Não sabemos como aquela mulher declarou verbalmente sua fé, mas Jesus sabia o que se passava no coração dela. Sabia que ela estava arrependida, então libertou-a *da* condenação e libertou-a *para* começar de novo. Os líderes religiosos desprezaram-na como se fosse lixo. Jesus olhou para ela com compaixão e tirou-a daquela posição. Deve ter sido muito reconfortante para ela conhecer um homem sem nenhum interesse em explorá-la, mas em libertá-la.

Laura era uma moça muito parecida com a mulher dessa história. Morava numa cidadezinha e foi criada por pais moralmente severos. Frequentava a igreja desde criança e foi batizada aos 12 anos de idade. No ensino médio, começou a namorar Barry. Depois que Laura foi cursar a faculdade, os pais de Barry morreram. Ele ficou sozinho e sentia falta de uma família tão unida quanto a que tivera.

Quando Laura terminou o primeiro ano na faculdade, Barry começou a falar em casamento. Ele não cursava faculdade e queria que ela fosse sua esposa. Laura ficou dividida, mas tomou a decisão de casar com Barry e continuar o curso até receber o diploma.

Laura e eu ficamos de mãos dadas e oramos juntas antes de ela entrar na igreja. Naquele dia lindo permaneci ao lado dela, e os dois foram unidos como marido e mulher. Mas depois da cerimônia nupcial vem a vida a dois — algo que nem Laura, com 19 anos, nem Barry estavam preparados para enfrentar.

Após cinco anos, Laura estava entediada com o casamento, inquieta com o emprego e decepcionada com o marido. Enquanto ela trabalhava num consultório médico, Bob, um vendedor de uma empresa internacional de produtos farmacêuticos, passou a visitar o local. Bob era mais velho e tinha uma vida aparentemente emocionante. As brincadeiras amistosas

progrediram até o ponto de transformar-se num flerte sedutor. Laura aguardava ansiosamente as quintas-feiras — dia em que Bob fazia suas visitas semanais.

Um toque aqui, um almoço ali, e logo o romance começou. Laura pegou suas coisas, abandonou o casamento, o emprego e sua cidade para viver em lugares onde a grama era mais verde. Mas a grama não era tão verde assim. Espinhos infestaram o relacionamento. Bob não estava interessado em compromissos de longo prazo. Aquilo que prometia ser uma vida empolgante longe daquela cidadezinha dos Estados Unidos, longe de um casamento rotineiro e monótono, transformou-se num poço fundo e escuro de arrependimento e remorso. Laura descobriu que Bob não tinha nada de especial. Era apenas uma pessoa diferente. Um passatempo. Ele a considerava a "garota do mês".

Finalizado o divórcio, Laura foi deixada sozinha numa cidade estranha. "O que eu fiz?", ela perguntou, chorando.

O ex-marido de Laura casou-se novamente e juntou as peças quebradas de seu passado. Laura, por sua vez, estava arrasada.

Fui ao encontro dessa minha amiga e trouxe-a para a nossa cidade. Meu marido e eu encontramos um emprego para ela, a ajudamos a pôr as finanças em ordem e a conduzimos a uma ótima igreja cuja doutrina se baseava na Bíblia. Aparentemente, tudo corria bem, mas veja o que realmente aconteceu.

Laura, em seu mundo, apresentou-se diante de Jesus como a mulher surpreendida em adultério. Sentiu os olhares de seus acusadores e recuou só em pensar nas pedras que certamente seriam atiradas. Em sua mente, ela se encontrava nua e envergonhada diante da comunidade, dos membros de sua igreja de infância, de seus amigos de longa data. E, acima de tudo, estava envergonhada diante de Jesus.

— Acho que Deus não me perdoou — ela começou a dizer. — Prejudiquei minha família, meu marido e meu testemunho. O que Deus vai

querer de alguém como eu?

— Laura — eu disse — todos nós somos pecadores. Todos nós fomos salvos pela graça. Nenhum de nós merece ser agraciado. Graça é simplesmente isso. Você cometeu um erro terrível. Mas a mulher que os fariseus levaram a Jesus foi surpreendida em adultério. E o que Jesus fez com aquela mulher? O que ele disse?

— Que ela fosse e não pecasse mais.

— Exatamente. Ele disse a ela que abandonasse a vida de pecado. Isso não significa que ela não voltou a pecar, mas podemos ter certeza de que ela abandonou aquela vida, aquele relacionamento pecaminoso e começou uma nova vida. É isso que Jesus fará por você. É isso o que ele faz por todos nós.

Lemos esta promessa em 1João 1.9: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça". Outra versão usa as palavras "nos limpará de toda maldade" (NTLH). Gosto de imaginar Deus lavando todos os nossos pecados, apagando a lista de ofensas, jogando nossos pecados no fundo do mar. Todos eles.

Laura começou de novo, sim. Arrependeu-se de seu pecado, mergulhou no estudo e no ministério bíblicos e começou uma vida totalmente comprometida com aquele que a perdoou e a livrou da condenação. É isso, minha amiga, que Jesus faz todos os dias a cada uma de nós que se aproxima dele com o coração arrependido e pronta para um novo começo.

Libertada para começar de novo "Vá e abandone sua vida de pecado", Jesus declarou (Jo 8.11). Esta é a definição verdadeira de arrependimento: virar-se e seguir na direção oposta. Precisamos ser muito claras. Jesus não aprovou o que a mulher fez. Chamou aquilo de pecado. E, mesmo assim, abriu-lhe a porta para um novo começo. Deu-lhe a liberdade para começar de novo com uma ficha limpa.

Esse tipo de graça incomoda muita gente. Por certo incomodou o irmão do filho pródigo. Lemos em Lucas 15 a história de um jovem que pegou sua herança antes da morte do pai e foi esbanjar sua riqueza numa vida promíscua — bebida, jogo, prostitutas e assim por diante. Porém, quando seus bolsos e o estômago se esvaziaram, quando ele "começou a passar necessidade [...] caindo em si" (v. 14,17), voltou para casa, na esperança de trabalhar como um servo na fazenda do pai.

> Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho e o abraçou e beijou. O filho lhe disse: "Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho". Mas o pai disse aos seus servos: "Depressa! Tragam a melhor roupa e vistam nele. Coloquem um anel em seu dedo e calçados em seus pés. Tragam o novilho gordo e matem-no. Vamos fazer uma festa e alegrar-nos. Pois este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado". E começaram a festejar o seu regresso.
>
> Lucas 15.20-24

Não é maravilhoso? Jesus está contando essa história, tentando mostrar um exemplo bem ilustrativo. Quando um pecador arrependido volta para a casa do Pai, não recebe condenação. Não é recebido por religiosos com pedras nas mãos, prontos para julgá-lo e sentenciá-lo à morte. Não, o pecador que se arrepende é recebido por um Pai amoroso que está esperando... esquadrinhando o horizonte... desejando que o filho volte para casa.

Deus, então, imagine só, resolve dar uma festa! O filho arrependido tira as roupas velhas e sujas e veste um manto novo de justiça. Não por que ele seja merecedor, entenda bem, mas porque o Pai o convida — nos convida — a começar de novo.

O irmão mais velho do filho pródigo não gostou da comemoração da volta do irmão desobediente. Assim como os fariseus, ele pegou as pedras de julgamento e preparou-se para atirá-las. Sempre haverá aqueles que se irritam diante da graça que Deus oferece gratuitamente. Mas há um detalhe

aqui — o irmão mais velho também foi convidado para a festa. Ainda bem que não foi encarregado de prepará-la.

“A graça corre o risco de ser usada incorretamente. Essa é uma história de esperança para os pecadores, não uma desculpa para sermos levianos quanto às nossas transgressões.”[4] Acredito, de todo o coração, que aquela mulher ficou eternamente grata por Jesus tê-la libertado para um novo começo. Acredito, de todo o coração, que foi exatamente o que ela fez.

Vamos voltar à história de Laura por um instante. Depois que começou uma nova vida, ela seguiu Deus de todo o coração. Estava tão agradecida pela oportunidade de começar de novo que decidiu entregar a vida para servir e honrar Jesus.

Um dia, durante seu quinto ano na nova igreja, ela conheceu Peter, um cristão maravilhoso. Depois que se casaram, Laura e Peter comprometeram-se a dedicar a vida a servir a Deus aonde quer que ele os enviasse. Após uma viagem missionária, ambos sentiram o chamado de Deus para voltar e residir permanentemente no local. Hoje, depois de mais de dez anos, Laura e Peter servem a Deus por meio de evangelização, discipulado e amor aos cristãos que se lançam no campo missionário. Ela concorda com Paulo quando ele escreve: “... uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo” (Fp 3.13-14). Amiga, essa é uma escolha.

Deus não nos liberta apenas *do* passado. Liberta-nos *para* um futuro emocionante. E, para nos mostrar como fazer isso, Jesus apresenta-nos a história maravilhosa da mulher surpreendida em adultério.

Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação.
As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!
2Coríntios 5.17

6

A mulher cansada à beira do poço *Libertada das buscas vazias*
Libertada para um propósito transbordante

O sol forte do meio-dia iluminava o céu sem nuvens, e a brisa da manhã desaparecera havia muito tempo. A mulher cansada, com as forças exauridas, pegou o cântaro vazio, um reflexo de sua vida vazia, e dirigiu-se ao poço de Jacó a fim de buscar água para o dia.

O poço de Jacó era um lugar bem movimentado para a vida comunitária das mulheres do povoado, onde elas tinham a oportunidade de sair dos limites do lar e misturar-se com as amigas. Ali, tomavam conhecimento da última fofoca, contavam as novidades do povoado e compartilhavam dicas de assuntos do lar. A maioria das mulheres ia ao poço em grupos; até aqui nenhuma surpresa. Mas Ramona decidiu ir sozinha.

"Seria bom se eu pudesse ir ao poço de manhã, quando o dia está mais fresco, ou ao entardecer como todas as mulheres", ela disse a si mesma. "Mas não vale a pena. Estou cansada dos olhares de superioridade, do burburinho das fofocas e das risadinhas hipócritas. Na semana passada, Maria puxou com força a filha de 5 anos pelo braço para ela não ficar muito perto de mim. Imagine só! Será que ela pensa que vou contaminar a menina se ela esbarrar em meu manto? Não, prefiro este sol escaldante a olhares ferozes."

Ramona espiou pela fresta da porta. "Meio-dia em ponto. O caminho está livre."

Sobre a cabeça envolta com véu, a samaritana equilibrou facilmente o cântaro com capacidade para vinte litros; então, dirigiu-se ao poço comunitário. Os pensamentos de rejeição continuaram à medida que ela caminhava penosamente pela estrada empoeirada. "Eu só quero ser amada. O que há de errado com isso? Tentei cinco vezes e fui rejeitada cinco vezes. Casamento e divórcio, casamento e divórcio. Jogada fora como uma sandália velha. Rejeitada pelos homens. Abandonada por ex-amigas. Sinto que não passo de um grão de milho atirado aos pés de um porco, que ninguém quer."

Os pensamentos de Ramona foram interrompidos assim que ela chegou ao destino e avistou um homem sentado sozinho à beira do poço. "O que um judeu como aquele está fazendo neste lugar? Vou baixar os olhos e fingir que ele não está aqui."

Ele, porém, *estava* lá. E estava lá com um propósito.

Suas palavras inesperadas quebraram o silêncio.

— Você poderia me dar um pouco de água para eu beber? — ele pediu.

"Um judeu jamais se humilharia a ponto de falar com uma samaritana", ela pensou. "Ele é igual a todos os outros homens. Não fala comigo em público onde as pessoas podem ver, mas está ansioso por puxar conversa quando deseja alguma coisa. Vou lhe mostrar como é." Com uma dose de sarcasmo, a mulher respondeu: — Estou um pouco confusa. O senhor é judeu, e eu sou samaritana. Mesmo assim, o senhor me pede água para beber? Isso não contraria as regras?

Jesus não fez caso do sarcasmo dela e partiu para a ação. Estava mais interessado em vencer a mulher que vencer a guerra das palavras.

— Se você soubesse quem eu sou e me tivesse pedido água, eu lhe daria a água viva.

Agora, ele conseguira chamar a atenção dela. O que significava aquela tal de água viva? Quem era aquele homem? Sem perceber, ela pôs o cântaro no chão e começou também a baixar seus muros emocionais.

— E como o senhor vai conseguir essa água viva? — ela perguntou, rindo. — O senhor não tem sequer um balde. Vai tirar a água do poço com as mãos? Nosso pai Jacó nos deu este poço. O senhor está dizendo que é maior que Jacó? Pode nos dar alguma coisa melhor que ele deu?

Embora Jesus estivesse tentando fazê-la pensar na verdade espiritual e deixar de lado uma necessidade física, ela não acompanhou o raciocínio dele.

— Se você beber desta água — Jesus prosseguiu — voltará a ter sede. Mas se beber da água da qual estou lhe falando, a água viva, nunca mais terá sede. E mais, você terá uma fonte de água borbulhante que respingará em todos ao seu redor.

— Dê-me dessa água! — ela disse. — Ah, como eu gostaria de nunca mais ter de voltar a este poço!

A mulher não entendeu aquela história de "água viva", mas, se significasse não ter de voltar ao poço todos os dias e enfrentar os olhares de condenação e os comentários impiedosos das outras mulheres, ela aceitaria.

— Vá, chame o seu marido e volte.

De repente, o calor que ela sentira no início começou a abandonar sua alma, e a sensação gelada de vazio voltou com violência.

— Eu não tenho marido — ela replicou secamente, escondendo-se atrás de uma máscara usada para ocultar as emoções.

— Você está certa — Jesus continuou. — Que bom que admitiu isso. Aplaudo sua sinceridade. A verdade é que você teve cinco maridos, e o homem com quem vive agora não é seu marido. Portanto, está falando a verdade quando diz que não tem marido.

Não houve nenhum tom de condenação na voz de Jesus. Ele simplesmente expôs os fatos como se estivesse falando das condições do tempo ou do preço dos ovos no mercado.

De repente, os anos dolorosos da vida da samaritana passaram diante dela, e ela se sentiu abandonada, emocionalmente vazia e desesperadamente

sedenta. “Como ele sabe essas coisas sobre mim?”, ela se perguntou. “Quem é este homem? É um profeta?”

Querendo desviar o assunto, a mulher tentou envolver Jesus num debate teológico. Tentou mudar a conversa sobre sua vida e passar para um assunto menos arriscado.

— Senhor, acho que é profeta. Nossos antepassados adoraram neste monte, mas vocês, os judeus, dizem que o lugar em que devemos adorar é Jerusalém. Qual deles é o correto?

— Creia em mim — Jesus disse. — Um dia vocês não adorarão o Pai nem neste monte, nem em Jerusalém. Está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São esses os adoradores que o Pai procura. Não se trata de saber onde vocês devem adorar, mas quem e como.

— Ah, bom — ela deu de ombros. — Sei que o Messias está chegando. Quando ele vier, explicará tudo para nós.

Jesus olhou resolutamente para a mulher e, pela primeira vez em seu ministério, revelou a alguém sua verdadeira identidade.

— Eu sou o Messias.

No fundo do coração, ela sabia que era verdade. Queria rir, chorar, prostrar-se aos pés dele, mas antes que ela pudesse fazer isso, uma nuvem de pó e o ruído de vozes masculinas interromperam a conversa. Os amigos de Jesus haviam retornado do mercado e pararam subitamente, espantados por ele estar conversando a sós com uma mulher. Porém, o fato mais surpreendente ainda foi o que ele acabara de dizer: “Eu sou o Messias”.

Deixando o seu cântaro, a mulher correu à cidade e contou ao povo sobre o Messias que conhecera à beira do poço de Jacó.

UMA ANÁLISE MAIS CUIDADOSA PRECISO LHE DIZER QUE, PARA MIM, ESSA É UMA DAS PASSAGENS MAIS EMPOLGANTES DA BÍBLIA, UMA MENSAGEM CHEIA DE ESPERANÇA PARA TODAS AS MULHERES QUE SE SENTEM VIOLENTADAS, MALTRATADAS E ESQUECIDAS, UMA MENSAGEM PARA TODAS

AS MULHERES QUE TENTARAM TUDO E TODOS PARA PREENCHER A LACUNA EM SEU CORAÇÃO, MAS QUE AINDA OUVEM O ECO DO VAZIO SOAR EM SUA ALMA TOTALMENTE OCA.

Quero que você sinta a largura e a profundidade das palavras dessa história. Trata-se da conversa mais longa registrada entre Jesus e uma pessoa no Novo Testamento inteiro. E a conversa foi com uma mulher. Vamos nos sentar à beira do poço e ouvir uma parte da história.

> Os fariseus ouviram falar que Jesus estava fazendo e batizando mais discípulos do que João, embora não fosse Jesus quem batizasse, mas os seus discípulos. Quando o Senhor ficou sabendo disso, saiu da Judeia e voltou uma vez mais à Galileia. Era-lhe necessário passar por Samaria.
>
> João 4.1-4

Jesus andara muito atarefado na Judeia e estava voltando para a Galileia. Não foi a perseguição que o forçou a afastar-se dali, mas o incrível sucesso. Sua popularidade cada vez maior fez que ele se retirasse porque os fariseus começavam a vê-lo como ameaça.

O caminho mais curto da Judeia à Galileia era uma estrada alta que passava pelo território samaritano, mas os judeus costumavam atravessar o rio Jordão e seguir um caminho mais longo para não pisar nas cidades dos desprezíveis vizinhos. No ano 721 a.C., os assírios conquistaram Israel e deportaram milhares de israelitas para a terra entre o monte Gerizim e o monte Ebal. Lá, os israelitas casaram com mulheres estrangeiras e passaram a ser conhecidos como samaritanos.

Os judeus evitavam os samaritanos como praga, literalmente. Mantinham distância, como se os samaritanos estivessem em quarentena num quarto de hospital. Existia enorme preconceito e animosidade entre os dois povos. Em resumo, eles se odiavam como duas gangues em guerra.

Não foi por causa da geografia que Jesus precisou "passar por Samaria". Não mesmo. Ele precisava passar por Samaria por ordem de seu Pai.

Conforme disse várias vezes aos discípulos, só fazia o que o Pai lhe ordenava (cf. Jo 5.30; 6.38; 8.26; 9.4; 10.37-38; 12.49-50).

Jesus teve de ir a Samaria por causa do destino divino. Outra tradução diz: "No caminho, ele tinha de passar pela região de Samaria" (NTLH). Estava lá em missão especial. Não foi coincidência nem um encontro casual, mas uma "decisão deliberada, intencional e calculada da parte do Salvador do mundo para encontrar-se com ela".[1] Veja bem, havia uma mulher em Samaria que tinha sido usada e abusada durante toda a vida. E Deus desceu de seu trono e a escolheu para um momento como aquele. Embora ela se considerasse perdida e sem valor, Deus a escolheu como porta-voz especial para uma cidade inteira. E enviou seu Filho para comissioná-la ao ministério.

Jesus, portanto, tinha de ir. Não por causa da geografia, mas por aquilo que seu Pai escrevera em sua agenda celestial. Os discípulos haviam ido comprar comida, mas Jesus esperou pacientemente para cumprir aquela missão.

> Assim, chegou a uma cidade de Samaria, chamada Sicar, perto das terras que Jacó dera a seu filho José. Havia ali o poço de Jacó. Jesus, cansado da viagem, sentou-se à beira do poço. Isso se deu por volta do meio-dia.
>
> João 4.5-6

Quando eu estava assistindo a uma aula sobre filmes na faculdade, lembro-me de ter visto um faroeste antigo, em branco e preto, chamado *High Noon*, que pode ser traduzido por "meio-dia em ponto".[2] O que tornava esse filme inédito para a época era que tratava da marcação do tempo real. A trama progredia minuto após minuto, enquanto se ouvia o tique-taque do relógio na parede da sala do xerife, e a tensão conduzia a um tiroteio ao meio-dia em ponto.

Foi ao meio-dia que conhecemos a protagonista da história que examinamos. Não, não nas ruas empoeiradas de Hadleyville (onde a trama

do faroeste que citei é encenada), mas nos caminhos hostis de Samaria, ao meio-dia em ponto. "De acordo com o tempo romano, eram seis horas da tarde; pelo tempo judaico, era meio-dia."[3] Não há nenhum tiroteio nessa história em particular, mas há algumas palavras ácidas.

João relata: "Havia ali o poço de Jacó" (v. 6). O poço continua lá até hoje. Se você visitar a Terra Santa, verá com os próprios olhos aquele lugar onde as mulheres se reuniam na época de Jesus.

A maioria das mulheres ia tirar água do poço para o uso diário logo de manhã, porque era mais fresco, ou no fim da tarde, mas aquela mulher foi ao meio-dia. O sol escaldante era um preço baixo a ser pago para não ser mal recebida pelas mulheres da cidade. Ela preferia o calor do sol aos ombros frios das mulheres. Assim, enquanto as mulheres se reuniam de manhãzinha para uma conversa amigável à beira do poço, a samaritana de nossa história esperava até que elas voltassem para o abrigo de seus lares, a fim de encontrar abrigo para ela própria.

> Nisso veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus: "Dê-me um pouco de água". (Os seus discípulos tinham ido à cidade comprar comida.) João 4.7-8

Jesus não exigiu. Simplesmente pediu. Porém, o pedido em si foi radical. Os homens judeus não conversavam com mulheres samaritanas. E ninguém ouvira falar de um judeu que tivesse bebido na taça de um samaritano. Os judeus consideravam os samaritanos impuros, e beber na taça de um samaritano tornaria um judeu impuro.

Jesus, no entanto, falou diretamente com ela, e com respeito. Aquilo foi, sem dúvida, radicalmente diferente de qualquer outro homem judeu que tivesse tido contato com aquela mulher.

> A mulher samaritana lhe perguntou: "Como o senhor, sendo judeu, pede a mim, uma samaritana, água para beber?" (Pois os judeus não se dão bem com os samaritanos.) João 4.9

A mulher deve ter pensado em todo aquele tempo em que os samaritanos haviam sido tratados como poeira sob os pés dos judeus. Aquele pedido foi surpreendente! Ali estava aquele judeu, pedindo água para beber a uma samaritana, pedindo para beber na taça de uma samaritana. Um escândalo.

Não pense nem por um minuto que a nacionalidade e o gênero a que a mulher pertencia foram fortuitos. Foram escolhidos intencionalmente pelo nosso Deus intencional — mais um exemplo de que o plano de Deus para livrar os cativos foi para *todos* os que creem.

> Jesus lhe respondeu: "Se você conhecesse o dom de Deus e quem lhe está pedindo água, você lhe teria pedido e ele lhe teria dado água viva".
>
> João 4.10

O que acontece quando alguém lhe diz: "Se você conhecesse"? Não sei qual seria sua reação, mas isso me faz *querer saber*. Jesus falou essas mesmas palavras instigantes à mulher com o cântaro vazio. Ele a estava cativando e convidando para as fontes da vida.

O poço tinha mais de trinta metros de profundidade, mas esse pequeno detalhe nunca tolheu Jesus. O braço de Deus nunca é curto demais. Ele alcança os lugares mais profundos, mais escuros da alma humana, e enche-a com sua presença. Quando temos um encontro com Deus e ele derrama a dádiva da água viva, a alegria borbulha com a vida plena que ele sempre planejou. "O dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm 6.23). Deus estava estendendo o pacote, convidando-a para conhecer uma verdade que lhe seria revelada.

> Disse a mulher: "O senhor não tem com que tirar água, e o poço é fundo. Onde pode conseguir essa água viva? Acaso o senhor é maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu, bem como seus filhos e seu gado?" Jesus respondeu: "Quem beber desta água terá sede outra vez, mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Ao contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna".

João 4.11-14

Enquanto ela se concentrava em obter a água material, Jesus continuou a atraí-la para mais perto da água viva. A água no poço de Jacó mataria a sede física temporariamente. A água no poço de Jesus saciaria a sede espiritual eternamente. A água viva de Jesus encheria de alegria transbordante aquela mulher vazia.

Helen Keller era cega, surda e muda. Sua tutora e cuidadora, Annie Sullivan, tentou insistentemente ensinar a linguagem de sinais a Helen, associando várias palavras com os sinais que ela fazia na palma da mão da moça. Um dia, enquanto a água fresca vinda de uma bomba externa corria por sobre as mãos de Helen, ela percebeu que o líquido frio que fluía sobre seu corpo era o símbolo que Annie fizera em sua mão. Á-g-u-a. "Fiquei sabendo, então, que 'á-g-u-a' significava o frescor maravilhoso de alguma coisa que escorria sobre minhas mãos", Helen disse. "Aquela palavra viva despertou minha alma, deu-lhe luz, alegria, libertou-a!"[4] Assim começou a jornada de Helen com uma de suas descobertas mais incríveis — palavras.

Quando entendemos o conceito de água viva, o efeito é o mesmo. Deus "desperta nossa alma, dá-nos luz, alegria, liberta-nos!" Porém, a mulher à beira do poço não havia ainda passado por essa experiência.

> A mulher lhe disse: "Senhor, dê-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem precise voltar aqui para tirar água".
>
> João 4.15

Um momento! Por acaso ela disse: "Dê-me dessa água"? Não era isso o que Jesus queria dela? Conforme costuma fazer, Jesus pediu a ela que lhe desse algo só para oferecer uma coisa melhor em troca. Essa é a verdadeira definição de redenção.

> Ele lhe disse: “Vá, chame o seu marido e volte”. “Não tenho marido”, respondeu ela. Disse-lhe Jesus: “Você falou corretamente, dizendo que não tem marido. O fato é que você já teve cinco; e o homem com quem agora vive não é seu marido. O que você acabou de dizer é verdade”.
>
> João 4.16-18

Jesus ergueu a cortina da história da vida daquela samaritana, e todos os eventos foram expostos diante dela. Conte quantos foram: um, dois, três, quatro, cinco. Cinco maridos e um extra. Não sabemos por que ela se divorciara cinco vezes. Naquela época, o homem podia divorciar-se da mulher se ela saísse de casa com os cabelos soltos ou se falasse com um homem em público. O marido poderia divorciar-se até se a mulher queimasse o pão ou ele decidisse que não gostava mais dela. Não precisava muita coisa. Mas, fossem quais fossem os motivos, aquela mulher havia sido usada, maltratada e descartada pelos homens que ela amara e em quem confiara.

Isso também nos dá uma ideia de que ela não era jovem. É preciso tempo para passar por tantas rejeições. Sem dúvida, os anos de coração partido e sonhos despedaçados foram gravados em seu rosto queimado pelo sol. Da mesma forma que ela retirara o balde cheio de esperança do poço de cada novo casamento, seus sonhos espirraram nos solos ressequidos do divórcio — cinco vezes. O anseio por amor a deixou vazia interiormente e a levou a tomar mais uma decisão errada — o homem número seis.

Jesus falou sobre o passado dela sem nenhum sinal de condenação ou rejeição na voz. A bem da verdade, ele aplaudiu a sinceridade dela. Mudou a conversa para o lado pessoal e chegou mais perto do ponto central do assunto: a questão do coração. Jesus sempre muda a conversa para o lado pessoal quando está prestes a libertar alguém. E ele estava sacudindo as chaves da prisão.

> Disse a mulher: “Senhor, vejo que é profeta. Nossos antepassados adoraram neste monte, mas vocês, judeus, dizem que Jerusalém é o lugar onde se deve adorar”.

João 4.19-20

O que nós fazemos quando somos confrontadas com uma verdade tão nua a nosso respeito? Em geral, tentamos mudar de assunto. Foi exatamente o que a mulher fez. Ela queria afastar o holofote focado nela e iniciar um debate teológico ou religioso. “Não vamos falar de mim”, ela parecia dizer. “Vamos falar de religião. Ou, então, dos povos pobres dos países do Terceiro Mundo que nunca ouviram falar do evangelho. Como Deus pode permitir que essas desgraças aconteçam a pessoas boas? Que tal falarmos de outras religiões? Vamos falar disso.”

Jesus sempre traz o assunto de volta para mim, para você. É isso o que importa para ele. Jesus respondeu à pergunta da mulher explicando que Deus está mais interessado em como adoramos que onde adoramos. Está mais preocupado com nosso relacionamento com ele que com nossas práticas religiosas.

Curiosamente, primeiro ela chamou Jesus de “judeu”. Depois chamou-o de “senhor”. E, agora, ao ser confrontada com a realidade de sua vida, ela chama-o de “profeta”. Mas havia mais um nome que ela viria a descobrir.

> Jesus declarou: “Creia em mim, mulher: está próxima a hora em que vocês não adorarão o Pai nem neste monte, nem em Jerusalém. Vocês, samaritanos, adoram o que não conhecem; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus. No entanto, está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade”. Disse a mulher: “Eu sei que o Messias (chamado Cristo) está para vir. Quando ele vier, explicará tudo para nós”.
>
> João 4.21-25

Sou capaz de vê-la naquela cena. Ela encolhe os ombros com uma atitude de “pode ser”. Um momento depois Jesus deixa a bomba cair.

> Então Jesus declarou: “Eu sou o Messias! Eu, que estou falando com você”.

João 4.26

No grego, a linguagem original do Novo Testamento, a palavra "messias" não é usada no versículo 26. Jesus disse literalmente: "Eu, que estou falando com você, sou".[5] Essas palavras remontam a Êxodo, quando Moisés disse a Deus: "Quando eu chegar diante dos israelitas e lhes disser: O Deus dos seus antepassados me enviou a vocês, e eles me perguntarem: 'Qual é o nome dele?' Que lhes direi?" Disse Deus a Moisés: "Eu Sou o que Sou. É isto que você dirá aos israelitas: Eu Sou me enviou a vocês".

Êxodo 3.13-14

Deus disse que seu nome é Eu Sou. Ele era. Ele é. E ele sempre será.

Quando disse: "Eu sou" em João 4.26, Jesus estava equiparando-se a Deus. Mais tarde, em João 8.58, ele disse: "Eu lhes afirmo que antes de Abraão nascer, Eu Sou!". Ele estava expressando sua existência eterna e sua completa unicidade com Deus.

Jesus não havia dito nem uma vez a alguém, de forma tão direta, que ele era o Messias. Nunca mais, até o dia de sua grande provação, ele repetiu essas palavras. No entanto, para aquela samaritana usada e maltratada que havia sido rejeitada por homens, Jesus revelou a verdade mais importante de toda a criação porque ela foi escolhida por Deus.

> Naquele momento os seus discípulos voltaram e ficaram surpresos ao encontrá-lo conversando com uma mulher. Mas ninguém perguntou: "Que queres saber?" ou "Por que estás conversando com ela?".

João 4.27

Você é capaz de imaginar? Os discípulos voltaram das compras e encontraram Jesus conversando com uma mulher. E não era uma mulher qualquer; era uma samaritana. Jesus estava quebrando todas as regras, novamente. Ele arriscou sua reputação para salvar a dela. Os discípulos o respeitavam, por isso se mantiveram de boca fechada. Mas a boca fechada

nunca impediu Jesus de saber o que os outros pensavam. Em todo o seu ministério, vemos que ele sabia exatamente o que as outras pessoas estavam pensando, e aquele momento não foi exceção.

Sem dúvida, aqueles doze homens se consideravam superespeciais. Quem não se sentiria assim? Eles eram alguns dos amigos mais íntimos de Jesus — os escolhidos. Jesus, porém, sempre dava um jeito de colocá-los em seus lugares. “Os primeiros serão os últimos.” “Sirvam como eu sirvo.” “Lavem os pés uns dos outros.” Portanto, eles depararam com a cena de Jesus doutrinando uma samaritana e usando-a como recurso visual para ensiná-los. Isso, minha amiga, foi humilhante. “Vocês, homens, querem ver como se faz? Vejam isto.”

O tempo de Deus para os eventos daquele dia não foi coincidência. Se eles tivessem chegado antes, teriam interrompido a conversa. Conforme planejado por Deus, eles chegaram no momento em que Jesus estava dizendo: “Eu sou o Messias! Eu, que estou falando com você”. Ela ouviu. Eles ouviram. Eles ouviram que ela ouviu. O tempo que permaneceram ausentes e o momento em que chegaram indicam mais uma vez o controle divino de Deus sobre o tempo e os fatos.

Naquele momento, os discípulos devem ter imaginado que Jesus tinha um jeito próprio de fazer as coisas. Mas eles eram lentos, muito lentos, para entender que aquela parte do plano de Jesus era libertar as mulheres dos grilhões culturais, sociais e religiosos que as mantinham cativas. Posteriormente, Paulo escreveu: “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus” (Gl 3.28).

> Então, deixando o seu cântaro, a mulher voltou à cidade e disse ao povo: “Venham ver um homem que me disse tudo o que tenho feito. Será que ele não é o Cristo?” Então saíram da cidade e foram para onde ele estava.
>
> João 4.28-30

Você acha que Jesus sabia aonde a mulher estava indo e o que ia fazer? Claro que sabia. Não tentou impedi-la. Não disse: "Espere um pouco, irmãzinha. Esta conversa é somente entre nós dois. Você não pode sair por aí agindo como uma evangelista. As mulheres não podem fazer isso. Ninguém vai dar ouvidos a você. Deixe essa função para os homens. Cuidaremos disso daqui em diante".

Não. Provavelmente com um sorriso no rosto, Jesus viu quando ela deixou o cântaro na beira do poço como uma criança animada e correu de volta à cidade para contar a novidade. "Vejam só o jeito dela", ele deve ter pensado. Acho até que chegou a rir.

Em seguida, Jesus virou-se para os discípulos, atônitos. Ele sabia o que estavam pensando, mas, em vez de mencionar as perguntas julgadoras dos discípulos, simplesmente começou a usar a oportunidade como outro momento de ensino. Explicou o que em breve aconteceria. Os campos estavam maduros para a colheita, ele explicou. Depois, chamou-lhes a atenção para um membro recém-designado para o trabalho, que faria parte daquela colheita em particular — uma mulher. Ela ajuntou os frutos pendurados nos galhos mais baixos, apanhou-os e voltou com a colheita que o Mestre Jardineiro aguardava. Na prática, Jesus estava dizendo: "Tomem nota, rapazes. Prestem atenção. Esta pequenina mulher lhes mostrará como se faz". Assim que ele terminou a lição (cf. Jo 4.31-38), a mulher voltou acompanhada do vilarejo inteiro. Jesus usou as ações dela como ferramenta de ensino para seus amigos mais próximos.

> Muitos samaritanos daquela cidade creram nele por causa do seguinte testemunho dado pela mulher: "Ele me disse tudo o que tenho feito".
>
> João 4.39

Os habitantes do vilarejo não foram até Jesus porque a mulher iniciou um debate teológico com eles. Foram porque ela lhes contou o que Jesus havia feito em sua vida. Foram por causa do testemunho dela. Apocalipse 12.11

diz: “Eles [os que creem] o venceram [Satanás] pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do testemunho que deram”. Não é admirável saber que nossas palavras, as palavras do que Jesus tem feito em nossa vida, têm poder suficiente para estar na mesma frase que a expressão “o sangue do Cordeiro”?

A vida da mulher dessa história não foi um conto de fadas, mas teve um final igual aos dos contos de fadas. Finalmente, seu Príncipe havia chegado.

Libertada das buscas vazias

Todos nós chegamos ao mundo com sede. A partir do momento em que meu filho chorou pela primeira vez na sala de parto, ele começou a procurar alguma coisa para beber. Deus planejou que fosse assim. Nosso corpo compõe-se de 50 a 60% de água e precisa ser reabastecido continuamente. Quando não temos água para beber, a pele fica pegajosa, os olhos coçam e a cabeça começa a latejar. Precisamos de água para que a boca tenha umidade suficiente para engolir, para que os órgãos vitais funcionem a contento e as juntas tenham lubrificação suficiente para flexionar. Se passarmos uma semana sem água, ficaremos desidratados e morreremos.

Chegamos também ao mundo com sede espiritual. A partir do momento em que o cordão umbilical é cortado e não mais recebemos nutrientes de nossa mãe, começamos uma jornada para descobrir a água viva que nos satisfaça a alma. Ah, não sabemos ainda, mas Deus colocou esse desejo em cada uma das portadoras de sua imagem. Enquanto não tivermos um encontro com Jesus à beira do poço, continuaremos a tentar, de todas as formas, saciar a sede que Deus nos deu com qualquer coisa ou qualquer pessoa que nos ofereça alívio temporário. Mas só que esse alívio é... temporário.

Somente quando tivermos um relacionamento com Jesus é que descobriremos “o propósito supremo para o qual fomos criados, o encontro e o casamento entre nós e Deus [...] a esperança mais sublime, mais santa e

mais feliz do coração humano, aquela fome (e sede) com as quais todos nós nascemos, a busca, o anseio”.[6]

A mulher à beira do poço tentara beber água de muitas fontes superficiais. Todas, porém, deixaram-na com mais sede ainda — ou pelo menos uma sede por algo diferente. Jesus ofereceu-lhe água viva esplendidamente refrescante, água que flui livre, água que borbulha do Espírito Santo que habita em nós e mata toda sede, lava-nos de todo pecado e corre por todos os cantos e frestas de nosso ser. Jesus convida-nos a beber sempre dessa água e a sorvê-la profundamente.

Eu moro à beira de um lindo lago. Posso olhar o lago, nadar no lago e até entrar no lago, mas continuo morta de sede. A água somente entrará em meu organismo se eu beber dela com a concha da mão.

Da mesma forma, podemos ler sobre Jesus, ouvir sermões sobre Jesus e até acreditar que ele foi um homem bom; porém; enquanto não acreditarmos verdadeiramente que Jesus é o Filho de Deus, o Messias, que morreu por nossos pecados e ressuscitou, enquanto não tivermos um relacionamento com Jesus para que ele seja Senhor de nossa vida, continuaremos sedentas.

E a mulher à beira do poço? Ela aceitou o convite. Acreditou!

Na série *As crônicas de Nárnia*, C. S. Lewis apresenta uma nova personagem em *A cadeira de prata*. Jill se vê transportada para Nárnia como se fosse um sonho. A primeira criatura que ela encontra é Aslam, o leão, a figura de Cristo. Aslam aparece por um momento e, depois, retorna lentamente para a floresta. Jill fica com um medo terrível de encontrar-se com o leão, mas sua sede cada vez maior a leva a procurar água. Essa não! Jill avista um riacho, mas tem de passar por Aslam para chegar lá.

> — Não está com sede? — perguntou o Leão.
>
> — Estou morrendo de sede.
>
> — Então, beba.
>
> — Será que eu posso... você podia... podia arredar um pouquinho para lá enquanto eu mato a sede?

A resposta do Leão não passou de um olhar e um rosnado baixo. Era (Jill se deu conta disso ao defrontar o corpanzil) como pedir a uma montanha que saísse do seu caminho.

O delicioso murmúrio do riacho era de enlouquecer.

— Você promete não fazer... nada comigo... se eu for?

— Não prometo nada — respondeu o Leão.

A sede era tão cruel que Jill deu um passo sem querer.

— Você come meninas? — perguntou ela.

— Já devorei meninos e meninas, homens e mulheres, reis e imperadores, cidades e reinos — respondeu o Leão, sem orgulho, sem remorso, sem raiva, com a maior naturalidade.

— Perdi a coragem — suspirou Jill.

— Então vai morrer de sede.

— Oh, que coisa mais horrível! — disse Jill dando um passo à frente. — Acho que vou ver se encontro outro riacho.

— Não há outro — disse o Leão.[7]

Amiga, não há outro riacho mediante o qual nosso vazio seja verdadeiramente preenchido. Nenhuma pessoa, nenhum lugar, nenhum bem material satisfará o vazio moldado por Deus em nosso coração. Somente Jesus, a água viva, satisfará. Estupendamente. Ele não satisfaz apenas nossa sede, mas preenche também os espaços vazios até transbordar, para que possamos compartilhar com outras pessoas o caminho para a vida eterna.

Libertada para um propósito transbordante Nossa irmã que conheceu Jesus quando ele a aguardava na beira do poço foi libertada das buscas vazias e libertada para um propósito transbordante. Ela entendeu imediatamente o que tinha de fazer: contar a alguém. Ninguém a forçou; ela foi compelida a isso. Não acontece o mesmo com você e comigo? Finalmente entendemos! Deus abre-nos os olhos para a verdade! Jesus satisfaz o anseio em nosso coração, o anseio que nunca podemos identificar completamente, e depois queremos que todos sintam

TAMBÉM ESSA SATISFAÇÃO. A ALEGRIA BORBULHA E ESPIRRA NAS PESSOAS À NOSSA VOLTA. “VENHAM VER…”, A MULHER GRITOU. ELA VIU JESUS, E AGORA SEU POVOADO VIA JESUS NELA.

Deus tinha um plano para aquela mulher. Ela fizera más escolhas ao longo do caminho, mescladas com a violência e os maus-tratos que sofrera dos homens, mas aquilo não impediu o plano de Deus para ela. Assim como diamantes expostos sobre veludo preto, seu passado obscuro serviu como um pano de fundo contrastante sobre o qual brilharia a transformação milagrosa de sua vida.

Não sabemos o nome dela, mas Jesus sabia. E, além do nome, ele sabia tudo sobre ela. Jesus também sabe nosso nome, nossos sonhos e nossos pecados secretos. Jesus conhece nossos erros passados, presentes e futuros. Ainda assim, ele nos escolhe para propósitos específicos na obra de seu reino. Paulo diz: “Olho nenhum viu, ouvido nenhum ouviu, mente nenhuma imaginou o que Deus preparou para aqueles que o amam” (1Co 2.9). Não há nenhum obstáculo no caminho de Deus que o impeça de usar a pessoa que ele escolheu — nem mesmo nossa vida caótica.

E apesar de, na época de Jesus, as mulheres não serem consideradas testemunhas idôneas, aquela mulher foi a testemunha que Deus escolheu para proclamar as boas-novas de Jesus Cristo a uma cidade inteira. Ela deixou seu cântaro com água, um símbolo de sua antiga vida ressequida, e correu para espirrar as boas-novas da chegada do Messias em todos os que quisessem ouvi-la. Pode ter sido a primeira vez que Deus usou uma mulher para evangelizar uma comunidade, mas com certeza não seria a última.

O general William Booth, fundador do Exército de Salvação, disse: “Alguns de meus melhores homens são mulheres!”.[8] No século 19, as mulheres do Exército de Salvação percorreram bairros extremamente pobres da Inglaterra, trabalhando onde a polícia tinha medo de aventurar-se. Os subúrbios eram governados por criminosos, e as ruas eram um terreno fértil para a violência e toda sorte de maldade. Mas as mulheres do Exército de

Salvação marcharam corajosamente em direção àquele campo de batalha. Catherine, mulher de William, era uma pregadora bastante conhecida na época. William nunca a impediu de fazer isso; ao contrário, encorajou-a a usar os dons que Deus lhe concedera. Sou capaz de ver Jesus sorrindo para Catherine nas ruas escuras da Inglaterra e pensando: "Vejam só o jeito dela".

No início do século 19, John e Charles Wesley lideraram o grande avivamento espiritual na Inglaterra e nos Estados Unidos. A mãe deles, Susanna, orava por mais de duzentas pessoas todas as semanas em reuniões de oração que dirigia na paróquia de seu marido. Mais tarde, John usou mulheres líderes para pequenos grupos chamados "classes", que impulsionaram o avivamento. John disse: "Uma vez que Deus usa as mulheres na conversão de pecadores, quem sou eu para me opor a Deus?".[9]

Uma das evangelistas mais eficientes de nossos dias é Anne Graham Lotz, filha de Billy Graham. Tanto o sr. Graham como seu filho Franklin concordam que Anne é a melhor pregadora da família.[10] Quando, porém, Anne falou em um congresso de pastores em 1988, alguns homens viraram a cadeira para trás e deram as costas ao palco, em protesto contra uma mulher evangelista. Anne não tentou convencer ninguém acerca de seu chamado para ensinar ou evangelizar. "Quando as pessoas têm problemas com mulheres no ministério", ela disse numa entrevista, "precisam levar o assunto a Jesus. Foi ele quem nos colocou aqui."

Sou imensamente grata à dra. Henrietta Mears, da Primeira Igreja Presbiteriana de Hollywood, em Los Angeles. Ela dirigiu um estudo bíblico ao qual um jovem chamado Bill Bright compareceu. Ao ouvir os ensinamentos da dra. Mears, Bright entregou sua vida a Cristo. Mais tarde, ele fundou a Campus Crusade for Christ [Cruzada Universitária para Cristo], uma organização que já ajudou a conduzir um número aproximado de 54,5 milhões de pessoas a Jesus. Desde 1951, o ministério da Campus Crusade levou mais de 4,5 bilhões de "divulgações" do evangelho ao mundo inteiro.[11]

Billy Graham, que foi pupilo de Henrietta Mears, fez este comentário: Conheço a dra. Henrietta Mears há aproximadamente quinze anos. Ela exerceu uma influência extraordinária, tanto direta quanto indiretamente, em minha vida. Na verdade, duvido que outra mulher, com exceção de minha esposa e minha mãe, tenha exercido uma influência tão marcante. Seu espírito bondoso, sua vida devocional, sua perseverança no evangelho simples e seu conhecimento da Bíblia têm sido fonte contínua de inspiração e admiração para mim. Ela é certamente a cristã mais notável que conheci.[12]

Henrietta Mears não se casou nem teve filhos, mas foi muito importante no reino de Deus. Mergulhou nos propósitos de Deus para sua geração, e que colheita ela conseguiu! Que mulher!

Nunca me esquecerei de quando falei num retiro em Massachusetts. Cerca de trezentas mulheres reuniram-se num hotel para um fim de semana de louvor, oração e pregação. Abrimos a Bíblia juntas, oramos de mãos dadas e misturamos as vozes em louvor. Entre as trezentas mulheres, num canto afastado da sala, havia um homem cuidando do sistema de som. Desde o início da sessão na sexta-feira à noite, Deus cutucou meu coração para orar por George.

Na manhã de domingo, todos nós levantamos e louvamos a Deus por sua obra transformadora espetacular entre as mulheres nas últimas 48 horas. Agradecemos especialmente a Deus a vida de nosso novo irmão em Cristo — George. Naquela manhã de domingo, George aceitou Jesus como seu Salvador. Deus usou o ensinamento, os testemunhos e o coração terno das mulheres que oraram para conduzir aquele homem ao poço — a Jesus. Ele creu e passou a fazer parte da família de Deus.

Imagine só. Deus usou as mulheres, um exército de evangelistas, para arrolar o mais recente recruta de Deus. “O Senhor deu a palavra, grande é a falange das mensageiras das boas-novas” (Sl 68.11, RC).

Nossa amiga à beira do poço era rejeitada socialmente, mas Jesus lançou sua rede e fisgou-a. Substituiu seus sentimentos de rejeição por respeito, e usou-a como catalisadora para a salvação de muita gente.

Os discípulos foram à cidade porque estavam com fome. A mulher foi à cidade para buscar pessoas famintas. Ela não era mais uma cidadã de segunda classe, relegada à última fileira da galeria; agora estava sentada na primeira fila para assistir ao maior espetáculo da terra. E, naquele exato momento, Jesus tirou-a do meio do povo e colocou-a no centro do palco, no papel de protagonista.

Por que João incluiu essa história em seu evangelho? Como ocorre em todos os relatos, ele teve de incluí-lo: "Mas estes foram escritos para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e, crendo, tenham vida em seu nome" (Jo 20.31). Penso que Deus fez questão que essa história fosse incluída só para mim..., e para você. Radical! Extraordinária! Libertadora!

Uma coisa João se esqueceu de nos contar — o nome da mulher. Achei bom. Dei a ela o nome de Ramona quando relatei os eventos, mas isso foi apenas para ajudar-nos a vê-la como uma pessoa verdadeira. O nome dela é o meu nome. O nome dela é o seu nome. Jesus oferece água viva a todos os que o encontrarem na beira do poço para recebê-la e depois nos comissiona para compartilhar essa água com os outros. Jesus libertou-a de uma vida de buscas vazias e libertou-a para uma vida de propósito transbordante.

Quem tiver sede, venha; e quem quiser,
beba de graça da água da vida.
Apocalipse 22.17

7

A adoradora cativante *Libertada de um passado doloroso*
Libertada para derramar louvor

— Já soube da novidade? — o vendedor do mercado cochichou. — Jesus está na cidade, jantando na casa de Simão!

Ao ouvir a notícia, o coração de Betânia bateu acelerado, enquanto ela se lembrava da primeira vez que viu Jesus.

Ela estava no meio da multidão no átrio do templo quando os líderes religiosos interromperam os ensinamentos de Jesus, arrastando diante de todos uma mulher surpreendida em adultério. Os fariseus expuseram a mulher como um prêmio a ser conquistado. Jesus e os fariseus iniciaram um diálogo sobre a situação e o que deveria ser feito com a adúltera. Em seguida, Jesus abaixou-se e escreveu alguma coisa na terra.

E depois disse: "Aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra".

Um a um, os homens largaram as pedras e afastaram-se. Betânia deu um passo à frente para não perder uma só palavra do que Jesus diria à mulher.

— Ninguém a condenou? — Jesus perguntou.

— Ninguém, senhor.

— Eu também não a condeno. Vá e não peque mais.

Betânia teve a sensação de que Jesus falou diretamente com ela, embora estivesse com o rosto escondido atrás de um véu no meio da multidão. Jesus, então, virou-se como se soubesse exatamente onde ela estava escondida e fitou-a nos olhos. Mesmo sem dizer uma só palavra, foi como ele tivesse dito: "Esta graça também é estendida a você, minha amiga".

Betânia lembrou-se dos outros ensinamentos de Jesus: Não julguem, para que vocês não sejam julgados. Pois da mesma forma que julgarem, vocês serão julgados; e a medida que usarem, também será usada para medir vocês. Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão, e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho? [...] Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. [...] Pois eu não vim chamar justos, mas pecadores. [...] Os seus pecados estão perdoados. [...] Levante-se, pegue a sua maca e vá para casa.

Mateus 7.1-3; 9.12-13,2,6

Assim como o paralítico, ela também estava paralítica e aleijada, mas de uma forma diferente. Sentia-se enredada num ciclo de pecados do qual não tinha condições de se libertar. Porém, todas as vezes que ouvira Jesus falar, sentira-se atraída pelo tilintar das chaves que a libertariam.

O burburinho em toda a cidade era: “Quem é este que perdoa pecados?”.

Ela sabia. No fundo do coração ela sabia que aquele era o Messias prometido, aquele de quem Isaías falara. O nome de Jesus foi citado por Isaías, não?

> O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor.
>
> Lucas 4.18-19

Isaías a descreveu perfeitamente: pobre, oprimida, cativa, prisioneira, pesarosa, triste e desesperada. “Se Jesus perdoou a mulher surpreendida em adultério e o paralítico na maca, talvez possa me perdoar também”, ela pensou, esperançosa.

Ah, como seria bom ser libertada de seu passado. Ser libertada da vergonha e da condenação por causa de sua vida pecaminosa e pervertida. Ser libertada do silêncio, do afastamento e dos olhares cheios de ódio das mulheres do vilarejo. Ser libertada da violência e dos maus-tratos contra seu

corpo, infligidos por homens dispostos a pagar por alguns momentos de prazer. Ser libertada da enfermidade de sua alma.

Agora, ao saber que ele estava na cidade, ela sentiu-se impelida a correr até ele e adorar aquele que poderia libertá-la.

"Preciso ir aonde ele está", disse baixinho, "mas não posso chegar de mãos vazias. Que presente eu poderia levar para esse homem santo?"

Ela desviou o olhar do chão sujo e pousou-o no frasco de alabastro em cima do manto surrado. Sua capacidade de demonstrar amor verdadeiro havia sido bem fechada com uma tampa, da mesma forma que o unguento naquele frasco frágil. Frio. Duro. Impermeável.

Segurou a fina peça egípcia de mármore. O frasco de tonalidade bege-claro, esculpido delicadamente, continha nardo puro, um perfume caríssimo. As veias da pedra, em formato de plumas, fizeram-na recordar-se dos caminhos tortuosos e retorcidos de sua vida, e a pedra fria refletia seu coração endurecido. Mas, de repente, ela lembrou-se de como o olhar de Jesus começara a aquecer e atravessar a superfície glacial de sua alma. Cada lembrança extraía uma lasca da pedra protetora que a caracterizava. "'Eu também não a condeno', foi o que ele disse", ela sussurrou.

Embora o frasco fosse pequeno a ponto de caber na palma de sua mão, o perfume dentro dele era tão forte que podia impregnar um cômodo inteiro. Era seu único bem valioso. "O que posso oferecer a ele?", ela se perguntou. "Vou oferecer tudo o que possuo."

A mulher abriu caminho entre as multidões nas ruas empoeiradas de Cafarnaum.

— Você o viu? Você o viu? — ela perguntou. — Fiquei sabendo que Jesus veio a esta cidade. Sabe onde ele está?

— Sei — alguém disse com zombaria. — Mas o que ele haveria de querer com alguém da sua laia?

— Onde ele está? — ela suplicou. — Por favor, diga-me. Onde ele está?

— Está jantando na casa de Simão, o fariseu, mas você não será bem recebida.

Sem fazer caso do aviso, ela levantou a barra do manto, segurou firme o pequeno frasco junto ao corpo e correu para a casa do fariseu, que todos conheciam. Betânia atravessou impetuosamente as portas de madeira e olhou ao redor, à procura de Jesus.

— Você não pode entrar aí — alguém gritou. — As mulheres são proibidas de entrar. Vai ter de ficar aqui como nós, para pegar os restos de comida.

Eles não entenderam que ela não estava ali para buscar comida. Estava chegando para prestar uma homenagem.

De repente, ela o viu. Lá estava ele. Reclinado à mesa lotada, virado para o lado esquerdo, com os pés atrás de si.

Como se ele e ela fossem as duas únicas pessoas na sala, Betânia caminhou devagar e intencionalmente na direção dele. Com os olhos cravados em seu Salvador, ela prosseguiu com determinação. Os homens começaram a desviar a atenção da conversa, acompanhando-a com o olhar enquanto ela atravessava a sala. Alguns a conheciam por sua reputação; outros porque eram seus clientes.

Lentamente, sem tomar conhecimento dos olhares condescendentes de todos os homens convidados para o jantar, ela ajoelhou-se, empolgada, ao lado de Jesus e envolveu os pés dele com as mãos. Aqueles pés preciosos. Lágrimas encheram-lhe os olhos e começaram a cair como gotas de chuva. Em seguida, as gotas salgadas abriram caminho por entre a máscara endurecida dos anos de angústia reprimida e jorraram como uma fonte inesgotável. Escandalosamente, num ato reservado apenas a um marido, Betânia tirou os grampos que prendiam seus cabelos pretos e brilhantes, deixando-os cair como cascata sobre os ombros. A seguir, segurou os cachos e acariciou os pés de Jesus com eles. Lágrimas de gratidão e adoração

corriam o tempo todo por seu rosto marcado pelo tempo enquanto ela cobria de beijos os pés do Salvador.

O silêncio tomou conta da sala, e todos os olhares fixaram-se naquela mulher ajoelhada aos pés de Jesus. Todos os olhares masculinos. Olhares embasbacados.

Chorando ainda, a mulher pegou o frasco de alabastro de dentro do manto. O amor borbulhou dentro dela e exigiu ser liberado. Ela quebrou o gargalo do frasco. O perfume outrora usado para atrair os homens para uma noite de paixão pecaminosa foi esvaziado naquele que a atraíra para uma vida de graça gloriosa.

Tão logo o frasco foi quebrado, ela sentiu-se curada. O aroma do nardo precioso saiu do frasco e envolveu a sala. Ela derramou o conteúdo nos pés do Mestre amado. A fragrância da graça envolveu a sala e sedimentou naquelas pessoas desconhecidas.

Após uma rápida conversa com Simão, Jesus colocou a mão na cabeça de Betânia e disse carinhosamente: "Os seus pecados estão perdoados. A sua fé a salvou. Vá em paz".

Uma análise mais cuidadosa Quem era aquela mulher? Por que atravessou as fronteiras que separam masculino de feminino e enfrentou os olhares condenatórios da multidão, para ver Jesus? Qual era o significado do perfume? O que podemos aprender com o ato corajoso dela? Vamos fazer uma análise mais cuidadosa de como Lucas descreveu a cena.

> Convidado por um dos fariseus para jantar, Jesus foi à casa dele e reclinou-se à mesa.
>
> Lucas 7.36

Simão era fariseu — e líder religioso. O nome "fariseu" significa, de fato, "separado ou piedoso". Por serem mestres da lei, os fariseus se separavam

dos pecadores e impuros. Traçavam limites restritos entre as pessoas santas e as comuns. Não permitiam ser tocados pelos pecadores. Eram, claro, os únicos que definiam quem era justo e quem não era, o que não era nada justo.

No entanto, conforme sabemos, nosso afável Jesus não fazia caso dos limites impostos pelos homens e entrava diretamente no coração humano. Jesus não era um homem comum, mas aquele que veio para salvar pessoas comuns, como você e eu. Desde os pastores na encosta da colina, os primeiros a ouvir as boas-novas de seu nascimento, até a mulher à beira do túmulo, a primeira a receber as boas-novas de sua ressurreição, todos eram pessoas comuns.

Naquela ocasião, porém, Jesus estava jantando com o próprio grupo que em breve o sentenciaria à morte.

> Ao saber que Jesus estava comendo na casa do fariseu, certa mulher daquela cidade, uma pecadora, trouxe um frasco de alabastro com perfume, e se colocou atrás de Jesus, a seus pés. Chorando, começou a molhar-lhe os pés com suas lágrimas.
>
> Lucas 7.37-38

Aqui temos outra mulher sem nome. Dei-lhe o nome de Betânia para ajudar-nos a entender o fato de que ela era uma mulher verdadeira, de carne e osso, não uma personagem de alguma história. Sinto-me particularmente atraída por essas mulheres anônimas porque podemos preencher o espaço em branco com nosso nome. Ela é conhecida como "pecadora", "a mulher que ungiu Jesus" ou "mulher com o frasco de alabastro". A Nova Tradução na Linguagem de Hoje a descreve como "mulher de má fama".

A verdade é que Lucas não diz que ela era prostituta. Os estudiosos supõem que fosse. O que ela fazia para ganhar a vida não é realmente importante. Poderia ter sido ladra ou até mexeriqueira. Essa é a história de uma mulher pecadora que foi perdoada por Jesus. Ela é uma mulher cuja

gratidão transbordou num ato generoso de amor. É isso que está em jogo aqui. Não o pecado em particular.

O "pecado" que a caracterizava pode ter sido uma série de coisas. Se nos fixarmos na especulação de considerá-la prostituta, não entenderemos o ponto principal. Talvez você tenha dificuldade de ver Jesus pelos olhos dela, a menos que seja prostituta. Portanto, por ora vamos retirar esse rótulo dela. Vamos vê-la conforme foi a intenção de Lucas — uma pecadora.

Você é capaz de se ver entrando numa sala cheia de olhares masculinos embasbacados? É capaz de provar lágrimas salgadas? É capaz de sentir a gratidão de uma mulher libertada borbulhando dentro de você? É capaz de abaixar-se humildemente aos pés de Jesus com ela? Espero que sim. Não existe lugar melhor onde estar.

Não sabemos exatamente onde aquela mulher conheceu Jesus. Pode ter sido no templo, quando os fariseus levaram uma mulher surpreendida em adultério. Pode ter sido num lugar qualquer onde Jesus estivesse ensinando ou realizando curas milagrosas. Não sabemos onde nem quando, mas sabemos que em algum ponto ela encontrou a graça perdoadora de Jesus.

E não podemos esquecer os detalhes de sua intromissão. As mulheres eram proibidas de fazer refeições na companhia de homens. Eram proibidas de servir em reuniões como aquela. Tratava-se de um evento só para homens, em todos os sentidos. No entanto, aquela mulher corajosa atravessou o limite estabelecido. Além de acolhê-la, Jesus convidou-a para sentar-se com ele à cabeceira da mesa.

> Chorando, começou a molhar-lhe os pés com suas lágrimas. Depois os enxugou com seus cabelos, beijou-os e os ungiu com o perfume.
>
> Lucas 7.38

Como mencionei antes, naquela cultura as mulheres usavam cabelos presos. Soltá-los em público era um escândalo e motivo de divórcio. Cabelos soltos ao vento eram considerados sedutores e reservados apenas ao marido

na privacidade do lar. Aquela mulher, contudo, não se importava com as regras da sociedade ou com o que os outros pensavam dela. Sua única preocupação era adorar Jesus. Usando seus cachos escuros como toalha de mão, ela enxugou os pés dele, e as lágrimas pararam de correr.

No entanto, ela ainda não havia terminado a tarefa. Tinha mais um ato de adoração a executar. Quebrou o gargalo do frasco de alabastro e derramou generosamente todo o conteúdo nos pés de Jesus.

> Ao ver isso, o fariseu que o havia convidado disse a si mesmo: "Se este homem fosse profeta, saberia quem nele está tocando e que tipo de mulher ela é: uma pecadora".
>
> Lucas 7.39

Simão não estava muito feliz com a intromissão daquela mulher pecadora muito conhecida de todos. Certamente ficou decepcionado com a atitude de Jesus em relação a ela.

Jesus sabia o que Simão estava pensando. Em todo o Novo Testamento lemos que Jesus conhecia o pensamento das pessoas. Depois de perdoar os pecados do paralítico, Jesus sabia o que os mestres da lei estavam pensando (cf. Mc 2.8). Quando curou o homem com a mão atrofiada, num sábado, diante dos fariseus, "Jesus sabia o que eles estavam pensando" (Lc 6.8). E, mesmo quando um silêncio pairou naquela sala cheia de homens que observavam a mulher adoradora chorando aos pés de Jesus, o Mestre ouviu cada pensamento não verbalizado.

Simão duvidou da divindade de Jesus por ele ter permitido que aquela pecadora tocasse nele, como se o convidado não soubesse que tipo de mulher ela era. Jesus provou sua divindade ao responder aos pensamentos não verbalizados de Simão. Além de saber que tipo de mulher ela era, Jesus sabia que tipo de homem o fariseu era. Simão achou que Jesus deveria ter corrigido a mulher, mas Jesus o corrigiu.

> Então lhe disse Jesus: "Simão, tenho algo a lhe dizer". "Dize-o, Mestre", disse ele. "Dois homens deviam a certo credor. Um lhe devia quinhentos denários e o outro, cinquenta. Nenhum dos dois tinha com que lhe pagar, por isso perdoou a dívida a ambos. Qual deles o amará mais?" Simão respondeu: "Suponho que aquele a quem foi perdoada a dívida maior". "Você julgou bem", disse Jesus. Em seguida, virou-se para a mulher e disse a Simão: "Vê esta mulher?".
>
> Lucas 7.40-44

Vamos fazer uma pausa e pensar nas três palavrinhas que mudaram a vida daquela pecadora. "Vê esta mulher?".

Em seu livro *Bad Girls of the Bible* [Garotas más da Bíblia], Liz Curtis Higgs salienta que "Simão a vira, mas somente *pelo que* ela era, não *quem* ela era. Olhou para sua forma, não para seu rosto. Olhou para suas ações, mas não a olhou nos olhos nem estabeleceu ligação com ela, de pessoa para pessoa".[1]

Simão viu uma pecadora. Jesus viu uma filha de Deus arrependida. Jesus a viu, verdadeiramente. Deixou para trás a reputação manchada e viu o coração sincero. Nosso Deus é El Roi, o Deus que vê, e ele viu aquela mulher preciosa ajoelhada aos pés de seu Salvador.

Ela sabia o que era rejeição. Sabia o que significava ser convidada para uma festa apenas para ser usada pelos homens presentes no local. Jesus também entendia isso. Estava cercado de pessoas que viam somente o que podiam extrair dele em vez de ver quem ele realmente era. Cura física. Pão grátis. Água transformada em vinho. Saúde mental. Usado? Jesus conhecia a palavra "usado".

Os homens usaram-na a vida toda, e as mulheres tratavam-na com aversão. Jesus, porém, aceitou sua adoração e elogiou sua humildade. Em nenhuma vez ele recuou ou recusou ser tocado por ela.

> "Entrei em sua casa, mas você não me deu água para lavar os pés; ela, porém, molhou os meus pés com suas lágrimas e os enxugou com seus cabelos. Você não me saudou com um beijo, mas esta mulher, desde que entrei aqui, não parou de beijar os meus pés. Você não ungiu a minha cabeça com óleo, mas ela derramou

> perfume nos meus pés. Portanto, eu lhe digo, os muitos pecados dela lhe foram perdoados; pois ela amou muito. Mas aquele a quem pouco foi perdoado, pouco ama."
>
> Lucas 7.44-47

Simão convidou Jesus para um jantar, mas prestou pouca atenção nele. Os líderes religiosos faziam um bom espetáculo, mas se esqueciam de reconhecer o convidado de honra. Acontece o tempo todos nas igrejas ao redor do mundo. As pessoas ficam entretidas com o culto e as programações e se esquecem de reconhecer e adorar o convidado de honra... se é que ele foi convidado.

No entanto, de repente chegou alguém que não se esquecera dele. Uma mulher. Uma pecadora, rejeitada socialmente. E ela o ungiu com perfume.

O perfume era muito caro e difícil de ser obtido naquela época. A maioria dos perfumes originava-se de plantas, e nenhuma crescia naturalmente na Terra Santa. Tinham de ser importados da Arábia, do Irã e da Índia, entre outros lugares.[2]

Em geral, os anfitriões derramavam algumas gotas de óleo na cabeça dos convidados como demonstração de hospitalidade. Imagino que isso certamente ajudaria a amenizar o odor de uma sala lotada de pessoas que não possuíam encanamento dentro de casa nem chuveiro para uma ducha diária.

Aquela mulher, contudo, não derramou apenas algumas gotas do nardo caríssimo na cabeça de Jesus. Derramou o frasco inteiro. Tudo.

Dali a alguns meses, Jesus pagaria um preço exorbitante por nossa liberdade eterna. Mas, naquele momento, a mulher deu tudo o que possuía em gratidão pela liberdade dela.

Foi uma cena de contrastes.

Simão não recebeu Jesus com o beijo costumeiro. A mulher não parou de beijar os pés de Jesus desde que entrou na casa.

Simão não ofereceu água para lavar os pés de Jesus. A mulher lavou os pés de Jesus com suas lágrimas.

Simão não colocou o óleo tradicional na cabeça de seu convidado. A mulher derramou um frasco inteiro nos pés dele.

Simão olhou com ar de condenação. A mulher transbordou de amor.

Simão não ofereceu nada a Jesus. A mulher ofereceu tudo o que possuía.

Aquela mulher não pediu nada, mas recebeu tudo. Encontrou cura na casa de um hipócrita. Como fez com a samaritana à beira do poço, Jesus virou o holofote para uma mulher a fim de ensinar como se deve adorar verdadeiramente.

> Então Jesus disse a ela: “Seus pecados estão perdoados”. [...] “Sua fé a salvou; vá em paz”.
>
> Lucas 7.48,50

Enquanto as lágrimas da mulher lavavam os pés de Jesus, as palavras dele lavaram a alma dela. Não foi o que ela fez que a salvou, mas aquilo em que acreditou. Ela não disse uma só palavra, mas suas ações falaram bem alto. Jesus sabia o que se passava no coração dela, da mesma forma que sabia o que se passava no coração de Simão.

Paulo escreveu: “Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8-9). Lembre-se: graça é um dom que não merecemos receber. Nós a recebemos pela fé. A mulher não recebeu a salvação por suas ações, mas recebeu essa dádiva pela fé.

Finalmente Jesus disse: “Vá em paz”. A paz sempre acompanha o perdão. Da mesma forma que a mulher surpreendida em adultério, ela foi libertada para começar de novo.

Quando recorremos a Jesus, ele sempre dá uma meia-volta em nossa vida e nos ordena a ir. Em A Mensagem, lemos o seguinte: “Tenha uma vida

abençoada!”. A mulher foi libertada de um passado vergonhoso. Estava livre para derramar louvor.

Libertada de um passado doloroso Anos atrás, eu estava fazendo uma palestra num congresso de mulheres. Durante o tempo em que não estava palestrando, eu me sentava na plateia com as ouvintes. Em determinada sessão, uma moça chamada Lisa sentou-se à minha frente. Durante os momentos de adoração, Lisa levantava as mãos e adorava a Deus como se os dois estivessem sozinhos no ambiente. “Obrigada, Jesus!”, ela exclamava de vez em quando.

Algumas pessoas se incomodaram com aquela demonstração explícita de louvor. Outros deram um sorriso de compreensão.

Mais tarde, conversei com Lisa e ela contou-me sua história. “Experimentei minha primeira bebida quando tinha 13 anos de idade, perdi a virgindade aos 14 e fumei maconha pela primeira vez naquele mesmo ano”, ela começou a dizer. “Nos 28 anos seguintes, corri atrás de tudo para amortecer o sofrimento em minha vida e transportar-me para um mundo diferente... só que apenas temporariamente. Quando terminei o ensino médio, trabalhei num bar preparando bebidas e apanhava de meu namorado periodicamente. Com o passar do tempo, comecei a usar cocaína. A cocaína é muito cara, e eu precisava encontrar um meio de sustentar o vício, por isso tornei-me prostituta. A cada encontro, eu morria um pouco. Depois, tornei-me insensível a tudo isso. Surpreendentemente, fui presa por apresentar cheques sem fundo, não por prostituição. Meu advogado tirou-me da cadeia, e entrei num programa de recuperação. Enquanto estava lá, conheci Jesus Cristo. Foi Jesus que me libertou, e ele é a única razão de eu estar viva hoje.”[3]

Quando conheci Lisa, ela era casada, mãe de dois filhos e trabalhava como diretora de um ministério de mulheres numa igreja vibrante e em expansão.

Agora diga-me: ela tem ou não tem motivos para louvar a Deus? Claro que tem!

Talvez você não tenha sido redimida de uma vida de prostituição ou de dependência química, mas você e eu fomos redimidas da mesma forma, de uma vida de pecado e condenação. Todos nós cometemos erros; apenas ocorre de serem erros diferentes.

A Igreja está repleta de homens e mulheres que olham para o passado com arrependimento. Uma escolha malfeita, uma visita a uma clínica de aborto, um relacionamento sexual de uma noite numa festa da faculdade, um clique no teclado do computador. São feridas que infligimos a nós e que necessitam do toque terapêutico de Javé-Rafá — aquele que cura.

A Bíblia diz que, antes de conhecermos Cristo, éramos/estávamos:

- Mortas em nossas transgressões e pecados (Ef 2.1).
- Longe de Deus (Ef 2.13).
- Sem Cristo e sem esperança (Ef 2.12).
- Inimigas de Deus (Cl 1.21).
- Vivendo nas trevas (1Ts 5.4).
- Trevas em forma de pessoa (Ef 5.8).
- Escravas do pecado (Rm 6.17).
- Condenadas (Rm 8.3).
- Incapazes de agradar a Deus (Rm 8.8).

E agora, graças à obra consumada de Jesus Cristo na cruz e nossa decisão de segui-lo, somos/estamos:

- Vivas com Cristo (Cl 2.13).
- Mais que vencedoras (Rm 8.37).
- Reconciliadas com Deus (2Co 5.18-19).
- Unidas com Cristo (1Co 6.17, RA).
- Amigas de Deus (Jo 15.15).

- Vivendo na luz de Cristo (1Pe 2.9).
- Luz em forma de pessoa (Mt 5.14).
- Escravas da justiça (Rm 6.18).
- Aceitas (Rm 15.7).
- Justificadas (Rm 5.9).
- Redimidas (Gl 3.13).
- Santificadas (1Co 6.11).
- Lavadas (1Co 6.11).
- Perdoadas (1Jo 1.9).
- Seladas (Ef 1.13).
- Libertadas (Rm 8.2).
- Aperfeiçoadas (Cl 2.10, RA).

Agora diga-me: temos ou não temos motivos para louvar a Deus? Quase não consigo me conter!

Libertada para derramar louvor

Enquanto eu palestrava num congresso em Nova York, minha amiga Gwen estava dirigindo um culto de adoração. Gwen e eu gostamos muito de adorar o Senhor em público e livremente, e não há nada melhor que uma sala lotada de mulheres que participam do louvor conosco. No entanto, naquele determinado evento, parecia que as mulheres estavam um pouco reservadas. Nós duas sentimos o ambiente um pouco frio: as palavras saíam da boca daquelas mulheres, não do coração. A melhor maneira que conheço para descrever essa situação é "adoração morna". E todos nós conhecemos a opinião de Deus sobre *morno*: "Assim, porque você é morno, não é frio nem quente, estou a ponto de vomitá-lo da minha boca" (Ap 3.16).

À minha direita, porém, avistei uma mulher de meia-idade, afro-americana, com paralisia cerebral, posicionada na primeira fila, sentada numa cadeira de rodas. Apesar de seu corpo contorcido, apesar de ter uma

amiga ao lado para limpar a baba que lhe caía inadvertidamente da boca, apesar de não conseguir pronunciar as palavras com clareza... aquela mulher louvava a Deus com todas as suas forças. Não se importou com o que alguém pudesse pensar dela. Quando se tratava de adoração, o assunto era entre ela e seu Jesus.

Ela amava Jesus! Amava Jesus sem sombra de dúvida! E demonstrava esse amor.

Meus olhos encheram-se de lágrimas quando olhei ao redor, e vi todas nós, tão ricamente abençoadas, adorando como cristãs indiferentes, mais preocupadas com o que os outros poderiam pensar do que com o que Deus merece. Da mesma forma que a mulher com o frasco de alabastro derramou seu louvor e adoração a quem a libertou, aquela filha de Deus com o corpo preso a uma cadeira de rodas, mas espiritualmente libertada, derramou seu louvor e adoração a quem ela mais amava.

"Como posso deixar de louvá-lo?", ela me disse posteriormente com som de voz vacilante e distorcido. "Ele tem feito muito por mim. Eu gostaria de poder fazer mais por ele. Quero fazer muito mais."

Louvei a Deus durante o restante do fim semana com tudo o que havia em mim. E sabe de uma coisa? Vi muros de inibição desmoronarem por toda parte. Mulheres reservadas levantaram as mãos bem alto, cantaram a Deus, não para a tela, e derramaram lágrimas de gratidão àquele que diz: "Os seus pecados estão perdoados. A sua fé a salvou. Vá em paz".

Uma filhinha de Deus com problemas físicos abriu seu frasco de alabastro, e a fragrância envolveu todas na sala. Seu louvor derramado fez que todas nós desejássemos nos prostrar aos pés de Jesus.

Ela não se importou com o que alguém pudesse pensar dela. Sua única preocupação foi permitir que Jesus soubesse o que ela pensava dele. Quero ser assim. E você? E daí se alguém pensar que sou fanática por levantar as mãos durante o culto de adoração? E daí se acharem que minha voz é desafinada quando canto ao Senhor com todas as minhas forças? E quando

bato palmas? O salmista não disse: "Batam palmas, vocês, todos os povos; aclamem a Deus com cantos de alegria" (Sl 47.1)? Onde foram parar todas as palmas? Quem silenciou os gritos de louvor? Quem estabeleceu limites entre louvor e reverência e disse que não podem coexistir? E dançar perante o Senhor? Alguns olham com desagrado diante de um movimento suave de corpo.

Seja o que for que os outros pensem, fomos libertadas para adorar aos pés de Jesus! Chamo isso de adoração cativante — atraente, deliciosa, agradável, encantadora, refinada, graciosa. Preste atenção a estes versículos de um homem que sabia como louvar a Deus com tudo o que possuía: SENHOR, quero dar-te graças de todo o coração e falar de todas as tuas maravilhas. Em ti quero alegrar-me e exultar, e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo.

Salmos 9.1-2

> O SENHOR vive! Bendita seja a minha Rocha!

Salmos 18.46

> Louvem o SENHOR com harpa; ofereçam-lhe música com lira de dez cordas. Cantem-lhe uma nova canção; toquem com habilidade ao aclamá-lo.

Salmos 33.2-3

> Eu te louvarei, ó Senhor, entre as nações; cantarei teus louvores entre os povos. Pois o teu amor é tão grande que alcança os céus; a tua fidelidade vai até as nuvens.

Salmos 57.9-10

> Enquanto eu viver te bendirei, e em teu nome levantarei as minhas mãos.

Salmos 63.4

> A ele clamei com os lábios; com a língua o exaltei. [...] Louvado seja Deus, que não rejeitou a minha oração nem afastou de mim o seu amor!

Salmos 66.17,20

> Bendito seja o Senhor, Deus, nosso Salvador, que cada dia suporta as nossas cargas.

Salmos 68.19

> Desde o ventre materno dependo de ti; tu me sustentaste desde as entranhas de minha mãe. Eu sempre te louvarei! Tornei-me um exemplo para muitos, porque tu és o meu refúgio seguro. Do teu louvor transborda a minha boca, que o tempo todo proclama o teu esplendor.
>
> Salmos 71.6-8

> Os meus lábios gritarão de alegria quando eu cantar louvores a ti, pois tu me redimiste.
>
> Salmos 71.23

> De todo o meu coração te louvarei, Senhor, meu Deus; glorificarei o teu nome para sempre.
>
> Salmos 86.12

> Bendiga(m) o Senhor.
>
> Sl 103.1,2,20,21,22; 104.1,35; 106.48; 108.3

> Levantem as mãos na direção do santuário e bendigam o Senhor!
>
> Salmos 134.2

E este é um de meus salmos barulhentos favoritos: Aleluia! Louvem a Deus no seu santuário, louvem-no em seu magnífico firmamento. Louvem-no pelos seus feitos poderosos, louvem-no segundo a imensidão de sua grandeza! Louvem-no ao som de trombeta, louvem-no com a lira e a harpa, louvem-no com tamborins e danças, louvem-no com instrumentos de cordas e com flautas, louvem-no com címbalos sonoros, louvem-no com címbalos ressonantes. Tudo o que tem vida louve o Senhor! Aleluia!

Salmos 150

Podemos aprender muito com a "mulher pecadora" que lavou os pés de Jesus com suas lágrimas, enxugou-os com seus cabelos e ungiu-os com perfume. Seu nome é o nosso nome. Jesus perdoou nossos pecados, aceita nossa adoração e promete-nos paz. Fomos libertadas de um passado doloroso e temos liberdade para derramar louvor a ele.

Deus tirou nossa irmã das sombras da sociedade para mostrar a todas nós como é o louvor derramado por uma pecadora. Claro, causou rebuliço entre

o pessoal que observava e, irmã, falamos dela até hoje. É o que acontece quando Deus chama uma mulher para o centro do palco, e ela lhe obedece.

Portanto, se o Filho os libertar,
vocês de fato serão livres.
João 8.36

8

A discípula destemida (Maria de Betânia)

Libertada das expectativas dos outros
Libertada para aceitar o convite de Deus

Maria e Marta moravam numa casa com seu irmão, Lázaro, no povoado judaico de Betânia. Essa cidade localizava-se a pouco mais de três quilômetros a leste do templo em Jerusalém, na encosta oriental do monte das Oliveiras — a última parada na estrada de Jericó a Jerusalém. "Betânia" significa "casa de tâmaras e figos", o lugar perfeito para uma pausa refrescante. A casa de Marta e Maria era um refúgio seguro e tranquilo para Jesus quando ele viajava de um lugar a outro.

Maria ocupa três vezes o centro do palco no ministério terreno de Jesus. Vamos analisar dois desses encontros para ver como Jesus libertou as mulheres *dos* preconceitos do passado que as impediam de estudar a Palavra de Deus e como as libertou *para* ser discípulas de Cristo e aprender as verdades das Escrituras. Vamos abordar o terceiro encontro no próximo capítulo, quando analisaremos Marta, a irmã mais velha de Maria.

Vamos acompanhar Jesus em seu primeiro encontro com Maria de Betânia, na casa dela, onde estava sendo preparada uma festa especial. O tapete de boas-vindas acabou de ser varrido, o aroma da cozinha atravessa as janelas e o bate-papo do grupo masculino informa-nos que há amigos na casa. Jesus, porém, está servindo um "prato mais que especial" às mulheres.

A discípula destemida Maria e Marta estavam atarefadas na cozinha, preparando a refeição para seu amigo e convidado de honra.

— Maria, verifique o cordeiro no forno — Marta disse à irmã em meio aos ruídos de pratos e panelas. — E onde está o vinho? O pão precisa ser sovado em quinze minutos. Há muita coisa a ser feita!

— Vou levar uma tigela de tâmaras frescas aos convidados — Maria informou. — Com isso, eles poderão beliscar alguma coisa enquanto terminamos os outros pratos.

Assim que entrou na sala, Maria ouviu Jesus falando sobre o reino de Deus, o plano de redenção, o cumprimento da profecia, o perdão de pecados e a vida eterna.

— Não julguem, para que vocês não sejam julgados — Jesus estava ensinando. — Não condenem, para que não sejam condenados. Perdoem, e serão perdoados. Sejam generosos, e receberão com generosidade. O reino de Deus é como uma semente de mostarda que um homem pegou e plantou em sua horta. A semente germinou e tornou-se uma árvore, e os passarinhos empoleiravam-se em seus galhos.

Jesus avistou Maria em pé na porta e, com um aceno, convidou-a para entrar. Olhando diretamente para ela, ele prosseguiu: — O reino de Deus é como o fermento que uma mulher misturou a uma grande quantidade de farinha até transformá-la numa massa.

Jesus continuou a dizer quem ele era e o que viera fazer. Hipnotizada pelas palavras do Mestre, Maria sentou-se no chão aos pés dele, em companhia dos outros. Os homens sentiram-se desconfortáveis com a presença dela, mas Jesus baixou os olhos e começou a falar diretamente a Maria — sua aluna recém-chegada.

Os discípulos esperavam que Jesus enviasse Maria de volta à cozinha, onde era o lugar dela, mas ele não fez isso. Ficaram confusos quando Jesus a convidou para assistir à aula, mas tentaram fazer o possível para não se distrair com a presença dela. Afinal, as mulheres não tinham permissão para sentar e ouvir os ensinamentos de um rabino. Não tinham sequer permissão para estar na companhia de homens.

Vinte minutos depois, Marta disse, irritada: — Onde está aquela garota?

Zangada, ela irrompeu na sala com uma tigela na mão. Todos os olhares voltaram-se para a irmã frustrada quando ela interrompeu Jesus e apontou na direção de Maria com uma colher de pau.

— Senhor — ela começou a dizer com voz firme — não vês que Maria me deixou só na cozinha? O que ela pensa que está fazendo? Não te importas que eu tenha de fazer todo este serviço sozinha enquanto essa minha irmã irresponsável fica aí no meio dos homens, sem fazer nada? Ora, ela não devia nem estar aqui. Não é correto uma mulher ficar numa sala cheia de homens, muito menos sentada aos pés de um rabino enquanto ele ensina. Coloca-a no seu devido lugar! Diz a ela que volte para a cozinha imediatamente!

Os homens desviaram o olhar de Jesus, fitaram o rosto vermelho de Marta e voltaram a olhar para Jesus.

— Marta, Marta — Jesus replicou — não fique tão afobada. Maria está no lugar exato em que deveria estar. Você está tão preocupada, perturbada e distraída com detalhes cotidianos que não enxerga as alegrias da vida. Não precisa trabalhar tanto para oferecer um banquete para nós. Isso não é nem um pouco importante. O importante *é* que estou aqui e tenho algo a compartilhar com você. Maria entendeu isso. Ela escolheu o que é importante, e não vou mandá-la embora daqui. Ela veio participar da aula para aprender, para ser discípula da Palavra de Deus, e não vou tirar isso dela.

Marta colocou a mão coberta de farinha no quadril, deu meia-volta e marchou para a cozinha.

— Nunca fui tão humilhada — ela resmungou, afastando-se.

Uma análise mais cuidadosa Há várias facetas nessa história que acho engraçadas. Pode dizer que sou marota, mas começo a rir quando penso em Marta tentando colocar Maria em seu devido

lugar, e em Jesus colocando Marta no lugar que lhe era apropriado. Vamos fazer uma análise mais cuidadosa.

> Caminhando Jesus e os seus discípulos, chegaram a um povoado, onde certa mulher chamada Marta o recebeu em sua casa.
>
> Lucas 10.38

Pelo fato de o nome de Marta ser mencionado em primeiro lugar, é bem provável que ela fosse a irmã mais velha e anfitriã da noite. Lucas não menciona esse detalhe aqui, porém Marta e Maria tinham um irmão chamado Lázaro, que, conforme descobriremos mais tarde, foi um dos amigos mais chegados de Jesus.

> Maria, sua irmã, ficou sentada aos pés do Senhor, ouvindo a sua palavra.
>
> Lucas 10.39

Para entender a incrível libertação que Jesus concedeu a Maria de Betânia ao convidá-la para sentar-se aos seus pés como aluna, vamos aprender como as mulheres eram consideradas naquela cultura em particular.

Lembre-se: durante aquele período da História, as mulheres eram proibidas de ser doutrinadas pelos rabinos. Nas sinagogas antigas, as mulheres tinham permissão para ouvir, mas somente os homens podiam ensinar. Diziam que era perda de tempo doutrinar as mulheres e que elas eram incapazes de aprender.[1]

Josefo, famoso historiador judeu, escreveu que a mulher “tem menos valor que o homem em todos os sentidos”![2] As mulheres faziam parte da categoria das crianças e dos escravos. Eram consideradas incapazes de entender assuntos religiosos. O rabino Eliezer ben Azariah ensinou: “É melhor queimar as palavras da Lei que apresentá-las a uma mulher”.[3] Essa era a atitude geral em relação às mulheres quando conhecemos Maria.

Em nossa cultura, sentar-se aos pés de alguém dá ideia de um grupo de crianças sentadas aos pés de um contador de histórias ou professor. Porém, para os judeus do primeiro século, sentar-se aos pés de alguém era colocar-se na posição de aluno, um sinal de respeito e disposição para aprender, uma postura para um aprendizado mais complexo. Em geral, os mestres sentavam-se numa plataforma, e os alunos reuniam-se abaixo dele, no chão. Paulo referiu-se a essa posição quando anunciou a uma multidão hostil que foi "instruído aos pés de Gamaliel" (At 22.3, RA).

Quando Lucas menciona que Maria estava sentada aos pés de Jesus, o leitor do primeiro século entendia que ela ocupava a posição de aluna numa classe onde só havia homens, uma situação nunca vista. Totalmente incomum.

Quando eu era criança, uma de minhas atividades favoritas era examinar as páginas com objetos ocultos das revistas *Highlights*,[4] quase sempre empilhadas em salas de espera de consultórios médicos. A finalidade era encontrar objetos fora de lugar. Um carro numa árvore. Uma escova de cabelo numa tigela de sopa. Um cão sentado numa escrivaninha. Essa figura de Maria sentada aos pés de Jesus era semelhante a uma página de objetos ocultos de uma daquelas revistas. Para os homens naquela sala, era algo estranhamente fora de lugar. Algo que não pertencia ao ambiente.

Jesus, porém, era o grande Libertador e veio para libertar as mulheres do preconceito religioso que as impedia de participar de estudos teológicos. Jesus convidou as mulheres para aprenderem sobre aquele que mais as amava — para serem teólogas por direito. Maria era uma *ezer* que precisava preparar-se para a batalha. Jesus estava ensinando-a e equipando-a para a maior de todas as batalhas, e ela era uma militante ansiosa por apresentar-se voluntariamente para cumprir seu dever.

> Marta, porém, estava ocupada com muito serviço. E, aproximando-se dele, perguntou: "Senhor, não te importas que minha irmã tenha me deixado sozinha com o serviço? Dize-lhe que me ajude!".

Lucas 10.40

Surpreendentemente, a reclamação não partiu dos homens. Partiu da própria irmã de Maria — outra mulher. Marta foi a única que causou confusão. “Dize-lhe que me ajude”, ela se queixou.

Marta estava brava, e posso entender isso. Num Dia de Ação de Graças, recebi 38 pessoas em casa para o jantar. Teria ficado extremamente zangada se não houvesse ninguém para me ajudar a servir a todas aquelas pessoas. Entendo a frustração dela. Mas amo muito Marta, e vamos dedicar um capítulo inteiro a ela. Por ora, vamos nos concentrar em Maria.

> Respondeu o Senhor: “Marta! Marta! Você está preocupada e inquieta com muitas coisas; todavia apenas uma é necessária. Maria escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada”.
>
> Lucas 10.41-42

Qual não foi a surpresa de Marta quando Jesus aplaudiu a escolha de Maria para unir-se a ele e participar da aula. Uma classe só para homens, devo acrescentar. As mulheres sempre ficavam confinadas na cozinha. Jesus convidou Maria a largar os pratos e panelas e a pegar papel e caneta. Garantiu à sua aluna mais recente e a Marta — e a você e a mim, a bem da verdade — que Maria não estava fora de lugar. Estava exatamente onde deveria estar.

Ao repreender Marta, Jesus envia uma mensagem a todas nós. A vida está sempre lotada de atividades que julgamos necessárias, mas conhecer Jesus é algo que suplanta tudo o mais que grita por nossa atenção. “Mais que simplesmente conceder permissão às mulheres para aprender como suas discípulas, Jesus chama Maria, Marta e todas nós para dar prioridade máxima a Deus.”[5]

Uma profetisa determinada Maria divide a cena 2 com Marta, sua irmã, desempenhando um papel mais importante, por isso vamos

PULAR UMA PARTE E IR AO ENCONTRO DE MARIA NA CENA 3, NUMA DAS VEZES EM QUE ESTEVE COM JESUS.

Encontramos Jesus mais uma vez num jantar. Como sempre, os homens estão reunidos ao redor da mesa e as mulheres, ausentes da cena. Isto é, até o momento em que Maria entra na sala, novamente. Só que dessa vez ela não está lá para aprender. Está lá para ensinar.

Marta e Maria estavam oferecendo um jantar para Jesus e seus amigos mais chegados. O jantar não era na casa delas, mas Simão havia convencido Marta a encarregar-se de todos os preparativos. Afinal, ninguém era melhor que Marta para organizar um jantar.

Aquela, porém, era uma comemoração especial — não um jantar comum. Alguns meses antes, Marta e Maria estavam chorando a morte de Lázaro, seu irmão. E agora? Agora, graças a Jesus, Lázaro estava vivo e bem-disposto entre seus amigos. Talvez estivesse rindo e contando anedotas como se nunca houvesse ficado dentro de um túmulo escuro durante quatro dias. Que comemoração!

— Maria, não se esqueça de mexer o cozido de cordeiro — Marta gritou do outro lado da sala. — Nossos convidados chegarão a qualquer momento.

"Que bom que Simão, o leproso, tenha aberto sua casa para nós", Maria pensou. "Ah, precisamos fazer alguma coisa para eliminar a palavra 'leproso'. Afinal, ele não padece mais de lepra. Jesus curou-o meses atrás. Veja a pele dele — lisa como a de um recém-nascido. Se ainda fosse Simão, o leproso, ninguém estaria aqui."

Enquanto Maria continuava a mexer o cozido, sua mente começou a comover-se com as lembranças do que Jesus fizera nos últimos três dias: o desvalido curado, o possuído por demônios liberto, o morto ressuscitado, o rejeitado restaurado e o pecador salvo. Porém, a alma sonhadora de Maria começou, aos poucos, a cair na realidade quando ela se lembrou das palavras de Jesus sobre sua morte iminente: "Estamos subindo para Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos chefes dos sacerdotes e aos mestres da

lei. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios para que zombem dele, o açoitem e o crucifiquem. No terceiro dia ele ressuscitará!" (Mt 20.18-19).

"Eu sei que nosso tempo com ele é curto", ela considerou. "Não posso suportar a ideia de perdê-lo, apesar de saber que foi por isso que ele veio. Foi por isso que ele nos ensinou o tempo todo. Meu coração está muito aflito. O que posso fazer para homenageá-lo?"

A mente de Maria viajou a outro incidente na vida de Jesus. Ela não o testemunhara pessoalmente, mas era um dos momentos de que mais gostava quando alguém contava as aventuras de Jesus: o dia em que uma mulher pecadora interrompeu outro jantar do qual Jesus participou. A mulher dirigiu-se à casa de um fariseu, passou por todos os homens, ajoelhou-se perto de Jesus, lavou-lhe os pés com suas lágrimas e ungiu-os com nardo, cujo preço era muito alto.

De repente, ela decidiu o que tinha de fazer.

— Marta, eu já volto — gritou.

Maria correu para casa e foi ao lugar secreto onde guardava seu tesouro mais valioso. Esticou o braço para alcançar a última prateleira e pegou um frasco precioso contendo nardo puro — um perfume caríssimo. Maria o guardara para seu casamento, mas agora queria usá-lo para seu único e verdadeiro amor. "Quero homenagear Jesus. Ele me acolheu como discípula, amou-me como irmã, ensinou-me como aluna e devolveu meu irmão, tirando-o do túmulo. É o mínimo que posso fazer. Sei que o tempo dele é curto. Quero homenageá-lo agora."

Irradiando felicidade diante da expectativa, Maria correu de volta à casa de Simão, com amor e propósito. Dessa vez os discípulos não se surpreenderam ao ver uma mulher entrando na sala dos homens. Depois de três anos, eles estavam acostumados com a maneira como Jesus recebia as pessoas.

Maria atravessou a sala cuidadosamente e avistou o local que desejava. Parou onde Jesus estava reclinado à mesa e ajoelhou-se ao lado dele. Com

um toque firme, quebrou o gargalo do frasco de alabastro e derramou o conteúdo na cabeça e nos pés de Jesus. O corpo de Maria agitou-se por dentro quando ela ungiu Jesus. Era a antecipação de um evento.

Em seguida, Maria soltou os cabelos e enxugou o excesso de perfume dos pés de Jesus, cheios de calosidades.

A doce fragrância impregnou o ar e todos os que estavam por perto. Assim que eles perceberam de onde vinha o aroma, um burburinho de comentários tomou conta da sala como um enxame. Alguns olharam com ar de compreensão e aprovação. Outros torceram o nariz em sinal de protesto zeloso.

— Que desperdício! — um dos discípulos reclamou. — Este perfume poderia ter sido vendido a preço muito alto e o dinheiro, dado aos pobres.

O coração de Maria entristeceu-se diante do comentário inoportuno, mas Jesus animou-lhe o espírito com palavras encorajadoras: — Por que vocês estão perturbando esta mulher? — ele perguntou enquanto colocava a mão sobre a cabeça de Maria. — Ela praticou uma boa ação para comigo. Vocês sempre terão os pobres consigo, mas a mim nem sempre terão. Não estão entendendo? Quando derramou este perfume em meu corpo, ela estava me preparando para o sepultamento. Digo-lhes a verdade — Jesus disse bem alto para que todos ouvissem — onde este evangelho for anunciado, o que Maria fez também será contado.

Maria ergueu os olhos e fitou Jesus. O coração dela transbordava de amor.

Uma análise mais cuidadosa Esse relato de Maria de Betânia ungindo Jesus é registrado em três dos quatro evangelhos: Mateus 26.6-13; Marcos 14.3-9; João 12.1-8. Misturaremos os três para fazer uma análise mais cuidadosa. (Lucas 7.37 também registra o incidente de uma mulher ungindo Jesus num jantar, mas esse é um caso diferente, sem sombra de dúvida. A narrativa de Lucas ocorreu na casa de um fariseu, e a mulher que homenageou Jesus é referida como “pecadora”.) Seis dias antes da

PÁSCOA JESUS CHEGOU A BETÂNIA, ONDE VIVIA LÁZARO, A QUEM RESSUSCITARA DOS MORTOS. ALI PREPARARAM UM JANTAR PARA JESUS.

João 12.1-2

> Estando Jesus em Betânia, na casa de Simão, o leproso...
>
> Mateus 26.6

A notícia da ressurreição de Lázaro foi um combustível adicional para atiçar o fogo da determinação dos fariseus em sentenciar Jesus à morte. Jesus, sem dúvida, sentiu a aproximação da nuvem de morte ameaçadora e, enquanto os convidados comemoravam com alegria, ele pensava nos dias adiante.

Da mistura dessas duas passagens, aprendemos que Jesus se encontrava num jantar na casa de Simão, o leproso. O que você acha desse nome? "Simão, o leproso." Mas aquela não era uma lepra comum. Era uma lepra curada. Se não tivesse sido curado, Simão seria considerado impuro e teria de ficar a uma boa distância de seus convidados, gritando: "Impuro! Impuro!". Se continuasse a padecer dessa enfermidade incurável, poderia oferecer um jantar, mas haveria poucos convidados. O nome melhor para esse homem teria sido "Simão, o que foi curado da lepra".

Imagine o leproso curado, com a pele tão lisa como bumbum de bebê, dividindo uma garrafa de vinho com Lázaro, o ressuscitado. Podemos apenas imaginar que outros milagres haviam sido realizados nas pessoas ao redor da mesa.

O jantar foi na casa de Simão, porém Marta e Maria eram, aparentemente, as anfitriãs oficiais do evento. Quem melhor que Marta para encarregar-se dos detalhes?

> Marta servia...
>
> João 12.2

Até aqui, nenhuma surpresa. Você não sente vontade de rir?

> ... enquanto Lázaro estava à mesa com ele.
>
> João 12.2

Durante jantares ou banquetes como aquele, os convidados não se sentavam em cadeiras à mesa, mas reclinavam-se em almofadas no chão, colocadas ao redor de mesas baixas. A cabeça dos convidados ficava perto da mesa. Eles se apoiavam num braço e usavam o outro para comer. Portanto, Jesus estava sentado com as pernas para trás e com os pés à mostra.

> Então Maria pegou um frasco de nardo puro, que era um perfume caro, derramou-o sobre os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos.
>
> João 12.3

Marcos diz que o perfume estava dentro de um frasco de alabastro (cf. 14.3). É bem provável que o frasco fosse selado e tivesse um gargalo comprido. Alabastro era um mármore fino e delicado, e Maria poderia ter quebrado facilmente o gargalo do frasco e despejado a fragrância.

Mateus e Marcos registraram que ela ungiu a cabeça de Jesus; João observou que ela ungiu os pés de Jesus, mas Jesus disse que ela ungiu o corpo dele (cf. Mt 26.12; Mc 14.8). Os discípulos notaram os lugares onde o perfume tocou, mas Jesus apontou para o propósito. Maria não estava simplesmente ungindo a cabeça ou os pés de Jesus; estava preparando o corpo dele para o sepultamento.

De acordo com B. F. Scott, aquele foi "o primeiro estágio de um embalsamamento".[6] "Não se unge os pés de uma pessoa viva, mas os pés de alguém como parte do ritual de preparação do corpo inteiro para o sepultamento."[7]

Enquanto o barulho das risadas e conversa dos convidados enchia a sala, imagino que os pensamentos de Jesus estavam em outro lugar. Uma nuvem escura aproximava-se. Dentro de apenas alguns dias, ele ficaria frente a frente com o mal e seria crucificado numa cruz de madeira. Enquanto os

pensamentos agigantavam-se na mente de Jesus, Maria entrou na sala. Ela chegou não apenas para homenagear Jesus por ele ser quem era, mas pelo que ele viria a ser — o sacrifício supremo.

A autora Carolyn Custis James observa: Enquanto todos os outros recuavam e rejeitavam, e até tentavam construir barreiras na estrada para impedi-lo de levar sua missão adiante, Maria apareceu e animou-o a seguir em frente. Enquanto as trevas desciam sobre Betânia e a sombra da cruz atravessava o caminho [de Jesus], só ela o encorajou a obedecer ao Pai. Só ela disse "sim" à cruz. É um momento estarrecedor, para Maria e para nós.[8]

Os amigos mais próximos de Jesus não entenderam quando ele previu sua morte e ressurreição. Estavam ocupados demais, querendo saber quem era o maior entre eles e concorrendo para ocupar o melhor lugar no reino celestial. Mas Maria de Betânia entendeu e agiu para preparar Jesus da única maneira que poderia.

O nardo era, provavelmente, o maior dote de Maria — para seu futuro marido. Quando Maria soltou os cabelos, aquele também foi um ato reservado apenas ao marido da mulher. Que maravilha saber que Maria entendeu que Jesus era, de fato, seu Noivo celestial, a quem ela entregou voluntariamente seu dote e soltou os cabelos.

Maria viu a necessidade e agiu. Eu, porém, me pergunto se as ações dela e a reação de Jesus fizeram outras pessoas da sala raciocinarem: "Por que não pensei nisso?". A mesma reação ocorreu quando Jesus passou uma toalha ao redor da cintura e começou a lavar os pés dos discípulos. "Pode deixar que eu faço isso", Pedro disse (cf. Jo 13.1-17).

Ah, que possamos ser livres para servir — para abrir mão de nossas hesitações e inibições! Não quero jamais me arrepender de perder uma oportunidade e dizer: "Por que não pensei nisso?", quando se tratar de servir a Jesus.

E a casa encheu-se com a fragrância do perfume.

João 12.3

A fragrância não encheu apenas a sala, mas todos os que participaram do jantar levaram a fragrância consigo. Sem dúvida, os homens casados tiveram de dar algumas explicações quando chegaram em casa.

O mesmo ocorre quando uma mulher adora Jesus hoje. Ela torna-se a fragrância de Cristo, e essa fragrância atinge todos ao redor dela.

> Mas um dos seus discípulos, Judas Iscariotes, que mais tarde iria traí-lo, fez uma objeção: "Por que este perfume não foi vendido, e o dinheiro dado aos pobres? Seriam trezentos denários". Ele não falou isso por se interessar pelos pobres, mas porque era ladrão; sendo responsável pela bolsa de dinheiro, costumava tirar o que nela era colocado.
>
> João 12.4-6

O nardo é um óleo aromático feito de uma planta originária do norte da Índia. Conforme Judas ressaltou, a quantidade que Maria usou era equivalente ao salário de um ano de um trabalhador. Ele não ficou nem um pouco feliz com aquele ato de adoração, que o deixou profundamente irritado.

No relato de Mateus sobre essa história, foi depois desse jantar que Judas procurou os chefes dos sacerdotes e ofereceu-se para entregar Jesus por trinta moedas de prata. Quando uma pessoa vira as costas para Deus, não há nada que mais a exaspere que ver alguém que ama a Deus de todo o coração.

> Percebendo isso, Jesus lhes disse: "Por que vocês estão perturbando essa mulher? Ela praticou uma boa ação para comigo. Pois os pobres vocês sempre terão consigo, mas a mim vocês nem sempre terão. Quando derramou este perfume sobre o meu corpo, ela o fez a fim de me preparar para o sepultamento".
>
> Mateus 26.10-12

Parece que Jesus sempre tinha de defender Maria. Ele respeitou as escolhas dela e honrou suas ações, protegendo-a de sua irmã briguenta ou

defendendo-a na frente de um grupo de homens rudes.

Alguns dias antes, Jesus chamara os discípulos à parte e lhes dissera o que aconteceria. “Estamos subindo para Jerusalém e o Filho do homem será entregue aos chefes dos sacerdotes e aos mestres da lei. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios, que zombarão dele, cuspirão nele, o açoitarão e o matarão. Três dias depois ele ressuscitará” (Mc 10.33-34; cf. Lc 18.31-33).

Os discípulos, porém, não entenderam. Talvez não quisessem captar a magnitude das palavras de Jesus ou pensar em outra coisa que não fosse a ideia de Jesus ser o governador vitorioso de Jerusalém. Lucas diz que “o significado dessas palavras lhes estava oculto” (18.34). Talvez Deus tivesse fechado os olhos deles à verdade até que as profecias se cumprissem. Não sei ao certo. Em vez de agarrar o significado das palavras de Jesus, os discípulos começaram a discutir para saber quem ocuparia o melhor lugar na casa do reino de Deus (cf. Mc 10.35-44).

Ao longo dos anos, muitas pessoas têm considerado o ato de Maria como acidentalmente profético, como um gesto meigo. É errado pensar que os atos poderosos das mulheres da Bíblia foram acidentais, que elas não tinham ideia do significado de suas ações. Creio que Maria soubesse exatamente o que estava fazendo. Enquanto os outros na sala pareciam confusos a respeito da morte iminente de Jesus, Maria entendeu sua gravidade. Aparentemente, suas ações foram intencionais. Ela sabia o que estava fazendo e por que estava fazendo, tanto que Jesus disse que ela estava preparando seu corpo para o sepultamento (cf. Jo 12.7). Maria, a aluna, agora era Maria, a professora.

Da mesma forma que as ações de Maria de Betânia abriram as portas para as mulheres aprenderem e se tornarem discípulas da Palavra, seu ato de ungir os pés de Jesus abriu as portas para as mulheres servirem no ministério.

> Eu lhes asseguro que em qualquer lugar do mundo inteiro onde este evangelho for anunciado, também o que ela fez será contado, em sua memória.
>
> Mateus 26.13

Há uns poucos incidentes no Novo Testamento nos quais Jesus fez o holofote brilhar sobre determinada pessoa e disse a todos ao redor, inclusive a você e a mim: “Prestem atenção nisto. É importante”. Jesus quis ter certeza de que não nos esqueceríamos das ações proféticas de Maria e destacou-as naquela época e agora.

Libertada das expectativas dos outros

Maria tinha algumas expectativas que lhe foram incutidas pela cultura, e por sua irmã. Seu mundo não ia muito além da porta de casa. Esperava-se que ela cuidasse dos assuntos domésticos e permanecesse longe dos assuntos reservados aos homens. Isso incluía o mercado da cidade, a arena política e as salas de aula dos rabinos. O mundo de Maria era muito pequeno.

Não sei se você já sentiu aquele confinamento sufocante das expectativas dos outros em relação à sua vida; é um fardo muito pesado para carregar. São muitos os exemplos: a mulher que frustra as expectativas dos pais de seguir a carreira de medicina e responde ao chamado para trabalhar num campo missionário; a jovem que deixa de lado as expectativas dos colegas de ganhar um salário polpudo e vai trabalhar numa organização sem fins lucrativos; a mãe que põe de lado as expectativas de uma família educada em escolas de primeira linha e decide ensinar os filhos em casa; a mulher que rejeita as expectativas de sua comunidade de fé e volta a trabalhar numa empresa secular para sustentar financeiramente a família; a mulher que abandona as expectativas dos colegas e volta para casa para ser mãe em tempo integral; a filha de missionários que frustra as expectativas de seus antecedentes e segue um caminho diferente; ou a mulher que resiste às expectativas das funções tradicionais e passa a estudar teologia no

seminário... Deixar de lado as expectativas dos outros para fazer o que Deus pede é muito difícil.

É aí que encontramos Maria de Betânia. A sociedade tinha algumas expectativas para Maria como mulher. Marta tinha algumas expectativas para Maria como mulher. Os discípulos tinham algumas expectativas para Maria como mulher. Será que ela teria coragem de soltar as correntes das expectativas dos outros e aceitar o convite de Jesus? Sairia da caixa que confinava sua vida?

Quando penso nos homens e nas mulheres da Bíblia que realizaram grandes feitos para Deus, quase todos tiveram de deixar de lado as expectativas dos outros para aceitar o convite de Deus e participar das atividades dele. Abraão teve de deixar de lado as expectativas de seu pai de levar adiante os negócios da família, para responder ao chamado de Deus e tornar-se nômade. Rute teve de deixar de lado as expectativas da família de permanecer em Moabe, para acompanhar sua sogra e adorar Javé — que, para a família de Rute, era um deus estranho. Moisés teve de deixar de lado as expectativas de sua mãe adotiva de tornar-se governador do Egito, para ser o libertador de Israel. Pedro, Tiago e João tiveram de abrir mão das expectativas dos pais de dirigir o negócio de pesca da família, para seguir Jesus. Jesus virou as costas às expectativas de seus seguidores de tornar-se um líder político, para cumprir os propósitos de Deus.

E aqui estamos com Maria, uma mulher corajosa que abandonou as expectativas dos outros e entrou na sala de aula de Jesus. Jesus escancarou a porta. Que bom que ela escolheu sentar-se ali!

Libertada para aceitar o convite de Deus Carolyn acabara de ingressar no seminário — um bastião de treinamento de homens religiosos que até recentemente exibia um cartaz "Proibido para mulheres" em suas salas sagradas. Ah, é claro que essa proibição não estava estampada nos papéis timbrados nem colocada em letras grandes acima da entrada, mas era possível sentir isso nos

OLHOS DOS PROFESSORES, NAS ATITUDES DOS ADMINISTRADORES, NO AR DOS ARQUIVISTAS.

Carolyn, porém, amava a Palavra de Deus e queria estudar teologia. Era importante para ela.

Um professor, com ar mais que maroto nos olhos, caminhou em sua direção enquanto ela estava mergulhada nos livros da biblioteca do estabelecimento. "Sabe", ele começou a dizer, "nunca houve grandes teólogas."[9] Essa observação fortuita deixou sua marca em Carolyn, e ela começou uma jornada para provar que ele estava errado. Em vez de desencorajar aquela moça dinâmica e arrefecer-lhe o entusiasmo, o professor acendeu o estopim que liberou o poder planejado por Deus desde o início para ela.

O professor estava errado. Há muitas teólogas excelentes, e neste capítulo conhecemos uma das primeiras: Maria de Betânia.

Por que queremos aprender? Para guardar o conhecimento só para nós? Acho que não. Esse certamente não foi o exemplo de Jesus no Novo Testamento. Ele ensinou os discípulos para que pudessem sair e ensinar outras pessoas. Lemos em 2Timóteo 3.16-17: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra". A Palavra de Deus não é um tesouro secreto, cuja finalidade é ser guardado para benefício próprio. A Palavra de Deus é um tesouro descoberto para ser investido na vida de outras pessoas.

John Wesley declarou: "Aprendi mais sobre o cristianismo com minha mãe do que com todos os teólogos da Inglaterra".

Nas primeiras décadas do século 19, Deus agiu poderosamente por intermédio de um pregador chamado Charles Finney. Finney era frequentemente convidado pelas mulheres para orar e falar em reuniões públicas. Ele organizou a Oberlin College, a primeira faculdade nos Estados Unidos que permitiu que as mulheres estudassem ao lado de

homens. Foi o primeiro líder protestante que ensinou teologia às mulheres. Em 1853, Antoinette Brown, uma de suas ex-alunas, foi a primeira mulher ordenada nos Estados Unidos.[10]

Outro grande líder evangélico do século 19, Dwight L. Moody, queria muito ensinar teologia às mulheres. O general William Booth usou mulheres em pregações e funções de liderança em todo o Exército de Salvação.

O livro de Hannah Whithall Smith *The Christian's Secret to a Happy Life* [O segredo do cristão para uma vida feliz], publicado em 1875, continua a ser um clássico muito apreciado pelos cristãos do mundo inteiro. Suas palavras incentivaram homens e mulheres a uma caminhada mais perto de Deus, e esse livro é um de meus favoritos.

Deus chama as mulheres, e também os homens, para serem corredoras (cf. Hb 12.1-2), guerreiras (Ef 6.10-18), embaixadoras (2Co 5.20), professoras (At 18.26), profetisas (At 2.17) e obreiras (Ef 2.10). E chama-nos para estar preparadas sendo alunas de sua Palavra (2Tm 3.16-17).

Sentada diante do computador, estou rodeada de todos os lados por estantes repletas de livros escritos por homens *e* mulheres teólogos. Meu coração enche-se de alegria efervescente quando olho para as obras escritas por algumas de minhas amigas mais queridas — irmãs em Cristo que aceitaram o chamado de Deus para sua vida, para aprenderem com ele e, depois, ensinar os outros. Sem a coragem dessas mulheres, provavelmente eu não estaria escrevendo este livro hoje.

Vimos Maria pela primeira vez quando ela entrou na sala de aula e tornou-se aluna. Mas, na cena final, ela vira a mesa e ensina as pessoas ao seu redor. Ela não fez isso por meio de palavras, mas por meio de ações. Jesus foi seu intérprete e explicou a mensagem profética.

"Ela fez o que podia", Jesus disse aos discípulos. Maria sabia que não tinha poder para deter o mal que seria lançado contra Jesus. Mas pôde fazer o que tinha em mente. Pôde homenageá-lo com o que possuía naquele instante.

Pôde prepará-lo para o sepultamento antes de ele enfrentar a cruz. As lágrimas de Maria transmitem a mensagem de que ela entendeu que o tempo da morte de Jesus estava próximo. Aquela não foi uma oferta comemorativa. Ela não estava alegre; estava chorando. Suas ações foram proféticas no sentido mais amplo de todos.

Vamos voltar ao comentário do professor de Carolyn no seminário: "Sabe, nunca houve grandes teólogas". Jesus discordaria dessa afirmação. Houve muitas. Ele fez questão disso. Maria de Betânia foi uma delas.

Eu lhes asseguro que em qualquer lugar do mundo inteiro
onde este evangelho for anunciado, também o que ela
fez será contado, em sua memória.
Mateus 26.13

9

A aluna brilhante
(Marta de Betânia)

Libertada das preocupações
Libertada para sentir calma e confiança

Assim como ocorreu com Maria de Betânia, encontramos sua irmã, Marta, em três cenas diferentes. Já bisbilhotamos o comportamento das duas em dois jantares com Jesus, mas agora precisamos reiniciar o filme e analisar as histórias pelo ponto de vista de Marta. O que se passava na mente dela? Jesus estava decepcionado com ela? O comentário de Jesus a influenciou ao longo do tempo? Como? Vamos retroceder e ir ao encontro de Marta na cozinha.

Fervendo de raiva na cozinha — Tantos detalhes — Marta desabafou enquanto o trigo moído se transformava num pó fino. — A culpa é de Lázaro. Dele mais uma vez. Ele chega em casa e avisa que Jesus e seus amigos vão jantar aqui. Jesus! Não é uma pessoa qualquer, mas o profeta de que o povo tanto fala. O homem que ensina com autoridade e cura com uma só palavra. Jesus!

— Alguns amigos? — ela prossegue. — Conte para ver. Doze. Um jantar como este leva três dias para preparar, e Lázaro me avisa na última hora. Há muita coisa para fazer: misturar a massa, deixar crescer, sová-la, trançá-la, assar o pão; preparar o cordeiro, pincelá-lo com o tempero, assá-lo; escolher o vinho, ajuntar as taças, tirar os melhores pratos do armário; varrer o chão, afofar as almofadas, lavar a mesa; tirar o pó dos móveis, encher as candeias

de óleo, polir os metais. Minha cabeça está rodando só de pensar em todos os detalhes.

— Com quem você está falando? — Maria, irmã de Marta, perguntou ao entrar na cozinha.

— Com meus botões — Marta respondeu. — Tenho coisas demais para preparar para a chegada de Jesus e espero que você faça a sua parte.

— Não se preocupe, Marta — Maria tranquilizou-a. — Tudo vai dar certo.

Marta trabalhava com raiva, preparando todos os detalhes e gritando ordens para qualquer um que pudesse ouvi-la. E, justamente quando estava sovando a massa, ela ouviu uma batida na porta.

— Entre — ela ouviu o irmão dizer, cumprimentando os convidados. — Estávamos aguardando sua chegada!

— Veja só quem está falando! — Marta resmungou. — E eu aqui trabalhando como uma condenada.

Os homens reuniram-se na sala da frente, e logo Jesus atraiu a atenção quando começou a falar dos dias que viriam e do reino de Deus.

— Vou levar uma tigela de tâmaras frescas para os convidados — Maria disse. — Com isso, eles terão alguma coisa para beliscar enquanto cuidamos dos preparativos.

— Tudo bem — Marta concordou. — Mas volte imediatamente.

Passaram-se alguns minutos, porém Maria não voltou à cozinha. Finalmente, Marta deu uma olhada na sala e viu a irmã sentada aos pés de Jesus, absorvendo cada palavra que ele dizia.

Marta entrou intempestivamente na sala, segurando uma tigela de misturar ingredientes. Todos os olhares se voltaram para a irmã frustrada quando ela interrompeu Jesus e apontou na direção de Maria com uma colher de pau.

— Senhor — ela começou a dizer com voz firme — não vês que Maria me deixou só na cozinha? O que ela pensa que está fazendo? Não te importas

que eu tenha de fazer todo esse serviço sozinha enquanto essa minha irmã irresponsável fica aí no meio dos homens, sem fazer nada? Ora, ela não devia nem estar aqui. Não é correto uma mulher ficar numa sala cheia de homens, muito menos sentada aos pés de um rabino enquanto ele ensina. Coloca-a no seu devido lugar! Diz a ela que volte para a cozinha, ao lugar a que pertence!

— Marta, Marta — Jesus replicou — não fique tão afobada. Maria está no lugar exato em que deveria estar. Você está tão preocupada, perturbada e distraída com detalhes cotidianos que não enxerga as alegrias da vida. Não precisa trabalhar tanto para oferecer um banquete para nós. Isso não é nem um pouco importante. O importante *é* que estou aqui e tenho algo a compartilhar com você. Maria entendeu isso. Ela escolheu o que é importante, e não vou mandá-la embora daqui. Ela veio participar da aula para aprender, para ser discípula da Palavra de Deus, e não vou tirar isso dela.

Marta colocou a mão coberta de farinha no quadril, deu meia-volta e marchou para a cozinha.

— Nunca fui tão humilhada — ela resmungou, afastando-se.

Uma análise mais cuidadosa Já fizemos uma análise cuidadosa dessa história do ponto de vista de Maria. Agora, vamos analisá-la do ponto de vista de Marta.

> Caminhando Jesus e os seus discípulos, chegaram a um povoado, onde certa mulher chamada Marta o recebeu em sua casa. Maria, sua irmã, ficou sentada aos pés do Senhor, ouvindo a sua palavra. Marta, porém, estava ocupada com muito serviço. E, aproximando-se dele, perguntou: "Senhor, não te importas que minha irmã tenha me deixado sozinha com o serviço? Dize-lhe que me ajude!"
>
> Lucas 10.38-40

Você entendeu o que Marta está pedindo que Jesus faça? Ela quer estar no controle. Ah, eu jamais faria isso. Bom, tudo bem, posso ter feito isso uma

ou duas vezes... ou três. (E você? Já se atreveu a dizer ao onisciente e todo-poderoso Criador do Universo o que ele deve fazer? Se já, leia a resposta de Deus a um homem que fez o mesmo. Encontra-se em Jó 38—41.) Respondeu o Senhor: “Marta! Marta! Você está preocupada e inquieta com muitas coisas; todavia apenas uma é necessária. Maria escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada”.

Lucas 10.41-42

A palavra grega que Jesus usou foi traduzida por “preocupada”, mas pode ser traduzida por “distraída”. Significa literalmente andar de um lado para o outro, retraída, confusa. A versão Almeida Revista e Atualizada afirma que Marta estava “ocupada em muitos serviços” (v. 40), ou seja, “distante ou distraída”. A versão Almeida Revista e Corrigida diz: “Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas” (v. 41). Finalmente, A Mensagem diz: “Minha querida Marta, você está fazendo tempestade em copo d’água. Está se preocupando à toa. Só uma coisa importa, e Maria a escolheu. É o prato principal. Não vou tirar isso dela” (v. 41-42). Em palavras mais simples, Marta estava tendo um chilique por causa dos detalhes.

Entendo a frustração de Marta. Conforme já mencionei, houve uma ocasião em que tive 38 pessoas para jantar em minha casa no Dia de Ação de Graças. Se todos tivessem ficado diante da televisão para assistir ao desfile de Ação de Graças enquanto eu estava sozinha pincelando o peru com tempero, mexendo o molho na panela, misturando o recheio, assando a torta de abóbora, cozinhando os brócolis no vapor e preparando o chá, minhas emoções também estariam pincelando, mexendo, misturando, assando, fervendo, preparando. (A propósito, não foi o caso. Todos colaboraram, e só tive de marcar os lugares de cada um à mesa e distribuir a comida.) Mas, se pararmos aqui, não entenderemos o ponto principal da história. O texto bíblico não gira em torno do que Marta estava sentindo, mas do que Jesus a estava convidando a fazer.

Jesus não apontou o dedo na direção de Marta com um ar de desaprovação. Não, ele aproveitou o momento para ensinar uma lição. “Marta, Marta”, ele começou a dizer. Você não gosta de ver o modo como Jesus se dirige a ela? Com amor e compaixão. Ele começou a ensinar sua amiga amada. A voz de Jesus não tinha tom de raiva. Na verdade, ele estava convidando Marta para ser uma de suas alunas também.

Jesus usou aquele momento para ensinar Maria, ensinar Marta e ensinar os discípulos. Usou-o também para ensinar a mim e a você, alunas que também entrariam naquela sala de aula no futuro. Ele sempre aproveita o momento para ensinar quando o solo está bem arado e pronto para receber a semente.

A resposta de Jesus não foi, claro, a que Marta esperava, senão ela não teria verbalizado sua irritação. Ela deve ter pensado que Jesus ficaria prontamente ao seu lado e ordenaria a Maria que voltasse para a cozinha, onde era o lugar dela. A resposta de Jesus não foi também a que os discípulos esperavam. Afinal, as mulheres não deviam ficar na companhia de homens para aprender, mas na cozinha com as outras mulheres. Jesus, no entanto, raramente respondia conforme as pessoas esperavam. Ele surpreendeu todos. Abriu caminho para as mulheres entrarem em sua sala de aula e sentar-se na primeira fila, com o coração e a mente preparados.

Jesus amava Marta e convidou-a para fazer companhia a ele na sala de aula. Colocou uma tampa em suas emoções em ebulição e deixou-a cozinhar em fogo baixo o que ele acabara de dizer. Você já pensou no que aconteceu em seguida? Vamos dar uma olhada na segunda cena para ter uma pista.

Chamada para professar sua fé É fácil cair na armadilha de pensar em Marta e Maria como meras personagens de uma história, mas elas foram mulheres de verdade, como você e eu. Enfrentaram provações e triunfos, arrependimentos e remorsos, esperanças e sonhos. No entanto, embora exista muita semelhança entre elas e nós, as condições em que aquelas

mulheres viviam eram muito diferentes. As solteiras ou viúvas daquela época dependiam dos irmãos ou dos pais para ser sustentadas. Em geral, não trabalhavam fora de casa, e não havia nenhum programa assistencial do governo para cuidar dos desvalidos. Plano de aposentadoria? Só se fosse de um irmão ou filho. Para aquelas mulheres, Lázaro era tudo o que elas tinham. Se ele morresse, o futuro de ambas morreria com ele. Em nosso segundo encontro com as irmãs, esse é o verdadeiro precipício sobre o qual o futuro delas se equilibra. Vamos nos reunir a elas, não no banquete numa sala de jantar, mas no quarto de seu irmão enfermo, temerosas de que ele morresse.

— Marta — Maria disse, chorando. — O que vamos fazer? Tentamos de tudo, mas a pele de Lázaro continua muito quente. Até a água fria não serviu para baixar a febre dele. Os olhos estão embaçados e a língua, branca e seca como papel; ele não reage quando o chamamos.

Marta pensou em seu irmão, um homem forte. Nunca adoecera. Mas essa doença chegara tão rápido, e nada do que elas faziam parecia ajudar. O corpo dele queimava de febre e somente esfriava por pouco tempo quando banhado na água fria do poço. Fazia dias que ele não comia, e só bebia quando ela o forçava a tomar alguns goles indesejados.

— Temos uma única esperança — Marta decidiu. — Alguém precisa buscar Jesus. Ele pode curar Lázaro com uma só palavra.

— É isso aí! — Maria gritou. — Vou mandar alguém buscá-lo já.

Marta suspirou e assentiu com a cabeça.

— Daniel! — Maria chamou um amigo de confiança que andava de um lado para o outro no quintal, aguardando notícia sobre a saúde do amigo. — Vá falar com Jesus. Precisamos dele imediatamente. A última vez que ouvi falar dele, ele estava ensinando à beira do Jordão.

— O que devo dizer a ele? — Daniel perguntou.

— Diga o seguinte: “Aquele a quem amas está enfermo” — ela respondeu. — Ele saberá o que fazer.

Daniel partiu em seguida para procurar o Mestre. Porém, momentos depois de sua partida, o estado de saúde de Lázaro piorou e ele deu o último suspiro.

Quando Daniel chegou para dar a notícia a Jesus, o Mestre não reagiu conforme o mensageiro esperava. Até os discípulos se surpreenderam com a aparente falta de preocupação de Jesus. “Essa doença não é o fim de Lázaro. Na verdade, ela é para que Deus e seu Filho sejam glorificados”, Jesus replicou. Os discípulos não entendiam a maioria das declarações de Jesus, e aquela reação foi certamente um desses casos.

Jesus não se preparou para ir imediatamente ao encontro de seu amigo; ao contrário, permaneceu onde estava por mais dois dias, aguardando as instruções de seu Pai celestial. No terceiro dia, Deus sinalizou que era chegada a hora de ir.

Daniel levou um dia para encontrar Jesus, Deus esperou dois dias para dar a Jesus o sinal de partida, e Jesus levou mais um dia para chegar a Betânia. Quando enfim chegou aos limites da cidade, fazia quatro dias que Lázaro havia morrido, e seu corpo estava dentro de um túmulo cavado na rocha, totalmente fechado.

Uma multidão reuniu-se diante da casa de Marta e Maria para chorar a perda com elas. Quando soube que Jesus estava chegando, Marta correu ao encontro dele.

— Senhor — Marta disse, chorando e ajoelhando-se aos pés de Jesus — se estivesses aqui, isso não teria acontecido. Lázaro não teria morrido. Onde estavas? Por que não vieste?

Quando as palavras acusadoras saíram da boca de Marta, ela sentiu-se envergonhada e tentou rapidamente disfarçar suas observações precipitadas: — Mas sei que, mesmo agora, Deus te dará tudo o que pedires.

Jesus colocou a mão no ombro de Marta e disse: — O seu irmão vai ressuscitar.

— Eu sei que ele vai ressuscitar no último dia.

Jesus prosseguiu: — Eu sou a ressurreição e a vida. Se alguém crer em mim, mesmo que esteja morto viverá. Marta, você crê nisso?

— Creio, Senhor — ela respondeu. — Creio que és o Filho de Deus, cuja vinda ao mundo nos foi prometida.

O coração de Jesus encheu-se de orgulho diante das palavras de Marta. Apesar de muitos dos amigos mais chegados de Jesus não entenderem quem ele era nem o que veio fazer, aquela aluna entendeu claramente. Passou no teste com louvor e tornou-se a líder da classe. Ah, como ele a amava!

— Marta, vá buscar Maria para mim. Quero conversar com ela também.

Marta correu aos prantos de volta à sua casa cheia de pessoas e cochichou no ouvido de Maria: — Jesus está aqui. Quer ver você.

Maria levantou-se num salto e atravessou a porta correndo. Muitas pessoas na casa imaginaram que Maria estivesse correndo até o túmulo, num ímpeto de tristeza, e seguiram-na. Quando chegou ao lugar onde Jesus a esperava, ela também se ajoelhou aos pés dele: — Ah, Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. Por que não vieste? Onde estavas?

Ao ver o coração despedaçado de Maria, os olhos de Jesus encheram-se de lágrimas. Ah, como ele detestava a morte. Como abominava o resultado do pecado e o aguilhão de Satanás. A emoção e o amor por aquela família eram tão grandes que ele não conseguiu oferecer uma palavra de consolação.

— Onde o colocaram? — Jesus perguntou.

— Vem e vê — ela respondeu.

Ao chegar ao túmulo, Jesus não conteve mais a emoção. Ele chorou. Lágrimas salgadas caíram do rosto do Deus feito homem e espirraram no chão maldito.

Jesus percorreu a multidão com os olhos e avistou dois moços fortes e robustos.

— Tirem a pedra da entrada da caverna — ele os instruiu.

— Senhor — Marta disse. — Faz quatro dias que Lázaro está no túmulo. Seu corpo está começando a decompor-se. O odor será terrível.

— Confie em mim, Marta. Eu não lhe disse que se você cresse veria a glória de Deus? — Jesus replicou.

Os homens rolaram a pedra enquanto a multidão prendia a respiração aguardando o desenrolar dos acontecimentos.

Jesus orou de forma que todos ouvissem e bradou em alta voz: — Lázaro, venha para fora!

O silêncio pairava no ar como uma nuvem baixa. E de repente... de repente... um homem com o corpo ereto e envolto em faixas de linho apareceu na entrada da caverna à luz do dia.

Suspiros, aplausos e gritos de alegria encheram o ar.

— Tirem as faixas dele e deixem-no ir — Jesus ordenou.

Uma análise mais cuidadosa Sabe de uma coisa? Ler e recontar essa história deixa-me cansada. Sinto muitas emoções com essas irmãs, emoções que sobem e descem, que vêm e vão, por isso estou exausta.

Você já se sentou junto ao leito de alguém e viu a vida daquela pessoa se esvaindo? É uma sensação de estar de mãos atadas. Não há nada que se possa fazer quando o corpo começa a apagar-se como as luzes de um edifício alto. Tenho certeza de que as irmãs fizeram o possível, e nada ajudou.

Essa sensação foi muito clara para mim quando meu sogro morreu, em 2008. A saúde dele começou a declinar, mas nenhum diagnóstico previu que sua vida estivesse chegando ao fim. Ele simplesmente foi sucumbindo, e não podíamos fazer nada. Em determinada manhã ele parou de respirar, deixou-nos. Partiu.

Enquanto chorávamos essa perda e comemorávamos sua chegada ao céu, Mary Ellen, sua esposa durante 64 anos, não conseguia superar a dor.

Ninguém — nem os quatro filhos, os cinco netos e os cinco bisnetos — foi capaz de aliviar sua tristeza interior. Mais uma vez sentimo-nos impotentes ao vê-la definhando também, e sua vida se apagando. Seis meses após o falecimento de meu sogro, sua querida esposa teve um infarto repentino e foi fazer companhia a ele na eternidade. Quando a morte bate à porta, nós, humanos, não temos força para impedir sua chegada. Jesus, porém, estava prestes a mostrar que ele é o dono da vida e da morte.

Muitas coisas haviam acontecido desde a primeira visita de Jesus à casa de Marta. Ele abriu os olhos dos cegos, fez paralíticos andarem, purificou a pele de leprosos, multiplicou pães e ressuscitou algumas pessoas. O povoado de Betânia deve ter recebido notícias dos ensinamentos e milagres de Jesus. Por mais que o povo duvidasse de quem ele era, não poderia negar o que ele fez.

Vamos dar uma olhada mais de perto na história contada por João.

> Havia um homem chamado Lázaro. Ele era de Betânia, do povoado de Maria e de sua irmã Marta. E aconteceu que Lázaro ficou doente. Maria, sua irmã, era a mesma que derramara perfume sobre o Senhor e lhe enxugara os pés com os cabelos.
>
> João 11.1-2

Curiosamente, quando conhecemos Marta e Maria em nosso primeiro encontro, o nome de Lázaro, irmão delas, não foi mencionado. Mas, à medida que a história se desenrola, ficamos sabendo que ele era um dos amigos mais queridos de Jesus.

Nessa passagem, João menciona que Maria derramou perfume nos pés de Jesus. No entanto, isso ainda não havia acontecido. Só aconteceria na semana da morte e ressurreição de Jesus. João dá-nos um aperitivo do que ia acontecer.

> Então as irmãs de Lázaro mandaram dizer a Jesus: “Senhor, aquele a quem amas está doente”.
>
> João 11.3

João, o discípulo que escreveu esse relato, costumava referir-se a ele próprio como “aquele que Jesus amava”. Mas aqui as irmãs referem-se ao irmão com as mesmas palavras carinhosas.

Marta não se atreveu a dizer a Jesus que providências ele deveria tomar, conforme fez no encontro na cozinha. Simplesmente expôs a situação e confiou que Jesus cuidaria do assunto da maneira que achasse melhor, exatamente como ele fez. Ela receberia uma surpresa — o que geralmente acontece quando deixamos os assuntos nas mãos de Deus para que ele trabalhe da maneira que preferir, sem nossa interferência.

Se Marta tivesse um relógio, pode acreditar que ela o teria consultado a todo momento. “Onde ele está?”, ela deve ter perguntado. “Por que está demorando tanto?” Suas esperanças foram desaparecendo com a vida do irmão.

> Ao ouvir isso, Jesus disse: “Essa doença não acabará em morte; é para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por meio dela”.
>
> João 11.4

Essa afirmação faz lembrar as palavras de Jesus aos discípulos para explicar por que certo homem nascera cego: Ao passar, Jesus viu um cego de nascença. Seus discípulos lhe perguntaram: “Mestre, quem pecou: este homem ou seus pais, para que ele nascesse cego?” Disse Jesus: “Nem ele nem seus pais pecaram, mas isto aconteceu para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele”.

João 9.1-3

Ah, que possamos ter a mesma atitude quando as dificuldades nos atravessarem o caminho: “Amado Deus, sei que serás glorificado nesta

circunstância. Não entendo o que está acontecendo nem por que, mas sei que trabalharás para o meu bem e para o bem daqueles que estão vendo o desenrolar de minha história. Oro para que muitos acreditem em ti pelo que farás e que vejam a tua glória".

> Jesus amava Marta, a irmã dela e Lázaro.
>
> João 11.5

Parem tudo! Essa é uma de minhas passagens favoritas em toda a história. Veja, Marta foi criticada durante muitos anos. Maria é descrita como uma mulher encantadora que se senta pensativamente aos pés de Jesus, e Marta é descrita como uma irmã ranzinza e autoritária com todos ao redor dela. Em nossa imaginação enviesada, achamos que Jesus amava Maria e rejeitava Marta. Mas vamos ler o versículo mais uma vez. "Jesus amava Marta, a irmã dela e Lázaro." Como aprecio isso! Não porque eu não seja admiradora de Maria, mas porque *sou* admiradora de Marta. Sou apaixonada por ela, da mesma forma que Jesus era. Vamos prosseguir, e eu lhe contarei o motivo daqui a pouco.

> No entanto, quando ouviu falar que Lázaro estava doente, ficou mais dois dias onde estava. Depois disse aos seus discípulos: "Vamos voltar para a Judeia".
>
> João 11.6-7

Quando João usa a expressão "no entanto", parece que estava dizendo: "Não entendi. Ele os amava, mas deu um tempo. O que está havendo? Se ele não tivesse parado para ajudar um estranho, certamente teria viajado para curar um amigo".

Jesus não partiu imediatamente porque Deus tinha um plano maior. Teria sido um milagre em menor escala curar um amigo enfermo, mas seria um milagre em grande escala ressuscitar esse amigo. É difícil esperar em Deus quando as circunstâncias se degeneram e secam nossa esperança, mas Deus

quer certificar-se de que entendemos que não podemos fazer nada com nossas forças e que entendemos a grandeza da força dele.

Dois dias depois, Deus deu o sinal. Era chegada a hora de ir.

Além de ser a hora de ir e realizar a ressurreição milagrosa de Lázaro que sabemos que aconteceria, era hora de Jesus voltar ao exato lugar onde os fariseus queriam matá-lo. Havia um perigo claro e presente na decisão dele de voltar à Judeia. Os fariseus já haviam tentado apedrejá-lo, e Jesus sabia que estavam planejando sua morte. Sabia também que conseguiriam isso. E... era chegada a hora. O fim aproximava-se, e aquele milagre monumental deixaria os fariseus mais determinados ainda a matá-lo.

Os discípulos advertiram Jesus de que não voltasse ao território hostil, mas ele estava firme em sua resolução. Depois, Jesus os confundiu explicando que Lázaro já estava morto. Para os discípulos, viajar a Betânia não parecia uma atitude prudente. Eles não entenderam a mensagem. Se Lázaro já estava morto, por que correr o risco? Para Jesus, era o passo seguinte para realizar seu objetivo máximo.

Quando Jesus chegou, o corpo de Lázaro estava no túmulo havia quatro dias, em decomposição. A tradição judaica exigia trinta dias de luto, e as lamentações estavam em pleno andamento. A morte de Lázaro chocou o povoado inteiro, e muitos judeus das cidades vizinhas vieram para chorar a perda. Para aquelas duas mulheres, a perda foi maior que a de um irmão. Sem marido, sem filhos, sem pai e agora sem irmão, elas não tinham ninguém para mantê-las numa cultura na qual é difícil para uma mulher conseguir o próprio sustento.

> Quando Marta ouviu que Jesus estava chegando, foi encontrá-lo, mas Maria ficou em casa. Disse Marta a Jesus: “Senhor, se estivesses aqui meu irmão não teria morrido”.
>
> João 11.20-21

Você já se sentiu assim? “Senhor, se estivesses aqui, isto não teria acontecido. Onde estavas? Onde estás agora?” Marta ficou decepcionada com Jesus — ele poderia ter evitado a morte de Lázaro. Mas, como sempre, Jesus não estava atrasado. Chegou na hora certa.

Marta enfrentava uma batalha interior entre a realidade do corpo do irmão em decomposição e o conhecimento de que Jesus poderia ter evitado sua morte. Marta não é diferente de você nem de mim. Enfrentamos essa batalha na mente quando a fé e a tragédia colidem.

A verdade é que Deus estava ali! Ele é onipresente — está em todos os lugares ao mesmo tempo. Até nas escadas das Torres Gêmeas enquanto desabavam? Até lá. Até num casebre varrido pelo furacão Katrina? Até lá. Até quando vi o ultrassom de meu bebê e descobri que seu coração não batia? Até lá.

Você acha que Jesus sabia que Maria e Marta ficariam decepcionadas com ele por não ter chegado antes de Lázaro morrer? Claro que sabia. Ainda assim, ele deu um tempo. Deu um tempo porque estava mais interessado em glorificar a Deus que consertar sem muito impacto uma situação.

Marta falou o que se passava em seu coração, mas, com a mesma rapidez que as palavras lhe saíram da boca, ela desejou recolhê-las.

> Mas sei que, mesmo agora, Deus te dará tudo o que pedires.
>
> João 11.22

Foi um momento constrangedor. Os pensamentos que rodavam na cabeça dela saíram pela boca. Marta arrependeu-se rapidamente e falou o que *sabia* ser verdadeiro em sua mente, embora não *sentisse* ser verdadeiro no coração. Ela sabia que Jesus, até naquele momento, poderia ressuscitar Lázaro. Ele *podia* fazer qualquer coisa.

> Disse-lhe Jesus: “O seu irmão vai ressuscitar”. Marta respondeu: “Eu sei que ele vai ressuscitar na ressurreição, no último dia”. Disse-lhe Jesus: “Eu sou a ressurreição e

> a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim não morrerá eternamente. Você crê nisso?".
>
> João 11.23-26

Você vê o que Jesus está fazendo aqui? Está ensinando a Marta os princípios fundamentais do evangelho: quem crê em Jesus tem a vida eterna com Deus. Enquanto os discípulos olhavam de longe, Jesus estava doutrinando uma mulher. É por isso que amo Marta. Ela deixou de fato a cozinha para estar com Jesus na sala de aula. Deixou de lado as preocupações, os detalhes que a distraíam e seu comportamento autoritário. Depois de acalmar-se, Marta aceitou o convite de Jesus para ser uma discípula por direito. Tornou-se uma aluna brilhante e passou a ser a líder da classe com Maria.

Jesus não disse a Marta que tomasse ânimo e agisse como um homem. Mais uma vez, ele aproveitou ternamente o momento para ensiná-la e levou-a a um lugar de entendimento mais profundo. "Ele usa nossas lutas para ajudar-nos a entender que não o conhecemos tão bem quanto imaginamos e puxa-nos para mais perto de si."[1] Em seu estilo costumeiro, Jesus fazia isso por meio de perguntas: "Você crê nisso?".

Aquele foi o teste inesperado de Marta.Vejamos se ela foi aprovada.

> Ela lhe respondeu: "Sim, Senhor, eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo".
>
> João 11.27

Marta entendeu. Sua profissão de fé — num tempo em que até os amigos mais chegados de Jesus tinham dúvidas — é extraordinária. Ela foi uma esplêndida mulher de fé que aprendeu bem as lições. Suas palavras nos informam que ela soube escolher o melhor e ajoelhou-se aos pés do Mestre com a irmã.

Durante as dificuldades, Deus coloca nossa fé numa peneira para que as sobras dos grãos de dúvida, que não imaginávamos existir, sejam moídas.

Conforme Pedro escreveu, as provações vêm para que fique comprovado que nossa fé é genuína (cf. 1Pe 1.7). A teologia de Marta era sólida. Ela sabia no que acreditava.

Agora Jesus está prestes a revelar uma verdade mais profunda. Ele é soberano sobre a vida e a morte, e nossa limitação do tempo é irrelevante para o próprio Criador do tempo.

> E depois de dizer isso, [Marta] foi para casa e, chamando à parte Maria, disse-lhe: "O Mestre está aqui e está chamando você".
>
> João 11.28

As palavras "Jesus está chamando você" provocam arrepios em mim. Você pode imaginar alguém batendo à sua porta com o mesmo convite? "Jesus está chamando você." A verdade é que Deus *bate* à porta, e Jesus *chama* você. Jesus quer que *você* se aproxime dele. "Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso" (Mt 11.28).

No jardim do Éden, depois que Adão e Eva se esconderam de Deus por causa do pecado que cometeram, Deus entrou no esconderijo da vergonha e perguntou: "Onde está você?" (Gn 3.9). Ele os chamou para que saíssem do esconderijo. Não importa o que aquele casal havia feito, Deus ainda desejava ter um relacionamento com os portadores de sua imagem. Ele deseja ter um relacionamento com você. Está chamando você.

Quando Maria correu ao encontro de Jesus e ajoelhou-se aos seus pés, ele ficou tão comovido que não ofereceu nenhuma palavra de consolação. Simplesmente perguntou: "Onde o colocaram?". E o que aconteceu quando Jesus chegou ao túmulo cercado de pessoas aos prantos? Duas palavras simples: Jesus chorou.

João 11.35

A dor do povo que chorava abriu a comporta da emoção em Jesus. Ele compreendeu o sofrimento de Marta e Maria — e compreende o nosso

também.

Conhecemos o resto da história. Sim, Jesus ressuscitou Lázaro, e muitas pessoas passaram a crer nele. Algumas, no entanto, não gostaram do milagre. Ao contrário, correram para contar aos fariseus e dar-lhes mais munição para crucificarem Jesus (cf. Jo 11.46). Não é sempre assim? Ou optamos por acreditar ou optamos por correr na direção oposta.

Marta aprendeu muito em sua jornada de fé. Não sabemos ao certo, mas imagino que, após a ressurreição do irmão, ela ajoelhou-se outra vez aos pés de Jesus.

Libertada das preocupações Há séculos Marta tem sido usada em sermões como exemplo daquilo que não devemos ser. "Ocupados demais para Jesus?", os pregadores perguntam. "Não seja uma Marta", o professor adverte. "Seja uma Maria."

Temos a tendência de perguntar: "Você é Marta ou Maria?", como se tivéssemos de escolher. Ontem mesmo contei a uma amiga que estava escrevendo sobre Marta.

— Ah, sou Marta, com certeza — ela respondeu.

— Não, não é — eu disse. — Você é Jennifer.

Gostamos de categorizar as mulheres (inclusive nós mesmas) como "pensadoras" ou "fazedoras", como se as duas coisas não pudessem coexistir. Aplicamos rótulos em nós, e nos outros, de adoradores ou trabalhadores, quando a verdade é que precisamos ser as duas coisas.

Não creio nem por um minuto que Marta permaneceu na cozinha para sempre. Não creio nem por um minuto que Maria permaneceu fora dela. Pela confissão de fé de Marta após a morte de Lázaro, vemos que ela se juntou a Maria aos pés do rabino Jesus. Ela não se tornou *apenas* uma aluna. Passou a ser a primeira da classe.

Temos também a tendência de ler a história de Maria e Marta e ver uma aluna. Jesus viu duas. Aproveitou a oportunidade para ensinar a Marta o lugar exato em que ela se encontrava. Às vezes aproximamo-nos de Jesus

para aprender, e às vezes ele vem a nós. Ele interrompe nossa agitação e diz: “Ei, espere um pouco, irmã. Vamos analisar a situação juntos”.

Posso abordar outro assunto delicado? Jesus disse a Marta que havia coisas mais importantes na vida que cozinhar e limpar a casa.

Veja bem, antes que você pense que estou sugerindo que contrate uma empregada e leia a Bíblia o dia inteiro, saiba que gosto muito de cuidar de minha casa. Sempre que concluo um livro, tiro um mês de férias e inicio um grande projeto de decoração. Faço cortinas, pinto murais, costuro almofadas ou capas para os móveis. Porém, por mais que eu goste do trabalho de criar e manter uma casa bonita, Deus me faz lembrar que a atividade mais importante de cada dia são os momentos que passo em comunhão com ele.

Jesus nunca menosprezou Marta, mas instruiu-a carinhosamente. Mais uma vez ele reverteu completamente as prioridades tradicionais reservadas às mulheres daquela época e convidou-a para ser discípula — aluna da Palavra de Deus. Embora a cultura ordenasse que as mulheres não devessem aprender a Torá, Jesus mostrou a Marta que a melhor escolha de todas era aprender mais a respeito de Deus.

Libertada para sentir calma e confiança O que você acha que Marta fez depois de voltar para a cozinha? Não sabemos. Lucas passa para outra história, deixando-nos a imagem de Marta segurando a colher e Jesus segurando a porta.

M. L. del Mastro, em seu livro *All the Women of the Bible* [Todas as mulheres da Bíblia], conta as histórias das mulheres da Bíblia em narrativas que descrevem cenários lindos, usando apenas as descrições simples contidas nas Escrituras. Ao relatar a história de Marta, alega que ela se libertou do “autoritarismo letal e aprisionador que ela tanto desejava, para poder viver”.[2] E prossegue: Depois daquela refeição espetacular, o autoritarismo foi, aos poucos, deixando de ser o seu deus, deixando de ser o ar de que ela precisava para respirar, e mais simplesmente um produto de sua necessidade de dar e receber amor. Ela aprendeu a relaxar e a permitir que as outras pessoas

fizessem o melhor que sabiam fazer, sem sentir-se desafiadas ou ameaçadas, porque descobriu que poderia ser, e de fato era, amada por ser quem era, não pelo que fazia ou como fazia. Foi assim que seu serviço passou a ser um serviço verdadeiro, não apenas um disfarce para manter o controle ou uma forma de evitar a própria aniquilação. Aquela "boa parte" tornou-se também sua escolha, graças a ele.[3]

Você já parou para pensar por que a história de Marta, que começou com uma irritação na cozinha, foi incluída no evangelho de Lucas? Não é uma história de cura, libertação ou absolvição de pecados. Não é uma das parábolas de Jesus ou um fato relacionado à sua caminhada até a cruz. Pense nisso. Creio que a história foi incluída para citar um exemplo de como Jesus veio para libertar as mulheres — libertá-las para que se tornassem suas discípulas, se sentassem aos seus pés e participassem da classe que anteriormente era reservada para homens. Creio que foi incluída para que as mulheres vejam o que é realmente importante nesta vida.

E então, o que Marta fez depois de voltar para a cozinha? Vou lhe contar minha versão da história. Penso que ela "cozinhou" o assunto um pouco mais — talvez pelo resto do dia. Mas, a certa altura, Marta aceitou o convite de Jesus para juntar-se a ele na sala de aula. Tornou-se discípula também. Como eu sei? Por causa de sua resposta ao teste de Jesus depois que Lázaro morreu. "Creio que tu és o Cristo, o filho de Deus que devia vir ao mundo", ela respondeu. Sim, Marta passou no teste com louvor.

Vemos Marta pela última vez no jantar na casa de Simão, o leproso, onde Maria ungiu o corpo de Jesus com perfume e preparou-o para o sepultamento. E onde está Marta? Ora, está na cozinha, trabalhando. O fato de sermos discípulas de Jesus Cristo não nos desobriga das atividades e responsabilidades diárias. Continuamos a preparar as refeições, passar o aspirador na casa, tirar o pó dos móveis, ir ao escritório, levar os filhos à escola e dobrar as roupas lavadas, mas sabendo que Jesus nos dá a liberdade de servir com alegria e deixar que nosso relacionamento com o Salvador

transborde sobre as outras pessoas. Deus não modificou a tendência natural de Marta para servir, mas modificou sua tendência pecaminosa de reclamar, projetar suas expectativas e tentar controlar os outros.

Sim, naquele último jantar, Marta estava trabalhando na cozinha. Não estava inquieta, preocupada, aborrecida nem furiosa pelo fato de Maria não estar fazendo a parte que lhe cabia. Afinal, Maria estava no lugar exato a que pertencia. Dessa vez Marta serviu com uma nova atitude de agradecimento e louvor àquele que a libertara.

Ela foi libertada para ser a mulher que Deus planejou que fosse: Marta.

Jesus amava Marta, a irmã dela e Lázaro.
João 11.5

10

A encurvada sem medo *Libertada de um espírito de enfermidade*
Libertada para andar com confiança

Era um sábado como qualquer outro. Porém, assim que abriu os olhos, Mariah não tinha ideia de que sua vida seria mudada naquele dia.

"Estou velha demais para isso", resmungou quando virou seu corpo encurvado e rijo para sair da cama. "Gostaria de ficar em casa hoje, mas é sábado."

Ela pendurou as pernas na beira da cama e colocou os pés no chão frio e duro. Os olhos viram e os pés sentiram a superfície suja e em desordem, onde passavam as horas de vigília.

"Pelo menos na cama posso ver o céu através da janela, o passarinho empoleirado e o rosto das pessoas que amo", ela disse, gemendo. "Mas nem mesmo uma velha como eu pode ficar na cama o dia inteiro."

Assim que se levantou, se é que podemos dizer isso, Mariah preparou-se para mais um dia no qual ficaria olhando para baixo, para o chão sujo, para as pedrinhas na estrada e para os pés enlameados dos que passavam por ela. Fazia dezoito anos que ela vivia encurvada por um espírito maligno que a atormentava dia e noite. A enfermidade não surgira de uma só vez; foi progredindo aos poucos, como se alguém estivesse empilhando tijolos em sua nuca, um a um, dia após dia. Suas costas começaram a curvar-se lentamente como um caniço sob um peso invisível até o ponto de a coluna ficar paralela ao chão, formando uma corcunda no lugar onde havia uma postura firme e perfeita.

“Não aguento mais ficar olhando para os pés”, ela resmungou, “mas pelo menos consigo enxergar, consigo ouvir, consigo falar. Tenho muitas coisas para agradecer, por isso hoje vou assistir ao culto na sinagoga”.

Mariah passou um pente nos cabelos grisalhos emaranhados, cobriu a cabeça com um véu e calçou sandálias nos pés enrugados. Em seguida, começou a andar desajeitadamente em direção ao templo. Sua estrutura a impedia de erguer os olhos para procurar o local reservado às mulheres na sinagoga; por isso ela acompanhava os pés femininos para encontrar seu assento, nos fundos e nas últimas fileiras do templo.

Mesmo sem conseguir ver o rosto dele, ela sabia que o homem que se levantou para falar não era o mestre da lei costumeiro. Assim que ele se aproximou da tribuna, o povo começou a agitar-se como se fosse um enxame. “É Jesus”, começaram a dizer. “O mestre de que todos falam, aquele que cura enfermidades.” “É Jesus! É Jesus!”

Sem fazer caso do burburinho, Jesus começou a ensinar. Ao contrário de todos os homens que ela ouvira antes, Jesus falava com autoridade e compaixão. Pela primeira vez na vida, alguém explicou as Escrituras de uma forma que fazia sentido para ela. Ele explicou as verdades espirituais com exemplos do dia a dia que davam vida a seus ensinamentos.

“Ah, como eu gostaria de ver o rosto dele”, ela orou silenciosamente.

Assim que as palavras percorreram a mente de Mariah, Jesus parou de falar. Ela não podia vê-lo, mas ele podia vê-la.

Um silêncio pairou sobre o local.

— Mulher, venha à frente — ele chamou.

Mariah esforçou-se para endireitar-se no banco a fim de ver com quem ele estava falando.

— Ele está falando com *você* — a mulher ao lado cochichou. — Está olhando diretamente para você.

Mariah não sabia exatamente o que fazer. Jesus estava pedindo que ela saísse do local reservado às mulheres na sinagoga e atravessasse o lugar que

separava as mulheres dos homens. Estava chamando-a para pisar em território proibido. Após alguns momentos de luta interna, a fé venceu o medo, e Mariah levantou-se. Não podia ver o rosto das pessoas, mas sabia que todos os olhos estavam grudados em seus passos cambaleantes.

As mulheres admiraram sua coragem. Os homens franziram a testa diante de sua audácia. Homens e mulheres abriram caminho para ela passar.

Depois de longos momentos de esforço doloroso, Mariah finalmente chegou à frente da multidão — ao centro do palco. Jesus curvou-se, colocou a mão na corcunda na qual as costas dela se transformaram, deixando-as paralelas ao chão. Ela sentiu um movimento quente percorrer seus músculos paralisados enquanto os anos de rigidez desapareciam. Como um fantoche nas mãos de um marionetista, Jesus endireitou-a. Pela primeira vez em dezoito anos, sua coluna encurvada ficou igual a um cedro altaneiro. A enfermidade física que a definhara havia ido embora, e ela fitou os olhos daquele que a libertara.

— Mulher — ele disse — você está livre da sua doença.

Lágrimas de alegria desceram por seu rosto envelhecido, e as palavras do salmista percorreram-lhe as veias. “Mas tu, Senhor, és o escudo que me protege; és a minha glória e me fazes andar de cabeça erguida” (Sl 3.3).

— Obrigada, Jesus! — ela gritou. — Obrigada, Jesus! — Dando meia-volta, ela ergueu as mãos em louvor a Deus. Riu com delicadeza e as pessoas alegraram-se com ela. Não se sentia mais como o chão sujo para o qual era forçada a olhar todos os dias. Estava livre!

Uma análise mais cuidadosa Vou lhe contar por que amo essa história. Amo-a porque, embora não tenha ficado paralisada fisicamente por dezoito anos, fiquei paralisada emocionalmente pelo mesmo espaço de tempo. A paralisia apresenta-se de várias formas. Falaremos desse assunto daqui a pouco, mas por ora vamos fazer uma análise mais cuidadosa de uma irmã que foi libertada para voltar a dançar.

Certo sábado Jesus estava ensinando numa das sinagogas...

Lucas 13.10

Quase prendo a respiração quando uma história começa com estas palavras: “Era sábado”. Sei imediatamente que Jesus está prestes a provocar um alvoroço. Ele sempre demolia as barreiras do *quem*, *que*, *quando* e *onde* que os líderes religiosos haviam construído. Nessa primeira sentença, temos o indício de que Jesus desprezaria o “quando”. Era sábado, e ele decidira a fazer algo.

... e ali estava uma mulher que tinha um espírito que a mantinha doente havia dezoito anos. Ela andava encurvada e de forma alguma podia endireitar-se.

Lucas 13.11

Agora Lucas diz “quem”. Uma mulher. Barreira número dois.

Ao vê-la, Jesus chamou-a à frente...

Lucas 13.12

O templo de Herodes localizava-se num monte do qual se avistava a bela cidade de Jerusalém. Foi construído por Herodes e seus filhos entre 19 a.C e 63 d.C. Embora a maior parte tivesse sido completada no ano 9 a.C, a ornamentação continuou por mais 72 anos. A estrutura refletia os preconceitos religiosos e sociais da época, com lances de escada e divisórias para separar os diversos grupos de pessoas. A área externa, o átrio dos gentios, era um local de livre acesso a todos os judeus e gentios tementes a Deus. O nível seguinte chamava-se átrio das mulheres, ao qual todos os judeus, tanto homens como mulheres, tinham acesso. O terceiro nível chamava-se átrio dos israelitas, e somente os homens judeus cerimonialmente puros podiam entrar. O quarto nível conduzia ao Lugar Santo, onde apenas os sacerdotes tinham permissão para entrar. Finalmente,

o quinto nível abrigava o Lugar Santíssimo, onde o sumo sacerdote entrava uma vez por ano, no Dia da Expiação. Uma cortina com bordados pesados, pendurada em frente ao Lugar Santíssimo, separava os homens da presença de Deus.[1]

No Antigo Testamento, o tabernáculo projetado por Deus tinha apenas três divisões. O átrio externo para todos, o Lugar Santo para os sacerdotes designados e o Lugar Santíssimo, onde somente o sumo sacerdote podia entrar uma vez por ano. De acordo com Deuteronômio 31.12 e Josué 8.35, todas as pessoas, tanto homens como mulheres, eram incentivados a participar das leituras periódicas da Lei. As divisões que vemos no templo de Herodes durante a época de Cristo não foram determinadas por Deus, mas feitas por mãos humanas com base em preconceitos.

A mulher encurvada estava no átrio das mulheres, e, embora isso não devesse existir no templo de Herodes em Jerusalém, outras sinagogas estabeleceram as mesmas regras. A mulher de que falamos estava sentada nos fundos, onde as mulheres se reuniam. Uma cortina ou uma divisória e alguns degraus separavam as mulheres dos homens. E a placa invisível — "Proibida a entrada de mulheres" — era entendida por todos.

Um comentarista observou: "O convite de Jesus à mulher encurvada pôs fim ao monopólio masculino de adoração em público. Quando a colocou sob o holofote, diante de toda a sinagoga, Jesus estraçalhou a visão masculina do mundo. Naquele dia, deve ter havido um suspiro coletivo das fileiras onde se sentavam os homens ilustres. Será que Jesus não sabia o que estava fazendo? As mulheres precisavam ficar em seu devido lugar, escondidas atrás das telas divisórias!"[2]

Agora Lucas diz "onde". Barreira número três. Jesus tirou Mariah das sombras do lugar reservado às mulheres e colocou-a no centro do palco. E, finalmente, o "que". Então ela foi curada.

Sim, Jesus conhecia as regras feitas pelos homens, e o Deus feito homem passou por cima delas. Mais uma vez ele recusou-se a ser governado pelo

falso sentido de propriedade dos líderes religiosos e continuou sua missão de libertar homens *e* mulheres.

> Ao vê-la, Jesus chamou-a à frente e lhe disse: "Mulher, você está livre da sua doença". Então lhe impôs as mãos; e imediatamente ela se endireitou, e passou a louvar a Deus.
>
> Lucas 13.12-13

Simples assim?

Simples assim.

Esse é o único incidente no qual Jesus não menciona a fé. No caso da mulher que sofria de hemorragia havia doze anos, Jesus disse: "Filha, a sua fé a curou!" (Mc 5.34). No entanto, no caso da mulher encurvada, sua fé não foi mencionada. Mas não se engane quanto a isso. A fé esteve presente. Para receber cura, ela teve de dar um passo de fé — vários passos, na verdade. E aonde esses passos a levaram foi suficiente para fazer qualquer mulher tremer de emoção.

> Indignado porque Jesus havia curado no sábado, o dirigente da sinagoga disse ao povo: "Há seis dias em que se deve trabalhar. Venham para ser curados nesses dias, e não no sábado".
>
> Lucas 13.14

Nem todos ficaram felizes com a cura milagrosa que Jesus realizou na mulher encurvada. O *quem*, o *que*, o *quando* e o *onde* da cura irritaram o dirigente da sinagoga. Ele estava mais preocupado em cumprir a lei que em livrar a mulher da enfermidade. A bem da verdade, aquela cura não estava programada nem constava do boletim. Estava fora da ordem — da ordem deles.

O dirigente da sinagoga? Espere um pouco. Quem é ele?

> O dirigente da sinagoga era um leigo com responsabilidades administrativas, entre as quais zelar pelo patrimônio e supervisar o culto. Embora houvesse exceções, a maioria das sinagogas tinha um só dirigente. Às vezes o título era de homenagem, sem que houvesse responsabilidades administrativas.[3]

Portanto, o dirigente da sinagoga era um segurança voluntário. Sua obrigação era ver se tudo estava em ordem e de acordo com o livro. *Qual* livro e livro de *quem* são questões a ser discutidas.

Curiosamente, quando fez uma declaração corretiva, o dirigente da sinagoga dirigiu-se ao povo, não a Jesus. Deu meia-volta e falou ao povo. “Prestem atenção, gente. Vocês podem ser curados de domingo a sexta-feira, mas não no sábado. Estamos aqui para prestar culto, não para ser curados.” (O sábado deles também é conhecido por sabá.) Imagine esta cena. Imagine que você está na igreja. Bem no meio do sermão, o pastor desce do púlpito e faz sinal para que um homem numa cadeira de rodas vá à frente. O homem roda sua cadeira pelo corredor e para na beira da plataforma.

O pastor olha o homem nos olhos e diz: “Harry, Deus está curando você hoje. Você não precisa mais da cadeira de rodas. Levante-se e ande”. Assim que o homem se levanta, pela primeira vez em dezoito anos, a congregação aplaude com entusiasmo misturado com lágrimas e louvores a Deus.

De repente, um presbítero vai à frente e dirige-se à congregação. “Parem tudo!”, ele começa a dizer: “Esta cura não estava programada para hoje. Não está impressa no boletim. Este não é o momento nem o lugar para curas, Harry. Volte na próxima semana para ser inscrito no programa”.

Que loucura seria! No entanto, é o mesmo sentimento que temos quando o dirigente da sinagoga condena publicamente as ações de Jesus. Ele perdeu a alegria do milagre por causa de sua atitude impertinente. Em consequência disso, também perdeu o culto verdadeiro por causa de sua determinação canina de obedecer às regras feitas por homens.

Curiosamente, o dirigente chamou o ato de cura de “trabalho”. Trabalho? Ele disse trabalho? Esse tipo de milagre exige trabalho de Deus, mas tudo o

que temos de fazer é crer e receber. Jesus não precisou suar a camisa. Na verdade, a cura era uma tarefa fácil e agradável para ele.

> O Senhor lhe respondeu: “Hipócritas! Cada um de vocês não desamarra no sábado o seu boi ou jumento do estábulo e o leva dali para dar-lhe água? Então, esta mulher, uma filha de Abraão a quem Satanás mantinha presa por dezoito longos anos, não deveria no dia de sábado ser libertada daquilo que a prendia?”.
>
> Lucas 13.15-16

O dirigente da sinagoga falou ao povo, mas Jesus respondeu diretamente a ele, fazendo uma correlação entre um animal preso no estábulo e a mulher presa pela enfermidade.

Conforme mencionei antes, Jesus era muito intencional quanto ao *quem*, ao *que*, ao *quando* e ao *onde* de seus milagres. Não foi por acidente que aquele milagre ocorreu num sábado. Jesus demonstrou que relacionamento era mais importante que religião, que pessoas eram mais importantes que trivialidades e que corações receptivos eram mais importantes que rituais repetitivos.

Se um jumento podia ser desamarrado no sábado, por que uma filha de Abraão não podia ser desamarrada de sua enfermidade? Será que o dirigente achava que os animais eram mais importantes que pessoas? Essa é uma boa pergunta para se pensar. Numa cultura que trata melhor dos animais domésticos que de algumas pessoas, certamente temos algumas opiniões invertidas sobre a importância da vida criada à imagem de Deus e da criação feita para nos alegrar. Porém, de acordo com a reação do dirigente da sinagoga, aquilo não era nenhuma novidade.

Jesus disse palavras preciosas a respeito daquela mulher. Chamou-a “filha de Abraão”. Não encontramos essa expressão em nenhum lugar do Antigo Testamento. Vários homens são chamados de “filhos de Abraão”, mas só depois da chegada do Libertador é que vemos as mesmas palavras de carinho e honra serem usadas para referir-se às mulheres.

> Penso que houve outro motivo para a mulher ter endireitado o corpo naquele dia na sinagoga. Jesus fez mais que curar as costas dela. Restaurou sua dignidade como pessoa, mostrando-lhe que ela era preciosa para Deus. Que era herdeira, da mesma forma que os homens, de tudo o que Deus prometera a Abraão.[4]

Dezoito anos? Quem contou a Jesus que ela estava encurvada havia dezoito anos? Não li isso em nenhum lugar do texto. Será que Jesus tinha aquela informação porque conhecia cada dia da vida dela? Será que ele sabia os dias que estavam marcados para ela, os dias em que permaneceria encurvada, e o dia em que seria libertada? Acho que sim.

> Tendo dito isso, todos os seus oponentes ficaram envergonhados, mas o povo se alegrava com todas as maravilhas que ele estava fazendo.
>
> Lucas 13.17

Alguns louvaram a Deus pelo que Jesus havia feito. Outros, fingindo ser piedosos, torceram o nariz. Mas ela não se importou com o que os outros pensavam. Estava curada.

E quer saber? Jesus também não se importou com o que os outros pensavam.

Havia uma mulher encurvada, e havia alguém com poder para libertá-la. Ela não seria mais conhecida como “a mulher encurvada”. A partir de agora seria conhecida como “a mulher que Jesus curou”.

Libertada de um espírito de enfermidade Eu estava dentro de um táxi, percorrendo as ruas da Cidade do México, superlotadas de gente, quando a avistei. A mulher tinha cerca de 1,20 metro de altura, costas encurvadas até a cintura num ângulo de 90º, dedos retorcidos e mãos fechadas. Como se fosse uma cadeira de ponta-cabeça, seu rosto ficava paralelo à calçada suja. Era assim que ela via o mundo. Acompanhei-a com o olhar, vendo-a andar

DESAJEITADAMENTE ENQUANTO O TÁXI TENTAVA VENCER O TRÂNSITO CONGESTIONADO. EU A VIA, MAS ELA NÃO ME VIA. NÃO PODIA ME VER. SÓ VIA PÉS.

"Sharon, veja minha filha", Deus pareceu dizer. "Quando você ler sobre a mulher encurvada, nunca mais a veja como personagem de uma história. Veja-a como vê essa mulher agora. Carne e sangue. Verdadeira e relevante. Minha filha. Sua irmã."

Deus lembrou-me mais uma vez de que as mulheres da Bíblia eram pessoas verdadeiras como você e eu. Não podemos nos esquecer disso. E, embora não sejamos encurvadas fisicamente, a maioria de nós é encurvada emocionalmente. Vemos pés — pessoas passando para cuidar de sua vida agitada. Vemos chão — os erros que cometemos ao longo dos anos. Vemos lixo — o sofrimento que outras pessoas nos infligem, muitas vezes consequência de nossas decisões malfeitas.

Jesus disse: "Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas" (Mt 11.28-29). Descanso para a nossa alma. Isso não é tudo que desejamos?

Da mesma forma que aquela mulher, podemos ter "um espírito de enfermidade" (Lc 13.11, RA), uma doença da alma. É uma forma interessante de explicar a enfermidade dela. Mais que as costas encurvadas, seu espírito também estava encurvado.

Linda Hollies, em seu livro *Jesus and Those Bodacious Women* [Jesus e aquelas mulheres corajosas], ressalta esse assunto: Há muitos espíritos que nos forçam a andar por aí na condição de encurvados. Pode ser sua cor, seu gênero, sua idade, seu estado civil, sua família ou pode ser violência, injustiça, ressentimento, opressão, desespero, solidão, condição econômica ou até um problema físico. Não importa o que a magoou no passado, não importa a idade que você tinha quando o trauma afetou sua vida, e não

importa sua riqueza, posição ou *status*. Porque o inimigo vem para roubar, matar e destruir, e todos nós somos candidatos a andar com o corpo dobrado e encurvado.[5]

Dobrado e encurvado. O peso do mundo sobre nossos ombros. Pouco a pouco. Dia após dia. Peso difícil demais de carregar. Um espírito de enfermidade. Encurvada por vergonha, medo, dor, decepção, depressão, pobreza, insegurança, inferioridade, incapacidade ou sonhos desfeitos. Satanás, aquele que controla o espírito de enfermidade, quer encurvar-nos para a inatividade, de modo que andemos desajeitadamente, que nossa voz se torne um sussurro, que nossa visão embace.

Quem pôs as correntes em Mariah? Jesus disse que Satanás a mantinha presa (cf. Lc 13.16). Na verdade, todas as enfermidades entraram no mundo quando Adão e Eva acreditaram na mentira de Satanás a respeito da verdade de Deus e comeram do fruto proibido. Durante os 33 anos que andou no mundo, Jesus travou uma luta de vida e morte com o mal. O campo de batalha é o mundo, e os humanos são os joguetes de Satanás. Observe a linguagem: "presa" e "libertada". Trata-se de algo muito maior que cura física. Trata-se de liberdade espiritual. E quando Jesus disse na cruz: "Está consumado", estava consumado. E, graças à vitória de Jesus na cruz sobre o inimigo por meio de sua morte e ressurreição, somos mais que vencedores mediante a fé que temos nele (cf. Rm 8.37).

Entenda isto. Jesus disse: "Mulher, você está *livre* da sua doença". Lemos essa palavra novamente — "*livre*". Ela descreve correntes e algemas caindo do corpo de um prisioneiro. Os ferros da opressão que a mantinham prisioneira desse corpo encurvado cederam e caíram aos pés de Jesus quando ele destravou as correntes que a prendiam.

Jesus veio para nos libertar, e essa liberdade se apresenta de várias formas. Seja o que for que Satanás esteja usando para prender você, Jesus veio para libertá-la. Libertá-la de e libertá-la para. Não me canso de dizer isso. Faz muito tempo que olhamos para essa liberdade somente em termos daquilo

de que fomos libertadas, mas a liberdade envolve muito mais que soltar as correntes. Jesus libertou-nos para ter vida plena, para ser tudo aquilo para o qual ele nos criou e para realizar tudo aquilo que ele planejou para nós. Ter o corpo endireitado (literalmente) foi apenas o começo para aquela mulher. Agora ela estava na frente da sinagoga, um lugar proibido para mulheres. E então? Você acha que depois de ser curada ela voltou correndo ao local ao qual pertencia?

Não sabemos ao certo, mas penso que ela se sentou com o corpo ereto diante de Jesus, como Maria de Betânia, e continuou a ouvir seus ensinamentos. Isto é, depois de dançar em louvor a Deus até ficar exausta. Há muitos detalhes que desconhecemos, mas de uma coisa nós sabemos: Jesus não a enviou de volta ao átrio das mulheres.

Libertada para andar com confiança Quando meu irmão era adolescente, minha mãe lhe dizia em tom de ameaça quando ele se sentava com o corpo curvado à mesa de refeições: “Se você não endireitar o corpo”, ela dizia, “vou lhe comprar uma faixa para correção de postura na Sears.” Nem sei se na época a Sears vendia faixas para correção de postura, mas aquela ameaça foi benéfica para mim.

Tive um filho que, aparentemente do dia para a noite, cresceu até ficar com 1,80 metro de altura. Ele não sabia o que fazer com toda aquela altura, portanto começou a andar com as costas arqueadas. Fiz o possível para não dizer: “Se você não endireitar o corpo, vou lhe comprar uma faixa para correção de postura na Sears”.

Uma noite, meu sogro resolveu o assunto para mim. Estávamos medindo a altura de todos da família no batente da porta da sala de jantar. (Sim, você leu corretamente — sala de jantar. Há certas coisas pelas quais não vale a pena discutir.) Meu sogro, com 77 anos de idade e 1,75 metro de altura, encostou-se no batente, respirou fundo e esticou o corpo o mais que pôde. Marcamos 1,87 metro.

Vi Steven arregalar os olhos ao ver quanto o avô havia crescido. Pela primeira vez ele notou a diferença que fazia quando ficamos com o corpo ereto. O avô era grande e corpulento, mas as costas arqueadas escondiam sua verdadeira estatura. Steven lembrou-se do corpo alto e forte que conhecêramos. Daquele dia em diante, meu filho passou a andar com o corpo ereto. Nunca mais o vi andar com as costas arqueadas.

É isso que espero de você. Foi por isso que escrevi este livro. Espero que você observe as mulheres que andam com o corpo totalmente ereto e queira fazer o mesmo. Chega de andar arqueada por dúvidas ou com as costas encurvadas de culpa. Endireite o corpo totalmente até ficar com a estatura de uma mulher que sabe que foi equipada por Deus, capacitada pelo Espírito Santo e protegida por Jesus Cristo.

Há muitas emoções que nos fazem curvar espiritualmente e não conseguir andar com o corpo ereto. As preocupações nos abatem. O arrependimento destrói a confiança. O ódio endurece o coração. O rancor enfeia a alma. A amargura amarra o coração. A insegurança elimina nossa capacidade.

Andei encurvada durante muitos anos. Lembrava-me das palavras do passado dizendo que eu era "feia", "incapaz" e "inútil". Inferioridade, insegurança e incompetência eram minhas três companheiras mais chegadas. Eu não gostava daquelas três sombras furtivas, mas elas me acompanhavam por onde quer que eu andasse. Sombras rastejantes, é o que elas eram. Rastejavam atrás de mim, gritando insultos e acusações que só eu ouvia.

Quanto mais eu dava atenção a elas, mais a paralisia emocional tomava conta de mim. Mas um dia Jesus chamou-me à frente. Eu não queria ir, saiba disso. Aprendi a viver confortavelmente escondida nos últimos lugares aos quais eu pertencia. Ouvia tudo o que se passava do outro lado da parede. A iluminação não era boa, mas suficiente para eu viver ali.

Foi então que Jesus me viu e me chamou à frente. Não estou dizendo que ele não me tivesse visto o tempo todo. Afinal ele é El Roi, o Deus que tudo

vê. Não houve um dia sequer que ele deixou de me ver. Mas chegou a hora de ele me endireitar de todas as maneiras. Portanto, ele me chamou à frente, para que todos pudessem ver o que estava prestes a fazer. Jesus colocou sua mão marcada pelo prego sob meu queixo e fez-me olhar para ele. "Sharon, você está livre da enfermidade das dúvidas que tem a seu respeito."

Não demorou muito e as palavras começaram a fluir. Da caneta para o papel, Deus encheu-me com palavras que transbordaram para eu encorajar e preparar outras irmãs que precisavam sentir a mesma liberdade em Cristo.

Sabe de uma coisa? Tenho certeza de que algumas pessoas se assustaram diante de minha coragem e olharam feio para minha audácia quando saí das sombras para o centro do palco. "Quem ela pensa que é?", elas devem ter cogitado.

E tenho resposta para essa pergunta. Sou uma mulher encurvada que Jesus libertou. Ele diz que sou filha de Deus, luz do mundo, sal da terra, noiva de Cristo, redimida, piedosa, escolhida, embaixadora, santa, noiva... e isso é só para começar. E, amiga, se você conhece Jesus Cristo como Salvador, ele diz o mesmo para você!

Portanto, estou aqui hoje, e você está segurando um de meus livros nas mãos. Uma mulher encurvada emocionalmente foi endireitada e sustentada por Deus.

Existe alguma coisa em sua vida capaz de paralisar seu espírito? Rancor? Amargura? Ressentimento? Culpa? Tristeza? Preocupação? Arrependimento? Comparação? Se existe, solte as amarras e jogue-as fora. Deus diz que somos ovelhas, e as ovelhas não são animais de carga. Não fomos feitas para carregar fardos tão pesados com nossas pernas fracas. Se tentarmos, andaremos encurvadas sob uma pressão que não deveríamos suportar.

Ah, amiga, Jesus está chamando você neste momento. Abandone os fardos que a impedem de ser tudo aquilo que Deus deseja de você e tudo aquilo que ele planejou para você. Jesus veio para libertá-la! Levante-se com o

corpo ereto! Está sentindo a pressão das mãos dele em suas costas encurvadas? Está sentindo o dedo indicador dele embaixo de seu queixo?

Não tenho dúvida nenhuma de que você escolheu este livro para ler porque Jesus a está chamando para sair das sombras e ir ao centro do palco com ele. Ele está vendo você, e a hora é esta. Você esteve sentada no último banco por muito tempo, com as costas encurvadas. A hora chegou. "Mulher, você está livre da sua doença."

Liberta-me da prisão,
e renderei graças ao teu nome.
Salmos 142.7

11

A persistente mãe siro-fenícia *Libertada dos sentimentos de inferioridade Libertada para entender seu verdadeiro valor*

Belva segurava nos braços sua filha encolhida. Com os olhos revirados, braços e pernas debatendo-se, a criança convulsionava e enrijecia incontrolavelmente os membros superiores e inferiores.

“Ah, Mara”, a mãe aflita chorava. “Quando isso terminará?”

Fazia anos que a pequena Mara tinha convulsões violentas em intervalos previsivelmente sincronizados. A criança chorava e gritava, atirava-se contra as paredes de sua casa de um cômodo e cortava os braços com pedras e cacos de louça até sangrar.

Belva e a filha moravam em Tiro, uma cidade fenícia vizinha à Galileia junto ao mar Mediterrâneo. Ela era descendente dos cananeus — um povo inimigo dos judeus desde que estes entraram na Terra Prometida, centenas de anos antes. Os judeus desprezavam a região inteira, desde Tiro até Sidom, e evitavam a todo custo passar por lá.

No entanto, em meio à irreligiosidade que dominava a cidade, a notícia dos milagres e ensinamentos de Jesus percorreram as ruas. Belva absorveu as histórias como chuva no chão seco e rachado no qual ela andava, desejando ardentemente que uma gota de esperança caísse sobre sua alma abatida. Uma história chamou-lhe a atenção mais que qualquer outra.

— Belva, já soube da novidade? — uma vizinha perguntou. — Jesus libertou um menino de um problema parecido com o de Mara.

— Como foi? — Belva perguntou ansiosamente. — O que aconteceu?

— Um menino da Galileia estava possuído por um espírito maligno que o dominava e o fazia gritar sem nenhum motivo. O espírito provocava convulsões no menino, e ele espumava pela boca. Aquilo estava destruindo a criança e o pai dela.

— Ah, coitada daquela família. O que Jesus fez?

— Ele estava voltando de uma viagem com três dos seus discípulos. Acho que eram Pedro, Tiago e João. Os outros discípulos ficaram no povoado enquanto eles estavam viajando. O pai levou o filho aos discípulos para ser curado, porém não aconteceu nada. Não puderam fazer nada. Mas Jesus e os três discípulos entraram no meio da multidão, e o pai ajoelhou-se aos pés dele. "Mestre, peço-te que vejas meu filho, porque é o único que tenho. Um espírito toma conta dele, e o menino começa a gritar. O espírito o atira no chão e o faz espumar. Quase nunca o abandona e está destruindo o menino."

— O caso parece ser igual ao de Mara — Belva gritou, com o coração aos pulos.

— Enquanto o homem suplicava ao Mestre, o menino sofreu uma convulsão e rolou na terra.

— Ah, não! — bradou Belva, cobrindo a mão com a boca.

— Jesus, então, repreendeu o espírito maligno, gritando: "Saia dele!". E o demônio saiu imediatamente. Jesus levantou o menino do chão e devolveu-o ao pai.

Os olhos de Belva encheram-se de lágrimas enquanto ela ouvia o relato daquele milagre.

— Se ao menos eu pudesse ir a Jesus. Mas ele não tem nada a ver com gente como eu, uma mulher. Principalmente uma gentia desprezada, descendente de cananeus. Aquela foi a história de um homem e seu filho. Será que Deus se importaria com uma mulher e sua filha pequena?

— Dizem que ele é o Messias, o Filho de Davi. Quem sabe? É uma pena Jesus não vir aqui — a amiga prosseguiu. — Ele jamais poria os pés neste

lugar abandonado.

Encolhendo os ombros, a amiga de Belva foi embora.

"Oh, Deus", Belva orou, "existiria uma forma de fazeres uma exceção para uma pessoa tão desprezada quanto eu? Sei que pertenço a uma raça amaldiçoada, a um povo desprezado, mas minha filha está sendo destruída. Ela é filha única. Não estou pedindo nada para mim. Estou suplicando por ela. Por favor, põe Jesus no meu caminho. Por favor, cura minha filhinha. És minha única esperança." Terminada a oração, Belva chorou até adormecer.

— Ele está aqui! Ele está aqui!

Belva acordou assustada com os gritos da multidão do lado de fora da janela. Esfregou os olhos e levantou-se da cama. Correu rapidamente até a janela e espiou para saber o motivo daquela gritaria. Então ela o viu. Ninguém lhe dissera quem era o estrangeiro que passava por sua casa. Mas Belva sabia.

— É Jesus! — ela gritou.

Belva pegou o xale e saiu correndo de casa. A esperança passava por ali, e ela caiu aos seus pés para bloquear o caminho.

— Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim! Minha filhinha está endemoninhada e sofrendo muito.

Jesus não disse nada à mulher e continuou a andar pela estrada empoeirada.

Ela gritou novamente.

— Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim! Minha filha está... está sofrendo terrivelmente.

— Manda esta mulher embora — os discípulos disseram. — Ela não para de gritar atrás de nós. Livra-te dela.

Jesus parou e dirigiu-se à mulher.

— Não fui enviado a vocês, mas às ovelhas perdidas de Israel.

Ajoelhada humildemente aos pés dele, ela disse soluçando.

— Senhor, ajuda-me!

— Não é certo tirar o pão destinado aos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos — Jesus replicou.

— Sim, Senhor — a mulher sussurrou educadamente — mas até os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos.

Jesus estendeu a mão e ajudou-a a levantar-se — a mulher a quem ele havia sido enviado.

— Mulher, grande é a sua fé! Seu pedido foi concedido.

Belva correu para casa e encontrou a filha deitada na cama, penteando o cabelo de sua boneca e com o juízo perfeito. Nunca mais teve convulsões.

Anos depois, como sempre fazia, Mara pediu à mãe que lhe contasse uma história enquanto a colocava na cama para dormir.

— Mamãe, conte a história de Jesus de novo.

Uma análise mais cuidadora Aprecio essa história por vários motivos. Tenho sempre de parar e enxugar os olhos várias vezes antes de prosseguir. Aqui está uma mulher de quem o mundo religioso queria distância, e mesmo assim Jesus parou em frente à sua porta.

Vamos conhecer os detalhes e descobrir quanto Deus ama e valoriza as mulheres, até aquelas — principalmente aquelas — que a sociedade acha que não merecem o chão onde pisam.

> ... Jesus retirou-se para a região de Tiro e de Sidom.
>
> Mateus 15.21

Depois que o ministério terreno de Jesus começou, com a transformação da água em vinho, ele realizou milagres sem discriminar ninguém. Poucos dias antes do encontro com a mulher siro-fenícia, ele alimentara cinco mil homens, além de mulheres e crianças, com cinco pães e dois peixinhos. À noite, enquanto os discípulos lutavam para não afundar durante uma tempestade violenta no mar da Galileia, Jesus desafiou a natureza e andou

sobre as águas para acalmar o coração assustado dos discípulos e o mar turbulento. Mesmo enquanto eles navegavam para longe da praia, Jesus sabia que os líderes religiosos estavam reunidos, planejando sua morte.

Jesus precisou afastar-se do burburinho para poder respirar um pouco — pelo menos foi o que os discípulos imaginaram. Mas, em vez de ir a um lugar sossegado para descansar, ou ir à casa de Maria e Marta para fazer uma boa refeição, Jesus dirigiu-se à cidade de Tiro, a quase cinquenta quilômetros de distância. Viajou vários dias a pé por terrenos acidentados e pedregosos.

Mateus usou a palavra “retirou-se”. Jesus “retirou-se para a região de Tiro e de Sidom”. Ele não se afastou apenas; retirou-se para ficar sozinho — para ficar longe das multidões.

Tenho certeza de que os discípulos não entenderam aquele novo itinerário. “Se Samaria é um lugar que não presta, imagine ir a Tiro! A terra idólatra dos malditos cananeus! O que ele está pensando?”

Tiro era uma cidade comercial, cuja localização litorânea proporcionava fácil acesso ao comércio exterior. Porém, o comércio farto atraiu uma fartura de ídolos. Tiro e Sidom tornaram-se centros de adoração a Baal e Astarote, onde a prostituição e o sacrifício humano eram rotineiros.

“Por que Jesus quer ir até lá?”, eles devem ter pensado.

Jesus já havia dito que viera para curar os enfermos que necessitavam de médico (cf. Mt 9.12). E aquele era exatamente o lugar aonde um médico iria.

Marcos relata: “Jesus saiu daquele lugar e foi para os arredores de Tiro e de Sidom. Entrou numa casa e não queria que ninguém o soubesse” (7.24). Mas não era possível guardar um segredo como aquele. Jesus estava na cidade!

> Uma mulher cananeia, natural dali, veio a ele, gritando: “Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim! Minha filha está endemoninhada e está sofrendo muito”.
>
> Mateus 15.22

Mateus a denomina cananeia. Aparentemente, ele não conseguia esquecer que aquela mulher pertencia a uma raça inimiga dos judeus havia muito tempo. Marcos simplesmente refere-se a ela como grega, de origem siro-fenícia (7.26). De qualquer forma, ela era gentia.

Você notou que não houve a mínima dose de orgulho no pedido daquela mulher? Ela não se importou com o que os outros poderiam pensar. Estava suplicando pela vida de sua filha. Pela maneira como o cumprimentou, temos uma indicação de que ela acreditava que Jesus era o Messias. "Filho de Davi" era uma expressão associada à vinda do Messias, e ela se dirigiu a ele dessa forma.

Você não acha que ela se arriscou ao aproximar-se de um homem em público? Não acha que ela correu um grande risco ao pendurar-se no galho fino da coragem? Veja bem, era quase possível ouvir o galho estalando e jogando-a no chão. Mas ela não se importou. Não havia nada que não pudesse fazer pela filha. Ela era uma mulher corajosa e arrojada, e ser ridicularizada em público não fazia nenhuma diferença.

> Mas Jesus não lhe respondeu palavra. Então seus discípulos se aproximaram dele e pediram: "Manda-a embora, pois vem gritando atrás de nós".
>
> Mateus 15.23

Você fica aborrecida por Jesus não ter respondido a ela imediatamente? O silêncio dele faz seu coração estremecer? Admito que, quando leio a cena, prendo a respiração diante da reação inicial de Jesus. Isso deve ter sido um grito de rejeição para aquela mulher sofrida, mas Jesus tinha uma carta na manga. Estava usando aquela oportunidade para transmitir ensinamento aos discípulos e a todos os que leriam suas palavras no futuro.

Ah, querida amiga, o fato de não ouvirmos uma resposta imediata de Deus não significa que ele não esteja ouvindo. Não significa que ele rejeitou nosso pedido. Pode significar que ele tem algo mais em mente ou queira nos fazer ter um entendimento mais profundo da situação. Talvez ele esteja nos

levando a um lugar tão bom que nossa mente necessita fazer uma pausa para encontrá-lo. O que vemos e ouvimos sobre a obra de Deus é minúsculo quando comparado à obra magnífica que não vemos.

Os discípulos não entenderam totalmente a compaixão de Jesus pela raça humana. "Cale-se", disseram ao cego que implorava para enxergar. "Tirem estas crianças daqui", disseram, repreendendo os pais que levaram os filhos para ser abençoados por Jesus. "Manda-a embora", disseram a Jesus quando aquela mãe persistente insistiu em suplicar pela vida da filha. Mas ela persistiu, e Deus ouve as orações dos persistentes.

No evangelho de Lucas, Jesus contou uma parábola aos discípulos para mostrar-lhes que eles deviam orar sempre e não desanimar.

> Em certa cidade havia um juiz que não temia a Deus nem se importava com os homens. E havia naquela cidade uma viúva que se dirigia continuamente a ele, suplicando-lhe: "Faze-me justiça contra o meu adversário". Por algum tempo ele se recusou. Mas finalmente disse a si mesmo: "Embora eu não tema a Deus e nem me importe com os homens, esta viúva está me aborrecendo; vou fazer-lhe justiça para que ela não venha mais me importunar".
>
> Lucas 18.2-5

No evangelho de Mateus, ele disse: Peçam, e lhes será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta lhes será aberta. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, encontra; e àquele que bate, a porta será aberta.

Mateus 7.7-8

Jesus ensinara aos discípulos os princípios da persistência na oração. Agora os estava levando a uma viagem missionária a fim de que vissem um exemplo vivo da verdade espiritual. Ele iria responder a ela — afinal, foi por isso que se dirigiu à cidade. Mas ainda não...

> Ele respondeu: "Eu fui enviado apenas às ovelhas perdidas de Israel".
>
> Mateus 15.24

Bem, não foi a resposta que eu esperava. Talvez Jesus estivesse pescando para trazer à tona a fé corajosa daquela mulher. Portanto, ele jogou a isca e aguardou mais um instante.

> A mulher veio, adorou-o de joelhos e disse: "Senhor, ajuda-me!".
>
> Mateus 15.25

Ela não tinha mais palavras. Não sabia mais o que dizer. "Senhor, ajuda-me!" Você já disse essas mesmas palavras? Nos dias em que as ondas da emoção passam por cima de nós, o recuo das ondas de tristeza quer nos arrastar ou a neblina da confusão instala-se à nossa volta: "Senhor, ajuda-me!".

Já chorei e orei até não encontrar mais palavras para dizer. Deus não se impressiona com orações longas e floreadas. Contudo, ele se impressiona com uma oração de fé apresentada com humildade.

> Ele respondeu: "Não é certo tirar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos".
>
> Mateus 15.26

À primeira vista, suas palavras pareceram aviltantes; porém, no contexto da vida e das ações de Jesus, sabemos que ele nunca teve essa intenção. Vamos cavar um pouco mais. O que ele estava fazendo? Por que respondeu com tanto desprezo? Creio que Jesus estivesse ensinando — sempre ensinando. Ele conhecia o coração da mulher antes mesmo de ver o rosto dela. Queria que os discípulos soubessem disso também.

Mateus já havia registrado histórias de Jesus curando o servo de um centurião gentio e libertando um homem endemoninhado que vivia na região gentia dos gadarenos (cf. Mt 8.5-13,28-34). O fato de ela ser gentia não era problema para Jesus. Isso nos informa que Jesus tinha um motivo específico para dar aquela resposta à mulher. Ele estava pescando fé.

Em geral, os gentios eram chamados de cães, em referência aos animais esqueléticos que andavam à procura de restos de comida nas ruas. Mas a palavra que Jesus usou aqui tem o sentido de animais de estimação ou domesticados. Mesmo assim, não é uma palavra carinhosa. A mulher entendeu as implicações de Jesus, mas não permitiu que aquilo impedisse sua missão. Não se sentiu ofendida, mas reconheceu sua posição inferior.

> Disse ela, porém: “Sim, Senhor, mas até os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos”.
>
> Mateus 15.27

Mais uma vez Jesus usou a fé manifestada por uma mulher para ensinar o poder da fé aos discípulos. Como se tivesse dito: “Observem isto, rapazes”, Jesus incentiva a mulher a expor a fé escondida dentro dela. O propósito divino de Jesus foi o de fazer emergir uma fé que borbulhava sob a superfície.

A fé daquela mulher foi apresentada com uma resposta humilde e perspicaz. Creio que Jesus sorriu ao ouvir suas palavras.

> Jesus respondeu: “Mulher, grande é a sua fé! Seja conforme você deseja”. E naquele mesmo instante a sua filha foi curada.
>
> Mateus 15.28

Aprecio o modo como Eugene Peterson parafraseia as palavras de Jesus à nossa irmã siro-fenícia: “‘Ah, mulher! Sua fé é impressionante! Pois o que você deseja acontecerá’. Naquele momento, a filha dela ficou boa” (AM).

Somente duas pessoas no evangelho de Mateus são elogiadas por sua grande fé: o centurião que pediu a Jesus que curasse seu servo, conforme registrado no versículo 10 do capítulo 8, e a mulher cananeia em Tiro. Ambos foram a Jesus em nome de alguém a quem amavam muito. Ambos eram gentios que creram no Messias judeu que veio para todos.

Libertada dos sentimentos de inferioridade Você acha que aquela mulher pegou Jesus desprevenido? Que ela o surpreendeu com sua persistência? De jeito nenhum. Assim como Jesus "tinha de passar por Samaria", creio que ele tivesse de ir a Tiro. Veja bem, aquela mulher estava lá. Uma mulher que clamara a Deus pela vida da filha. E, no calendário do reino de Deus, escrito na agenda celestial de Jesus, havia o nome dela.

Não sabemos seu nome. Simplesmente atribuí-lhe um nome para que pudéssemos vê-la com os olhos da mente. Mas o detalhe é este: Jesus sabia o nome dela. Jesus sabia o endereço dela, Jesus sabia quais eram as necessidades dela. E, minha irmã, ele também sabe seu nome, seu endereço e suas necessidades. Não importa o que você pense de si mesma, Jesus acha que vale a pena viajar para estar com você!

A mulher siro-fenícia poderia não ter ido a Jesus, mas ele podia ir a ela. E ele foi. Nem Mateus nem Marcos mencionam nenhuma outra atividade ocorrida em Tiro. Pelo que sabemos, Jesus não teve contato com nenhum dos habitantes daquela cidade nem realizou outros milagres ali. Será que Jesus passou por toda aquela agitação só para acudir uma mulher e sua filha? Pode apostar que sim! Isso prova como as filhas de Deus são importantes para ele.

Depois daquele encontro, "Jesus saiu dali e foi para a beira do mar da Galileia" (Mt 15.29). Sua missão estava concluída.

Às vezes ele envia uma de suas ovelhas para ministrar a nós. Talvez o encontro seja tão inesperado e tão complicado que sabemos que só pode ter acontecido por ordem divina.

Heather passou por essa experiência na vida. Ela e a família moravam em Dakota do Norte, a centenas de quilômetros de sua cidade natal. Depois que a avó morreu e sua sogra foi hospitalizada para receber um marca-passo triplo, ela desejava muito mudar-se para mais perto de seus familiares em Arkansas. Após pedir transferência, Bob, seu marido, foi escolhido para um

emprego em Little Rock. Eles pegaram os três filhos, Robert, Cameron e Caleb, e seguiram para o Sul.

Durante um exame oftalmológico de rotina de Robert, o filho mais velho, o optometrista descobriu uma saliência no nervo óptico. Robert foi enviado a um oftalmologista no Saline Memorial Hospital para uma avaliação mais detalhada. Uma tomografia computadorizada revelou que Robert, aos 15 anos de idade, tinha um tumor no cérebro. Os pais foram instruídos a levar Robert ao Arkansas Children's Hospital. O dr. Burson, um dos neurocirurgiões, estava à espera dele.

Uma ressonância magnética revelou que, aparentemente, o tumor tinha tentáculos envoltos no tronco encefálico e precisava ser removido imediatamente. Se os tentáculos estivessem entrelaçados naquela região, Robert corria o risco de não andar nem falar após a cirurgia. O médico garantiu aos pais aflitos que faria o possível para remover o tumor sem prejudicar o tronco encefálico, mas o risco existia.

Os amigos e os parentes reuniram-se em volta daquela pequena família para dar apoio e orar. Um homem que trabalhava com Heather na FamilyLife Today[1] foi um grande incentivador. "Sandy havia sido diagnosticado com tumor cerebral alguns anos antes", Heather explicou. "Ele veio para animar Robert naquela noite no hospital. Foi muito encorajador ver um homem que havia sido submetido a uma cirurgia cerebral andando e conversando normalmente. O Senhor usou Sandy e sua história para encher nosso coração de muita esperança."

Em seguida, outra onda de esperança chegou via *e-mail*. O filho de uma mulher que trabalhava com Heather também teve um tumor cerebral removido pelo mesmo neurocirurgião que removeria o de Robert. "O dr. Burson estudou com um dos maiores neurocirurgiões do país", ela contou. "E ele também é seguidor de Cristo."

Na manhã seguinte, Robert foi levado à sala de cirurgia. Horas depois, o médico, sorridente, contou que o tumor havia sido removido com sucesso e

os tentáculos não estavam envoltos no tronco encefálico, ao contrário do que a ressonância magnética parecia indicar.

Deus orquestrou a mudança da família Molden de Dakota do Norte para Arkansas no momento certo. Ele sabia onde o tumor estava escondido. Sabia onde um dos melhores neurocirurgiões do país exercia sua profissão. Não foi nenhuma coincidência, mas um incidente planejado por Deus. No início, eles atravessaram o país para estar mais perto dos familiares. Mas a realidade foi que Deus os levou para lá a fim de cuidar de um de seus maiores tesouros: Robert, o filho do casal.

Será que Deus faria isso só para uma família em Little Rock, Arkansas? Claro que não. Não há filhos insignificantes na família de Deus. Alguém disse certa vez: “Se Deus tivesse uma carteira, sua fotografia estaria lá”. Cada um de nós é muito importante para o Pai que se preocupa conosco como se fôssemos seu único filho ou filha. Se você já se sentiu insignificante em seu pequeno mundo, saiba que a verdade é esta: você é um tesouro para Deus, minha amiga. Você é importante para ele.

Libertada para entender seu verdadeiro valor Sabemos que Jesus veio ao mundo numa época da História em que as mulheres eram consideradas insignificantes, inferiores e incompetentes. Os homens as tratavam com indiferença, indignação e desigualdade. Jesus, porém, derrubou as barreiras culturais e religiosas para conferir honra e respeito às portadoras de sua imagem. À primeira vista, os comentários de Jesus à mulher siro-fenícia pareceram no mínimo ofensivos. No entanto, após uma análise mais detalhada, descobrimos sua forma magnífica de fazer fruir a fé daquela mulher.

Em Gênesis, conhecemos outra mulher que se sentia insidiosamente insignificante. Seu nome era Hagar, a serva de Sara, mulher de Abraão. Depois de anos de infertilidade, Sara convenceu o marido a deitar-se com sua serva — um costume comum naquela época. Hagar engravidou. Sara

invejou a condição da serva. A mulher, vingativa, maltratou tanto a serva que esta não conseguiu suportar. Hagar fugiu para o deserto. Maltratada e usada. Sozinha e com medo. Insignificante e inferiorizada. Desprezada e descartada. Você já se sentiu assim?

Deus, porém, entrou em cena no momento de maior necessidade daquela mulher. Deus olhou para baixo e enviou um anjo para consolá-la e guiá-la. "Volte à sua senhora e sujeite-se a ela. [...] Multiplicarei tanto os seus descendentes que ninguém os poderá contar" (Gn 16.9,10).

Hagar ficou surpresa pela consideração que Deus destinou a ela — uma humilde serva. Sentiu-se comovida pela graça de Deus e deu-lhe o nome de "El Roi", o Deus que tudo vê. "Tu és o Deus que me vê" (v. 13).

É fácil cair na armadinha de sentir-se insignificante e inferior. "Ninguém me ama. Ninguém se preocupa comigo. Não tenho valor. Deus está muito ocupado para me ouvir. Deus não se importa com o meu sofrimento." Irmã, tudo isso é mentira. Mentira. Deus a ama tanto que enviou seu Filho para morrer por você — e o chão é nivelado aos pés da cruz. Você é tão importante para Deus que ele sabe quantos fios de cabelo existem em sua cabecinha linda. Deus nunca dorme; sempre ouve suas orações. Jesus entende seu sofrimento porque enfrentou sofrimento idêntico.

Na história de Jesus e a mãe siro-fenícia, vemos o Mestre desviando-se do caminho mais uma vez para ministrar a uma mulher desesperada, aparentemente insignificante. Por certo essa tendência fez os discípulos pararem para pensar. Não era o que eles esperavam. Jesus sempre elevava as mulheres a níveis de importância e dignidade que corriam no sentido contrário de tudo o que eles conheciam. Jesus gosta de derrubar as barreiras da raça, da condição social e da religião para chamar as mulheres ao centro do palco. Ele fez isso naquela época. E faz isso hoje.

Deus libertou a mulher siro-fenícia de sentimentos de inferioridade ao enviar seu Filho numa missão especial para ela. Por quê? Porque ela era uma mulher de valor. E você também é.

Não há judeu nem grego, escravo nem livre,
homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus.
Gálatas 3.28

12

A doadora graciosa *Libertada das preocupações do amanhã Libertada para confiar em Deus hoje*

Beatrice despertou quando o sol da manhã se esgueirou por entre as persianas fechadas de seu quarto vazio. Todas as juntas de seu corpo cansado rangeram como uma roda de moinho que necessita desesperadamente de lubrificação. As mãos com artrite coçaram os olhos sonolentos, e ela passou a mão instintivamente no lugar vazio onde seu marido dormira muitos anos atrás.

"Outro sábado para adorar Javé", ela sussurrou, sorrindo. "Obrigada, Senhor, pela saúde e pela força para ir à sua casa hoje. Obrigada pelas muitas bênçãos que derramas sobre esta mulher idosa."

Beatrice vestiu uma roupa velha de lã, enrolou os cabelos grisalhos ao redor da cabeça e molhou o rosto enrugado com água amanhecida. Ao enfiar a mão na bolsa de dinheiro escondida atrás de alguns recipientes de vidro, ela procurou ajuntar com os dedos algumas moedas para ofertar no templo.

Um suspiro profundo saiu-lhe dos lábios quando sua mão conseguiu pegar duas moedas pequenas. Ela enfiou novamente a mão na bolsa e correu os dedos de um lado ao outro. Desta vez a mão saiu vazia.

Olhando para as duas moedinhas na mão, ela continuou a conversar com Deus. "Eu gostaria de ter mais para oferecer-te hoje, Senhor, mas é tudo o que possuo." Beatrice não pensou nem por um momento como compraria

trigo para sua próxima refeição. Ela sabia que Deus proveria. Ele sempre provia.

Beatrice atravessou a porta e saiu para percorrer as ruas movimentadas de Jerusalém. A população mais que dobrara por causa da comemoração da Páscoa. Judeus de lugares muito distantes reuniam-se no templo durante a Semana Santa.

“Gente, gente, gente por toda parte”, Beatriz pensou. “E ninguém nota uma velha viúva insignificante como eu.”

Com a cabeça baixa, ela subiu o primeiro lance da escada de acesso ao átrio das mulheres no templo. “Ainda bem que não sou homem nem sacerdote. Acho que não conseguiria subir todos aqueles degraus para chegar aos níveis mais altos.”

A viúva seguiu em direção à caixa de ofertas que sempre usava. Quando ergueu os olhos para colocar as duas moedinhas na caixa, avistou um homem sentado ao lado. Era Jesus! As faces da viúva adquiriram cor quando ela notou que o Mestre a estava observando. Beatrice encolheu-se de vergonha ao derrubar as duas moedinhas na caixa. “O que ele vai pensar de mim? Apenas duas moedas de cobre.”

Quando ela ergueu os olhos novamente, cruzou-os com os de Jesus. Ele sorriu para ela e fez um movimento de aprovação com a cabeça. Cada ruga de seu rosto se acentuou quando ela lhe devolveu o sorriso. Mas o que ele disse a seguir a fez sentir-se como uma colegial novamente.

“Pedro, João, Tiago. Amigos, venham aqui”, Jesus chamou. “Vocês estão vendo todas essas pessoas depositando suas moedas nas caixas de oferta do templo. Tenho certeza de que viram algumas pessoas ricas fazendo grandes doações. Pelo menos, elas esperavam que vocês tivessem visto. Mas eu lhes digo a verdade: esta viúva pobre colocou mais dinheiro na caixa que todos os outros. Eles deram muito dinheiro. Sem nenhum sacrifício. Deram do que lhes sobrava. Mas esta mulher, da sua pobreza, deu tudo o que possuía para viver. Sua oferta é mais preciosa para Deus que todas as outras juntas.”

Beatrice curvou-se educadamente e virou-se para ir embora. Jesus riu consigo mesmo, pensando no que ela encontraria em sua bolsa no dia seguinte. Ah, como Deus gosta de abençoar seus filhos.

Uma análise mais cuidadosa Esse é o último incidente registrado no ministério de Jesus antes de ele começar a preparar-se para a cruz. Desde a Galileia até Jerusalém, ele ensinou o tempo todo aos discípulos sobre o alto preço do discipulado. "E aquele que não carrega sua cruz e não me segue não pode ser meu discípulo" (Lc 14.27). "Da mesma forma, qualquer de vocês que não renunciar a tudo o que possui não pode ser meu discípulo" (v. 33). Agora, tendo eles chegado ao templo em Jerusalém, Jesus mostra-lhes um exemplo vivo de seu ensinamento espiritual.

Era a semana da Páscoa, e Jerusalém estava fervilhando de judeus que participavam das festividades. Jesus ensinara durante a maior parte do dia, sabendo que aquela seria sua última oportunidade de falar às multidões no templo. Depois disso, ele dirigiu-se ao local onde as ofertas eram colocadas, para ensinar aos discípulos o significado da verdadeira doação.

Lembre-se: na época de Jesus, o templo era dividido em vários segmentos, cada um reservado a um grupo de pessoas. Cada divisão era separada por um lance de escada que conduzia ao seguinte. Os líderes judeus ficavam nos lugares mais elevados, distantes do pessoal comum.

Quero que você tenha esta imagem em mente. Vamos subir os degraus a partir do átrio dos gentios até encontrar Jesus no átrio das mulheres.

> Jesus sentou-se em frente do lugar onde eram colocadas as contribuições, e observava a multidão colocando o dinheiro nas caixas de ofertas.
>
> Marcos 12.41

O átrio das mulheres abrigava as caixas de ofertas do templo e era ali que todos os adoradores colocavam seus dízimos e ofertas. Treze caixas, como se

fossem megafones ou trombetas invertidos, alinhavam-se nas paredes para receber o dinheiro. Nessa história em particular, por causa da Páscoa, havia um fluxo constante de peregrinos depositando suas contribuições.

Jesus, o Criador do Universo, o Deus feito homem, o Sumo Sacerdote, não atravessou o portão 2, o portão 3, o portão 4, nem o portão 5. Ao contrário, permaneceu no átrio das mulheres com as pessoas comuns — com seu povo. Havia, porém, determinada mulher pela qual Jesus aguardava. Ele sabia que ela estava a caminho. Esperava sua chegada.

> Muitos ricos lançavam ali grandes quantias. Então, uma viúva pobre chegou-se e colocou duas pequeninas moedas de cobre, de muito pouco valor.
>
> Marcos 12.41-42

Visualize Jesus puxando uma cadeira para perto de determinada caixa de ofertas. Ah, digamos que fosse a número 5. Não sabemos, claro, para qual das treze caixas de oferta Jesus estava olhando, mas o importante é que sabia exatamente a qual delas a viúva se dirigiria. Estava esperando por ela... e ela não sabia de nada.

Um a um, os ricos atiravam suas moedas nas caixas. Posso até ouvir o tilintar das moedas. Quanto mais barulhenta a oferta, melhor. "Olhem para mim! Olhem para mim!", o som metálico das moedas anunciava. "Estou dando uma grande oferta hoje. Por quê? Porque sou importante. Sou rico. Sou santo. Vocês não gostariam de ser como eu?"

De repente, lá vem ela. Uma mulher idosa, vestida pobremente. Cabeça baixa, humilde. Tímida, aproxima-se da caixa de ofertas e, feliz da vida, coloca seu tesouro entre as moedas. Os outros "lançam". Ela "coloca". Duas moedinhas de cobre — as menores em circulação na Palestina — de valor ínfimo. Dois leptos, conforme as moedas eram chamadas, valiam 1/64 de um denário, o equivalente ao salário de um dia de trabalho. Era tudo o que ela possuía... e Jesus sabia disso.

Você já teve a sensação de que as pessoas não se importam com o que se passa em sua vida? Já se sentiu insignificante diante das coisas que a cercam? Tenho certeza de que a viúva se sentiu assim. “Não sou nada. Não sou nada. Sou invisível em meio a estes homens com mantos esvoaçantes e enfeitados.”

Já esteve nessa situação? Eu estive. Mas a viúva não era insignificante. Jesus estava aguardando sua chegada — sua oferta. “Pois os olhos do Senhor estão atentos sobre toda a terra para fortalecer aqueles que lhe dedicam totalmente o coração” (2Cr 16.9).

> Chamando a si os seus discípulos, Jesus declarou: “Afirmo-lhes que esta viúva pobre colocou na caixa de ofertas mais do que todos os outros. Todos deram do que lhes sobrava; mas ela, da sua pobreza, deu tudo o que possuía para viver”.
>
> Marcos 12.43-44

Jesus esperou pela viúva. Sabia que ela estava a caminho. E usou uma mulher aparentemente desprezível para ensinar aos discípulos o significado de ofertar.

A viúva possuía duas moedas de cobre. Eu me pergunto o que teria feito em situação idêntica. Penso que teria sido tentada a colocar uma na caixa de ofertas do templo e guardar uma para mim. Uma para Deus. Uma para mim. Afinal, Deus não gostaria que eu passasse fome, certo?

Certa vez, palestrei num retiro de mulheres no Canadá, e havia na plateia várias mulheres de uma mesma comunidade carente. Pelas roupas gastas que usavam, percebi que não possuíam muitos bens terrenos. Uma em particular, Becky, estava numa cadeira de rodas. As roupas reservadas para aquele fim de semana estavam guardadas dentro de uma sacola de papel. Sua amiga Clara, por sua vez, segurava no colo os pertences que usaria naqueles dias de retiro.

Senti Deus cutucar meu coração. “Dê a elas suas duas malas.”

Eu havia lotado duas malas com livros para o fim de semana, e minhas roupas estavam numa bagagem de mão. Ouvi Deus me dizer que eu devia deixar as duas malas para seu rebanho. Concordei prontamente.

Aquilo foi na sexta-feira à noite, mas, à medida que chegava a hora de partir, minha convicção começou a desvanecer. "Eu gosto daquelas duas malas", choraminguei. "Acho que não ouvi direito."

No sábado, antes da última palestra, avistei Becky sentada perto da fileira da frente em sua cadeira de rodas, mas não vi Clara.

— Onde está Clara? — perguntei à coordenadora.

— Não se sentiu bem e teve de ir para casa mais cedo.

Os pensamentos começaram a rodar em minha mente. "Está certo. Vou deixar uma mala. Afinal, Clara não está aqui, portanto uma será suficiente."

Eu estava sentada no fundo da sala enquanto a coordenadora me apresentava para a última palestra. "Estamos aqui hoje para deixar nossos fardos", ela começou a dizer. "Daqui a pouco voltaremos para casa e não vamos levar nenhuma bagagem conosco. Nenhuma! Vamos deixar tudo para trás." Deus chamou-me a atenção. Deixe sua bagagem. "Não se atreva a pensar que vai deixar *apenas uma* mala e levar a outra para casa", ele pareceu dizer. "Não leve nada para casa."

Bem, sou lenta, mas não totalmente idiota. Às vezes ele nos dá uma segunda chance para obedecer-lhe, e ele fez isso por mim naquele dia. Mas às vezes ele diz uma vez só e espera que lhe obedeçamos. Quando somos desobedientes, perdemos a bênção.

A viúva não depositou apenas uma das duas moedas. Deu tudo o que possuía, confiando que Deus cuidaria de todas as suas necessidades. Os comentaristas dizem que, quando Jesus disse: "Esta, porém, da sua pobreza deu tudo o que possuía, todo o seu sustento"(Lc 21.4, RA), ele usou a palavra *bios*, ou seja, ela deu *sua vida*.

Quero compartilhar com você mais uma pedra preciosa da reação de Jesus à nossa amiga. Quando viajei com minha família a Yellowstone Park e

Jackson Hole, Wyoming, muitos anos atrás, um de nossos objetivos era conhecer o maior número possível de animais incomuns. Não queríamos ver cães, gatos ou passarinhos. Durante a viagem inteira, procuramos por alces de várias espécies, búfalos e outros animais com galhadas e corpo coberto de pelos. Depois de alguns dias, entramos no ritmo de procurar por grupos de carros parados ao longo da estrada ou grupos de pessoas na mata. Aquilo significava que havia algo para ver! Como se estivessem segurando um cartaz com cores vivas, os grupos sinalizavam que deveríamos parar. Havia alguns animais magníficos que precisávamos conhecer.

Vamos imaginar a cena juntas por um momento. Jesus chama os discípulos para que vejam a viúva e sua oferta. Treze homens reunidos ao redor da caixa de ofertas, e Jesus aponta o holofote para o ato sacrificial da viúva. E o que mais você vê? Eu vejo outras pessoas caminhando em direção à cena. “O que há de tão importante?” “O que está acontecendo?” “O que aqueles homens estão vendo?” Jesus levanta a mão e dirige a atenção de todos para uma das magníficas criações de Deus. Ela limita-se a fazer um movimento afirmativo com a cabeça e afasta-se. Isso, minha amiga, é um momento que merece ser fotografado.

Libertada das preocupações do amanhã O que mais me surpreende nessa mulher é que ela não estava preocupada com o amanhã. Deu tudo o que possuía e saiu confiante de que Deus cuidaria de todas as suas necessidades.

Há outra mulher no Antigo Testamento que enfrentou um dilema semelhante. Não sabemos seu nome, mas sabemos que era gentia e morava numa cidade pequena chamada Sarepta.

Elias era profeta naquela época e censurava frequentemente o rei Acabe. Acabe e sua mulher, Jezabel, incentivavam a adoração a Baal e construíam postes sagrados à deusa Astarote. A prostituição era um tipo de adoração no templo, e a terra estava cheia de maldade por toda parte. Elias era o único que proclamava a desaprovação de Deus à adoração de ídolos.

Em resposta ao mal que enchia a terra, Elias profetizou: "Juro pelo nome do SENHOR, o Deus de Israel, a quem sirvo, que não cairá orvalho nem chuva nos anos seguintes, exceto mediante a minha palavra" (1Rs 17.1).

Você pode imaginar que essas palavras não colocaram Elias na pequena lista de amigos de Acabe. Na verdade, ele fazia parte da lista de inimigos do rei. Portanto, Deus mandou Elias esconder-se perto do riacho de Querite, a leste do rio Jordão. Lá, ele bebia água do riacho para matar a sede. Além disso, Deus enviava corvos para levar-lhe pão e carne, de manhã e de tarde. Melhor que um *fast-food*!

No entanto, com o passar do tempo, o riacho secou. Deus não poderia ter evitado que o riacho secasse? Claro! Mas ele tinha outro milagre em mente. Uma viúva em Sarepta necessitava de uma bênção.

"Vá imediatamente para a cidade de Sarepta de Sidom e fique por lá. Ordenei a uma viúva daquele lugar que lhe forneça comida" (v. 9). Havia um problema: ao que parecia, Deus não contara seu plano à viúva.

Quando Elias finalmente a encontrou, ela não o cumprimentou com muito entusiasmo. Estava colhendo gravetos.

Elias perguntou:

— Pode me trazer um pouco d'água numa jarra para eu beber? (v. 10).

Enquanto ela se virava para buscar água, ele gritou: — Por favor, traga também um pedaço de pão (v. 11).

Pão. Que ideia maravilhosa... se ela tivesse algum para dar a ele. Mas aquela mulher, aquela viúva, estava passando por uma situação calamitosa. Ela respondeu: — Não tenho nenhum pedaço de pão; só um punhado de farinha num jarro e um pouco de azeite numa botija. Estou colhendo uns dois gravetos para levar para casa e preparar uma refeição para mim e para o meu filho, para que a comamos e depois morramos (v. 12).

Veja bem, essa é uma mulher verdadeiramente desesperada. Estava colhendo gravetos para fazer uma fogueira e preparar sua última refeição.

Posso ouvi-la neste instante. "É isso, filho. É tudo o que possuímos. Sinto muito."

E, de repente, aparece aquele homem de Deus querendo pão. Imagino que ela deva ter pensado: "Ah, claro, aceita uma costeleta de cordeiro para acompanhar?".

Deus, porém, a viu. Ela não estava só. E, conforme ele sempre faz, pediu-lhe que desse tudo o que possuía para que ele pudesse dar-lhe tudo de que ela necessitava.

— Não tenha medo. Vá para casa e faça o que disse. Mas primeiro faça um pequeno bolo com o que você tem e traga para mim, e depois faça algo para você e para o seu filho. Pois assim diz o SENHOR, o Deus de Israel: "A farinha na vasilha não se acabará e o azeite na botija não se secará até o dia em que o SENHOR fizer chover sobre a terra" (v. 14).

O que eu teria feito? Hmmm. Guardado um punhado de farinha só por precaução? Dado metade do bolo a Elias? Feito dois bolos e fingido que o que dei a ele ERA o bolo inteiro?

O que ela fez? Exatamente o que a mulher fez na caixa de ofertas. Deu tudo a Deus. Estou sentada aqui chorando ao pensar nisso. Vou repetir. Ela deu tudo a Deus. Não ficou com nada. E isso não prejudicou apenas a ela. Prejudicou seu filho também.

Será que ela confiou a vida do filho a Deus? Essa é outra história. Às vezes é mais fácil para uma mãe confiar a Deus a própria vida que a vida dos filhos. Mas aquela viúva de Sarepta confiou realmente nele. Deu tudo o que possuía.

Vamos voltar às palavras de Elias: "Não tenha medo". Isso não a faz lembrar-se de outra saudação a uma das protagonistas do Novo Testamento? Gabriel disse as mesmas palavras a Maria. E Deus diz essas mesmas palavras a todas nós quando estamos prestes a ocupar o centro do palco e ser usadas para edificar seu reino. A obediência a Deus sempre requer coragem.

Há um pequeno poder embutido na frase “Ela foi e fez conforme Elias lhe dissera” (v. 15). É o eco das palavras de Isabel a Maria: “Feliz é aquela que creu que se cumprirá aquilo que o Senhor lhe disse!” (Lc 1.45).

O que ocorreu a seguir é espantoso. “E aconteceu que a comida durou muito tempo, para Elias e para a mulher e sua família. Pois a farinha na vasilha não se acabou e o azeite na botija não se secou, conforme a palavra do SENHOR proferida por Elias” (v. 15-16).

Ah, amiga, o poder sempre acompanha a obediência. O poder de Deus — o poder provedor de Deus — acompanhou a obediência daquela mulher quando ela deu tudo o que possuía.

Vamos voltar a sentar no templo com Jesus e ver outra viúva — uma viúva que se aproxima da caixa de ofertas. O que ela faz? Igual à viúva de Sarepta, dá tudo o que possui. Tenho certeza de que Jesus não a deixou ir embora para passar o restante da vida de mãos vazias. Adoraria saber o que aconteceu a ela nos dias e semanas que se seguiram à sua oferta sacrificial. Jesus oferece-nos uma indicação em outros ensinamentos.

“Dai, e ser-vos-á dado; boa medida, recalcada, sacudida e transbordando, vos deitarão no vosso regaço; porque com a mesma medida com que medirdes também vos medirão de novo” (Lc 6.38, RC). Naquela época, os homens e as mulheres usavam mantos presos com cintos. O pano excedente que caía sobre o cinto formava uma bolsa grande, usada para carregar trigo. Portanto, quando disse “vos deitarão no vosso regaço”, Jesus estava fornecendo uma imagem de sustento, enchendo os bolsos deles e transbordando.

O que é feito em segredo nunca passa despercebido a Deus. “E seu Pai, que vê em secreto, o recompensará” (Mt 6.18). “Lembrem-se: aquele que semeia pouco, também colherá pouco, e aquele que semeia com fartura, também colherá fartamente” (2Co 9.6).

Que maravilha saber que Jesus usou a oferta de uma mulher irrelevante para ensinar aos discípulos a importância da generosidade. Ela tornou-se

exemplo para aquele grupo de homens incultos, para você e para mim.

Libertada para confiar em Deus hoje Você já tentou oferecer mais a Deus do que ele lhe oferece? Vá em frente, faça uma tentativa. Mas vou lhe dizer uma coisa: isso não acontece. Você não é capaz. Temos muito pouco a oferecer, e ele tem muito a nos dar. João escreveu: "Vejam como é grande o amor que o Pai nos concedeu: sermos chamados filhos de Deus" (1Jo 3.1). Como aprecio essas palavras!

Provérbios 31.10-31 diz que a mulher exemplar "é muito mais valiosa que os rubis" (v. 10). Na lista de seus excelentes atributos, lemos que ela "sorri diante do futuro" (v. 25). Por que ela sorri? Penso que ela sorri porque não está preocupada. Sabe que Deus cuidará dela e de sua família. Não estou sugerindo que devemos ficar sentadas numa cadeira sem fazer nada, esperando que Deus coloque o pão diário em nosso colo. Deus não vê a preguiça com bons olhos. Dê uma olhada na mulher "mais valiosa que os rubis" e verá que ela é uma mulher atarefada. Ao mesmo tempo, o último versículo que fala de suas virtudes diz: "A mulher que teme o Senhor será elogiada" (v. 30). É a confiança naquele que tem o futuro nas mãos que forma o alicerce sólido para a vida inteira dela.

Quando fala da provisão de Deus para hoje, Jesus vem para nos libertar das preocupações com o amanhã. E, quando ofertamos a Deus, ele nos devolve muito mais.

Gosto muito da história que Alice Gray conta em um de seus livros. É sobre uma menina chamada Jenny. Alice conta tão bem essa história que vou citá-la aqui.

> A garotinha muito esperta, de cabelos loiros e encaracolados, tinha quase 5 anos. Enquanto aguardava com a mãe na fila do caixa, ela avistou um colar de pérolas brancas e reluzentes, dentro de uma caixa comum cor-de-rosa.
>
> — Oh, por favor, mamãe! Posso comprar? Por favor, mamãe, por favor!

A mãe verificou rapidamente o preço marcado na embalagem e virou-se para a garotinha de olhos azuis, que a fitava com grande ansiedade.

— Um dólar e 95 centavos. Quase 2 dólares. Se você quiser realmente essas pérolas, acho que vai ter de fazer alguns trabalhos extras em casa a fim de ganhar dinheiro suficiente para comprá-las você mesma. Ainda falta uma semana para o seu aniversário, e talvez você ganhe uma nota de 1 dólar da vovó.

Assim que entrou em casa, Jenny esvaziou seu cofrinho de moedas e contou: 17 centavos. Depois do jantar, ela ajudou nas tarefas domésticas um pouco mais que o normal e dirigiu-se à casa da vizinha, a sra. McJames, para perguntar se poderia arrancar algumas ervas daninhas do jardim, por 10 centavos. No dia de seu aniversário, a vovó lhe deu uma nota de 1 dólar, e, finalmente, Jenny ajuntou dinheiro suficiente para comprar o colar.

Jenny gostava demais de pérolas. Elas faziam-na sentir-se bem vestida e com aparência de adulta. Usava o colar em todos os lugares — na escola dominical, no jardim de infância e até para dormir. Só o tirava do pescoço quando nadava ou tomava banho. Sua mãe lhe disse que, se as pérolas molhassem, poderiam manchar o pescoço de verde.

O pai de Jenny era muito carinhoso. Todas as noites, quando ela ia dormir, ele parava tudo o que estivesse fazendo, ia até o quarto da menina, no andar de cima da casa, e lia uma história para a filha. Uma noite, assim que terminou a história, ele perguntou a Jenny: — Você me ama?

— Claro, papai, você sabe que sim.

— Então, me dê as suas pérolas.

— Ah, papai, as minhas pérolas, não. Você pode ficar com a Princesa, aquela égua branca de minha coleção. Aquela que tem a cauda cor-de-rosa. Você sabe qual é, papai? Aquela que você me deu. Ela é minha favorita.

— Está bem, querida. O papai ama você. Boa noite — ele disse, dando-lhe um beijo no rosto.

Cerca de uma semana depois, assim que a história terminou, o pai de Jenny perguntou novamente: — Você me ama?

— Claro, papai. Você sabe que sim.

— Então, me dê as suas pérolas.

— Ah, papai, as minhas pérolas, não. Você pode ficar com a minha boneca. Aquela que ganhei no meu aniversário. Ela é linda, e você pode ficar também com o cobertor amarelo que combina com o pijaminha dela.

— Está certo. Durma bem. Deus a abençoe, pequenina. Papai ama você.

E, como sempre, ele a beijou no rosto.

Algumas noites depois, quando o pai entrou no quarto, Jenny estava sentada na cama, com as pernas cruzadas. Quando se aproximou, ele notou que o queixo da

> filha tremia, e uma lágrima silenciosa rolava por seu rosto.
>
> — O que foi, Jenny? Qual é o problema?
>
> Sem dizer nada, Jenny estendeu a mãozinha para o pai. Ao abri-la, lá estava o colar de pérolas. Com a voz embargada, ela conseguiu dizer: — Aqui estão, papai. São suas.
>
> Com os olhos lacrimejando, o bondoso pai de Jenny pegou a bijuteria barata com uma das mãos e enfiou a outra mão no bolso, de onde tirou um estojo de veludo azul, que continha um colar de pérolas verdadeiras, e o entregou a Jenny. O colar sempre tinha estado em seu bolso. Ele estava apenas aguardando que a filha lhe desse a bijuteria para poder oferecer-lhe o tesouro de verdade.[1]

Podemos ter certeza de que, quando oferecemos nossas magras ofertas a Deus, ele nos abençoa com as riquezas do céu. Jesus mostrou o que conseguiu fazer com cinco pães e dois peixinhos. Ele não precisa de muita coisa para agir — mas pede que lhe ofereçamos tudo o que temos.

Jesus disse: "Eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente" (Jo 10.10). A Almeida Revista e Atualizada traz: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância". A Nova Tradução na Linguagem de Hoje afirma: "Eu vim para que as ovelhas tenham vida, a vida completa". A Bíblia A Mensagem chama-a de "vida verdadeira e eterna, uma vida melhor e mais rica que qualquer outra com que tenham sonhado". É isso que Deus deseja para cada uma de nós.

No entanto, tenha certeza disto: a vida plena não consiste em meros bens terrenos. Eles *são* como as lojas de R$ 1,99 que existem por aí. A vida plena é uma cornucópia de amor, alegria e paz, sabendo que Deus proverá tudo de que precisarmos de acordo com suas riquezas em glória. Ele "é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos, de acordo com o seu poder que atua em nós" (Ef 3.20).

Jesus pegou o holofote e o fez brilhar sobre uma viúva aparentemente insignificante que nos mostra o exemplo de um sacrifício verdadeiro. Podemos nos sentir sem valor aos olhos do mundo. Talvez ela se sentisse sem valor aos olhos do mundo, mas era uma mulher de valor inestimável para Deus.

Pois os olhos do S*ENHOR estão atentos sobre toda a terra*
para fortalecer aqueles que lhe dedicam totalmente o coração.

2Crônicas 16.9

PARTE 3

O último chamado à cena

13

Deus chama as mulheres ao centro do palco

Lembro-me ainda do dia em que Deus começou a molhar sua pena no tinteiro para escrever um novo capítulo de minha vida. Eu havia passado anos dirigindo estudos bíblicos na igreja em que congregava, trabalhando como conselheira voluntária num centro de atendimento a grávidas e ajudando meu marido em seu escritório. Dei tudo de mim, corpo e alma, para ser uma mãe de verdade para meu filho, Steven, e uma esposa para meu marido, Steve. Deus, porém, começou a agitar meu coração. "Vejam, estou fazendo uma coisa nova!", Deus parecia dizer. "Ela já está surgindo! Vocês não a reconhecem?" (Is 43.19).

Foi uma grande agitação. É o melhor que posso dizer para descrever aquilo. Mas eu só conhecia a primeira linha do capítulo. Demoraria um pouco para que as palavras começassem a encher as páginas. Depois de um ano buscando a Deus e orando, ele começou a dar-me alguns vislumbres. Ele estava me transferindo de um ministério local para uma esfera muito mais ampla a fim de edificar seu reino. E eu não tinha certeza se queria ir.

Nunca pensei em "estar no ministério". Apenas dirigia estudos bíblicos e os escrevia de vez em quando. Deus, porém, estava me conduzindo a uma nova direção, e muitas perguntas começaram a girar em minha mente. Em minha cabeça também girava grande parte das perguntas que vimos Jan formular no capítulo 1 deste livro. Como Deus se sente a respeito das

mulheres no ministério? Eu olhava ao redor e via homens na função de líderes, mas onde *eu* me encaixava? Onde as *mulheres* se encaixavam? O que Deus deseja que as mulheres façam para edificar seu reino? Para começar, o que é ministério? Como Deus se sente a respeito das mulheres em geral?

Comecei, portanto, uma jornada de quinze anos com Deus para obter respostas a essas perguntas. Sinceramente, pensei que o assunto fosse somente entre Deus e mim. Não queria que outras pessoas me fornecessem as respostas. Aquilo era pessoal. Deus, contudo, tinha outros planos, e agora você está segurando este livro. Para dizer a verdade, eu receava escrevê-lo. A ideia de falar de funções, responsabilidades e relacionamentos das mulheres era o mesmo que mexer num vespeiro de opiniões ferrenhas.

No decorrer dos anos fiz muitas perguntas, li muitas interpretações e opiniões de teólogos respeitáveis e pesquisei mais palavras em grego e hebraico das Escrituras do que eu imaginava existir. Mas continuei a estudar o ministério, os milagres e as mensagens de Jesus. Às vezes nós, humanos, podemos transmitir uma mensagem simples, mas a complicamos.

Sei que algumas pessoas lerão as páginas deste livro e dirão: “Sim, mas...”. Mas... Vamos percorrer as ruas empoeiradas com Jesus, ouvir suas palavras, observar suas ações e sentir as batidas de seu coração.

Deus falou duas vezes a Jesus de modo audível nos evangelhos. “Este é o meu Filho amado, de quem me agrado” (Mt 3.17). De novo, na transfiguração, Deus disse: “Este é o meu Filho amado de quem me agrado”. E complementou: “Ouçam-no!” (17.5). Por isso, tenho tentado fazer exatamente isso, ouvi-lo.

Vendo o Pai por intermédio do Filho

Vamos voltar ao ponto em que iniciamos no capítulo 1. Durante uma de suas últimas conversas com Jesus, Filipe pediu: “Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta” (Jo 14.8).

Aparentemente frustrado, Jesus respondeu: “Você não me conhece, Filipe, mesmo depois de eu ter estado com vocês durante tanto tempo? Quem me

vê, vê o Pai. Como você pode dizer: 'Mostra-nos o Pai'? Você não crê que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu lhes digo não são apenas minhas. Ao contrário, o Pai, que vive em mim, está realizando a sua obra. Creiam em mim quando eu digo que estou no Pai e que o Pai está em mim; ou pelo menos creiam por causa das mesmas obras" (v. 9-11).

O autor de Hebreus descreve Jesus como "a expressão exata" do ser divino (1.3). A palavra original grega para "expressão exata", *charakter*, descreve a marca impressa por uma tinta ou por uma moeda. Por exemplo, se você pegar uma moeda e pressioná-la na cera, terá uma representação exata. Portanto, quando vemos Jesus, vemos Deus.

No caminho de volta para casa depois de comemorar a Páscoa dos judeus, Maria e José notaram que seu filho de 12 anos não estava na caravana. Depois de três dias de buscas, encontraram Jesus sentado entre os mestres do templo, ouvindo e fazendo perguntas. Quando Maria perguntou por que ele ficara para trás, Jesus respondeu: "Não sabiam que eu devia estar na casa de meu Pai?" (Lc 2.49). Vinte e um anos depois, Jesus deu o último suspiro, dizendo estas palavras: "Está consumado!" (Jo 19.30). Nos anos que separam essas duas declarações, Jesus cuidou dos assuntos de seu Pai, restaurando a humanidade destruída em todos os aspectos... restaurando inclusive as mulheres.

Portanto, sabemos realmente o que Deus pensa das mulheres? Creio que sim. Precisamos apenas olhar para as palavras e as ações de seu Filho. Deus confirmou repetidas vezes seu amor por suas filhas por intermédio de Jesus. Vemos no Novo Testamento inteiro que Jesus veio com a missão de restaurar a humanidade pecadora em todos os sentidos da palavra. Parte desse processo redentor incluía libertar as mulheres da opressão imposta pela cultura que as mantinha presas e as impedia de cumprir o plano original de Deus como portadoras de sua imagem. Jesus veio para restaurar as mulheres e colocá-las no lugar de dignidade a que pertenciam, como a metade de um todo, como co-herdeiras e colaboradoras, da mesma forma

que os homens. A atitude contracultural de Jesus em relação às mulheres bateu de frente com uma sociedade patriarcal que as considerava inferiores aos homens em todos os aspectos. Jesus foi um reformador radical que mostrou ao mundo o que Deus pensa das mulheres.

Conforme vimos, Jesus desprezou os tabus culturais e associou-se às mulheres livre e abertamente. Conversou com elas em plena luz do dia, apesar da desaprovação dos discípulos. Elogiou a unção de adoração feita pela mulher pecadora, embora o líder religioso tivesse considerado o ato escandaloso. Chamou a mulher encurvada à frente, à área do templo reservada aos homens, embora o dirigente da sinagoga considerasse inapropriado.

> O tratamento de Jesus a elas [mulheres] foi sempre solícito e protetor, como se ele estivesse assumindo a responsabilidade sobre elas depois de uma longa história de depreciação e compensando isso com uma dose transbordante de amor divino. Previsivelmente, Jesus viu as mulheres que passavam despercebidas — as pequenas sombras cinzentas que se tornavam invisíveis para misturar-se ao pano de fundo em todos os lugares, as sofredoras insignificantes e silenciosas que pensam em si mesmas como seres negligenciados, cujo destino era permanecer às margens da vida. Jesus as viu, identificou suas necessidades e, num movimento gloriosamente brusco, colocou-as no centro do palco no drama da redenção, com o holofote da eternidade focado sobre elas, enquanto as imortalizava na história sagrada.[1]

Da mesma forma que derrubou as mesas dos cambistas no templo, Jesus derrubou a exploração e os maus-tratos infligidos às mulheres (cf. Mt 21.12; Mc 11.15; Jo 2.15). Revogou as visões tacanhas de uma sociedade que mantinha as mulheres escondidas na tessitura da vida e misturadas invisivelmente ao pano de fundo. Além de aceitá-las como eram, ele as desafiou a querer ser mais. Apesar de não ter dado instruções explícitas sobre as funções específicas dos homens e das mulheres, ele ensinou por meio do exemplo.

Jesus falou com as mulheres, misturou-se com elas, ministrou a elas e as ensinou, exatamente como fez com seus seguidores do sexo masculino. Não limitou suas ilustrações pedagógicas às experiências masculinas, mas esclareceu também seus princípios com exemplos da vida das mulheres. Comparou a alegria de Deus por uma alma perdida que se arrepende com a alegria de uma mulher que encontra uma moeda perdida (cf. Lc 15.8-10). Ensinou a persistência de orar ao compará-la com uma mulher determinada que bate à porta do vizinho (cf. Lc 18.1-8). Comparou o céu ao fermento que uma mulher mistura a uma grande quantidade de farinha para a massa crescer (cf. Mt 13.33).

Enquanto dedicamos tempo para conhecer as protagonistas do Novo Testamento, vimos como Jesus fez o holofote brilhar sobre determinadas mulheres para destacar uma vida exemplar, uma doação graciosa, uma fé corajosa, uma adoração cativante, uma fé perspicaz — qualidades de caráter que ele ressaltou por intermédio das mulheres que cruzaram seu caminho.

A atitude e as ações de Jesus em relação às mulheres contrastam visivelmente com as dos líderes religiosos de sua época. Enquanto os fariseus evitavam as mulheres, Jesus associou-se a elas livremente e conversou em público com elas. Ele:

- Tocou na mulher impura que sofria de hemorragia.
- Ensinou uma aluna com sede de aprender numa classe repleta de homens.
- Encorajou Marta a tomar parte na sala de aula.
- Foi amigo das irmãs que moravam em Betânia.
- Conversou com a samaritana sedenta à beira do poço.
- Revelou sua verdadeira identidade a uma mulher divorciada cinco vezes.
- Acolheu a pecadora que o adorou.
- Tirou das sombras a mulher encurvada.
- Convidou Maria Madalena para fazer parte de seu grupo de ministério.

- Defendeu o gesto de Maria de Betânia quando esta o ungiu com perfume.
- Elogiou a fé professada pela mãe siro-fenícia.
- Aplaudiu a oferta da viúva.
- Encarregou Maria Madalena de ir e contar aos discípulos que ele ressuscitara.

Jesus ensinou em lugares onde as mulheres estariam presentes: na encosta de um monte, nas ruas, no mercado, à beira de um rio, ao lado de um poço e na área do templo reservada às mulheres. Sua conversa mais longa registrada no Novo Testamento foi com uma mulher. E, conforme vimos na vida de várias protagonistas do Novo Testamento, as mulheres estiveram entre alguns de seus melhores alunos e discípulos.

E qual foi a primeira palavra de Jesus depois de sua ressurreição? "Mulher."

Jesus dispôs-se a arriscar sua reputação para salvar a das mulheres. Dispôs-se a irritar os líderes religiosos para libertá-las de séculos de tradição de religião opressiva. Libertou-as de enfermidades e das trevas espirituais. Achegou-se às mulheres temerosas e esquecidas e transformou-as em pessoas fervorosas que serão lembradas para sempre. "Eu lhes asseguro que em qualquer lugar do mundo inteiro onde este evangelho for anunciado, também o que ela fez será contado, em sua memória" (Mt 26.13).

Jesus viu as mulheres como portadoras da imagem de Deus, pessoas a quem ele viera salvar e, depois, enviar. Libertou-as de passados dolorosos e libertou-as para cumprir os planos que tinha para elas. Não fez nenhuma distinção entre homem e mulher, casado ou solteiro, velho ou moço. Simplesmente identificou as pessoas de acordo com seu relacionamento com Deus — ou nenhum relacionamento com ele.

Quando a situação exigiu ação, as mulheres foram beneficiadas. A mulher com o frasco de alabastro entendeu que, não importa o que os outros pensem de nós, Jesus merece nossa adoração. A mulher à beira do poço

entendeu que, por mais despedaçada que nossa vida esteja, Jesus é o Messias tão aguardado que faz novas todas as coisas. Maria de Betânia entendeu que, apesar das expectativas dos outros para nossa vida, passar um tempo com Jesus é a escolha mais preciosa que podemos fazer. Marta entendeu que, apesar da tragédia das circunstâncias atuais, Jesus é o Filho de Deus que tem poder sobre a vida e a morte. Essas mulheres entenderam a verdadeira identidade de Jesus, algo que seus seguidores mais próximos não entenderam. As mulheres foram as únicas que ofereceram energia espiritual com sua presença e andaram com Jesus até o fim, mesmo correndo risco pessoal.

Jesus saiu das águas do batismo para apagar os limites que mantinham as mulheres fora da vida religiosa em geral. De Maria de Nazaré a Maria Madalena, Deus usou as mulheres para realizar seus propósitos divinos. Essas guerreiras deram um passo à frente. Corajosas, falaram em alta voz. Comprometidas com a fé, deram as mãos.

Aceitando a liberdade no Salvador Aquilo que Jesus fez para elevar a condição das mulheres não foi copiado por nenhuma outra religião do mundo. Até hoje nos países do Oriente Médio as mulheres costumam ficar escondidas dentro de burcas e xadores. Andam com o rosto coberto e não têm identidade. Veja os noticiários e observe os tumultos nas ruas desses países. Veja as ruas durante as horas mais agitadas do dia. Não há nenhuma mulher.

Muitos críticos dizem que as mulheres foram reprimidas e oprimidas na Igreja porque o cristianismo incentivava a dominação masculina. Embora isso de fato tenha acontecido em alguns casos, não podemos pôr a culpa em Jesus. Ele honrou e respeitou as mulheres em todos os aspectos. Libertou-as das correntes de uma cultura opressiva que as mantinha escondidas nos cantos e nas frestas da sociedade e chamou-as ao centro do palco para ser as protagonistas no plano redentor de Deus. Chamou-as do esconderijo e

legitimou-as como “filhas de Abraão”. Suas ações repercutiram as palavras de Deus na criação: “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2.18).

O pastor Erwin Lutzer, da Moody Bible Church, e sua esposa, Rebecca, escreveram: Jesus confirmou e ratificou as mulheres como parceiras equivalentes na família de Deus, que ele veio instituir. Proclamou liberdade às cativas. Ele fez isso, em parte, ao contrariar o debilitante preconceito cultural contra as mulheres. Jesus criou claramente uma nova família de irmãos e irmãs que compartilhavam o mesmo Pai celestial (Mc 3.21-35). Assim, como membros da nova família, as mulheres devem ter igualdade quanto ao privilégio espiritual.[2]

Sinto-me fascinada pelas palavras de liberdade que Jesus proferiu às mulheres que passamos a conhecer. “Mulher, você está livre da sua doença”, Jesus disse à mulher encurvada (Lc 13.12). “Filha, a sua fé a curou”, Jesus garantiu à que padecia de hemorragia (Mc 5.34). “Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado”, ele disse à que fora surpreendida em adultério (Jo 8.11). Em todo o Novo Testamento, vemos Jesus escancarando portas de prisões para libertar as mulheres valentes. Ah, que possamos fazer o mesmo. “Foi para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5.1).

Encontrando significado no propósito divino Jesus é a prova de que Deus nos ama. “O chamado sublime de uma mulher como portadora da imagem de Deus restitui sua importância, independentemente do que houve de errado em sua vida ou até que ponto se perdeu.”[3] Nos momentos em que passamos juntas, conhecemos várias mulheres que tiveram a vida impactada por Jesus. Conhecemos uma mãe, duas irmãs e uma menina. Conhecemos mulheres solteiras, mulheres casadas e mulheres divorciadas. Conhecemos mulheres que cometeram erros e mulheres que foram maltratadas e violentadas por outras

pessoas. Conhecemos mulheres que foram espancadas pela vida e não tinham mais esperança... até encontrarem Jesus.

Espero que você tenha visto um pouco de si mesma em cada uma dessas mulheres. Oro para que você tenha escrito seu nome no roteiro. Porque, veja bem, a história delas é a sua história, o sofrimento delas é o seu sofrimento, a esperança delas é a sua esperança, a vitória delas é a sua vitória... é Jesus. Ele é o foco de cada história — o Herói que nos faz perder o fôlego com seu amor incrível.

Vimos Jesus fazer uma pausa no meio de um dia atarefado para acudir a mulher que sofria de hemorragia, parar o que estava ensinando para levantar o queixo de uma mulher encurvada, andar quilômetros para libertar uma menina de um espírito maligno e aguardar pacientemente, sob o sol escaldante, a chegada da samaritana. Qual é o Deus que faz isso? O Deus que ama suas filhas. E como as mulheres reagiram ao chamado de Jesus para ocupar o centro do palco?

- Maria de Nazaré *deu um passo* para aceitar seu chamado.
- Maria Madalena *inscreveu-se* para fazer parte do ministério de Jesus.
- A mulher que sofrera de hemorragia crônica *levantou a voz* para contar sua cura milagrosa.
- A mulher outrora vazia à beira do poço *abasteceu-se* para evangelizar uma cidade inteira.
- A dona do frasco de alabastro *abriu* o coração para adorar.
- Maria de Betânia *apresentou-se* diante da classe.
- Marta *esforçou-se* para ser a líder da classe.
- A mulher encurvada *atravessou* o templo para ser curada.
- A mãe siro-fenícia *foi escorada* por sua fé firme.
- A viúva *deu tudo* o que possuía como exemplo de generosidade sacrificial.

As histórias dessas protagonistas mostram-nos que, na família de Deus, as mulheres também são importantes. Elas foram mulheres firmes na fé, defendidas por Jesus, para sair das sombras e assumir seu lugar entre os modificadores do mundo de sua época.

Aonde vamos a partir daqui?

Deus sempre tem uma obra importante para realizarmos no reino. Paulo diz: "Olho nenhum viu, ouvido nenhum ouviu, mente nenhuma imaginou o que Deus preparou para aqueles que o amam" (1Co 2.9). Não fomos criadas para ser meras figurantes ou objetos decorativos, mas protagonistas que trabalham entre irmãs para impactar o mundo para Cristo.

Toda menina precisa crescer sabendo que tem valor, que foi feita à imagem de Deus. Toda menina precisa crescer com a expectativa de querer que seu potencial concedido por Deus seja liberado. Essas mulheres nos deram um aperitivo — um vislumbre.

Maria Madalena é apenas um exemplo. Ela não fez pressão para ocupar a posição de liderança. Não discutiu a respeito dos direitos femininos. Contentou-se com sua posição humilde no grupo do ministério de Jesus, fazendo o que fosse necessário, dando apoio financeiro com os próprios recursos, cuidando do corpo crucificado de Jesus. Jesus, porém, tinha um chamado diferente para Maria Madalena — um chamado que ela certamente não escolheu nem pretendia. Ele a chamou ao centro do palco e deu-lhe o papel de protagonista para anunciar a notícia mais importante na história da humanidade. Ela foi apóstola dos apóstolos, comissionada pelo próprio Jesus.

Após a ascensão de Jesus, os homens e as mulheres aguardaram em Jerusalém a chegada prometida do Espírito Santo. No dia de Pentecoste, quando o Espírito Santo desceu como um vento muito forte e com línguas de fogo, Pedro levantou-se e explicou aos espectadores curiosos o que estava ocorrendo.

> Ao contrário, isto é o que foi predito pelo profeta Joel: "Nos últimos dias, diz Deus, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os jovens terão visões, os velhos terão sonhos. Sobre os meus servos e as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e eles profetizarão".
>
> Atos 2.16-18

Pedro explicou ao povo o que Jesus lhes mostrara o tempo todo. A graça, o amor e o poder de Deus estendem-se a todos os povos, sem levar em conta posição social ou raça, gênero ou geração: filhos e filhas, jovens e velhos, homens e mulheres. Posteriormente, Paulo escreveu: "Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus" (Gl 3.28).

Aonde vamos a partir daqui? Você e Deus decidirão a resposta. No entanto, se Deus a chamar ao centro do palco para cumprir seu propósito para esta geração, oro para que você aceite esse papel que lhe tomará a vida inteira. E quem sabe? Talvez você esteja segurando este livro nas mãos e sendo desafiada a cumprir os propósitos de Deus "para um tempo como este".

Referências bibliográficas Aristóteles. *Politics. The Basic Works of Aristotle.* Richard McKeon, ed. Trad. Oxford University. New York, NY: Random House, 1941.

Barclay, William. *Daily Study Bible.* 2. ed. Edinburgh: St. Andrews Press, 1958.

Barker, Kenneth, ed. *NIV Study Bible.* Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1995. [Publicada no Brasil sob o título *Bíblia de estudo NVI*. São Paulo: Vida, 2003.]

Barth, Marcus. *The Anchor Bible.* New York, NY: Doubleday, 1979.

Bilezikian, Gilbert. *Beyond Sex Roles.* Grand Rapids, MI: Baker Publishing Group, 1985.

Bristow, John Temple. *What Paul Really Said About Women.* San Francisco, CA: HarperSanFrancisco, 1988.

Cantarella, Eva. *Pandora's Daughters: The Role and Status of Women in Greek and Roman Antiquity.* Trad. Maureen B. Fant. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 1981.

Cunningham, Loren; Hamilton, David Joel. *Why Not Women?* Seattle, WA: YWAM Publishing, 2000. [Publicado no Brasil sob o título *Por que não elas?* Belo Horizonte: Betânia, 2004.]

Curtis, A. Kenneth; Graves, Daniel, eds. *Great Women in Christian History.* Camp Hill, PA: WingSpread Publishers, 2004.

Gould, Carol C.; Wartofsky, Marx W., eds. *Women and Philosophy: Toward a Theory of Liberation.* New York, NY: Putnam, 1976.

Gould, Stephen Jay. *Hen's Teeth and Horse's Toes.* New York, NY: Norton, 1984.

Gray, Alice. *Stories from the Heart—The Second Collection*. Sisters, OR: Multnomah Publishers, Inc., 1997. [Publicado no Brasil sob o título *Histórias para o coração 2*. Campinas: United Press, 2002.]

Griffiths, Michael. *The Example of Jesus.* Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1985.

Hamilton, Victor P. *The Book of Genesis, Chapters 1-17*. The International Commentary on the Old Testament. R.K. Harrison, ed. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990.

Haskins, Susan. *Mary Magdalene: Myth and Metaphor.* New York, NY: Harcourt Brace & Co., 1993.

Henry, Matthew. *Matthew Henry's Commentary of the Whole Bible*. Peabody, MA: Hendrickson, 1991. [Publicado no Brasil sob o título *Comentário bíblico de Matthew Henry*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.]

Higgs, Liz Curtis. *Bad Girls of the Bible*. Colorado Springs, CO: WaterBrook, 1999.

______. *Mad Mary*. Colorado Springs, CO: WaterBrook, 2001.

______. *Really Bad Girls of the Bible*. Colorado Springs, CO: WaterBrook, 2000.

Hollies, Linda H. *Jesus and Those Bodacious Women.* Cleveland, OH: The Pilgrim Press, 2007.

Hosier, Helen Kooiman. *100 Christian Women Who Changed the 20th Century.* Grand Rapids, MI: Fleming Revel, 2000.

Hurley, James B. *Man and Woman in Biblical Perspective*. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1981.

Jacobs, Joy. *They Were Women Like Me.* Camp Hill, PA: Christian Publications, 1993.

James, Carolyn Custis. *Lost Women of the Bible*. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing, 2005. [Publicado no Brasil sob o título *Mulheres esquecidas da Bíblia*. São Paulo: Vida, 2007.]

______. *The Gospel of Ruth*. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 2008.

______. *When Life and Beliefs Collide.* Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 2001.

Jaynes, Sharon. *Becoming Spiritually Beautiful*. Eugene, OR: Harvest House Publishers, 2009.

Kaiser Jr., Walter C; Garrett, Duane, eds. *NIV Archaeological Study Bible*. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 2005. [Publicado no Brasil sob o título *Bíblia de estudo arqueológica NVI*. São Paulo: Vida, 2013.]

Kreeft, Peter. *Three Philosophies of Life*. San Francisco, CA: Ignatius Press, 1989.

Lewis, C. S. *The Silver Chair*. New York, NY: Macmillan Publishing Company, 1953. [Publicado no Brasil sob o título *A cadeira de prata.* São Paulo: Martins Fontes,

2002.]

______. *Mere Christianity.* Westwood, NJ: Barbour and Company, Inc., 1952. [Publicado no Brasil sob o título *Cristianismo puro e simples*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.]

Lockyer, Herbert. *All the Women of the Bible*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1967.

Lutzer, Erwin e Rebecca. *Jesus, Lover of a Woman's Soul.* Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, Inc., 2006.

MacArthur, John. *The MacArthur Bible Commentary*. Nashville, TN: Thomas Nelson, 2005.

Marchiano, Bruce. *Jesus, the Man Who Loved Women.* New York, NY: Howard Books, 2008.

May, Neal W. *Israel: A Biblical Tour of the Holy Land*. Tulsa, OK: Albury, 2000.

Mounce, William D. *Mounce's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words.* Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 2006.

Oxford University Press. *New English Bible*. Oxford, England: Oxford University Press, 1961.

Packer, J. I. *Knowing God.* Chicago, IL: InterVarsity Press, 1973. [Publicado no Brasil sob o título *O conhecimento de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 1996.]

Platão. *Plato, V. 1: Timaeus, Critias, Cleitophon, Menexenus, Epistles.* Trad. R.G. Gury. Cambridge, MA: Loeb Classical Library, Harvard University Press, 1941.

Platão. *Timaeus.* Trad. H. D. P. Lee. Baltimore, MD: Penguin, 1965.

Powers, Barbara Hudson. *The Henrietta Mears Story*. Old Tappan, NJ: Fleming H. Revell Company, 1957.

Richardson, Michael. *Amazing Faith: The Authorized Biography of Bill Bright.* Colorado Springs, CO: WaterBrook, 2000.

Saunders, Ross. *Outrageous Women, Outrageous God.* Alexandria, New South Wales: E. J. Dwyer, 1996.

Spencer, Aida Dina Besançon. *Beyond the Curse.* Nashville, TN: Thomas Nelson, 1985.

Swidler, Leonard. *Biblical Affirmations of Woman.* Philadelphia, PA: Westminster John Knox Press, 1979.

Thomas, David. *Gospel of John*. Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 1980.

Thompson, Mary R. *Mary of Magdala: Apostle and Leader.* New York, NY: Paulist, 1995.

Vine, William E.; Unger, Merrill F.; White Jr., William. *Vine's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words*. Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1985. [Publicado no Brasil sob o título *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.]

Wescott, B.F. *Gospel According to St. John*. New York, NY: Doubleday, 1966.

1. Anne Dickason. “Anatomy and Destiny: The Role of Biology in Plato’s Views of Women”. Citado em *Women and Philosophy: Toward a Theory of Liberation*.

2. *Jesus, the Man Who Loved Women*, p. 51.

3. Carolyn Custis James, *When Life and Beliefs Collide*, p. 177.

4. *Cristianismo puro e simples*, p. 137-138.

5. Citado por Thomas L. Constable em “Notes on Genesis: 2009 Edition”. Disponível em: <http://www.soniclight.com/constable/notes/pdf/genesis.pdf>. Acesso em: 11 de mar. de 2014.

6. William D. Mounce, *Mounce’s Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words*, p. 332.

7. Idem.

8. *When Life and Beliefs Collide*, p. 181.

9. “The Book of Genesis, Chapters 1-17”, *The International Commentary on the Old Testament*, p. 175.

10. Carolyn Custis James, *When Life and Beliefs Collide*, p. 185.

11. Em várias passagens bíblicas, Deus ordenou aos homens que ouvissem as mulheres. Ele disse a Abraão: “Atenda a tudo o que Sara lhe pedir” (Gn 21.12). O rei Josias consultou a profetisa Hulda (cf. 2Cr 34.22). Priscila doutrinou o evangelista Apolo (cf. At 18.26).

12. Platão, *Timeu*, 42A-C, 90C, 91A.

13. John Temple Bristow, *What Paul Really Said About Women*, p. 5.

14. Anne Dickason, “Anatomy and Destiny: The Role of Biology in Plato’s Views of Women”.

15. Citado em *Plato: Volume V. 1: Timaeus, Critias, Cleitophon, Menexenus, Epistles*, p. 91a-d.

16. *Politics*. *The Basic Works of Aristotle*, 1.1234B.

17. *Adv. Neaeram*, p. 122. Citado por Marcus Barth em *The Anchor Bible*, v. 34A, p. 655.

18. Stephen Jay Gould, *Hen's Teeth and Horse's Toes*, p. 244.

19. Eva Cantarella, *Pandora's Daughters: The Role and Status of Women in Greek and Roman Antiquity*, p. 143.

20. Catão, o Velho, sobre o dote, citado em Aulus Gellius, *Attic Nights*, 10.23.

21. John Temple Bristow, *What Paul Really Said About Women*, p. 12.

22. Loren Cunningham e David Joel Hamilton, *Why Not Women?*, p. 108.

23. Leonard Swidler, *Biblical Affirmations of Woman*, p. 163.

24. William Barclay, *Daily Study Bible*, v. 2, p. 142-143.

25. Aida Dina Besançon Spencer, *Beyond the Curse*, p. 56.

26. Ross Saunders, *Outrageous Women, Outrageous God*, p. 18.

27. Gilbert Bilezikian, *Beyond Sex Roles*, p. 60.

28. P. 19.

1. William E. Vine, Merrill F. Unger e William White Jr., *Vine's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words*, p. 73.
2. *Lost Women of the Bible*, p. 180.

1. Mary R. Thompson, *Mary of Magdala: Apostle and Leader*, p. 47.
2. "Mary Magdalene: The Hidden Apostle." Biografia produzida em vídeo por Bram Ross (A&E Television Networks, 2000) e citada por Liz Curtis Higgs em *Mad Mary*, p. 143.
3. *Mad Mary*, p. 142.
4. Neal W. May, *Israel: A Biblical Tour of the Holy Land*, p. 244.
5. *Mad Mary*, p. 150.
6. Susan Haskins, *Mary Magdalene: Myth and Metaphor*, p. 63.
7. Frank E. Gaebelein, ed., *The Expositor's Bible Commentary*, v. 8, p. 584.
8. *Matthew Henry's Commentary of the Whole Bible*, v. 5, p. 672.
9. *Mad Mary*, p. 233.
10. *The Expositor Bible Commentary*, v. 9, p. 192.
11. *Mad Mary*, p. 251.
12. Idem, p. 252.
13. Carolyn Custis James, *Lost Women of the Bible*, p. 187.
14. A. Kenneth Curtis e Daniel Graves, eds., *Great Women in Christian History*, p. 35-41.
15. Ralph D. Winter, citado em *Why Not Women?*, p. 26.
16. Melody Green e Keith Green, citados em *Why Not Women?*, p. 27.
17. Helen Kooiman Hosier, *100 Christian Women Who Changed the 20th Century*, p. 255.
18. Joy Jacobs, *They Were Women Like Me*, p. 144.

1. Erwin e Rebecca Lutzer, *Jesus, Lover of a Woman's Soul*, p. 86.
2. *New English Bible*, nota no final do evangelho de João.

1. Trecho de *A letra escarlate*, citado por Liz Curtis Higgs em *Really Bad Girls of the Bible*, p. 79.

2. Herbert Lockyer, *All the Women of the Bible*, p. 240.

3. David Thomas, *Gospel of John*, p. 219.

4. Erwin e Rebecca Lutzer, *Jesus, Lover of a Woman's Soul*, p. 102.

1. Linda H. Hollies, *Jesus and Those Bodacious Women*, p. 84.

2. Em português, o filme recebeu o título de *Matar ou morrer*. [N. da T.]

3. Liz Curtis Higgs, *Bad Girls of the Bible*, p. 91.

4. Disponível em: <http://www.afb.org/MyLife/book.asp?ch=P1CH4>. Acesso em: 13 de mar. de 2014.

5. John MacArthur, *The MacArthur Bible Commentary*, p. 1364.

6. Peter Kreeft, *Three Philosofies of Life*, p. 99.

7. *The Silver Chair*, p. 15-17.

8. Disponível em: <http://www.lill-online.net/3.0/D/frauen/biografien/Jh19/boothen.html>. Acesso em: 13 de mar. de 2014.

9. Vinson Synan, "Women in Ministry", *Ministries Today* (jan./fev. 1993), p. 46.

10. "The Preacher's Daughter", *Time* (1º de mai. de 2000), p. 56-57.

11. Michael Richardson, *Amazing Faith: The Authorized Biography of Bill Bright*, p. 220.

12. Barbara Hudson Powers, *The Henrietta Mears Story*, p. 7.

1. P. 229.

2. *NIV Archaeological Study Bible*, p. 1746.

3. Os detalhes desta história podem ser encontrados em Sharon Jaynes, *Becoming Spiritually Beautiful*, p. 187-189.

1. James B. Hurley, *Man and Woman in Biblical Perspective*, p. 72.

2. *Contra Apião*, 2.201.

3. Michael Griffiths, *The Example of Jesus*, p. 132.

4. Publicação periódica norte-americana destinada ao público infantil. [N. da T.]

5. Carolyn Custis James, *When Life and Beliefs Collide*, p. 39-40.

6. *Gospel According to St. John*, p. 178.

7. Idem, p. 454.

8. *When Life and Beliefs Collide*, p. 167.

9. Idem, p. 18.

10. Vinson Synan, “Women in Ministry”, *Ministries Today* (jan./fev. 1993), p. 46.

1. Carolyn Custis James, *When Life and Beliefs Collide*, p. 114.
2. P. 270.
3. Idem.

1. *NIV Archeological Study Bible*, p. 1648.
2. Loren CUNNINGHAM e David Joel HAMILTON, *Why Not Women?*, p. 116.
3. *NIV Study Bible*, p. 1500-1501 (nota de rodapé em Marcos 5.22).
4. *Why Not Women?*, p. 116.
5. P. 44.

1. Organização norte-americana fundada em 1976 e voltada para o amparo a famílias por meio de programas de rádio, livros, palestras, entre outros recursos. [N. da T.]

1. “The Treasure”, *Stories from the Heart—The Second Collection*, p. 147-48.

1. Gilbert Bilezikian, *Beyond Sex Roles*, p. 61.
2. *Jesus, Lover of a Woman's Soul*, p. xii.
3. Carolyn Custis James, *The Gospel of Ruth*, p. 66.

Compartilhe suas impressões de leitura escrevendo para:
opiniao-do-leitor@mundocristao.com.br
Acesse nosso *site*: <www.mundocristao.com.br>

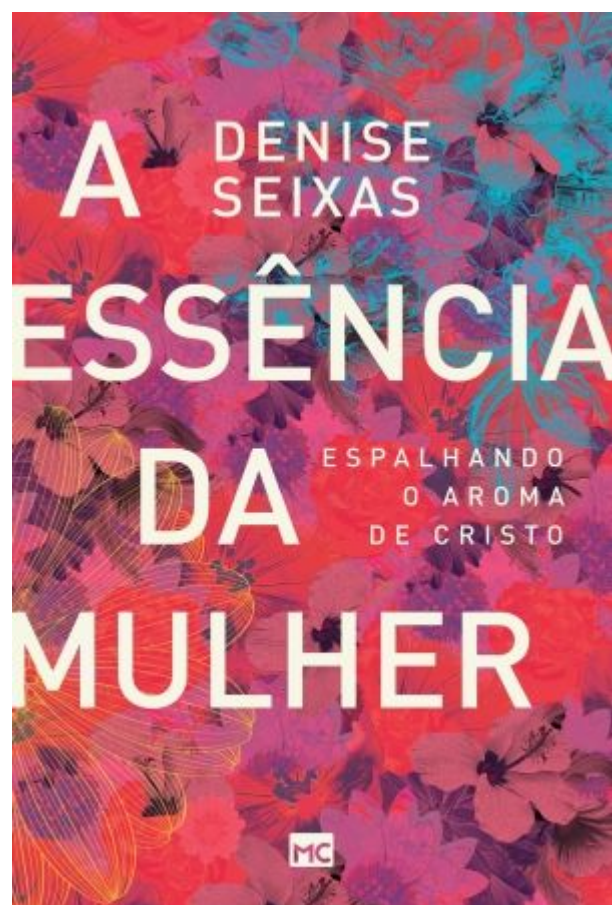
A mulher dos sonhos de seu marido
SHARON JAYNES

Compre agora e leia

Multiplique é uma ferramenta simples, prática, bíblica, útil e de uso pessoal para os discípulos de Jesus que querem fazer novos discípulos de Jesus.

David Platt

Compre agora e leia

DENISE
SEIXAS
A
ESSÊNCIA
DA
MULHER
ESPALHANDO
O AROMA
DE CRISTO
MC

A essência da mulher

Seixas, Denise
9788543302782
161 páginas

[Compre agora e leia]

Denise Seixas convida você a deixar-se impregnar pela inigualável fragrância divina. Um aroma incomparável que contém a essência do Criador, capaz de restaurar qualquer aspecto de sua vida. Anseie pelo aroma de Cristo e busque-o, para que seus pensamentos e ações reflitam Deus. Revele sua mais bela essência, o sinal visível da graça de Deus. Que este livro seja um instrumento de Deus para incentivá-la a manifestar por meio de sua vida a essência de Jesus em todos os locais por onde você andar, a fim de levar até os confins da terra o perfume que dá vida a toda criatura. Denise Seixas [Compre agora e leia]

kevin leman
é seu filho,
não um
hamster
Reduza o
estresse na
educação das
crianças

TRANS
FOR
ME-SE
A fé pode renovar sua vida
RINALDO SEIXAS
MC